

# PRATA DO TEMPO

*Łeticia Wierzchowski*

R O M A N C E



*Leticia Wierzchowski*

PRATA DO TEMPO



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

W646p Wierchowski, Leticia, 1972-  
Prata do tempo [recurso eletrônico] / Leticia Wierchowski. -- Rio de Janeiro : Record, 2011.  
Recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09357-8 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0189 CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Leticia Wierchowski, 1999  
3ª edição (1ª edição Record)

Capa: Virgilio Neves e Fábio Nunes

Foto de capa: Miro

Direitos exclusivos desta edição reservados pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

-----  
Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09357-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



*Para Marcelo, por estar na minha vida,  
derramando sua luz pela esteira dos meus dias.  
E para Martha Medeiros,  
por unir as duas pontas da meada.*

## Sumário

Entre o orvalho e a manhã

A voz das paixões

O baú do tempo

Foi por haver um precipício antes e depois de mim que estou aqui, e é dessa solidão plena de alturas que eu vou narrar esta história. Aliás, esta é uma história sobre o tempo, história que brotou quando duas almas se encontraram e, como estava escrito nos desígnios do mundo, uniram suas vidas num único caminho. Esta é uma história de paixões, de quartos vazios, de umbrais e segredos, uma história tecida de orvalhos e brisas, frágil, mas com a luz de todas as manhãs que já nasceram sob o céu. Esta é uma história que talvez não tenha fim e que desliza no eterno compasso das marés. Calhou que começasse onde começa, apenas porque foi assim que a ouvi, da boca de Tia Alice, na primeira das noites da minha infância em que demonstrei desejos de conhecer um pouco daqueles dias que estavam guardados nos livros da vida já vivida.

Esta é a história de um amor que erigiu a casa onde vivo até hoje e onde muitos outros viveram, os que vieram antes e os que vieram depois. O que contarei será também a soma das coisas que eu imaginei, vi e vivi nesses muitos anos que gastei entre os corredores desse solar de mil portas. Eu nem posso me recordar do momento exato em que o desejo de deixar esse legado tomou conta do meu ser; talvez eu tenha nascido com essa semente plantada na minha carne, e ela tenha principiado a brotar nos idos tempos da minha infância. Talvez eu tenha amanhecido, num dia qualquer de um ano inexato, com uma voz retumbando em minha alma. E nem sei qual foi a primeira das palavras que essa voz sussurrou aos meus ouvidos, mas lembro que soava doce e tão fresca como a voz de uma mulher, uma voz tão antiga que pairava acima do tempo e de todas as coisas que já existiram. Acreditei, por isso, que essa era a voz de minha mãe e que voltava para contar tudo o que se sucedera entre e além dessas paredes, desde o tempo em que chegou por essas bandas o pai do meu próprio pai.

O imenso amor que se destilava da voz de minha mãe prendeu-se à minha garganta feito um grito, e

todas as palavras que me disseram e que eu quis dizer e não disse começaram, então, a alçar vôo. E o céu encheu-se de sons, tornou-se cinzento e tristonho, até que uma chuva de grossos pingos desatou a tamborilar no telhado e formou grandes poças prateadas no chão da varanda deserta. Naquela tarde de chuva forte eu me decidi a escrever esta história. Que ela fique para minha filha e para os que virão da carne dela. Que ela fique para sempre, acrescida de outros rostos, outros sonhos, outras palavras. Com as minhas mãos pálidas feito hóstias, abrirei o baú do tempo. Para abri-lo há de se possuir uma chave de prata. Tenho-a aqui junto de mim, sobre a mesa em que agora me debruço; recebi-a de minha mãe e será essa, também, a minha herança.

*Laila*

## Entre o orvalho e a manhã

O RETRATO DE MEU AVÔ era grande e muito triste. Pendurado numa parede quase sempre sombria, o Avô fitava o nada com seus pequeninos óculos bem equilibrados na ponta do nariz. Era um malabarismo eterno e melancólico e, às vezes, de puro dó, eu ficava durante horas admirando o retrato — mas o velho e sisudo senhor limitava-se a permanecer ali, fazendo pose de doutor, espremido pela grossa moldura de madeira envernizada, sem nunca expressar qualquer emoção.

A imobilidade de meu Avô defunto sempre me causou mal-estar. Somavam-se a isso as muitas histórias que Tia Alice me contava antes de dormir, nas quais surgia, invariavelmente, a figura taciturna e temida do Avô. Quando meu pai chegava das viagens, e eu corria a recebê-lo cheia de saudades, o Avô era um dos meus assuntos preferidos. Augusto, meu pai, rindo, embalava-me com carinho e dizia:

— Se interesse por outra pessoa, Laila. O velho nunca valeu grande coisa.

Aquilo me confundia um pouco. Loá, a cozinheira — gorda e de uma brancura lustrosa e perfumada —, sacudia sua cabeça enfeitada de lenços, resmungando que não se devia falar assim de parente defunto, por mais maldoso que houvesse sido o tal em vida, que era para criança não pegar má impressão.

Mas meu pai tinha lá as razões dele. Da avó, não; da avó ele gostava muito de falar. A avó havia sido mulher de muito boa alma, teimosa feito uma mula, é verdade, mas sábia na maioria das vezes, e morrera sem tino algum, pobre coitada, de pura pirraça, durante uma festa que houve em nossa casa. O retrato da avó, satisfeita e levemente enrugada, ficava pendurado na sala de visitas e tinha um lugar de honra, que era ao lado do de minha mãe.

Augusto Serrat era um pai fugidio e ausente, de longos silêncios e viagens sem fim que o roubavam de



casa por meses inteiros. Me lembro que sempre foi homem muito bonito e elegante, por quem suspiravam as mulheres, e que tinha um brilho de fogo nos olhos negros e tristes. Meu pai era alto e, diferentemente dos outros pais que eu conhecia, exalava masculinidade em cada gesto. Tinha a tez amorenada pelos sóis dos muitos portos por onde passara; seus cabelos negros recém-branqueavam nas têmeoras e seu corpo era rijo, afilado e bem-composto. Falava razoavelmente quatro idiomas e dizia conhecer o mundo inteiro, porque vivia de fazer comércio pelos portos de muitas terras; foi assim que, por seu próprio esforço, adquiriu fortuna e cultura.

Quando meu pai estava além-mar, deixava-me aos cuidados da sua irmã caçula, Alice. Meu pai era, em nossas vidas, mais uma presença do que uma pessoa; quase nunca estava e, quando vinha, abatia-se num lamaçal de saudades, porque não havia canto na fazenda que não o fizesse recordar de minha mãe, Eleanor. Assim, preso num intrincado jogo de amores, meu pai vagava pelo mundo e, estando em casa, queria partir; mas, em portos distantes, ansiava sempre por voltar.

Eu amava Tia Alice com uns amores loucos de menina sem mãe. Também Loá, a velha, era bastante dona dos meus quereres. Eleanor, minha mãe, cuja fotografia descansava majestosamente sobre o piano, recebia de mim uma imensa afeição e uma saudade quase estranha, posto que, por um desses azares do destino, mal pude conhecê-la, e dela nem me lembro bem assim de cabeça. Por tê-la perdido tão cedo, amava-a mais que a Deus — de quem eu nunca havia visto nenhum retrato — e que portanto devia ter pouca importância em minha vida, até porque subtraíra do mundo, num gesto que sempre considerei desatinado, dentre tantas criaturas morríveis, logo a minha progenitora. Tia Alice enlouquecia com isso: dizia sempre que não se brincava com Deus.

— Lave a boca com sabão, Laila — ralhava ela, e me levava para ver sua queridíssima Bíblia ilustrada. — Aqui — dizia, apontando Jesus — o filho Dele.

— Isso eu sei, Tia Alice. Mas retrato de Deus, por que não tem?

E Tia Alice falava que eu haveria de entender isso quando crescesse um pouco mais. Por ora, não deixasse comida no prato e rezasse antes de dormir. Que coisa mais séria: retrato a gente tinha era de parente, não de Deus.

LEMBRO-ME BEM DAS VISITAS de meu pai. Ele vinha ver-nos de quatro em quatro luas, ou, como insistia em dizer Tia Alice, de mês em mês. Às vezes, quando algum negócio o prendia em terra distante e o tempo passava além da conta, eu caía numa prostração lacrimosa, sofrendo de saudades dele. Mas, tempo de mais ou tempo de menos, vinha sempre Augusto Serrat, o carro sacudindo suavemente pelo estreito caminho de cascalhos, o desenho de seu rosto bonito recortando-se atrás do vidro enlameado do pára-

brisa. Meu pai era mesmo uma presença vigorosa, principalmente naquela casa de mulheres, e as salas pareciam encher-se com o corpo dele, anguloso, de gestos ágeis e precisos, e com aquela sua voz pausada e de notas melancólicas, que nos contava as novidades da cidade grande. Essa sua figura, misto de força e tristeza, punha em polvorosa a filha moça do capataz, que por meu pai se derretia em suspiros cálidos pelos cantos e corredores do casarão.

Estando em casa, meu pai subia e descia os caminhos, revirando cada palmo de terra e cada fruto do pomar, testando sua doçura ou seu azedume, abrindo e fechando as portas dos vinte quartos espalhados por essa casa de loucos. Ia eu atrás dele, sorvendo seus poucos risos e observando aquela mania que ele tinha de falar com a esposa morta, como se ela ainda vagasse por aqui. Esses cochichos de aquém-túmulo me deixavam o peito alagado de tristeza, e me traziam a comprovação de que Deus fora mesmo muito injusto, condenando a viver sem companheira um homem tão galante e bom como meu pai.

Mal chegava, após um punhado de dias, ia-se embora Augusto Serrat. A casa, os jardins, a faixa de mar que banhava nosso terreno, tudo ficava vazio e opaco, nebuloso; a comida de Loá perdia o gosto e tinha sal ora de mais, ora de menos. Numa dessas noites tristes, depois que o carro de meu pai desapareceu pelo caminho pedregoso e escuro em direção à cidade e ao porto, Tia Alice achou-me prostrada num canto da sala de visitas, fitando o chão. Achegou-se a mim, agachando-se ao meu lado com visível esforço, e disse:

— Não fique amuada, Laila. Seu pai volta logo.

— Volta e vai — disse eu, chorosa.

Tia Alice sorriu, deixando formar duas covinhas nas beiradas de seus lábios largos e úmidos.

— Agora ele volta, minha menina — disse ela, os olhos baços, perdidos no passado. — Mas houve um tempo em que não voltou.

— Não voltou? — eu quis saber — Desapareceu?

— Sim — respondeu a Tia. — Quando eu era menina, seu pai foi embora de casa e dele não tivemos notícias durante dez anos.

E então, naquela mesma noite, Tia Alice começou a contar a história estranha de Augusto Roberto Cantareira Serrat.

MEU PAI NASCERA ALI MESMO, pertinho do Rio de Janeiro, mas ainda em terras paulistas, numa cidadezinha muito empobrecida, chamada de Brisas do Paraíso, com 212 habitantes, contando, para isso, uma família de ciganos que andava por lá na época do censo do ano de 1909. Era uma cidade marítima e ensolarada, de poucas pessoas, a maioria pescadores ou gente que trabalhava nas lides do porto. Havia

uma pequena escola para as primeiras letras e um precário hospital, comandado pelo doutor Maurício Viana — bacharel da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Por ter estudado durante dois anos em Sintra, o doutor tinha o hábito de falar feito português, sem levar em conta que nascera mesmo em São Salvador da Bahia. O engraçado era que o tal doutor Viana nada tinha da gente portuguesa que andara por esse nosso país; ao contrário, sua aparência era mesmo a de um autêntico mulato: ele possuía uma tez escura e um cabelo de carapinha que lhe cobria o crânio feito um tapete ralo.

Brisas do Paraíso possuía, naquele tempo, contando todos os bairros da cidade, apenas oito sobrados. Os quatro primeiros pertenciam ao prefeito, ao doutor Viana, e a dois homens da capital que vinham com suas famílias somente nos meses do verão — essas casas passavam fechadas durante quase todo o ano e, de tanto permanecerem assim, tinham já um ar tristonho, e suas paredes eram eternamente desbotadas. Das quatro casas restantes, uma, a mais bonita e alegre, era o teto das mulheres de vida fácil da cidade. Essa casa estava sempre muito iluminada, e de suas grandes janelas de cortinas rendadas escapava constantemente o som das músicas modernas da capital — ali a vida parecia uma constante festa de risos, vinhos e danças.

Restavam então, por essa conta, mais três sobrados, e um deles, o último da rua principal, pertencera ao meu Avô do retrato. Era uma casa em estilo português, de paredes muito alvas e janelas pintadas de azul, circundada por uma larga e aprazível varanda repleta de samambaias e floreiras, lugar onde se sentava a família nos finais de tarde para apanhar a brisa fresca que subia pelos lados do mar.

O Avô, único advogado daquelas bandas, e que vivia de resolver contendas entre os habitantes, dividindo galinhas e desfazendo com muito custo noivados de berço, chamava-se, para todos os efeitos, Lombardo Serrat. Era o filho mais moço de um advogado que, noutros tempos, fora muito atuante na vida política da capital e que, inclusive, defendera a abolição da escravatura. Pois meu Avô tinha por quimera dar continuidade a essa linha sucessória que lhe parecia das mais louváveis, e com isso vê-se que o forte dele não era mesmo a modéstia. Aos vinte e dois anos, já levando em vista seus planos, o Avô mudou-se para essa cidadezinha à beira-mar, detestando seus ares salgados e seu sol, mas suportando esses muitos inconvenientes por achar que Brisas do Paraíso era um bom ponto para fazer dinheiro e ganhar respeito. Ainda na primeira semana de estada, cruzou-lhe o caminho Leontina Cantareira, moça de dezesseis anos, filha do professor da escola primária local, e que tinha uns grandes olhos sonhadores de quem gostava de dormir entre romances de final feliz. Essa rapariga, que por ora passeava pela calçada num passo lento de quem tem pouco o que fazer e muito tempo pela frente, vestindo um uniforme azul de cambraia, liso e deselegante, mas que não apagava de todo os seus vários encantos de moça, sua cintura fina, sua pele lisa e fresca, seu rosto vivaz, muito doce, essa rapariga viria a ser a mãe de Augusto e, portanto, minha avó, aquela cujo retrato avizinhava com o de minha mãe.

O Avô, observando Leontina atravessar a ruela poeirenta com calma e elegância, viu que ela deixava no ar um leve odor de jasmim que se desfazia suavemente à sua passagem. Achou-a bonita o bastante

para vencer com certa glória os malfeitos que o tempo impunha às mulheres; também ela tinha ancas largas e bem acomodadas sobre as pernas — o que indicava que seria boa parideira. O Avô tratou então de descobrir a ascendência daquela moça e, após fazer alguns apontamentos no seu caderninho pessoal, meteu-se a ganhar dinheiro para poder desposá-la.

DOIS ANOS DEPOIS, tendo já cinco ou seis clientes, entre eles o próprio prefeito, e ganhando também algumas somas nas contendas do povaredo, o Avô foi bater à porta do pai de Leontina disposto a pedi-la em casamento. O velho Cantareira recebeu o jovem advogado com um cálice de licor e olhos muito atentos; ouviu-lhe cada palavra e, medindo o Avô de alto a baixo, achou que ele era bom partido para a jovem Leontina. Acertou tudo numas frases rápidas de quem vende uma parelha de bois ou uma peça de fina seda e, chamando a mulher para um canto, avisou-lhe que preparasse a filha para o breve casamento. O Avô saiu de lá sem trocar palavra com a futura noiva, a quem nem mesmo vira de perto uma única vez que fosse; mas partiu satisfeito da vida pelo bom negócio que acertara. Na mesma semana, juntando ao dinheiro que já amealhara uma soma enviada do Rio de Janeiro pelo pai, o Avô comprou o tal sobrado de janelas azuis que se erguia no último lote da avenida principal.

Leontina Cantareira ainda nem imaginava, naquele tempo, os deveres que esperavam uma boa esposa. A mãe resumira-lhe o tal noivo em poucas frases curtas e disse que era culto e de olhos vivos, alto, mas não muito, claro, mas não demais. Leontina, confusa com a descrição incrivelmente vaga, perguntou:

— Afinal, é bonito?

A mãe respondeu que, de certa forma, era, sim. Em verdade, o Avô não era mesmo nem belo nem feio — correto, alto, catedrático e orgulhoso; escondia uma calvície incipiente com uma camada de pasta de banha que passava nos cabelos todas as manhãs antes de ir para o escritório, espalhando-a, com um pente fino, pelas preciosas melenas escuras que tantos cuidados lhe inspiravam. Leontina, pobrezinha, virgem de alma e de corpo, só foi conhecer o noivo prometido poucas semanas antes do casamento, e apenas para que o pudesse distinguir entre os padrinhos no altar. Imagino que o tenha achado muito comum e levemente enfadonho, com aqueles seus ares sisudos e com o seu cabelo emplastado de banha, pois sempre me disseram que a avó fora mulher muito disposta e vivaz. Quando falava, o Avô fazia-o numa voz forte e grossa, e até os elogios dele soavam como ordens. Se pudesse ter escolhido, e isso a avó Leontina repetira até o dia de sua morte, ter-se-ia casado com um engolidor de fogo que passara, certa feita, por Brisas do Paraíso; mas era moça de bons modos e não ousou desobedecer às ordens do pai.

Até poucas horas antes das núpcias, já encalacrada no corpete justíssimo, Leontina ainda acreditava que as crianças vinham no bico das cegonhas e que à mãe cabia apenas amá-las e alimentá-las três vezes

ao dia. Mas uma prima tratou de lhe esclarecer esse equívoco. Invadiu solenemente o quarto e, contando-lhe a vida em detalhes picantes, meteu-se a arejar as idéias da pobre noiva para que ela não tivesse uns chiliques de pudor na frente do jovem e afoito esposo. O resultado foi que a avó casou-se com uma tal sensação de engodo que, por muito tempo, sentiu-se ludibriada por todas as mulheres da família e, em segunda instância, pelo próprio marido. Se soubesse o que lhe era destinado, haveria de ter-se casado com o engolidor de fogo de tristes olhos azuis, mesmo que tivesse de fugir da cidade onde vivia.

Três meses após o enfadonho casório, minha avó descobriu-se grávida. Ao receber a notícia, o Avô comemorou com um farto jantar para o qual convidou apenas os seus amigos e que se estendeu pela madrugada afora, sendo que à avó não coube mais do que manter os copos cheios e um riso meigo pendurado no rosto. Em verdade, ela era uma infeliz. O esposo tornava-se mais maçante e odioso a cada dia, tratando-a como uma simples empregada na qual mandava e desmandava, segundo seus caprichos e seu humor sempre precário. Pelo filho que Leontina trazia no ventre, o Avô nutria um grande amor, fruto dos muitos sonhos que acalentava para seu futuro. O menino — ele nem imaginava que o rebento pudesse nascer com o outro sexo — haveria de ser o mais célebre dos advogados da República. Pois essa primeira gravidez da minha avó passou a ventos brandos, mas todas as noites ela rezava para que a criança que se formava em seu ventre fosse um menino — tinha um grande medo da ira do esposo, caso sucedesse o contrário.

Na segunda hora da tarde do dia 14 de abril de 1909, nasceu Augusto Roberto Cantareira Serrat, para alegria e alívio de minha avó Leontina. Veio o menino numa berralheira de fim de mundo, surgindo, impávido e lambuzado de sangue, do refúgio do ventre da mãe. A parteira revirou-o de um lado e do outro e disse que, pela voz e pela gana, o menino haveria de levar a vida a termo: tinha personalidade forte e nascera na lua nova. Apesar do cansaço que invadia todo o seu corpo, Leontina ainda lembrou-se de agradecer a Deus — era dessa força que o filho precisaria, se quisesse, algum dia, se libertar do jugo paterno.

Pouco depois, o Avô entrou na alcova que cheirava a sangue doce e suor, acariciou o rosto da esposa sem muita atenção e, inflando o peito de orgulho, declarou:

— Nasceu o maior varão que essas terras já viram. O futuro que o aguarde.

O menino ainda estava nu e sujo de sanguinolências quando ouviu o vozeirão do pai e desatou a chorar com força. Enquanto isso, o Avô escolhia-lhe um nome, que era uma homenagem ao próprio pai dele; pois é claro que nem pensou em legar qualquer honra à parentela da esposa. Resolvido o nome do rebento, o Avô deu as costas à mulher — cujo trabalho lhe parecia encerrado e que, após algum repouso, já poderia voltar à cozinha e instalar a ordem entre as mucamas, antes que o seu desjejum lhe chegasse frio por mais uma manhã — e foi para o escritório do andar inferior resolver umas contendas.

O nascimento do meu pai serviu para amainar as horas mortas de Leontina; com ele, ocupava-se da manhã à noite, eera ela mesma a ferver-lhe o leite e coar os chás, coser e bordar as roupinhas e os

cueiros, levá-lo para apanhar sol e aspirar, na prainha, o saudável ar marítimo. O Avô fazia vista grossa a isso — achava mais certo que se criasse o menino com retidão, sem modos que o poriam à beira de adquirir jeitos femininos — mas andava ocupado demais com o escritório. Uma ou duas noites, à luz do lampião, depois das rezas, o Avô ensaiou uns reclames para a mulher, dizendo que não era bom criar um menino tão cheio de dengues, para que não crescesse mole e abobalhado; mas logo o Avô dormia, tão cansado estava, e Leontina agradecia aos céus por não ser preciso dar ao marido nenhuma explicação.

Meses depois, Augusto, meu pai, já estava ensaiando os primeiros passos, e a avó, outra vez mergulhada na pasmeira dos seus dias, andava triste e silenciosa. Observava o marido sempre metido em seu terno escuro, o cabelo lustroso de banha, os modos aristocráticos, a voz fria e modulada de quem não fala com emoção. Não era assim que desejava passar pelos seus anos. Tinha uma vida de confortos, isso era mesmo verdade, duas empregadas a serviam, a casa era arejada e bela, o mar podia ser visto da varanda, mas era muito solitária. Durante a noite, metida sob os lençóis bordados, Leontina não sabia se desejava que o marido a procurasse com uns poucos carinhos ou que, caindo de sono, a deixasse em paz para todo o sempre.

Certa tarde, entre uma xícara de chá e outra, confidenciou à prima o quanto era infeliz. Não amava o marido nem um tantinho que fosse. A prima, a mesma que lhe contara, às vésperas do casamento, como é que nasciam os bebês, ficou deveras impressionada: Leontina lhe parecia tão feliz na casa cheia de mimos e com o menino pequeno e tão bonitinho.

— Quem sabe — arriscou a prima — você não deveria ter fugido com o tal engolidor de fogo? Você o amava, Leontina, bem me recordo. E agora, depois desses anos, ainda o ama?

A avó largou a xícara sobre o pires e, suspirando, respondeu:

— Amo, sim. Mas também, nunca mais o vi. Talvez seja por isso que o queira tanto: acho que não há amor que resista à convivência.

A prima não entendeu. Leontina, mordiscando um biscoito, os olhos sonhadores, continuou:

— Melhor que nunca volte o engolidor de fogo com seus olhos tristes e azuis. Ao menos, terei o consolo de enxergá-lo pelo resto dos meus dias assim como me ficou na memória.

Para minha avó, a lembrança de seu primeiro amor era como um lago sereno e fresco, à beira do qual podia descansar da sisudez de sua vida monótona. Era um amor frágil como um facho de luz, e essa era a graça dele. Às vezes, ao virar a página de um livro ou ao acordar pela manhã, o engolidor de fogo surgia em sua mente: inteiro, suave, os grandes olhos mareados que prometiam idílios, o colete púrpura que usava no picadeiro... O resto era a vida. O Avô com seus clientes cheios de pendengas que se instalavam pela varanda, aceitando quantos copos de limonada lhes oferecessem, esperando a vez da consulta; as noites abafadas, nas quais, de quando em quando, cedia seus favores ao esposo, nuns jogos rápidos de gemidos entrecortados e, às vezes, quando a luz se apagava, de lágrimas vertidas na placidez do escuro.

Na vida de Leontina, a felicidade vinha somente do menino Augusto. Para ela, era estranho que, de

tantos amores que sonhara, restasse apenas a alegria de ter um filho. Sua mãe, certa vez, ao ouvir algumas das suas queixas contra o esposo, com voz ríspida mandou-lhe que se calasse. A vida era mesmo assim para todas as mulheres.

— O amor só existe nos livros e para os homens. Não se iluda, minha filha.

E então Leontina engoliu seus desenganos e foi brincar com seu menino.

AUGUSTO, MEU PAI, desde cedo mostrou possuir modos independentes. Engatinhando, sumia pelos corredores; depois, quando deu os primeiros passos, não admitia que lhe amparassem a caminhada: queria sempre fazer tudo sozinho. O Avô, observando os jeitos do filho, se orgulhava todo, chegava a salivar de prazer, dizendo que o menino seria mesmo de não se pôr freio — tinha nas veias sangue de macho. Minha avó olhava o marido de soslaio, tentando entender como, por Deus, não lhe ocorria que, se o menino era assim tão independente, parecia quase certo que não haveria de seguir os anseios do pai. Mas o Avô prosseguia fazendo planos disso e daquilo, dizendo que o menino estudaria nas melhores escolas e teria a mais primorosa educação que se podia pagar nesta terra.

— Vai ser o maior jurista do seu tempo — resmungava ele, quase babando nas golas da camisa de linho.

Augusto, pequenino, passava longos momentos olhando o pai. Talvez se indagasse, num raciocínio confuso, por que aquele homem volumoso de rosto corado e olhos de águia se refestelava tanto para ele. Depois saía em passos trôpegos para o jardim, onde se atirava no barro e corria atrás das galinhas, até que uma das mucamas o levasse a ver o mar, que era o que mais gostava de fazer e onde se acalmava, por fim.

Numa tarde quente de dezembro, quando o calor era tão sufocante que fazia as gargantas ressecarem e os muros se cobriam de um pó fino e castanho, Augusto resmungou sua primeira palavra. Estava, mais Leontina e o Avô, sentado na varanda de ver-se o mar ao entardecer. Nenhuma brisa subia da praia até as calçadas desertas, e não havia compromisso que não pudesse aguardar o fim daquele calor infernal. Enquanto o velho, em suarentas mangas de camisa, queixava-se dos incômodos do calor, o menino, no regaço de Leontina, olhava sossegadamente o mar de ondas verdes. Desde muito pequenino, a visão do oceano plácido e cálido, com suas vagas serenas, era o que mais o acalmava. Viu, então, num ponto distante, minúsculo ante aquele turbilhão de água salgada e mansa, uma jangada que deslizava paralela à linha da praia. Os olhinhos de meu pai brilharam, ele estendeu seu braço e, sorrindo, resmungou numa fala engrolada e vacilante:

— Um barco.

A avó achou muita graça, cobrindo o menino de beijos. O Avô, no entanto, ruborizou-se. Havia muito que sonhava, na privacidade quase inviolável de seu escritório, com a hora em que o rebento haveria de chamá-lo de pai. Ou então, quando estava mergulhado em seus compêndios, num acesso de loucura e fantasia, o Avô pensava na graça de ver o seu filho, nascido para a advocacia, pronunciando, como num presságio, alguma das leis da sua amantíssima constituição — pilar maior das sociedades civilizadas e patriarcais. Mas não; com a primeira palavra pronunciada por meu pai, vinha já a primeira afronta.

— Diacho, que deu nesse moleque? — quis saber o Avô, vermelho de raiva.

MEU PAI SEMPRE AMOU o mar, coisa que enchia a avó Leontina de curiosidade, pois, mal Augusto acordava pela manhã, queria já ir até a praia. Tentando entender de onde lhe viera aquela paixão, a avó virou e revirou sua vasta árvore genealógica em busca de algum longínquo antepassado que houvesse sido marinheiro ou coisa semelhante. Encontrou apenas um capitão, tio-avô de seu pai, mas que navegara somente em águas doces numa faina de achar um tesouro que lhe assombrava os sonhos inquietos. Mais tarde esse mesmo tio-avô foi morrer num manicômio, dado como louco por uma junta de proeminentes médicos da capital. Daí, então, a avó chegou à duvidosa conclusão de que essa sina viera pelo sangue, apenas um pouco diversa devido aos muitos anos em que ficara inativa a vagar pelas veias da família, até brotar em Augusto.

Meu pai, quanto mais crescia, mais adquiria a tez amorenada e os modos ágeis de um pirata, como os velhos heróis românticos dos livros que a avó Leontina lia, às escondidas do marido, nas horas mortas da sesta. Augusto era uma criança forte, de musculatura bem-composta e de olhos vivos e sagazes. Tinha um quê de mágica e de força, embora, em algumas tardes, permanecesse sentado nas escadas da varanda, fitando a linha do horizonte com olhos úmidos, o que fazia Leontina recordar-se do seu engolidor de fogo.

— O que você está olhando, Augusto? — perguntava a avó, sempre que via o menino com esses ares nostálgicos.

Augusto olhava-a por alguns instantes; depois, fixando a vista no oceano, respondia:

— Estou pensando no que existe lá, onde o mar e o céu se juntam.

E a avó achava que seu filho ia ser poeta. Só quem amava as rimas gastava tanto tempo assim desvendando mistérios e pensando em delicadezas.

— Tudo bem — dizia ela —, mas não deixe que o seu pai lhe pegue aqui, de modorra.

E se ia cuidar dos afazeres da casa.

Certa tarde, quando meu pai estava lá pelos quatro anos de idade, a avó seguia o menino pelo caminho de areia que findava na praia. Vinha de saias arregaçadas, os pés molhados de mar e sujos de barro,



cantando uma cantiga muito velha que falava sobre andorinhas. Augusto, depois de passar a tarde furando ondas e fazendo castelos de areia, estava radiante. O sol que passara o dia ardendo no alto do céu já descambava para o horizonte, róseo e suave. A mulher e o filho entraram pelo portãozinho dos fundos, e o menino ria de feliz. A porta da despensa jazia encostada, a varanda de serviço, com suas vassouras e bacias de estanho, estava vazia. A avó encheu um balde com água do tanque e pôs-se a lavar os pés de meu pai. Enquanto esfregava os dedinhos tenros, ouviu, murmurantes, uma série de gemidos continuados. A avó parou o que fazia e aguçou os ouvidos, atenta àqueles estranhos sussurros. Percebeu, então, uma voz grossa e abafada de homem segurando o gozo, que vinha do interior da despensa de alimentos.

— Augusto — disse ela, num sussurro, os olhos ardidados —, espere quietinho aqui. A mãe já volta.

Meu pai enfiou os dois pés no balde e começou uma brincadeira qualquer para passar o tempo — as crianças têm mesmo esse dom de achar graça nas coisas poucas. Enquanto isso, a avó Leontina, pisando mais leve que um fantasma, fez a volta na varanda, desceu os degraus de pedra e, prendendo a respiração, escancarou a portinhola da despensa. Deu de cara com o Avô, olhos injetados, de pernas abertas e com o pinto ainda meio tenso do amor recente, abotoando a camisa de linho branco que ele tirara para que não se amassasse com a brincadeira proibida. Ao lado dele, mais para envergonhada do que satisfeita, uma das mucamas, Nora, a mais moça e ajeitada, vestia sua saia deixando ainda entrever as pernas roliças e morenas, com uma ou duas marcas de mordida.

A mucama, ao ver a cara da patroa, deu um grito.

— Por Deus — disse ela, encolhendo-se feito um bicho, num canto da despensa quase às escuras.

O Avô, com a esposa a flagrá-lo em erro tão grave e vergonhoso, desabou de vez: o membro, flácido e amortecido, lhe despencou pelas pernas qual um cão escorraçado pelo dono, e assim permaneceu por muito tempo, durante o qual o Avô caiu numa impotência tenebrosa e insistente.

A avó perdoou a mucama, porque conhecia os modos do esposo. Mandou-a embora com dois salários enfiados dentro do bolso de cambraia e mais um aviso para cobrir, no próximo emprego que arranjasse, suas pernas cor de canela, porque talvez não tivesse a sorte de topiar com outra patroa compreensiva como ela. Com o Avô, a coisa foi bem outra. Deixou de lhe dirigir a palavra e, ao vê-lo, uma bile intensa lhe subia pela garganta, enchendo sua boca de fel. Vomitou cinco ou seis vezes e, na manhã seguinte ao acontecido, juntou suas coisas e as do filho, meteu-as em duas malas e desceu a ladeira, buscando asilo na casa paterna. O Avô, orgulhoso feito um cão danado, observou cada gesto da esposa, viu-a juntar seus pertences e os de Augusto e, mesmo assim, por sentir uma vergonha impossível de ser verbalizada, deixou-a ir-se dali, enquanto sorvia calmamente uma limonada com mel, que lhe desceu pela goela com gosto de titica de galinha.

Em casa de sua família, Leontina e o filho foram recebidos com chá e torta, beijos e abraços, mas ninguém lhe perguntou nada sobre o acontecido, e ignoraram as duas malas no meio do corredor. À noite, como se fosse perfeitamente natural, minha avó encontrou seu quarto de moça muito bem arrumado e com

lençóis limpos e, ao lado da sua, uma cama para seu filho. Dando graças a Deus, meteu-se sob as cobertas e, antes de cair no sono, jurou por todos os santos que nunca mais voltava para a casa do marido.

Amanheceu um dia pesado e com cara de chuva. O mar, devido à bruma espessa que descia do céu, transformara-se num borrão cinzento muito vago e distante. Como sempre nesses dias, Augusto acordou resmungando. A avó Leontina levantou-se, vestiu-se e trançou seus longos cabelos. Ao abrir a janela, reparou que havia um coche estacionado em frente à casa. Pouco depois, sentada à mesa do café, perguntou ao pai para quem era aquele carro.

— Para você — respondeu o velho, espalhando geléia num biscoito.

A avó sentiu-se corar. Disse que para casa não voltava nunca mais. Não tinha cabimento viver com o Avô depois de tudo que sucedera. O seu pai, respirando fundo, acabou de engolir o bocado que mastigava e, tomando o neto pela mão, saiu da saleta, deixando Leontina sozinha com sua mãe.

— Fale com ela, criatura — disse ele para a esposa, antes de ganhar o jardim. — Isso são coisas de mulheres. Enquanto isso, eu acomodo a bagagem deles.

A mãe de Leontina ajeitou a dentadura dentro da boca e, com seus grandes olhos negros muito pesarosos, lhe assegurou que tudo era muito triste, mas que, como ela mesma já havia dito, felicidade só havia nos livros.

— Até o teatro só tem tragédias, minha filha.

Depois, a meia-voz, narrou duas ou três aventuras extraconjugais que o marido tivera, às quais ela perdoara por ser boa cristã e mulher esperta.

— Se você deixar do seu marido, não casa nunca mais. Mais dia menos dia, vão dizer que foi você a infiel, e aí, Leontina, a coisa estará feita.

A avó ainda quis explicar seus motivos, mas a outra rechaçou-os todos com um severo olhar de desaprovação e, beijando-a na testa, mandou que fosse para casa.

— Vá, filha, que ainda dá tempo de organizar o almoço.

EM CASA, LEONTINA mal trocou duas palavras com o marido e, ao servir-lhe o prato, aproveitou que ele estava distraído com as notícias do jornal, não resistiu a uma vingança boba e derramou na sopa dele meio vidro de pimenta. O Avô, ciente de tudo que sucedera na casa do sogro, e muito dono de si, sorveu colherada a colherada o prato inteiro de creme e não disse uma palavra, nem de espanto por ver de volta a mulher, nem de desculpas pela sua fornicção, nem de desespero por tanta pimenta; mas passou a tarde inteira tomando água e durante toda a noite não pôde conciliar o sono, tanto que lhe ardia o estômago.

Depois desse episódio, minha avó Leontina mudou muito o seu jeito de ser. Magoada com os pais, deixou de visitá-los por quase seis meses, mas fazia a gentileza de mandar por uma empregada as notícias da casa e do crescimento de Augusto. Tendo passado a ver a vida por um ângulo muito menos romântico e mais real, a avó deixou de lado os risos doces que distribuía outrora para todos, guardando-os somente para o seu filho. Posso dizer até que minha avó passou, a partir de então, a ser mais senhora de suas próprias vontades. Essa mudança foi tão forte que chegou a refletir-se em sua aparência: seu rosto perdeu um pouco do viço luzidio de antes, e ela toda pareceu crescer: o corpo alongou-se, parecia mais ereto, sua cabeça, agora sempre erguida, passou a exibir um par de olhos sérios, talvez um pouco tristes, até. Mas, de tudo, o que mais mudou foi mesmo a sua já difícil relação com o esposo: minha avó Leontina começou a atazanar a vida do Avô. E assim ficaram os dois por muitos meses. A avó mal lhe falando, dormindo na beira da cama e de costas, temperando demais a comida dele; o Avô, mudo e impotente, toda a noite tentando acordar seu sexo que, ainda assustado com o tal vexame, teimava em não responder. Além disso, sequer a esposa lhe dirigia um bom-dia e, como a avó salgasse toda a refeição sempre de mais ou de menos, caprichando no alho e na pimenta, o Avô acabou por arrumar uma úlcera que a impotência, jocosidade e tenacidade, só fez aumentar.

Meu pai, que era menino muito esperto, percebeu que algo havia de errado na casa. Vendo os ares do Avô, sempre calado e nervoso, resolveu dar todo o seu carinho a Leontina, que lhe contava histórias e o levava até o mar — nascendo daí seu grande amor pelas mulheres, tão mais sensíveis e carinhosas, doces e macias, e, por todo o resto de sua vida, não pôde mais se desligar delas. Durante a adolescência, quando seus desejos avassaladores começaram a manifestar-se em turbilhão, parece que meu pai viveu quase que exclusivamente para elas. Apesar de todo esse ardor e de sua virilidade incansável, Augusto foi homem de um só amor e dele alimentou-se por toda a sua vida.

O Avô, tentando ocupar a inércia de seu tempo, passou a maquinar planos para o filho. Ignorando a total rebeldia do menino, que vivia sempre sujo de barro e molhado de mar, fez uma lista de colégios no Rio de Janeiro: aqueles de educação mais rígida e conservadora, e já sonhava, os olhos mareados, com seu nome brilhando corrente nos mais célebres tribunais do país e da Europa. Enquanto o pai ambicionava diplomas e auditórios ávidos pelas palavras do futuro jurista, o filho escapava pela janela, ia até a praia ver o sol nascer e se pôr, espiava as mucamas em seus banhos vespertinos, jogava bola com os filhos dos carroceiros, e era um moleque muito feliz. Com o Avô, pouco falava. Às vezes, quando a chuva o impedia de correr à rua, meu pai metia-se num canto do escritório e, muito atento, observava as deliberações do velho, pensando por que o Avô não usava um pouco de toda aquela razão no desembaraço das questões domésticas.

— MERDA! — DISSE O AVÔ NO NATAL DE 1915. — Essa cama também é minha.

Minha avó Leontina, deitada sob a fina colcha de crochê, os olhos embaçados, tomada por um espírito cristão e natalino e por mais quatro taças de champanhe que lhe faziam cócegas na ponta do nariz, resolveu, meio de pouco-caso, ceder seu amor ao marido.

— Mas só hoje e nunca mais — disse ela rindo, já desatando a alça da camisola, entre um soluço e outro.

O Avô engoliu seu orgulho e não perdeu a inusitada oportunidade, a impotência afogada pelo álcool. Foi o bastante para que, dois meses depois, minha avó descobrisse, não sem espanto, que estava grávida. Novamente, ao esperar em vão o fluxo mensal de sangue, teve raiva. Por que, pensou, segurando as primeiras ânsias de vômito com o artifício de chupar um limão, as mulheres tinham de ser assim, feito folhas ao vento que, embaladas por uma brisa qualquer, eram levadas de esquina a esquina, quase nunca guiadas pelas próprias vontades? Nem um prazer, mesmo que pouco e espaçado, ela podia ter sem que lhe enchesse o ventre; assim, decidiu-se, nunca mais se deitaria com o esposo para outra coisa que não fosse dormir.

Com o passar do tempo, minha avó aceitou a gravidez. Mas não contou um ai ao marido, escondendo os enjôos e o corpo que começava a inchar, usando vestidos largos e chupando, dia a dia, um pedaço de limão. Mais tarde, quando seu segredo não pôde mais ser disfarçado, procurou a mãe.

Na sala da casa onde crescera, olhou tudo — não ia lá havia meio ano, desde o episódio da despensa —, disfarçou a saudade que sentia do cheiro de bolo, das rendas azuis que barravam as cortinas, do tempo em que, menina, nada mais tinha para pensar do que planejar sua festa de aniversário. A mãe, sentada em sua cadeira de balanço, ajeitou a dentadura e, sem esconder a alegria, perguntou-lhe o motivo daquela visita tão inesperada.

Minha avó Leontina mandou Augusto para a rua, dizendo que fosse brincar com o cão vira-lata, e respondeu:

— É que estou grávida outra vez.

Sua mãe levantou-se e, numa agilidade absurda para a idade que tinha — Leontina era filha temporã —, beijou-a com gosto nas duas faces.

— Seu marido vai ficar muito feliz — disse a velha, os olhos úmidos.

— Talvez não — respondeu a avó Leontina, rindo.

Sua mãe, enquanto servia o chá e dosava o açúcar, quis saber o porquê daquele dito, e minha avó respondeu:

— Nenhum dos filhos vai fazer o que ele quer, eu bem sei. Augusto é um rebelde; talvez seja poeta — disse, recordando-se das muitas tardes em que o filho ficava a vislumbrar o mar —, e este — continuou, apalmando a barriga ainda imperceptível — vai ser mulher. Tenho certeza, pois sonhei com ela. E que

Deus a guarde, porque o pai nunca vai perdoá-la.

O MARIDO SOUBE DA GRAVIDEZ apenas quando minha avó estava pela décima semana. À mesa do café, enquanto meu pai, tranqüilamente, brincava de pontaria com os biscoitos de polvilho, o Avô olhou a mulher de soslaio e, vendo-a tomar um copo de suco de laranja em golinhos miúdos, disse:

— Você come que nem um passarinho, Leontina. Mesmo assim, engordou um pouco.

Minha avó riu para si mesma, os olhos brilhantes. Falou sem olhar o marido de frente, reparando na pasta gosmenta que lhe grudava os cabelos escuros à cabeça:

— Engordei porque estou grávida — e, pegando meu pai pelo braço, atravessou a porta que dava na varanda dos fundos e desapareceu pelo jardim.

O Avô ficou lá, sentado na copa, olhando a manteiga derreter-se sobre o pão morno, com cara de bobo, talvez cheio de caraminholas e de planos na cabeça redonda e meio calva.

Meu pai custou a entender o que se passava com Leontina. Vendo seu corpo alargar-se, o rosto fino tomando contornos arredondados, os olhos mais cintilantes, achou que sua mãe adoecera de algum mal misterioso. Se nada lhe falavam a respeito, pensou, a coisa devia ser bastante grave. Preocupou-se muito, o meu pai, choramingava, às vezes, antes de rezar. Controlava, uma a uma, as mudanças estampadas na mãe, esperando a hora que achasse conveniente para lhe perguntar o que estava acontecendo. Havia de ser longe do pai, assim Leontina seria sincera, disse Augusto tinha certeza.

Meu pai era mesmo uma criança de visão aguda e de instintos viscerais. Dava sempre plena vazão ao que sentia, tanto fosse coisa boa, fome ou mau pressentimento. Chorava na frente de todos quando estava, por qualquer motivo, infeliz; ria do mesmo modo e comia nas horas em que o seu estômago desregulado lhe dava algum sinal. Não havia relho que lhe pusesse uma ordem nem castigo que lhe arranjasse os hábitos. Esses jeitos punham louco o Avô; minha avó, ao contrário, instigava-o a deixar fluir suas emoções.

— Este mundo há de ter nem que seja um homem verdadeiro — dizia ela sempre, com muito orgulho, comentando os modos do filho que adorava tanto.

Certa tarde, ao vê-la esfregar óleo de amêndoas pela barriga intumescida, onde já surgiam pequeninas linhas azuis feito rios minúsculos que iam dar em lugar nenhum, Augusto chegou-se perto.

— O que está acontecendo com você, mãe? — quis saber, com ar muito sério.

Minha avó percebeu que os olhos do filho ardiam, lubrificadas pelas lágrimas contidas e pelo medo.

— Não chore, Augusto — disse ela, abaixando-se para abraçá-lo.

Augusto, o queixo erguido, mostrou-se cheio de coragem. Falou que era homem e que estavam lhe escondendo algo.

— Se você está doente, mãe, quero saber. Não quero ficar sozinho nesta casa com o papai.

Minha avó achou graça do seu filho. Não estava doente, estava grávida.

Em poucos instantes, porque era rápido de raciocínios, meu pai fez uma análise mental do que a mulher lhe falara, depois perguntou:

— E como se fica grávida, mãe?

A avó largou o frasco de óleo e, enquanto rechaçava todas as mentiras sobre sementinhas e cegonhas e repolhos e todas as outras lendas para enganar moças virgens e crianças inocentes, disse que não lhe haveria de mentir; não para ele, que seria um homem sem máscaras. E, deixando de lado os pudores, a avó passou a relatar para o filho tudo sobre aqueles segredos de portas fechadas, quando homens e mulheres, nuns jogos feitos no escuro, metiam-se a arfar e a procurar no corpo um do outro aquilo que não achavam no seu.

— E gritam? — quis saber meu pai.

— Às vezes — disse ela.

Ele pensou daqui e dali e, num sorriso, desvendou:

— Já sei, mãe. Os adultos fazem como os cachorros na rua.

— Mais ou menos — respondeu Leontina, se matando de rir.

NUMA MADRUGADA FRESCA e tranqüila de setembro de 1916, nasceu a segunda cria de meu Avô. Ainda durante a tarde, de tempo nublado e quase sem vento, minha avó Leontina sentiu as primeiras contrações. Brincava com o filho, na varanda, quando uma dor aguda lhe cortou a carne feito uma navalha; logo a seguir, a respiração ainda entrecortada pelo susto, sentiu o líquido morno escorrer por suas pernas, molhando o pano da saia.

— Augusto, chame seu pai — pediu ela, procurando a cadeira de palhinha, num canto da varanda.

O Avô, tenso e rubro de satisfação, tomou todas as providências: mandou que se chamasse a parteira e o padre para benzer pela primeira vez o moleque, que se levasse Augusto para a casa da sua avó materna e que ficassem todos por lá, porque não era hora de visita nenhuma, mesmo chegada à família.

Minha avó não disse nada. Saboreava, o corpo esparramado na cadeira, as dores que lhe cortavam o ventre. Que o marido mandasse e desmandasse, pensou. Que desse ordens e berrasse pelos quatro cantos da casa. Que viesse até mesmo o padre, com um nome escolhido na ponta da língua. Agora, quem havia

de decidir alguma coisa era ela: contra todos os anseios do Avô, tinha certeza de que daria à luz uma menina.

— De que você está rindo? — perguntou o marido, reparando a vivacidade dos seus olhos. — Sempre achei que os partos fossem horríveis.

— E são, realmente — disse a avó, numa careta, misto de dor e alegria —, mas só para quem os assiste. Não para a mãe nem para o filho.

— É UMA MENINA — gemeu a parteira, num fio de voz.

Atrás dela, um vulto ampliou-se, ganhando espaço sobre seu ombro para melhor ver aquilo. Deitada na cama, Leontina ainda arfava as últimas dores, suada, os cabelos escapando da trança escura, espalhados sobre a brancura da fronha. As pernas abertas sob o lençol desenhavam uma figura estranha. Em seus braços ainda trêmulos, a parteira depositou a criança que choramingava fracamente, suja de sangue e coberta por uma gosma pegajosa.

O Avô, saindo das sombras onde se metera para espiar tudo, tinha os olhos injetados; a boca, num ricto, dura e tensa, tremia levemente. Apesar de sua ira, latente e indisfarçável, o homem tinha um quê de criança enganada, cujo desejo lhe fora negado. Talvez, quem sabe, quisesse chorar. Chegou mais perto, debruçou-se sobre o leito.

— Uma menina. Não acredito — disse ele, e sua voz, abafada pela raiva, pronunciava as palavras com vagar. — Como isso, Leontina?

Minha avó acariciou a cabeça pequena da criança, de ralos fios castanhos, percebendo os traços cuidadosamente lapidados sob o inchume do rostinho, ainda machucado pela trabalhadeira de nascer por caminho tão estreito e inusitado. Ela sorriu, e o seu rosto se iluminou de alegria.

— Era uma possibilidade com a qual você deveria ter contado, esposo — disse a avó, sem se dignar a olhá-lo. Agora se sentia muito feliz, com a menina nos braços, provando a quentura e a pequenez daquele corpo. Não, não se faria de tola, chorando pelo esposo tão egoísta. Ele que se entendesse com Deus.

O marido deu uns passos pelo quarto, mirou a rua da janela. O céu estava recoberto de estrelas.

— E agora?

— Agora é a vida — respondeu minha avó. — E, para mim, chega de filhos. Contenta-se com os que eu já lhe dei.

O Avô olhou-a com os olhos fulminados pela ira. Depois, sem se achegar à filha, saiu porta afora, fazendo vento com sua pressa.

Devido a um total desinteresse do seu marido, a avó Leontina pôde batizar sua filha com nome escolhido a seu gosto, e chamou-a Alice. Depois que o padre molhou a criança com a água-benta e pronunciou os devidos latins, a mãe de Leontina, com meu pai muito sorridente pela mão, quis saber de onde, por Cristo, a filha arranjava aquele nome que nunca havia sido ouvido nas casas da família. Leontina explicou-lhe que sonhara com ele meses antes e que o achava curto e belo, bom para meninas de olhos azulados.

O Avô não foi ao batizado da sua filha, do mesmo modo que, anos mais tarde, não presenciou sua comunhão. Com uma desculpa ou outra, vivia à margem da vida da menina, quase sem a perceber. Às vezes, à noitinha, enquanto Leontina tomava seu banho e meu pai jantava em companhia de uma das mucamas, o Avô escorregava feito sombra, seus pés mal tocando as madeiras do assoalho, e ia espiar Alice. Na penumbra do quarto, metia sua cabeçorra sobre o berço da criança, olhando-a de um lado e de outro, buscando alguma coisa de seu naquele rostinho corado, naquele corpo de carnes tenras e cheirando a talco. Era estranho. Se achava semelhança, seu peito dividia-se entre a alegria e o despeito; se nada via, na pressa de amar escondido, escapava-se de lá com o coração pesado de mágoa.

Uma vez, Alice, ao abrir seus olhinhos ovalados e azuis, deu de cara com o pai a fitá-la no escuro. Esboçou um sorriso meio torto; era doce e nunca chorava, mesmo com o incômodo dos dentinhos que começavam a nascer. O Avô, pego de surpresa, saiu ventando do quarto, os olhos embaralhados de lágrimas; mas não disse nada daquilo a ninguém. Tomou dois copos de conhaque para abafar da memória a lembrança daquele sorriso e foi dormir no bordel.

PARECE QUE A VIDA transcorreu sem sobressaltos na casa dos Serrat, o tempo arrastando-se, dividido em dias quase sempre semelhantes, os quais, sem que se percebesse, aglomeravam-se em anos. Numa Europa longínqua, a Primeira Grande Guerra estava se desenrolando. O Avô vivia futricando os jornais, acompanhando avidamente as transformações na Rússia e na Alemanha. A avó Leontina, por sua vez, não tinha nenhum interesse em exércitos.

— Travo uma guerra por dia — dizia sempre — para pôr esta casa nos eixos.

Minha avó, teimosa feito uma mula, e com uma gana do esposo que nunca pôde amansar, continuava a traçar a vida da casa, ignorando os mandos do marido, guiando os filhos sem seguir as ordens dele, comprando açúcar quando ele pedia sal, fazendo peixe nas vezes em que ele tinha desejos de comer carne de porco. E mal lhe falava. À noite, dividia a cama com um risco imaginário que o Avô nunca ousou



desrespeitar, pois tinha dúvidas de onde acabava a fúria da esposa, e, duas ou três vezes, chegou a dar a comida do seu prato para os cães com medo de que minha avó planejasse envenená-lo com o jantar. Mas o velho não dizia nada dessas angústias para ninguém. Via na mulher uma ira capaz de comandar um exército inteiro, e dava graças que nenhum general a conhecesse, pois certamente a tomaria para direcionar os exércitos. A olhos vistos e por teimosia, o Avô seguia mandando e desmandando, ignorava minha tia Alice e incomodava meu pai com um sem-fim de lições, fazendo planos de mandá-lo para o colégio interno no Rio de Janeiro onde, inclusive, já fizera a matrícula.

Meu pai cresceu dez centímetros em um ano. Era um rapaz saudável, a pele sempre tostada pelo sol, risonho e agitado. Seu rosto tinha um quê de interessante, onde dançavam olhos felinos e sagazes; seu corpo era delgado e já deixava que se percebesse uma musculatura forte e definida. Gostava de falar poemas para a mãe, colecionando-os com o intuito de alegrá-la nos dias tristes; vivia na praia, ocupado em pescarias que varavam a noite, chegando em casa quase de madrugada e pé ante pé para fugir da ira paterna. Por Alice, tinha um amor que trazia lágrimas a seus olhos. Economizava suas moedas para lhe trazer, semana sim, semana não, uma prenda qualquer que comprava, abaixo de muita pechincha, numa das feiras da cidade. Augusto tinha ânsia de suprir o desleixo com que o Avô tratava minha tia e, por isso, quando estava em casa, a punha para dormir e embalava o seu sono, contando histórias que inventava na hora e conforme ela lhe pedia, com sua vozinha fina e enrolada de sono.

Na escola, apesar de seu pensamento ágil e de suas idéias claras e aguçadas, meu pai tirava umas notas lastimáveis que sempre vinham grifadas em vermelho e que a avó Leontina fazia de tudo para esconder do marido. A única matéria em que ia bem, além das aulas de criação e artes, era a Geografia. Pois queria, mais que tudo na vida, pôr o pé no mundo. Às outras lições, meu pai assistia com a alma por um fio, os olhos grudados na janela, fitando os contornos distantes do mar ou espiando a porta da escola feminina, do outro lado da rua de calçamento de pedras. A professora contava-lhes da guerra que eclodira nos Bálcãs. A Alemanha, nesse ano, invadira Verdun, e eram travadas várias batalhas no mar, perto da Dinamarca. Augusto não gostava da guerra, assunto principal dos pensamentos do pai, mas se pegou imaginando os navios e seus canhões, as bombas e os generais.

Em casa, o Avô acompanhava avidamente os movimentos da Tríplice Entente, as invasões, a entrada dos Estados Unidos na guerra e a resistência francesa comandada pelo general Pétain. O velho passava muitas tardes debatendo o futuro do mundo, entre um gole e outro de aguardente, junto com mais uma meia dúzia de homens da cidade.

— Essa guerra vai furar a Alemanha — dizia sempre. — Só espero que não nos traga o comunismo. As guerras se espalham rapidamente pelo mundo.

— As guerras e os ideais — disse um outro.

O Avô tinha um ataque de nervos a cada vez que conseguia pôr suas mãos n'algum boletim do filho, jurando, entre gritos e imprecações, que logo logo o enviaria para uma escola digna de seu nome, onde,

certamente, lhe poriam o cabresto.

— É meio avoado — dizia o velho para si mesmo, quando acalmava sua raiva — mas esperto feito uma águia. Há de ser advogado brilhante ou, se essa guerra continuar por muito tempo, um general.

ALICE ESCARAFUNCHOU a terra com os dedinhos gordos, procurando a minhoca que acabara de se meter por ali. Num canto do jardim, minha avó bordava uma toalha de mesa e pensava em qualquer vingança para despejar sobre o marido — era o que mais gostava de fazer. Tia Alice, achando a minhoca, meteu-a no bolso do vestido de algodão amarelo. Iria dá-la para o irmão. Pensou, por um instante, em presentear o pai, aquele homem alto e esquivo que já engordava os primeiros quilos da velhice, a quem ela tanto queria e de quem tanto ansiava conhecer um pouquinho que fosse. Mas o pai, ocupado e distante, quase nunca gastava seu tempo com ela; talvez, com certa freqüência, tivesse uns rompantes de amor por Augusto, mas vivia mesmo sem querer muito bem a ninguém da família.

Alice passou o botãozinho pela casa, trancando a minhoca no quadrado de pano do seu bolso, e foi correndo para o lado da mãe. Quase cinco horas, o sol avermelhava-se, o irmão já ia chegar da escola. Ela riu de felicidade, enquanto remexia com seus dedos o chão arenoso, e olhou para os lados do portão. Olhos fechados, podia sentir a aproximação dele, seu passo dançado de quem chutava pedrinhas pelo caminho, sua alegria descabida de menino feliz.

TALVEZ MEU PAI tivesse dezesseis anos quando fez sua primeira incursão ao mundo dos amores. Ainda imberbe, quando andava pelas calçadas gazeteando a escola, Augusto Serrat já levava consigo uns olhares compridos e lânguidos que lhe deitavam as moças da cidade. Não havia dúvida de que era belo, que seu rosto possuía uma geometria precisa e suave, mas eram seus olhos e seu sorriso que lhe davam a luz e a malandragem que o distinguiam de todos os outros rapazes da sua idade. Já quase homem e com a barba despontando-lhe no queixo, era fácil perceber que meu pai nascera com o fado de encantar as mulheres. Não havia uma que não amolecesse ao vê-lo, embora, como quase sempre ocorre nesses casos de paixão, nenhuma soubesse dizer com certeza o quê, entre tantos predicados, havia lhe causado tal bobeira. Mas todas percebiam que Augusto ria com a boca escancarada e que sua voz era sonora e quente. Enquanto falava, arrastando bem as vogais, seu olhar plantava-se nas entranhas do interlocutor, devassando a sua alma e, se esse ouvinte fosse fêmea, devastava-lhe, com certeza, o coração.

Foi entre as paredes do sobrado mais alegre de Brisas do Paraíso que, numa quinta-feira chuvosa,

meu pai conheceu a primeira mulher de sua vida, depois de ter escapado pela janela do quarto e sem jantar, com a soma de três mesadas que economizara exatamente para esse fim. Chegou à porta do bordel com a barriga reclamando de fome e todo ensopado de chuva, mas, ao ouvir os primeiros acordes da música que vinha da sala e os risos alegres das moças, esqueceu suas mazelas e sua inexperiência de moleque e lá entrou sem titubear.

Deu-se numa peça ampla, forrada com um tapete vermelho-escuro muito felpudo, onde descansavam, feito barcos encahados, cinco ou seis sofás de dois lugares, já quase todos ocupados por casais aos beijos e gemidos. Do teto pendia um lustre de cristal, que meu pai achou de muito mau gosto, por ter, na extremidade, um último pingente sugestivo e debochado que ficava balançando circularmente, enquanto refletia o vivo dos vestidos das mulheres que dançavam. Num canto da sala, dois homens tocavam uma música alegre, e o ar estava levemente empestado de perfume e charutos e de velhas conversas sobre a capitulação alemã.

A chegada do jovem Augusto não passou despercebida. Ao contrário da maioria das vezes em que um moleque virgem aparecia por ali, as moças da casa se ouriçaram. Uma ou duas, nas tardes mornas em que ficavam à janela, já o haviam visto. Por estarem acostumadas com todos os tipos de homens, suas manias e olhares e talentos, a sensualidade ainda latente de meu pai não lhes escapou.

— Não é aquele menino? — perguntou uma loira de camisola azul para a moça que estava ao seu lado.

Esta, remexendo na alça do sutiã rendado, confirmou. Era o tal mesmo. Crescia rápido e com talento, disse ela, observando o volume sob as calças do rapaz.

— Eu vou com ele — atacou a loira, esvaziando sua taça.

Ao raiar da manhã seguinte, com o tempo calculado para trocar a roupa e tomar o café em casa, meu pai escapou sorrateiramente pela calçada ainda deserta e úmida da noite. À janela, acenando-lhe, ficou Rosa Maria, os peitos nus recebendo os primeiros ares do dia, sem platéia nem pudor.

Ao vê-lo sumir na esquina, Rosa Maria suspirou.

— Quem diria que esse aí é filho do velho Serrat — falou ela à moça que fazia a limpeza do quarto. — Esse menino, sim, nasceu para a coisa. Não o pai, que deve ter aprendido o amor numa enciclopédia ou tratado.

A faxineira abriu um sorriso banguela e tratou de trocar a muda de lençóis.

Dali em diante, parece que Augusto perdeu dezenas de tardes na cama de Rosa Maria — e muitos dos gemidos que ficaram intrincados nos tijolos daquelas paredes devem ter sido dele.

Mergulhando nas seivas e nos calores dos corpos femininos, as notas de meu pai pioraram ainda mais. Não havia tempo para amar e ir à escola; era tarefa impossível, com sua alma repleta de sussurros e olhares baços, concentrar-se nas fórmulas da química ou na teoria da relatividade. Dois corpos não ocupavam o mesmo lugar no espaço, ele sabia, mas podiam dividir esse espaço com muito proveito se

fosse ele um colchão, e não havia disso prova mais cabal que o sexo. Às vezes, na iminência de rodar de ano, meu pai obrigava-se a abrir um livro, lia cinco ou seis páginas, esforçando-se para entender a métrica e a lógica; mas, sem se aperceber, logo sua mente se turvava — ele estava perdido no mar das descobertas carnis, a pele feminina, seus relevos, os contornos das coxas, das nádegas, a espessura e o perfume dos cabelos loiros, morenos, cacheados, o brilho dos olhos febris, tudo isso era muito mais importante, mais premente que uma equação de segundo grau. Num minuto, o livro aberto sobre a mesa, meu pai caía em amores e esquecia da vida e da álgebra.

Minha avó Leontina percebia as têmperas do filho. Achava mesmo que ele herdara dela, multiplicada, a vontade de viver cada minuto da vida. Era homem, o que lhe dava uma grande vantagem, mas, quando podia, entre um afago e outro, a avó mandava-o estudar mais.

— Não gosto, mãe — disse ele, numa manhã qualquer, franco e suspirante. — Meus olhos se embaralham pelas linhas do caderno, e o professor é um padre calvo e meio vesgo que arrotava sem parar durante a aula, o que me dá nojo.

Leontina segurou o riso. Estudara com uma freira que tinha flatulências, as quais ignorava, por pudor ou desleixo, de maneira que ministrava as lições soltando ventosidades pela sala de aula, sorte que quase sempre inofensivas. Abotoando-lhe a camisa de domingo, foi sentindo, com as costas da mão e muito de leve, a pele morna do filho querido. Crescera, era quase um homem feito. Sem perceber bem a causa, sentiu-se entristecer. Augusto era muito belo.

— Estude um pouco, meu filho. Ouça o que lhe digo — pediu. — Mais hora, menos hora, se suas notas prosseguirem más, seu pai o manda para a capital. Melhor um padre arrotando em sala de aula do que viver longe de mim.

Meu pai, muito sério, pôs-se a pensar na possibilidade de abandonar sua mãe e Alice. Ajeitou a camisa dentro das calças, afivelou os suspensórios e, fingindo um riso despreocupado, respondeu que aquilo era quase impossível.

— O pai não faria isso, mãe.

MAS AUGUSTO SUBESTIMOU O AVÔ. Numa tarde de sexta-feira, atirado entre plumas e almofadas de cetim, o velho ouviu da boca vermelha e despudorada de uma das moças do bordel o quanto seu filho Augusto, que Deus o guardasse em saúde, era benquisto por lá.

O Avô, confuso, disse que estava havendo algum engano. Ela se confundia, provavelmente.

— Oh, tenho certeza — retrucou a mulher, espalhando creme pelas coxas roliças. — É ele, e como não. Diz uns poemas muito bonitos e tem um riso de gato. Rasgam-se por ele, as moças: pode orgulhar-se.

O Avô rememorou as risadas do seu filho, seus jeitos petulantes, e as muitas noites em que seu lugar à mesa permanecera vazio, enquanto, com a cara mais deslavada do mundo, Leontina lhe assegurava que “o menino andava com umas dores na cabeça, bem abaixo do olho esquerdo. O médico já tinha visto e indicara o repouso”. Seu rosto perdeu a cor. Mentiam, e mentiam para ele. Iam ter a revanche.

Levantou-se da cama e nu, num acesso de fúria, saiu berrando pelo corredor penumbroso do bordel. Deitada no leito morno dos amores recentes, a mulher ainda teve tempo de pedir, morrendo de rir, que o Avô fizesse o que desejava, mas que, por Deus, tapasse as vergonhas, senão lhe ia pelo ralo a reputação.

ELE ERA UM HOMEM METÓDICO, que tinha horário para tudo, menos para perder a paciência. Sabedoras disso, as mucamas nunca se atrasavam para levar ao Avô o seu leite morno do meio da manhã ou o chá que sorvia adoçado, nas horas do entardecer. O velho acordava cedo, lia os jornais, gastava uma meia hora em pensar fantasias para o futuro do filho, coisa que fazia cada vez mais apreensivo, pois era impossível ignorar o temperamento mole de Augusto; depois ia trabalhar nas suas pendengas judiciais.

Duas semanas mais tarde, numa manhã, à mesa do café, o Avô parecia mais sério do que de costume. Meu pai, inocente da volta que daria seu futuro, passava a manteiga no pão. Ainda sonhava, os livros assentados sobre a cadeira vizinha, com a noite de pândega que tivera com uma moça a quem chamavam Dica, morena que cheirava a canela. Meu pai comeu o que queria, era jovem de muito apetite, tomou seu leite e, levantando-se da mesa, já ia beijar a mãe e Alice. Foi então que o Avô, segurando sua alegria, proferiu com voz seca:

— Nem se apresse, Augusto. Você não vai à escola hoje.

Meu pai estranhou:

— Como não? É feriado e me esqueci?

A avó Leontina percebeu então a estranheza no rosto do marido, seu próprio sangue já estancado nas veias. Sentiu a cabeça latejar. Levantou-se de um pulo e, sem pensar muito, postou-se em frente ao menino. O esposo não pôde deixar de rir.

— Sente aí, mulher. Você mente para proteger esse moleque. — E, olhando para o filho, continuou: — Arrume suas coisas, Augusto. E não precisa mais que duas mudas de roupas. No colégio para onde você vai se exige uniforme.

Minha avó deixou-se cair na cadeira, o corpo mole de medo. Lembrou-se dos olhos azuis e melancólicos do engolidor de fogo e, olhando o marido, sentiu ternura e saudades dos tempos em que sonhara ser feliz. Augusto levou a mão até o ombro magro da mãe. Tocando-a, sentiu a trama fria da seda que envolvia sua pele sempre morna; afagou-a com carinho, segurando a própria raiva. Sem dizer nada,

meu pai virou-se e foi para o quarto arrumar as suas coisas. A empregada que vinha trazer o suco de laranjas achou que o rapaz chorava; mas, conhecendo seu temperamento dado à alegria, pensou que se havia enganado.

No dia em que viu o irmão, levado pelo pai, atravessar a rua com sua sacola de pano azul pendurada ao ombro, rumo à estação de trens, Tia Alice tinha nove anos incompletos e decidiu que o Avô não era criatura digna de ser amada. Da janelinha da sala, sob a cortina rendada, deixou o irmão perder-se no caminho até que suas próprias lágrimas lhe turvassem tanto a visão a ponto de achar que chovia. Leontina encontrou a menina ali, quatro horas mais tarde, ainda a fitar a esquina deserta, chorando copiosamente. Disse que ficasse calma, Augusto viria nas férias.

— Quando é isso? — indagou Tia Alice, ansiada.

Minha avó contou o tempo nos dedos, e respondeu que as férias eram em dezembro. Faltavam quatro meses.

— Não vou comer até lá — disse a menina.

No início, não comeu; mas depois, diante do choro da mãe e das ameaças do pai, resolveu que comeria, mas se negou terminantemente a falar até que pisasse o irmão outra vez na varanda da casa. O Avô não se condeou com esses caprichos. Se Alice queria ficar muda, que ficasse.

— Sendo assim — concluiu o velho —, é uma mulher a menos falando nesta casa, o que me dá uma relativa paz.

Alice correu para o quarto e rezou para que Deus castigasse seu pai, o que de fato não aconteceu. Como queria manter sua promessa de emudecer, mas precisando falar com a mãe e dizer suas dúvidas de menina, passou a conversar em sussurros e pelos cantos da casa, nunca às vistas do Avô, de modo que, de tanto escorregar suas palavras pelas sombras, a menina Alice adquiriu uns modos de fantasma e, de saudades, uma palidez que só acentuava o azul marítimo de seus olhos.

NA CAPITAL, AUGUSTO SERRAT, meu pai, atravessou grandes avenidas e viu prédios que equilibravam peças sobre peças, chegando a ter três andares. Gostou das ruas e das mulheres, andou a passos largos para chatear o pai, comeu balas de anis e bebeu cerveja quando o Avô distraiu-se lendo um jornal. No mais, ansiou pelo mar e por sair sem rumo, feito um pé-de-vento, para vaguear pelas ruas que rolavam ladeira abaixo. Mas o Avô tinha pressa e levou-o à escola sem muitas conversas.

O colégio ocupava um prédio antigo e imponente onde, outrora, havia funcionado um hotel. Abrigava um total de quarenta meninos de boas famílias que se formavam dominando o latim e a gramática, as últimas mudanças no mundo político, o comunismo russo e as tragédias de Sófocles, e que queriam, mais

que tudo, ver os padres de lá pelas costas. As paredes eram altas, lisas e extremamente limpas, sem adornos ou arabescos. As salas de aula, grandes e arejadas, tinham janelas que davam para um jardim; o refeitório era austero e silencioso feito um mausoléu, e Augusto viu que os alunos comiam de cabeça baixa e sem muito apetite.

Seguindo o diretor, meu pai serpenteou pelos corredores, subiu e desceu escadas, chegando a um quarto relativamente pequeno onde havia um beliche, uma mesa de estudos com duas cadeiras, um armário e uma janela sem cortinas que dava para o cemitério da congregação. O padre mostrou a vista quase com volúpia, como se aquele pequeno reduto de cruces de cobre fosse uma bênção e, ignorando a estranheza do sol cintilando nos túmulos, disse:

— O banheiro fica no fim do corredor.

Augusto largou suas coisas sobre a cama e quis saber se tinha colega de quarto. O padre respondeu que sim. Estudava física naquele momento, mas chegaria logo.

— Hércules Fontoura, se não me engana a memória — disse o padre, com sua voz monocórdia. — Bem — continuou, esfregando as mãos na batina escura —, acho que é isso. Você desce para se despedir do seu pai?

— Não — respondeu meu pai, simplesmente, olhando a última cova do cemitério. — Que tem lá, depois disso? — perguntou ao padre antes que ele saísse, e estendeu o braço, mostrando um portão de ferro trancado a ferrolho.

— A rua. E atrás dela, o porto.

Ele sorriu e agradeceu. Antes, porém, que o padre sumisse nas trevas do corredor quase monástico, Augusto o chamou. Tinha um pequeno envelope nas mãos.

— Padre, por favor, entregue ao meu pai.

O padre remexeu o envelope e viu a letra graúda e firme que desenhava um nome: Leontina. Depois, meteu a carta num bolso quase invisível nas dobras da batina e desceu as escadarias feito uma sombra. Meu pai, cabisbaixo, voltou para o quarto e atirou-se na cama.

Acomodado no trem, observando o céu mesclar-se de róseos, o Avô recostou-se na poltrona e, puxando do bolso o envelope que o padre lhe entregara, olhou-o sem muito interesse. Abriu a janelinha, enfiou sua mão de ossos graúdos para fora, sentindo o vento fresco fazer cócegas em sua pele; depois, como se soltasse um pássaro da gaiola, deixou escapar entre os dedos a carta de meu pai.

— Agora é como eu quero — disse o velho, satisfeito.

MEU PAI FEZ AMIGOS EM pouco tempo. Tinha um riso de serpente, mas livre de qualquer veneno, e seu falar

manso que só sabia contar alegrias trouxe um vento de frescor para o colégio. Seguindo o horário rígido dos padres, acordando ainda na madrugada para rezar as Vésperas — às vezes caindo com a cara no colchão, tomado pelo sono pesado dos adolescentes —, comendo nas horas de se comer, vestindo o uniforme cinzento e as botinas de couro negro, que lhe lembravam a guerra extinta, agüentou por duas semanas. Ao alvorecer do décimo quinto dia, em vez de rezar, cantou do início ao fim uma música de taberna que havia aprendido com as putas. Hércules, o colega de quarto, urinou no pijama de tanto rir e assim, emocionado pela calorosa recepção do amigo, meu pai decretou:

— Chega dessa modorra. Eu não quero virar freira.

No mesmo dia correu à boca pequena que o novato Augusto Serrat, aquele de olhos viçosos e ares de pirata, decidira desobedecer aos padres. Foi um rebuliço entre os rapazes. Os mais afoitos desejavam proclamar a revolução, fechando as portas do colégio, pelando os padres para ver se usavam cuecas sob as batinas negras, e queriam revirar as despensas e beber todo o vinho das missas. Outros, mais acomodados, empalideceram de pavor. Haveriam de receber um castigo, mil palmatórias, quarenta questões de álgebra, dez noites sem carne e sem sobremesa.

À hora do jantar, o refeitório fervia com uma conversa sussurrada. Dois rapazes sentaram ao lado de Augusto, querendo saber dos seus planos. Meu pai negou tudo que tivesse relação com desordem.

— A esperteza está no silêncio — disse ele, num tom filosófico, arranhando as unhas na madeira da mesa comprida.

Os colegas não contiveram a decepção; mas Augusto garantiu que acabariam com aquela coisa de dormir com as galinhas.

— Ao que me consta — disse ele, engolindo o último pedaço de batata do prato —, ninguém vai para um asilo aos dezesseis anos.

Desse dia em diante, meu pai pesou e mediu os passos de cada padre, desde o encarregado das refeições até o que lavava as latrinas e aquecia a água para o banho, anotou tudo numa folha que guardava sob o travesseiro e que — caso fosse descoberta — seria motivo para que os padres o deixassem de joelhos sobre o milho por uma estação inteira. Depois, usando seus conhecimentos de matemática, traçou um esquema dos turnos e deveres de todo mundo. Numa tarde morna de quinta-feira, à hora do recreio no pátio interno, reuniu quatro ou cinco colegas e, fingindo que jogavam bolita, abriu um papelote cheio de rabiscos e disse:

— Está aqui.

— O que está aí? — quis saber um deles.

— A nossa liberdade — respondeu meu pai, rindo. — Vamos todos dormir às oito horas, momento em que o padre Zenito acaba de lavar a louça do jantar e que Ingo, o vesgo, termina de ajeitar e conferir os quartos. Depois disso, enquanto Zenito troca a roupa ou vai ao banheiro, Ingo se recolhe. Cinco minutos mais tarde, quando apagam todas as luzes, chegam Zenito e Manoel para o turno, e lá ficam até a meia-



noite...

— Quando Joelmo toma o lugar deles — disse um. — E que tem isso?

— Isso nos deixa cinco minutos às oito e mais cinco à meia-noite. E é nessa hora que entramos e saímos.

Os rapazes entreolharam-se. O mais alto, de olhos acinzentados e profundos, quis saber de onde, afinal, sairiam.

Meu pai tomou ar e, calmamente, contou que, desde o primeiro dia, percebera um portãozinho no fundo do cemitério. Estava gradeado, mas, numa noite em que pôde ir lá conferir, descobriu uma corrente esfarelado-se de tão enferrujada.

— Arrebentei-a com o punho — disse.

Depois, para que nenhum padre descobrisse, amarrou tudo como estava. O cemitério era deserto e empoeirado, ficara-lhe a impressão de que só mesmo andavam as almas penadas por lá.

— Pelos meus cálculos, não morre um padre daqui há uns vinte anos.

Augusto explicou que o portão dava para o cais do porto, numa ruela de pedra que escorregava até o mar, sinuosa e escura.

— Andando por lá, vira-se sombra. É uma rua deserta — disse meu pai. — Se pudermos entrar e sair em cinco minutos, teremos todas as noites livres para andar pela cidade.

Os colegas ponderaram tudo e decidiram que somente alguns se aventurariam pela noite. Combinados todos os detalhes, voltaram para a sala de aula.

Meu pai, Hércules e mais outros seis rapazes escaparam na primeira noite, enquanto os padres trocavam seus turnos, e escaparam por mais outras infinitas vezes, lendo os livros da moda no café central, namorando e assistindo ao teatro de rua, até o dia em que morreu o mais velho padre da congregação, mas aí era já tarde demais.

Escapavam num passo de fantasma, atravessando os corredores e ziguezagueando pelos túmulos úmidos de musgo e sereno, até chegarem à rua deserta. Libertos dos muros do colégio, cada um tomava seu rumo. Hércules, que tinha uns ardores literários, ia ver os poetas da praça e lá permanecia lendo e declamando sonetos até a hora marcada para a volta, quando então subia a ladeira, apressado e com a alma cheia de sonhos e ditos de amor. Os outros, por não preferirem nada a coisa alguma, vadiavam pelos bares, brincavam com as putas da Rua Doze, comiam empadas de camarão e, quando tinham umas moedas a mais, tomavam aguardente de hortelã. Somente meu pai tinha rumo certo e desconhecido. Às oito horas, quando todos desciam pela ladeira, apertando o passo para não cair nas pedras ensaboadas de limo, Augusto dobrava numa ruazinha discreta, iluminada por um único lampião. Lá ficava até a meia-noite, quando corria para a frente do cemitério, organizando a fila de volta, que devia ser mais silenciosa que um cortejo fúnebre. Os colegas estranhavam aquele sumiço. Meu pai voltava sempre impecável, sóbrio e risonho, por isso não era amor nem bebida que o separava dos outros; mas não ousavam

perguntar o que tanto fazia.

Numa tarde, enquanto ele decorava umas fórmulas de química, Hércules largou de lado seu caderno e perguntou:

— Diga, Augusto, onde você se mete toda a noite?

Meu pai, brincando de equilibrar o lápis na ponta do dedo indicador, respondeu:

— Faço meu pé-de-meia.

E contou seu segredo. Quando descobrira a portinhola do cemitério, deambulara pelas redondezas, fazendo um reconhecimento do bairro. Naquela noite, ao descer a rua que virava à esquerda na primeira volta da ladeira, encontrara o Sobrado. Era uma casa antiga, de aberturas carcomidas pela maresia e tantas vezes pintada que suas paredes não tinham mais cor nenhuma, embora tivessem uma nuance de cada uma delas. De conversas com um homem parrudo e calvo que vigiava o portãozinho de madeirame branco, descobriu que ali se jogavam cartas. O jogo era de apostas altas e rolava dinheiro a rodo; dizia-se que andavam por ali até barões do café. Meu pai, esperto, compreendendo a oportunidade que tinha nas mãos, não se demorou em preparar uma cilada para o porteiro — de quem gostara, sem dúvida —, única alternativa para seu problema: derramou, numa vez em que o tal se desprevenira, um purgante roubado dos padres dentro da sua marmita. O homem foi tomado de cólicas, e teve de correr para casa, onde defecou por quatro noites e três dias inteirinhos. Na pressa, sem ter escolha, deixou aos cuidados de Augusto a portaria do Sobrado. Nessas noites, meu pai fez amizade com o dono, um cigano de idade indefinida que largara a vida de viajante para fazer fortuna com o jogo. Nas horas vagas, feriados e dias de temporal, o homem tirava também a sorte de quem o desejasse, e não cobrava por isso nem uma moeda.

— Faço em memória do meu povo, que vive espalhado pelo mundo.

O Cigano encantou-se com os modos de meu pai e, como não fosse tolo, compreendeu rapidamente a artimanha que ele armara para afastar o porteiro. Quando esse se recuperou das caganeiras todas, o Cigano mandou chamar Augusto até o escritório.

Meu pai sentou-se no tamborete e ficou olhando a parede púrpura que descia do teto de cetim. O Cigano pediu que ele lhe contasse sua vida em duas frases, pois assim diria só o mais importante. Meu pai pensou um instante e respondeu:

— Fujo do colégio dos padres todas as noites com um bando de amigos e preciso ganhar dinheiro para virar o mundo.

O Cigano achou graça que uns quisessem parar e outros desejassem começar a caminhada. Explicou que seu negócio era sujo: proibia-se aquele tipo de estabelecimento na cidade.

— Mas gosto de quebrar regras — disse, enrolando com os dedos escurecidos de tabaco o bigodinho fino. — Mas você não está aqui pelas duas moedas que lhe paguei por noite. Está por quê, Augusto?

Meu pai respondeu que queria jogar cartas. O Cigano riu, o moleque era ainda um fedelho.

— Sei tudo de baralho — disse meu pai, franco. — Aprendi com as putas que também me ensinaram o sexo. Mas acho que sempre tive um pendor para os jogos de azar. Quebro qualquer mesa em quatro rodadas.

O Cigano deu-lhe, então, vinte fichas e o mandou tentar a sorte. Faltavam onze minutos para a meia-noite, quando Augusto Serrat bateu à porta do homem. Ganhara mais quarenta fichas. Multiplicara duas vezes o dinheiro. O Cigano não se deixou abalar. Fez um trato com o rapaz: jogaria ali todas as noites, ganharia dele as fichas para a primeira mão, depois, à hora de retornar para a escola, dividiriam em partes de três para um o faturamento. Meu pai topou. O Cigano então, apertando a mão dele com seus dedos longos e cheios de anéis, disse que tivesse sorte.

— Perca três noites seguidas e o nosso trato estará encerrado, Augusto. Eu não sou de brincar com dinheiro.

E meu pai não perdeu nenhuma vez.

Hércules apertou o lápis contra o papel, surpreso. O grafite esfarelou-se num borrão escuro, manchando a folha. Meu pai tinha os olhos brilhantes e o rosto afogueado por causa da narração emocionada, mas sorria tranqüilamente.

— Já juntei um bom dinheiro — contou.

Hércules jurou não dizer nada para ninguém, mas quis saber como era o Sobrado, quem ia lá e se o Cigano tinha dentes de ouro. Meu pai respondeu a tudo, rindo ao explicar que a dentadura inteira do Cigano era dourada.

— Meu Deus — exclamou Hércules. — Os padres crucificariam você por isso — assobiou ele, num elogio.

No meio de tantas idas e vindas, e de passos noturnos pelos corredores vazios, os padres desconfiaram que havia algo anormal. Portas abriam-se sozinhas, ventos varavam os caminhos, entrando por janelas fechadas, sussurros e gemidos vinham dos lados do cemitério. Por vezes, o vigia noturno jurava ouvir sons de risada, coisa de arrepiar, dizia, os olhos arregalados de medo. Havia uma agitação quase palpável no ar.

— Tem alguma alma penada por aqui — disse um noviço, certa vez, ao encontrar aberta uma portinhola que jurara ter fechado a chave. — Que Deus nos proteja.

Enquanto isso, meu pai prosseguia com sua estranha vida noturna. Acordava cansado, rezava sem pensar uma Ave qualquer, trocando as palavras e desafinando nos hinos, mas dentro de sua mala de lona crescia a pilha de dinheiro ganho no cassino.

Numa noite, encerrado o jogo, o Cigano pediu para ler a sua mão. A essa altura, eram já amigos. Meu pai abriu a palma sobre a mesa de cedro, e o Cigano, correndo suas digitais pelas nervuras da pele

jovem, disse:

— Vá embora dessa terra de uma vez, Augusto. Não complete outro ano por essas bandas. Seu futuro está bem longe daqui e baila dentro de dois olhos verdes.

Meu pai ficou muito impressionado. O Cigano disse que podia ajudá-lo. Custaria muito, claro, perder amigo tão hábil no baralho; mas destino era destino, e não era bom que se retardasse.

— Tenho um amigo que possui um barco de comércio. Viaja por todos os portos. Falo com ele. Talvez você possa acompanhá-lo, Augusto; ele partirá no início do próximo mês.

E assim foi. O Cigano ajeitou tudo para meu pai, a quem queria muito bem, e, antes de pagá-lo por sua última jogatina, disse:

— Use bem esse dinheiro, meu filho. E, qualquer coisa, me procure. Vendo meu último dente de ouro para ajudá-lo, caso seja preciso. E não se esqueça — disse ele, abraçando-o —, olhos verdes, de mulher.

Augusto Serrat deixou o Sobrado com a alma triste.

Tendo quinze dias antes do embarque, retornou ao colégio, meteu suas poucas coisas na mochila, recontou seu dinheiro e, dando um adeus apressado aos colegas de tantas farras, atravessou o portãozinho de ferro pela derradeira vez e sumiu do colégio sem rezar nem as Vésperas. Soube-se que, um mês mais tarde, quando meu pai andava já trilhando mares, morreu padre Ingo, o vesgo, e o segredo do cemitério foi descoberto juntamente com o portãozinho escancarado que o último rapaz da fila esquecerara de fechar na pressa do sono; mas nenhum aluno sofreu represálias, tendo a culpa toda recaído sobre meu pai.

NAS PRIMEIRAS HORAS DAQUELA quarta-feira, 26 de outubro de 1928, um céu pesado e denso acompanhou Augusto Serrat rumo à casa paterna. Ia despedir-se de Leontina e da irmã. Durante a viagem, já envolto na brisa de cânfora que reinava na casa, rastro dos aromas da mãe, meu pai tentou recordar-se do rosto de Alice e se entristeceu ao constatar que não podia vislumbrar a menina. Sentado no banco tosco do trem — economizara o que pôde na passagem —, jurou que viajaria, sim, e pelo tempo suficiente para que fizesse uma fortuna considerável; mas que, ao voltar, fosse da China ou do inferno, haveria de viver para sempre perto da mãe e de Alice, nem que para isso tivesse de roubá-las do Avô. Meu pai não sabia, enquanto o trem se remexia suavemente sobre os trilhos, mas a vida se encarregaria de livrá-lo desse encargo e, muitos anos mais tarde, fortuna feita e aliança no dedo, Augusto encontraria do pai apenas uma cruz enferrujada no cemitério municipal e uma série de histórias gastas sobre suas maldades maiores.

TIA ALICE ACORDARA com a imagem do irmão grudada à sua retina. Com ele, sonhara a noite inteira e levantou-se meio zozza de tanto beijá-lo e tocá-lo, maneira única que tinha de matar suas saudades. Lavou-se, meteu o corpo ainda impúbere dentro de um vestido fresco, pois o sol ardia no céu como uma bola de fogo, e foi tomar seu desjejum. Durante toda a manhã, manteve o mesmo silêncio de cão sem dono — assim costumava chamá-la a avó Leontina —, mas, como se ainda o peito lhe apertasse mesmo depois do estômago cheio, chegou-se para os lados da mãe e, sussurrando em seu ouvido, falou:

— O irmão não me larga o pensamento. Alguma coisa está para acontecer.

Minha avó, coitada, súbito sentiu um aperto no coração. Engoliu o bocado de bolo que mastigava com o mesmo esforço que engoliria uma pedra do calçamento, depois balbuciou:

— Não me mate antes do tempo, menina. É coisa boa ou ruim, isso que você está agourando?

Tia Alice respondeu que não sabia. Ia dizer mais, mas ouviu aqueles passos arrastados pelo corredor e, como sempre sentia ao sabê-lo por perto, teve um arrepio de medo. Arrebatou da mesa uma fatia de bolo e meteu-a dentro do bolso do vestido, correndo para terminar seu café na solidão da varanda.

Foi a primeira a ver meu pai e reconheceu-lhe as mudanças ainda quando mal ele virava a esquina. Havia se passado pouco tempo desde as últimas rápidas férias, mas Tia Alice achou-o outro. Mais alto, mais magro, era um homem. De longe ainda, vendo apenas o borrão negro de seus cabelos, saiu ventando pelo jardimzinho e, gritando em desafinos seu nome tão saudoso, Alice atirou-se em seu colo, feliz como um bichinho que encontra o dono. Meu pai perdeu qualquer tino. Nos últimos tempos, Alice quase se transformara em mulher, com seus grandes olhos verdes, olhos de poço, dizia sempre ele, tristes e melancólicos. Afastando-se para vê-la melhor, ele falou:

— Está tão bonita, irmã! Mas falta luz nesse olhar...

A tia cheirou-lhe o pescoço e, grudada a ele, respondeu que era a solidão.

— Mas tão menina, Alice? E o resto da gente de casa não lhe faz companhia?

— Para se ser só, Augusto, não é preciso estar sozinho — disse ela. — Em mim, é uma coisa que vem da alma.

Meu pai fitou-a, guardando-a em todas as nuances na biblioteca da memória. Sabia bem que a irmã era assim: bonita, de uma beleza lânguida, tendendo a alguma obesidade com o passar dos anos, com seus olhos verdes como as folhas outonais, suavemente desbotados. E assim, com as tranças escuras sobre seus ombros, meu pai levou-a em seu pensamento, quando o Avô o expulsou da casa, mais tarde, naquela mesma manhã, perdendo Alice de vista, para reencontrá-la, dez anos depois, ainda sem marido e com os mesmos ares de entardecer.

Não tardou para que minha avó Leontina e o Avô fossem descobrir o que acontecia na varanda, com os cães latindo e as mucamas em alvoroço. Meu pai, no centro de tudo, contava algumas estripulias para

divertir a cozinheira, levava Tia Alice agarrada ao seu braço e, com os olhos agitados, buscava o vulto de sua mãe.

Leontina chegou pálida e com o esposo em seu encalço. Trêmula de alegria, abraçou o filho, rodeando seu corpo morno e rijo, testando para ver se emagrecera, se seu rosto era corado, se estava bem e feliz. O Avô, sob a soleira da porta, fez uns cálculos mentais e certificou-se — a bile já invadindo sua boca — de que faltavam ainda uns bons dias para as próximas férias. Cortou o reencontro por ali mesmo, num berreiro que fez os cães correrem para o quintal, pressentindo o cheiro do perigo. A criadagem também tratou de sumir. Minha avó, como de hábito, postou-se entre o filho e o marido, enquanto Tia Alice, numa mudez hesitante, sentava-se no degrau da escada. Se o irmão apanhasse, ela desmaiaria.

— Saia daí, Leontina — bradou o Avô. — Sua coragem nunca adiantou de nada nesta casa. Além do mais, o moleque escapuliu do colégio. Com certeza vai ser expulso, diabos!

Minha avó Leontina petrificou-se, os olhos ardentes num misto de fúria e medo. Atrás dela, num falar manso, meu pai pediu:

— Pode sair, mãe. Agora já tenho idade de haver-me com ele. — E para o pai: — Vamos conversar lá dentro, como deve ser.

O velho postou-se no umbral. Conforme fosse, não havia caso de entrar na sala. Se Augusto havia fugido, bradou, o dedo em riste, tomasse qualquer outro rumo na vida.

— Nesta casa, não fica mais. Ou você será bacharel, como sempre desejei que fosse, ou vai-se embora daqui. Não sustento filho vadio.

Meu pai sentiu o peso da bolsa de lona sobre seu ombro; estava tranqüilo. Não havia voltado para casa em busca de asilo, disse, a voz sibilante.

— Vim me despedir da mãe e da irmã. Vou trabalhar num navio.

Depois, enquanto o Avô recompunha seu discurso, furioso, meu pai beijou o rosto lívido de Leontina e, abraçado à irmã, sussurrou-lhes que voltava, que não partia para sempre. Qualquer dia, estaria de volta.

Assim, o Avô mandou embora o filho como quem despedia um criado ladrão. Viu-o sumir pela ruazinha serena, o sol incidindo sobre sua cabeça negra, ereta e elegante, as pernas ágeis cruzando-se em passos largos. Não chorou, o velho, embora, no fundo de seu espírito, estivesse aos pedaços. Amava aquele menino, e esse ardente segredo nunca contou a ninguém, sob pena de deparar-se, dessa vez sem volta, com a grandeza de sua perda.

Ao ouvir o choramingo de minha tia, num canto da varanda, o Avô gemeu:

— Cale essa boca, Alice. E apague esse moleque da sua mente.

Depois entrou, batendo todas as portas à sua passagem.

O DESAPARECIMENTO DO FILHO infligiu à minha avó um sofrimento inimaginável. Emagreceu a olhos vistos, acordava trêmula e chorosa no meio da madrugada; pensava em Augusto todo o tempo. Desde o dia em que partira meu pai, a minha avó tomou a firme decisão de ignorar o esposo. Passou a falar-lhe apenas para pedir o dinheiro da casa, deixava-o sem o jantar e ia dormir, passava o ferrolho na porta do quarto, obrigando-o a deitar-se na salinha do escritório, manchava suas camisas prediletas por puro gosto, servia perdiz no almoço somente para vê-lo ir comer fora, pois sabia que o Avô detestava o gosto dessa ave. Odiava-o, e atrapalhar sua vida nos detalhes mínimos era o seu passatempo.

Tia Alice mudou também, mas pouco, pois era já quase monossilábica com o pai. Desbotaram ainda mais os seus olhos tristes, engordou alguns quilos e terminou o ginásio; mas, afora isso, continuou sorumbática e esperançosa do dia em que voltasse o irmão, única alegria que via naquela casa de gentes confusas. Por causa de minha avó, obrigou-se a falar mais com o pai, já que, sempre que podia, Leontina servia-se da menina para mandar seus recados ao esposo.

Assim transcorreu a vida no sobrado de janelas azuis do Avô. Com os meses transformando-se em anos, o mundo continuou girando em sua rota estranha. Na América, a Bolsa de Nova Iorque quebrara, arrastando consigo muitas economias, falindo bancos e reduzindo o comércio internacional de maneira espantosa. O desemprego alastrou-se e a crise ganhou o mundo. As coisas mudavam constantemente até mesmo no Brasil, até mesmo na cidadezinha praiana onde minha avó Leontina esperava pacientemente a volta do filho, mas nada disso a interessava. E, como meu pai nunca mais voltasse nem que fosse para pedir guarida, também o velho caiu em dissabores. Atendia a poucos clientes, perdia umas causas, falava mal das exportações e dos americanos, a quem sempre vira com desconfiança. Às vezes, antes de dormir, pegava-se com os olhos úmidos de lágrimas, mas atribuía-as ao sono iminente, pois o Avô não queria dar-se conta dos próprios sofrimentos.

Enquanto, na Europa, Hitler abandonava a Liga das Nações e, no Brasil, Getúlio acenava, cheio de sorrisos, para o povo, o Avô faleceu inesperadamente. E foi assim: numa alvorada qualquer de um outono manso e fresco, o velho acordou com uma cor amarelada e com os olhos baços. Não deu nenhuma ordem a ninguém e teve pouco apetite. Minha avó, acostumada com os desmandos do marido, estranhou sua súbita calma e a cor de suas faces, mas nada disse. No fim da manhã, ao passar pelo escritório, a avó espiou através da porta semi-aberta e, vendo o marido sentado em sua cadeira de couro fitando a rua através da janela, reparou que ele parecia inchado e que auréolas azuladas circundavam os seus olhos. Teve com isso a confirmação de que o Avô não estava lá muito bem.

— Perdeu alguma causa — disse ela para Alice, à mesa do almoço. — Por isso está amofinado assim. Não pode ser apenas seu desagrado por Getúlio Vargas.

Sem almoçar, o Avô atirou-se em sua cama que, por remorso, Leontina preparou e ofereceu, e lá ficou

até a noite. O médico veio vê-lo e encontrou-o arroxeadado e demente, com uns ares de defunto — sina da qual nem mesmo o orgulhoso Avô havia de escapar. Examinando-o de tudo quanto fosse jeito, não lhe diagnosticou nada, mas garantiu que não era desagrado por política nem causa jurídica perdida. Disse que talvez morresse de algum medo recôndito ou de pura tristeza.

— Às vezes, a melancolia chega nessa etapa da vida — assegurou o médico.

— Morre é de arrependimento — arriscou minha avó — por ter mandado embora de casa o único filho.

O doutor não opinou, até porque não se intrometia nessas rixas de família. Quedou-se no sofá da sala, remexendo um gigantesco compêndio que em nada lhe esclareceu. Na manhã seguinte, o Avô amanheceu morto e frio. O médico, curioso por aquela doença inexplicável, quis realizar uma autópsia no morto, coisa que a avó Leontina lhe negou.

— Me diga se essa tal doença que o levou pode ser contagiosa — quis saber ela, olhando o Avô estirado muito durinho sobre a cama de tantos anos de casamento infeliz.

— Muito difícil que seja — falou o doutor.

— Então, deixe-o como está — respondeu minha avó, aliviada.

E enterraram o Avô numa tarde ensolarada e agradável. Tia Alice, parada muito rígida ao lado da mãe, chorou mais de remorso pelo nada que sentia do que de dor. Em verdade, ainda antes do velório, achara a casa mais arejada e grande, como se a pessoa do pai a houvesse ocupado em demasia. Essa nova liberdade, a paz reinante na sala de jantar, no escritório e no jardim — até mais colorido que outrora —, lhe trouxe uma tranqüilidade da qual havia esquecido. A tia chegara até mesmo a rir, vestindo-se de negro para o velório do seu pai. Pensando nisso, chorava mais.

Já no enterro, uma parenta distante, alta e magra como uma vassoura de piaçava, apertou-lhe a mão, reconfortando-a:

— Deixe de prantos e não se exaspere, menina. Deus quis tê-lo ao seu lado.

Tia Alice aceitou o carinho, duvidando muito da certeza da mulher. Bem se via que morava distante e pouco vira o velho.

COM A MORTE DO AVÔ, a vida tornou-se bem mais amena para as duas mulheres. Passados alguns dias a avó Leontina achou por bem tomar o prumo da sua própria vida e abriu as janelas de par em par, assim o ar novo haveria de encher aqueles ambientes de clausura e solidão. Os dias de modorra haviam ficado para trás.

Como o Avô fosse metódico e organizado, foi fácil que Tia Alice e ela ficassem a par das finanças da



família. Descobriram, nuns cadernos anotados a garranchos e escondidos numa gaveta fechada a chave, que o velho fora sovina e discreto, e que tinham bens suficientes para que as duas levassem uma vida agradável e tranqüila. A avó, dona de seu nariz pela primeira vez em seus anos, mudou toda a decoração da casa, começando pela compra de outra cama: enfim, queria livrar-se das marcas do esposo defunto. Depois, cabelos cortados à nova moda, minha avó achou por bem viver a vida que lhe restava.

— Agora, se me voltar Augusto, sou uma mulher feliz — dizia ela. — Tudo o que eu sempre desejei foi fazer as contas desta casa.

Tia Alice, que andava lá pelos quinze anos, teve também de encontrar-se. Tarefa difícil, já que nunca antes soubera ser ela mesma, sempre calada e sombria, temerosa dos olhares críticos do pai. Com o passar dos dias, descobriu-se alegre e disposta como qualquer rapariga da sua idade. Gostava de cantar e arranjou uma professora para educar-lhe a voz. Apesar dos seus desafinos, a tia possuía uma vivacidade tão perene que chegava a encobrir sua falta de talento para o canto. Assim ia Alice, moça feita, com seus mesmos olhos verdes e úmidos, suas carnes fartas e seu sorriso de anjo. Minha avó, vendo a filha aprender a cantar e a tocar piano, indo e vindo das missas vespertinas, frágil e inocente como uma criança, chamou-a, certa tarde, ao escritório — onde agora ocupava a grande cadeira de couro marrom já um tanto gasto — e disse-lhe que era hora de casar-se.

— Não um casamento como o meu, é claro — apressou-se em explicar para a moça. — Mas com alguém que você ame e que a respeite.

— Eu não amo ninguém — disse Tia Alice, passando em revista os poucos pretendentes da cidade.

— Então abra seus olhos, Alice. E, quando se apaixonar, me avise. O tempo passa depressa demais — sentenciou minha avó.

E Tia Alice prometeu avisar.

NAQUELA TARDE QUE PARTIU para ganhar o mundo, Augusto Serrat deixou a casa do pai com um certo alívio. Sabia que sua mãe era paciente e forte, combinação que a ajudara a resistir ao Avô por todos aqueles anos; sabia que ela podia agüentar mais. Mas meu pai tinha, no fundo da sua alma, medo por Alice. Frágil, mansa, dominada pela tirania do Avô, a irmã tinha um ar de desencanto e solidão que chegara a impressioná-lo. Dobrando a esquina, meu pai avistou o mar, verde e lindo. Precisava de algum tempo para tomar as rédeas da vida. Virou a cabeça, tentando enxergar o sobrado, mas não mais pôde vê-lo. Voltaria logo, ele tinha certeza. Aspirou o ar fresco e salgado, o ar marítimo que tanto amava. Consultou o relógio: quatro horas e vinte minutos, tinha tempo para divertir-se. Na manhã seguinte, rumaria para o porto.

O capitão do qual falara o Cigano era um homem alto, de pele e olhos castanhos, que falava numa voz serena e decidida. Tinha, no entanto, dentro do azul dos seus olhos, a força e a garra de muitos oceanos e tempestades. Virara o mundo num navio. Sua idade era vaga, porque a morenidade de sua pele lhe dava uns ares quase juvenis; no entanto, linhas suaves lhe nasciam dos olhos e dos cantos dos lábios finos. Conheciam-no, simplesmente, por Capitão; e assim meu pai chamou-o durante os anos em que varou os mares ao seu lado. O Capitão tinha uma mente iluminada e ágil, era um solteiro empedernido, mas, com o passar do tempo, sentia falta de uma única coisa: filhos. A chegada do jovem e alegre Augusto Serrat lhe acalmou os ânimos: adotou-o sem reservas, ensinando-lhe tudo o que sabia, divertindo-se com seu bom humor inquebrantável, sua astúcia e sua franqueza.

O navio era uma embarcação simples, sem muitos confortos, e tinha uma tripulação de vinte e dois homens que não faziam nada sem uma ordem do Capitão. De porto em porto, de cidade em cidade, da China para Londres e daí para a Alemanha, cortavam águas transportando especiarias de um lugar para outro. Meu pai, auxiliando o Capitão, conheceu cidades e países, navegou mares bravios e mares serenos, mares de paz e mares em guerra, amou tantas mulheres quantas lhe incitou seu coração inquieto e ardente e seus desejos avassaladores de rapaz sem pouso. Aprendeu a rezar fervorosamente quando as ondas balançavam tanto o barco que batiam, feito línguas encharcadas de saliva, no vidro da sua escotilha. Meu pai teve medo, muitas vezes, e quis partir para terra firme, cravar os dedos na areia e dormir sob lençóis recém-engomados, numa cama de colchão de penas num lugar de eterno armistício. Mas, passados os pavores ou temporais, ele acordava tranqüilo. No convés, debruçado sobre o azul infinito, mescla de água e de céu, meu pai acalmava seu espírito atribulado: precisava daquelas viagens, da paz das noites marítimas, onde as estrelas brilhavam feito diamantes sob o veludo negro dos céus estrangeiros.

— Eu gostaria de dar uma volta infinita pelos mares, sempre em frente, sempre... — dissera meu pai, certa vez, para o Capitão. — Não parar nunca.

O Capitão olhou duas andorinhas que rasgavam o ar cálido da manhã. Pensou em seus quase cinquenta anos. Era um pássaro solitário. Logo, haveria de pousar. Queria pousar. Ao seu lado, meu pai tinha os olhos febris; o rosto de linhas fortes era belo e jovem. O Capitão sorriu mansamente.

— Eu fiz isso por muito tempo, Augusto. Mas então, quando se olha para trás, percebe-se que agir assim é o mesmo que ficar parado. Muda apenas a perspectiva.

Meu pai ouvia em silêncio.

— Um dia, sua alma vai querer pouso, Augusto, e você terá de parar.

— Você quer parar, Capitão? — quis saber ele.

O homem mais velho fitou-o, e meu pai reparou o azul cristalino dos seus olhos pequenos e tristes.

— Você está aqui para tomar o meu lugar, Augusto Serrat.

— Eu? Quando?

— Quando for o tempo, espero que seja logo.

Meu pai tinha vinte e quatro anos, seis anos após ter sido expulso da casa do Avô, quando o Capitão achou que havia chegado, finalmente, o seu tempo de parar. Procurou Augusto, numa tarde chuvosa daquele ano de 1934. Estavam atracados no porto de Rio Grande fazia duas semanas. O Capitão bateu à porta da cabine de meu pai, acordando-o de um sono profundo, ressaca de um amor barato e de mais duas garrafas de vinho. Meu pai recebeu-o com os olhos vermelhos e os cabelos caídos em desalinho sobre a testa alta.

— Desculpe acordá-lo, Augusto — disse o Capitão, sentando-se na única cadeira do compartimento apertado. — Mas vim lhe dizer que vou me casar.

Meu pai soube, então, numas poucas frases ditas com a pressa do amor, que o Capitão reencontrara, ainda na noite anterior, a única grande paixão de sua juventude errante. Sorrindo, o Capitão contou que ela não tinha mais a mesma esbelteza dos anos em que desfilava ao lado do pai pelo salão, mas, viúva, mãe de um filho já quase moço, ardia em seus olhos de verniz negro o mesmo brilho de chama que o encantara havia vinte anos, talvez até mais intenso.

— O tempo não traz só mazelas — disse o Capitão, o rosto lívido de amor. — Para ela, fez bem. Ganhou uns centímetros na cintura e, certamente, em muitos outros pontos que nem ousou imaginar, mas tem uma serenidade quase celeste. E seu riso ainda vibra feito som de cachoeira...

— Você é quase um poeta — disse meu pai, tentando vislumbrar a mulher que ele descrevia.

— Todos que vivem no mar são poetas, Augusto. E também há o amor, e isso muda tudo num homem.

O Capitão tinha pressa e casou-se ainda na mesma semana, de modo que meu pai tomou-lhe o lugar durante as bodas e, passado o tempo, acabou assentando-se de vez na cabine principal, porque o Capitão ansiava por viver a felicidade a que tinha direito. Augusto, juntando suas economias, ganhas em muitas mesas de jogo e mais nuns negócios marítimos que ele mesmo tratara, conseguiu, alguns anos mais tarde, comprar parte do barco do Capitão, dividindo assim os lucros das viagens em proporção igual. Meu pai estava começando, então, o seu próprio negócio e contava, nesse tempo, vinte e oito anos.

ELEANOR DE BORDELAC, MINHA MÃE, tinha quinze anos quando sua própria mãe morreu, bem deitada na cama que dividira com o marido, numa vila de Bordeaux, por mais de trinta felizes anos. O desaparecimento da doce mulher de olhos castanhos, cujos cabelos deixavam emanar um suave e celeste aroma de verbena — pois para minha mãe os anjos não poderiam cheirar de outra maneira —, dividiu a

sua vida pacata. Com a morte dessa minha avó que nunca conheci, de um dia para outro e sem saber por quê, a francesinha Eleanor virou mulher.

Minha mãe amanhecera naquele morno dia de maio, alguns meses antes, ainda a mesma moça de sempre, que escolhia as rendas dos seus vestidos e visitava, semanalmente, os doentes do hospital de Bordeaux levando uns doces feitos pela cozinheira da casa. Afora isso, vivia para os estudos que lhe ocupavam três manhãs da semana nas quais aprendia história, geografia, espanhol e matemática, e para ler seus livros, praticar equitação e pintar seus quadros, quando estava inspirada para tanto. A casa, os vinhedos, a despensa e os horários de comer e dormir eram todos regrados por sua mãe, Rosaura, e por seu pai. O único irmão, René, dez anos mais velho, casara-se e tinha esposa e filhos a alguns quilômetros da propriedade paterna. Tranqüila assim era a vida de Eleanor de Bordelac.

Ela era uma moça vivaz, bela e, às vezes, teimosa — até a quarta-feira em que a Senhora Rosaura, minha avó materna, chegou em casa sentindo-se um pouco tonta e vomitando uma bile leitosa. As empregadas acorreram, levando sua Senhora para a cama, abrindo as cortinas para que o frescor adentrasse o quarto, fazendo-lhe o chá de ervas curativas para o estômago. De nada adiantaram tantos zelos, pois a moça Eleanor, prestimosa e um pouco preocupada, viu sua mãe, suave criatura perfumada, ir-se esvaindo em dores estomacais que a faziam chorar umas lágrimas mornas. No final da tarde, com a chegada do Senhor de Bordelac, ficou claro que urgia a visita de um médico, pois Rosaura estava pálida feito a fronha alva de seu travesseiro e suava frio. De quando em quando, os olhos revirados em suas órbitas, resmungava uma ou outra palavra, todas incompreensíveis.

O Senhor trouxe o médico da cidade que, examinando a doente, fazia caras de intensa estranheza. Eleanor, quieta e afundada numa poltrona, percebeu, não sem certo espanto, que sua mãe tinha uma língua e pêlos púbicos e reentrâncias impensadas e que, a despeito de todos os seus ares de fada, era como qualquer outra mulher desse mundo. Depois de bisbilhotar todo o corpo da Senhora, o jovem médico, a testa úmida de suor, chamou a família num canto e, numa voz lastimosa, disse que aquilo se tratava de um caso de envenenamento.

O Senhor de Bordelac empalideceu. Mas, afinal, quis saber ele, quem haveria de envenenar sua esposa, tão prestimosa e querida? Eram família apreciada e antiga em Bordeaux.

O médico pigarreou um pouco e, anotando tudo num caderninho, disse:

— É provável que não tenha sido coisa proposital. A Senhora comeu alguma coisa estragada, podre mesmo.

E, a caneta suspensa no ar feito uma marionete, quis saber por onde tinha andado a paciente quase moribunda. Minha mãe respondeu que Rosaura de Bordelac visitara uns pobres do campo e fora ver uma menina que nascera havia alguns dias.

— Para o lado de lá dos vinhedos — completou.

O doutor Percival, olhos vidrados naquela moça dourada que surgira das sombras do quarto,

enumerou uma longa lista de cuidados que, ao cabo de quatro dias, revelaram-se inúteis, pois a pobre Senhora faleceu sem um suspiro, na mesma quietude em que vivera os seus anos. Morreu sem causa conhecida; mas destino era destino, e talvez tivesse ingerido uma daquelas frutinhas vermelhas, belas e fatais, que se balançam dos galhos pelas alamedas silvestres, pequeninas e traiçoeiras, e que as babás vivem arrancando das mãos dos seus pupilos curiosos.

Artur de Bordelac, meu avó paterno, enterrou a esposa como se enterrasse a melhor parte de si. Sua morte parecia-lhe o pior dos pressentimentos, e já era um tempo em que a França andava inquieta com as loucuras do austríaco chamado Hitler. À noite e em casa, na sala do grande sobrado onde vivia, tendo ao lado os dois filhos, Eleanor e René, o Senhor era já outro homem: seus cabelos haviam branqueado e de seus olhos vinha um pálido reflexo de seu antigo brilho ensolarado. A cabeça repousando sobre almofadas, ele farejou no ar os últimos odores da Senhora; depois, pálpebras fechadas para conter o choro, anunciou:

— Nunca mais vou ser feliz nessa vida.

E minha mãe, Eleanor, não duvidou da certeza paterna. Sentada em frente a ele, olhando a pequena sobrinha que a esposa de René ninava na varanda, percebeu que se acabara sua infância: agora era uma mulher. No dia seguinte, minha mãe amanheceu distribuindo ordens às empregadas chorosas; alguém devia dar tino na casa, tocar os trabalhos, coordenar os empregados. Para o seu pai, o fardo de cuidar dos vinhedos de Bordelac era já árduo demais.

Com o tempo, a lembrança cálida e morna da mãe deixou de entristecê-la; via-a navegando pelos corredores ensombreados, qual um navio fantasma, arrastando sua longa saia de seda verde, e a mãe lhe sorria com afeto. Eleanor transferiu então as aulas para o turno da tarde, quando a casa estava já em ordem, o almoço servido e as tarefas em andamento, e esqueceu de vez a pintura. Artur de Bordelac, meu avô, arrastando-se em saudades, teve orgulho da sua filha.

— Eleanor virou mulher — disse ele, certa tarde, para René. — Precisa arranjar um marido. Assim, vocês dois encaminhados, poderei morrer em paz. A não ser que a guerra chegue até a nossa terra.

— Vai chegar — disse René, sombriamente. — Vai chegar. A guerra está às portas da França, pai.

Depois, René tentou desfazer as idéias do pai sobre a urgência da morte, mas teve de concordar que era já bom tempo para casar Eleanor e, talvez, mandá-la para longe da Europa, onde a paz parecia reinar sem ameaças.

Quando o falecimento da sua mãe completou dois meses, Eleanor recebeu a visita do jovem doutor Percival. Apesar de não ter salvado a Senhora da doença, Percival, um tanto em dúvida se agia certo, não pudera esquecer os grandes olhos verdes e silvestres que vira na casa dos Bordelac e fora visitar minha mãe. Sentado na clara e ampla sala de visitas, olhou bem a moça Eleanor e achou-a tão ou mais linda do que recordava, percebendo que crescera, estava mais séria, mais emproada, os cabelos soltos ao longo do rosto ovalado lhe davam uns ares de madurez. Aceitou o chá que minha mãe lhe ofereceu e, depois de

trocadas as frases de praxe, disse num tom de desculpas:

— Ninguém escapa ao seu fado. Nem a medicina pode mudar isso.

Eleanor, minha mãe, sorriu docemente, percebendo, enfim, o constrangimento do jovem doutor. Achou que ele era um homem bonito, talvez tivesse vinte e seis anos, não mais do que trinta; olhos azulados feito o mar, cabelos castanhos que se juntavam em suaves ondas e um riso de menino.

— Não se preocupe, doutor — respondeu ela, adoçando o chá e entregando-lhe a xícara de porcelana. — Mamãe foi boa demais. Partiu porque era a sua vez.

O doutor suspirou aliviado. Mais calmo, recostou-se nas almofadas do sofá e desandou a contar coisas banais, inserindo entre seus comentários alguns segredos de sua própria vida, travando amizade e sondando a moça. Chamava-se Percival de Perriout; Percival, como o que buscara o Santo Graal, antiga lenda da terra, disse ele para encantá-la; estudara medicina em Paris e agora, aos vinte e sete anos, instalara-se em Bordeaux para fazer seu futuro.

— Consultório e boa clientela já tenho — falou ele, sorrindo, os olhos estalando em azul. — Me falta agora uma boa esposa.

Minha mãe sentiu-se enrubescer com as palavras do jovem médico, mas não respondeu nada. No final da visita, despedindo-se na varanda, os dois combinaram um passeio pelos vinhedos e, enquanto via o doutor sumir em seu carro escuro, minha mãe pensou que talvez fosse assim mesmo que casassem as moças: com galantes doutores que velavam leitos e que diziam poemas decorados nas pândegas da faculdade.

Entrou em casa, tratou de organizar o jantar, esquecendo-se por completo de Percival, até que o Senhor de Bordelac quis saber quem viera vê-la. Então, minha mãe contou numas poucas palavras a vida e os desejos do doutor, que era alegre e suave, falante e um pouco tímido. O pai, entre um bocado e outro, os mesmos olhos tristes de quem não queria mais ser feliz, disse que o médico era bom partido e tudo o mais; no entanto, não podia perdoá-lo pela morte de sua amada Rosaura.

Conforme o combinado, Eleanor e Percival visitaram os vinhedos, fizeram piquenique à sombra dos parreirais, foram a dois bailes e a uma peça de teatro. Trocaram confidências de infância, discutiram a proximidade da guerra, dividiram o medo que os dois sentiam dos alemães e sua fúria, e acabaram por tornar-se amigos. No meio de tantas novidades, trocaram seu primeiro beijo numa noite úmida e de céu pesado, quando escapuliram do salão de danças e, entre os galhos de um cipreste, se abraçaram; nasceu desse abraço o primeiro beijo — junto com o qual veio um solene compromisso de noivado. Naquela noite, minha mãe, que era ainda tão jovem e ingênua, deitou-se em sua cama suspirando. Pela janela aberta, entrava o vento fresco que trazia a chuva, ainda fina e quase imperceptível. Encostou a cabeça no seu travesseiro, sentindo-se feliz. Lembrando da boca morna e úmida de Percival, ela achou que o amava e, feliz, fez os primeiros planos para o casamento que certamente aconteceria. Depois, cansada das danças, fechou os olhos e resvalou para o sono. Num canto escuro do quarto silencioso, sua mãe olhou-a

com seus olhos de morta, sorrindo, suas longas saias arrastando-se dois palmos acima do chão enquanto balançava suavemente a cabeça irreal. Minha mãe, sentindo um frio lhe correr pela espinha, abriu os olhos, confusa. Viu apenas, no escuro do quarto, um último rastro de vento e o balanço, muito suave, das pesadas cortinas de veludo.

ENQUANTO TARDAVA O AMOR, o dinheiro enchia os bolsos de meu pai Augusto. Seu talento para os negócios fluía cada vez mais intensamente e, viajando de um canto a outro do mundo, amealhara já boa soma, a qual guardava numa conta bancária no Rio de Janeiro. Também tivera bom tino para aproveitar os boatos de uma guerra que viria e mantinha um comércio forte com alguns países da Europa. Tendo já boa situação financeira, meu pai passou a cogitar a idéia de voltar à casa paterna. A saudade lhe doía e, muitas vezes, sem que se apercebesse disso, uma tarde inteira escorria enquanto ele ficava rememorando o rosto da avó Leontina, adivinhando seus olhares e risos, e tentando acompanhar o crescimento da menina Alice que, talvez, estivesse até mesmo casada, pois já andava pela casa dos vinte anos.

Nesse tempo todo, meu pai conhecera muitas mulheres. Era um sedutor, com aqueles seus grandes olhos cheios de promessas e seu riso de cigano. Por onde passasse, coisa da qual minha avó Leontina sempre teve certeza, o meu pai dilacerava corações femininos e, uma noite aqui outra acolá, aquecia as camas de suas amantes, mas seu peito andava tão vazio como quando partira de casa. Em verdade, o belo Augusto Serrat sentia-se muito só. Talvez fosse isso que o impelisse a ver a mãe e a irmã: à noite, na casa que mantinha perto do escritório, ou no silêncio da sua cabine, meu pai encontrava sempre fria a sua cama, e a voz morta dentro de sua garganta, pois não tinha a quem desejar um bom sono, não tinha uma mulher para amar nem um teto para chamar de seu. Depois de muito tempo varando mares, meu pai, enfim, compreendera as palavras do Capitão. Também ele era um pássaro solitário, que não tinha mais gosto em revoar.

Corria o ano de 1937 e Hitler dava seus primeiros passos na sua trajetória de horror. Eleanor, minha mãe, e o doutor Percival noivavam calmamente sob o olhar levemente contrariado de Artur de Bordelac, e Augusto, meu pai, berrava aos quatro ventos no convés do seu barco. Ia para a França, donde traria um carregamento de vinhos e especiarias para o Rio de Janeiro.

Em Bordeaux, minha mãe, cálida e risonha, contava ao noivo a cor das roupas de cama que mandara bordar na cidade. Percival, como sempre quando estava perto do Senhor, remexia-se inquieto em sua cadeira. Alguma coisa lhe apertava o peito. Ouvia as palavras da sua noiva, perdido nos contornos daquele belo rosto dourado, os olhos verdes de relva, brilhando ao descrever os preparativos das bodas. Ele sorriu, mostrando que achava tudo muito bom. Fizesse como queria, afinal, a casa seria dela.

Percival se mexeu mais uma vez, tornando a cruzar as pernas enfiadas nas calças de flanela. Num canto da sala, Artur de Bordelac servia-se de vinho.

— Aceita? — indagou.

Percival assentiu. Alguma coisa ardia em sua alma, uma inquietação que não vinha dos boatos de guerra. Pegou o cálice, agora com seu cristal tingido de rubro, e, olhando de soslaio para a doce Eleanor, tentou acalmar-se. Estava tudo bem. A Senhora morrera havia muito tempo, talvez nenhum médico pudesse curá-la. Percival de Perriout voltou para junto de minha mãe e, suavemente, tomando as mãos finas entre as suas, quis saber:

— Você não me tem mágoa daquilo, tem?

Minha mãe, já acostumada com os medos do noivo, respondeu rindo que não. O jovem Percival aquietou-se, aliviado. Tomou um grande gole de vinho, perguntando quantas fronhas e toalhas Eleanor já comprara, e tentou dar a isso um ar casual e alegre. Em seu peito, a angústia teimava, e o pobre Percival não sabia o porquê.

OS CAMPOS VERDEJANTES estendiam-se por onde a vista alcançava, e o ar de Bordeaux tinha o cheiro doce e inebriante das uvas. A primavera tornava as flores mais viçosas; o sol, qual um filtro dourado, iluminava ainda mais as cores do mundo. Meu pai recostou-se em sua poltrona, sentindo o leve sacolejar do trem, achando a França muito bonita e vibrante de cores. Aspirou profundamente o ar, que parecia curativo e benéfico.

No Brasil, deixara tudo acertado para a sua volta: iria ver sua mãe Leontina e Alice. Não sabia, é claro, enquanto o trem estancava na estação de Paris, fazendo planos sobre o futuro, que o Avô — único motivo que o afastava de casa — morrera, coitado, havia um punhado de anos.

Após a longa viagem de trem, já em Bordeaux, hospedado num hotel tranqüilo e alegre, meu pai resolveu tratar dos assuntos que o haviam trazido até a França. Sentado na cadeira, as costas eretas, o olhar sério que guardava para os negócios, meu pai acertou o preço do transporte marítimo e seu percentual de lucro. Do outro lado da mesa, o homem grisalho, olhos bondosos, assinava o contrato com uma letra graúda e definida.

Artur de Bordelac sorriu, terminando os contornos de tinta numa consoante rebuscada. Gostara do rapaz brasileiro, modos ágeis, inglês um tanto confuso. Conversavam em espanhol, língua que o Senhor e seus filhos haviam aprendido com a finada esposa, Rosaura, que era espanhola. Recordando-se da figura feminina e luzidia, os olhos de meu avô Artur devem ter transbordado de sombras saudosas. Meu pai, educadamente, fingiu não notar a repentina melancolia do homem e seguiu falando amenidades sobre a



beleza do lugar, quase poética.

— Está feito — disse o Senhor de Bordelac, tentando afastar as suas lembranças —, um bom negócio para todos. E você tem o prazer de andar por essa nossa linda terra. Os campos de Bordeaux são muito bonitos. — Estendeu o papel assinado: — Fizemos um excelente negócio.

Meu pai serviu licor em dois pequenos cálices. Depois, entre umas conversas confusas e amistosas, o Senhor de Bordelac convidou-o a um jantar em sua casa.

— Uma festa entre amigos — disse ele. — Mais um dos tantos jantares para comemorar o casamento de Eleanor, minha filha, daqui a dois meses. Casar-se-á com um médico.

Eram quase trinta convidados e Eleanor, bela e suave em seu vestido de rendas, circulava entre uns e outros, sorrindo aqui, aceitando elogios adiante. Seus grandes olhos verdes irradiavam uma luz morna e tranqüila. Conversando com um velho senhor, minha mãe avistou, num canto do salão iluminado, Percival, que olhava, através das portas da varanda, a noite serena. Mais uma vez, observando-o em seus jeitos suaves, sentiu que o peito enchia-se de tranqüilidade e conforto. Não sabia ainda, a jovem Eleanor de Bordelac, que o amor não era sentimento plácido, não era rio. O amor, sempre mar revolto, bate em ondas, quase afoga, embala nas calmarias, refresca ao sol escaldante. Para ela, vendo o sorriso cálido e quase infantil de Percival, amá-lo era viver entre as paredes do chalé castanho que ele lhe comprara, era ouvir algumas antigas poesias e acalentá-lo entre seus braços, acariciando seus cachos quase dourados, quando algum paciente escapava às suas mãos, coisa da qual não se podia fugir.

O destino tardou um pouco, e minha mãe só conheceu meu pai após o jantar de cinco pratos. O pobre noivo Percival, pálido e delicado como um anjo, não percebeu a chegada daquele estrangeiro alto e moreno, de modos ágeis, que avançou pelo salão aconchegante e quase repleto, indo postar-se ao lado do Senhor de Bordelac. O dono da casa, ao vê-lo, abriu um sorriso franco. Foi assim, pela mão do seu próprio pai, que minha mãe conheceu Augusto Serrat — aquele que viria a mudar toda a sua vida — e foi dessa mesma maneira que, a mãozinha estendida para o cumprimento, descobriu as proezas da paixão. Sentiu-se tonta, tomada de uns delírios que, a princípio, imaginou serem de febre, mas que mais tarde o próprio Percival, num exame rápido e discreto, confirmou serem do espírito.

— Ou talvez do coração — disse o noivo, medindo-lhe o pulso. — Afinal, Eleanor, nos casaremos no início do mês.

Minha mãe, estirada no sofá da saleta, espiando pela fresta da porta entreaberta, tinha certeza de que não. Com os olhos varou o salão, procurando Augusto entre as gentes, já tomada por inteiro de um amor que lhe consumiu a alma feito fogo, e que continuou queimando dia após dia dos muitos que lhe calhou viver com meu pai. Deitada sobre o sofazinho, olhando as nervuras do teto, a pobre Eleanor tremeu de espanto. Ainda lhe corria mais rápido o sangue, ainda ardiam seus olhos pela visão daquele homem de

rosto anguloso, a pele enegrecida pelo sol, os olhos escuros e profundos, rajados com um brilho de coisas secretas. Olhou Percival, tão dedicado e manso, e virou o rosto.

— Estou doente — disse ela. — Quero ficar sozinha.

Percival obedeceu e foi ter com os convidados. Não era muito bom nas doenças da alma feminina.

MEU PAI ESPEROU ATÉ o fim da festa para rever Eleanor, mas ela não mais apareceu. Então, confuso e triste, voltou para o hotel, onde se deitou vestido e calçado, e assim, atirado sobre as cobertas, ficou recordando uma noite, muito tempo atrás, quando o Cigano do sobrado lhe dissera: “Seu futuro está bem longe daqui e baila dentro de dois olhos verdes.” Com a lembrança dessas palavras ardendo em seus ouvidos, meu pai foi tomado pelo vulto cristalino e luminoso da bela menina Eleanor, com seus olhos esmeraldados, da cor única das águas mornas do Caribe. Doente de amor, remexeu-se a noite inteira sem conciliar o sono e, quando os primeiros raios avermelhados da manhã vieram saudar seu rosto cansado, soube então que estava amando e que não mais partiria daquela terra se não levasse consigo Eleanor de Bordelac.

No final da manhã, sem ter muita certeza de sua lucidez, descobriu-se tomando licores com o Senhor de Bordelac e, entre um gole e outro, foi lhe falando como quem falava com o melhor amigo e disse que seu peito estava tomado de um amor insano, que não dormira a pensar naquela menina, que ao vê-la sua alma escorrera feito água de seu corpo.

— Estou seco... talvez o Senhor me compreenda — disse meu pai, os olhos febris. — Os homens quando amam perdem a medida das coisas.

Artur de Bordelac contou-lhe, então, sobre o dia em que sua mulher falecera, pouco a pouco, como um sol se pondo no mar. Nada pudera fazer para salvá-la, a não ser buscar alguma força em sua alma, segurando sua mão fria até o último momento.

— E eu a amava como a amei da primeira vez — finalizou entre sussurros.

Ele entendia o desespero de Augusto. Via-se logo que ele era homem de vontades.

— Na juventude — disse o Senhor, servindo outro cálice para si — fui como você.

Meu pai e Artur de Bordelac vararam a tarde sentados na calçada, bebendo licores e trocando confidências de uma vida. Lá pelas tantas, meu pai percebeu que gostava tanto daquele homem de olhares tristes como, um dia, gostara do Capitão. Assim, ao cair da noite, o Senhor jurando que seria o alcoviteiro daquele amor, saíram os dois pela calçada de pedras coloridas, trôpegos e risonhos, abraçados feito dois meninos de colégio.

— Minha filha Eleanor gosta de você — disse o Senhor num espanhol engrolado, entre dois soluços. — Ontem à noite também não pregou o olho, pois ouvi os ruídos no seu quarto. E sabe do que mais — falou o Senhor, já meio ébrio —, case-se com ela e leve-a daqui, para longe dessa guerra que eu sei que chegará até a França.

Meu pai quase perdeu o passo, os olhos confusos pelo álcool e pelo amor. Quis cantar, emocionado, mas Artur de Bordelac pediu-lhe que não: era a hora das missas e não deviam faltar com o respeito. Assim, seguiram os dois, ziguezagueando pelo caminho. Mais tarde, o motorista da casa achou-os a declamar poemas numa praça e, sem saber que atitude tomar, levou os dois para a propriedade, entregando-os aos cuidados da jovem Eleanor.

— Se a senhorita quiser — disse mais tarde o motorista, acomodando o Senhor numa poltrona da sala —, posso chamar o senhor Percival. Afinal, ele é médico. Sabe tratar dessas bebedeiras.

Artur de Bordelac, estirado num sofá, riu baixinho, espiando sua filha com o canto dos olhos. O que lhe restava de tino dizia que Eleanor negaria a sugestão. Minha mãe, que estava abanando o rosto de Augusto, teve pressa em guardar-lhe as belas feições: o nariz fino e reto, a boca de lábios avermelhados e grossos, os cabelos escuros, revoltos, macios, onde suas mãos queriam perder-se para sempre.

— Não — disse ela ao motorista. — Deixe que cuidarei deles.

DEITADO NA CAMA DO QUARTO de hóspedes, meu pai abriu os olhos. Viu Eleanor, difusa entre suas pestanas espessas, linda, dourada. Sorriu. Ela, percebendo aquele riso, disse:

— Está melhor, pelo que vejo.

Meu pai respondeu em bom espanhol que sim. Acordar ao lado dela era o mais santo dos remédios.

— Ademais, não bebemos muito, eu e o Senhor. Apenas nos divertimos — disse ele.

Eleanor achou estranho que o Senhor tomasse um fogo daqueles, pois era homem tão resguardado que, às vezes, parecia quieto até com os filhos.

— Gostou de você, Augusto — disse ela, aplicando-lhe uma compressa de água fria.

Meu pai percebeu a ponta do dedo dela escorregando por sua pele, num contato mínimo, curioso. Sem perder tempo, estendeu o braço, buscando pela mãozinha fujona. Ela não repeliu o contato, permanecendo quieta, feito um bichinho acuado.

— Eleanor?

— Quê? — disse ela.

— Você sabe, não sabe?

Ela remexeu-se. Saber o quê?

— Que a amo. Desde ontem, no primeiro instante, quando vi você flanando pelo salão. Uma luz deitava-se sobre seus cabelos, sei lá... Uma luz cintilando apenas em você, Eleanor...

Ela riu, um risinho pingado.

— Não minto — continuou meu pai, o corpo virado para ela, os olhos ardentes. — Não minto, a luz ainda está aí...

O pobre doutor Percival, por causa de um paciente de último instante, não pôde ver a noiva naquela derradeira noite. Ficou no consultório, trocando bandagens e, sem conseguir acalmar sua eterna angústia, chegou a dividir ao meio um comprimido para os nervos, repartindo-o com o paciente:

— São tantas as doenças do corpo — disse Percival, tomando sua água — que nos afetam a mente.

— Mas o doutor me parece bem — respondeu o menino febril.

— O doutor até que está bem — respondeu Percival —, o problema é com o homem que mora dentro do doutor.

Hospedado em casa dos Bordelac, meu pai varou outra noite de amores. No fundo do corredor, atrás da porta chaveada, minha mãe também estava insone. Num canto do quarto, em pilhas perfeitas, jaziam as coisas do seu enxoval. Ela remexeu-as todas, olhando suas camisolas de seda e os panos bordados, as cobertas de mesa e as delicadas roupas de baixo. De repente, nada daquilo tinha significado. Sob o aparador, emoldurado pela prata lavrada, o retrato de Percival lhe sorria com a candura de um irmão. Ela olhou o céu límpido e sem nuvens, recortado pela janela. Da noite, vinha um vento fresco. Abriu a janela, deixando que o ar a refrescasse. Era isso o amor. Um fogo que lhe ardia no peito, um queimor indefinido que a incitava a abrir aquela porta e, em correria, atirar-se nos braços quentes daquele homem de nome Augusto.

— Augusto.... — repetiu, provando o som do nome dele.

Lembrou-se então da sua falecida mãe, que se esvaíra com os olhos lacrimosos colados no rosto do pai. Era assim também que ela desejava morrer... Com seu amor vivo dentro do peito. E, mergulhada nesse sonho, Eleanor, minha mãe, pegou o porta-retrato e juntou-o com o resto das coisas que já não queria mais. Não precisava de roupas e jóias e panos para isso e para aquilo, precisava era amar. Precisava sentir a inquietação que sentira ao tocar os cabelos de Augusto e a paz extrema, a paz inquieta de tê-lo ao alcance de suas mãos.

Mansamente, pés descalços, Eleanor de Bordelac atravessou o corredor às escuras e, contando as portas, chegou ao quarto onde meu pai não dormia, esperando por ela.

MEU PAI E MINHA MÃE JURARAM, naquela noite, uns segredos bem segredados, cheios de promessas tresloucadas e que cumpriram ao pé da letra nos seus anos de vida em comum, e se atiraram ao amor — decidido estava que o sol não mais os encontraria naquela casa, pois partiriam antes da alvorada. Depois de tudo, enquanto meu pai escrevia com palavras rápidas uma promessa para o Senhor, anotando o endereço onde ele poderia achar a filha, minha mãe deixava umas poucas desculpas estampadas no papel e pedia ao noivo Percival que encontrasse outra esposa para os seus anos, uma que o amasse como deveria, não ela, pobre escrava das paixões.

Ainda na mesma manhã, os dois tomaram um navio rumo às terras brasileiras. As coisas andavam já meio confusas por causa da Alemanha, mas foi fácil para meu pai conseguir uma boa cabine, mesmo de última hora. Enquanto apreciavam o mar no convés, abraçados e felizes, minha mãe deu-se conta de que, na pressa da fuga, esquecera-se de trazer quase todas as suas coisas; saíra levando o que viu pela frente, e vira muito pouca coisa além de Augusto.

— Deixei tudo o que era meu — disse ela, vendo as gaivotas cortarem o céu. — No entanto, nunca me senti tão completa.

Augusto amou-a muito nesse momento, com a maresia brincando entre os cachos de seus cabelos dourados, corando seu rosto. Depois, prometeu: lhe compraria todas as coisas que desejasse; e, de fato, encheu-a com incontáveis mimos. Minha mãe, confusa e distraída, perdeu-os quase todos durante a mudança para a casa de loucos que, algum tempo mais tarde, o esposo construiu para ela.

Enquanto o navio avançava pelas águas, mergulharam eles mesmos naqueles mares de paixão insólita, fingindo-se peixes, atirando-se contra as ondas furiosas do amor recém-descoberto. Eleanor e Augusto, casados pelo comandante do navio, atravessaram o oceano perdidos nos lençóis da cama que ocupavam. Na primeira noite, revoltou-se o estômago desacostumado de minha mãe, que apenas uma vez viajara de navio, e ela viu-se mergulhada nuns enjôos de pânico. Augusto acudiu-a, posto que vivia sacolejando

pelos mares. Segurou-lhe a cabeça quando ela quis vomitar, depois serviu-lhe o chá morno e, quando ela acalmou-se, ficou ao seu lado na cama, contando histórias da sua infância. Depois de algumas horas lamentáveis, minha mãe melhorou e, relaxando aos poucos nos braços do marido, foi trocando os consolos de criança por beijos e carinhos de amor adulto.

No caminho para a casa, meu pai contou-lhe que iriam para a cidadezinha de Brisas do Paraíso, onde ele nascera. Queria muito que Leontina e sua irmã vissem a esposa. Disse que seguiriam por aqui e dobrariam por ali, desceriam uma encosta e contornariam um rio; então, quando o cheiro de mar lhes voltasse às narinas, haveriam de topar com a casa paterna, igual às suas lembranças de muitos anos.

— Depois de uns dias — falou meu pai —, então procuraremos casa para nós.

E Eleanor concordou.

Assim transcorreu-lhes a viagem, entre planos e amores. Foram dias ora cálidos, ora incendiários e, sempre que se recordassem da viagem de núpcias no navio — quando dormiam exaustos das batalhas do amor e, apesar de tudo, acordavam refeitos e cheios de ânsia —, uma saudade daquelas horas de maresia os tomava de assalto, e seus olhares se buscavam.

POR ESSES TEMPOS, TIA ALICE passava as tardes na varanda, bordando um enxoval para o qual nunca achou partido que valesse. Cerzindo e floreando as peças que todas as moças levavam consigo para a casa dos maridos, ela sentia uma vaga idéia que não haveria de usar aqueles panos, pouco que se interessava pelo amor. Mesmo assim, mais para gastar o tempo do que por outro motivo mais lógico, continuava seu trabalho laborioso.

Tia Alice passara uns anos sempre iguais, posto que a morte do Avô não mudou muito a sua vida: tinha um espírito pacato e manso. Vivia para cuidar de Leontina. Com a rotina de bordar e ver a vida correr, sentada placidamente na varanda, Alice foi perdendo o viço e as formas delgadas. Tornou-se uma moça roliça, que adorava bolos e doces de coco, de rosto redondo e corado, onde bailava ainda seu sorriso franco e luminoso. Não tinha as sombras da audácia do irmão. Minha avó Leontina, analisando sua filha, costumava dizer-lhe que herdara a calma da avó materna, que nunca gritara na vida.

— E, talvez, nunca tenha sido feliz — arriscava, num conselho para Alice.

Mas a rapariga dava de ombros. Também Leontina, a despeito de tantos sonhos, levava uma vida pacata. Mesmo o marido morto havia oito anos, não se casara outra vez. Minha avó defendia-se:

— Depois de um tirano daqueles, fica-se com medo de cabresto. Por isso não caso mais, que somente assim sou dona do meu nariz.

Tia Alice fez umas contas mentais. Era dia 18 de outubro de 1938. Um sol tímido tentava aflorar sob um véu de nuvens, e o ar era fresco e agradável. Geralmente, acordava silenciosa, sonolenta e muda; mas, ao abrir os olhos ainda na alvorada, sentira no ar o perfume antigo do irmão. Olhos fechados sob a coberta fina, ouviu-lhe o riso fresco e debochado. Então, sem muito tino, vestiu sua roupa de domingo e correu à cozinha para preparar um bolo. Quando minha avó Leontina acordou, a casa estava em alvoroço. Das janelas abertas de par em par, vinham os ruídos pacatos da ruazinha e, ao longe, o leve arrulho do mar.

— Que diacho está acontecendo por aqui? — perguntou minha avó à sua filha, vendo-a com os cabelos penteados e vestida de rendas. — Hoje é dia de festa?

Tia Alice respondeu que ainda não, mas seria.

— O irmão está chegando.

Leontina atirou-se na primeira cadeira em que pôs os olhos, as pernas arriadas.

— Diacho, não manguê de mim, Alice. Apesar de tudo, já sou mulher velha.

A Tia jurou que não brincava. Da última vez, quando Augusto viera fugido da escola, ela o havia pressentido nitidamente. E nessa manhã, sem nem ao menos ter sonhado com ele, sentira o odor de seu perfume e ouvira, no meio do corredor, o som fino e alegre da risada dele.

— Augusto chega hoje, mãe. acredite.

A avó, um pouco cética, mandou que a empregada aumentasse e melhorasse a comida do almoço. Se vinha Augusto, vinha faminto.

— Faz tempo que não come homem nessa casa — disse a empregada, feliz.

Mas a comida esfriou nas panelas. Leontina, arranhando o fundo do prato com o garfo, tendo à sua frente a cadeira vazia de meu pai, ralhou:

— Eu lhe avisei. Agora estou triste.

Tia Alice, meio confusa, ainda insistiu: o irmão viria.

— Se atrasou, mãe. Foi isso.

E a avó, quase zangada de saudades, foi fazer a sesta. Acordou, uma hora mais tarde, com uma algazarra na varanda.

TIA ALICE BORDAVA SEUS PANOS, pensando que talvez estivesse caducando. Ouvira, certa vez, falar de uma moça donzela que ficara malsã das idéias por falta de marido. Quem sabe era seu caso? Pensando nisso, descuidou-se e enfiou a agulha na ponta do dedo. O sangue brotou, vermelho, qual uma fonte jorrando da terra.

— Droga — gemeu, levando o dedo ferido à boca.

E foi então que ela viu, no fim da rua, o vulto escuro e lento de um carro de aluguel, que subia o caminho de pedras, patinando na lisura do chão que fervia sob o sol das duas horas. Foi como se em seu estômago se abrisse um vazio, e Alice largou os bordados, esqueceu o ferimento e ficou ali, acompanhando com os olhos o pequenino carro, até que ele se postou à frente do seu portão e ela viu o vulto tão esperado de Augusto, o rosto belo, o corpo graúdo meio espremido no espaço restrito do automóvel.

Nos anos de sua ausência, meu pai tornara-se um homem. Tinha agora vinte e nove anos; era alto, forte e delgado, ardente e inquieto, qual um cavalo novo. Mas seus olhos escuros brilhavam com calma, sem nenhuma sombra de angústia. Desceu do carro sem dificuldades, apesar de suas pernas longas e de seu dorso largo, e Alice viu que, atrás da figura do irmão, outra surgia. Espantou-se então com o contraste que se lhe apresentou: ereta na calçada, uma moça miúda, alta também, mas de ossos finos e delicados, lhe sorriu. Era o oposto da morenez angulosa de meu pai: loira, a pele de lírios, branca e leitosa, os olhos verdes e luminosos, doce. Diferentes e complementares, homem e mulher, noite e dia. Os olhos de Tia Alice encheram-se de lágrimas. Tantos anos o irmão andara perdido, e ela, tola, nunca imaginou que se houvesse casado, que encontrara o amor. Por um instante, sentiu uma espécie de ciúme. Não era justo que, tantos anos depois, Augusto não lhe voltasse inteiro. Mas, enquanto avançava, trêmula, até o portãozinho branco, seu peito foi se desfazendo em encanto: Eleanor estendeu, timidamente, os braços de porcelana e, dentro de seu olho, um brilho puro e único cintilou. Destravando o trinco enferrujado do portão, Alice soube que não perdera Augusto; ao contrário, achara, isso sim, a dona para o seu enxoval.

Depois foram as saudades, a gritaria, o choro. Atraídos pela loucura que reinava na varanda, os cachorros e as duas empregadas apareceram e, atrás deles, ajeitando o coque dos cabelos, veio a avó Leontina. Ao ver o seu filho lambuzado pelos beijos de Alice e tão lindo como sempre em seus sonhos, teve um princípio de desmaio, as pernas bambas perderam a força, e ela escorou-se na parede. Meu pai correu ao seu encontro, vendo-a não com os olhos do tempo, mas com os olhos da alma. Não percebeu as rugas que lhe cortavam o sorriso, nem a brancura que se infiltrava pelos cabelos antes completamente negros, mas sentiu o seu antigo cheiro de verbena, cheiro de anjos de Nosso Senhor, como ele gostava de pensar e dizer — ali estava a mulher que o levara pela primeira vez ao mar, que o ninara e zelara por seu sono, ali estava a doce Leontina que, pequenina e frágil, sempre se postara entre ele e o pai, protetora e amiga.

— Você virou homem feito — disse a avó Leontina, os olhos mareados, enquanto afagava o rosto de meu pai, sentindo a aspereza da barba.

— Coisas do tempo — respondeu ele. — Mas você, mãe, está mais bonita.

Minha avó aceitou o elogio com um sorriso. Depois, vendo Alice a conversar com a moça de cabelos loiros, quis saber quem ela era. Meu pai, cheio de felicidade, apresentou-lhe a esposa. Misturando seu



bom espanhol com as poucas palavras em português que Augusto lhe ensinara durante a viagem, minha mãe cumprimentou sogra e cunhada, mas tão doce e tão meiga que Leontina falou:

— Não entendi patavina do que ela disse, Augusto, mas estou feliz. O olhar é coisa universal, e essa menina tem olhos de anjo.

MEUS PAIS, CHEIOS DE VIDA e novidades, foram, naquela casa perdida no torpor dos anos, uns ventos de primavera. Vieram com seus poucos pertences e suas muitas quimeras, amando-se pelos cantos, levantando tarde por causa da paixão, rindo tanto e tanto que, sem saber nem o porquê, todos na casa andavam já felizes.

— O amor é contagioso — disse, certa vez, a avó Leontina. — Assim como a tristeza.

E Tia Alice nunca se esqueceu disso.

Engraçado foi que, somente três dias após sua chegada, meu pai lembrou-se do Avô. Sem querer, atirado na sala de visitas, viu a porta do escritório e, tentando recordar-se do que havia lá, abriu-a e deu de cara com a velha cadeira de couro, a mesa de mogno, coberta por um lençol, e a grande estante de livros, todos encadernados e escritos com uma letra dourada e mística. Misturado ao bolor do tempo, o cheiro de tabaco e limão ainda pairava lá como um legado do pai. E ele recordou-se então das muitas tardes em que o velho atendera seus clientes e que ele, Augusto, curioso das conversas que reinavam ali, ficava parado atrás da cortina, com medo até mesmo de respirar, escondido, apreciando os serões do trabalho paterno. Saiu então a passos largos, o coração agitado, e achou Leontina remexendo um tacho de doce, na cozinha.

— Mãe — perguntou ele, nervoso —, cadê o velho?

Minha avó passou o serviço para a empregada e, secando as mãos no avental de algodão, disse mansamente que o Avô havia morrido.

— Faz muito tempo, meu filho. Uns oito anos, eu acho.

E contou da doença estranha que tomara conta das carnes do esposo, da morte rápida e calma, e da liberdade de depois.

— Alice chorou um pouco, pois tem alma de passarinho — continuou a avó. — Mas eu, eu lhe confesso que senti mesmo foi alívio. — E fez o sinal-da-cruz, dizendo: — Deus o guarde, coitado.

Meu pai ouviu tudo sem dizer palavra. Engasgado, beijou sua mãe e foi para o seu quarto. Duas horas mais tarde, quando Eleanor voltou do passeio com Alice, encontrou o esposo deitado na cama, os olhos ardidos de choro. Preocupada, quis saber o que havia ocorrido. Meu pai contou-lhe tudo. Partira de casa havia muitos anos, voltara agora, com ela, e soube que o pai morreria.

— Mas — disse minha mãe, confusa, misturando português e espanhol — estamos aqui há dois dias. Você nunca falou nele. Achei que dona Leontina era viúva de tempos.

Augusto disse que, em verdade, minha avó era viúva havia oito anos. Ele, sim, que não via o pai desde o dia em que se fora de casa, havia uns dez anos.

— A última vez em que o vi, o velho berrava na varanda, dizendo que eu sumisse daqui para nunca mais.

Minha mãe afagou-lhe os cabelos negros e espessos.

— Pelo seu choro, pensei que seu pai fosse gente muito boa.

Augusto, as lágrimas escorrendo pelo rosto, sorriu fracamente.

— Não — disse ele —, era ruim que nem um cão danado.

AUGUSTO SERRAT VIAJOU, uma, duas, três vezes. Eram ausências curtas e sentidas. Ia-se meu pai, triste, apressado, resolver seus negócios; ficava minha mãe, suspirante e saudosa, com menos apetite do que já tinha, contando nos dedos o tempo para a volta do marido, temerosa que a guerra o colhesse em algum mar estranho.

Tia Alice gostava francamente da cunhada. Durante as viagens do irmão, ela inventava de um tudo para agradá-la e ia para a cozinha fazer bolinhos, pães de leite e empadas, que Eleanor mordiscava por pena de desencantar a cunhada. Numa dessas vezes, percebendo o abatimento da moça, Tia Alice levou-a até seu quarto.

Minha mãe adentrou a peça ensolarada e cálida, viu as antigas bonecas pacientemente enfileiradas numa prateleira, os vestidos bem-postos no armário de duas portas. Tia Alice indicou-lhe a cama.

— Linda colcha — disse Eleanor, enrolando seu português, sem saber muito o que falar.

A Tia riu.

— Não é isso, Eleanor. Veja. Um presente meu para você.

Sobre a cama ampla coberta pela colcha de babados, uma infinidade de peças repousavam, ordenadas, dobradas de maneira impecável. Era o enxoval que Alice fizera. Minha mãe remexeu, com suas mãos finas e muito brancas, as pequenas pilhas de roupas, toalhas e lençóis, tudo finamente bordado numas cores pálidas e suaves.

— Que lindo — disse ela, sinceramente.

— São para você, cunhada — respondeu, feliz, Tia Alice. Depois, meio sem jeito, acrescentou: — Não bordei as iniciais, mas podemos fazer isso nós duas.

Minha mãe comoveu-se até as lágrimas. Quis saber por que Alice não guardava tudo aquilo para seu

uso.

— Um dia você há de querer casar — disse ela.

— Não me caso nessa vida — respondeu, num riso triste, Alice. — Sei disso desde que nasci.

NO FINAL DE 1938, meu avô paterno, o Senhor de Bordelac, mandou notícias da França numa carta curta e apressada. Com o pequeno envelope azul entre os dedos de porcelana, minha mãe atirou-se no sofá da saleta, pálida feito um círio.

— Carta do meu pai — disse ela, meio atônita, para Alice que bordava num canto.

Depois rasgou o envelope e, num suspiro longo, começou a ler o texto. O Senhor fora breve: dizia, entre uns sinceros desejos de felicidade e saúde, que a vida ia bem em Bordeaux, embora um pouco mais triste “*sem a beleza diária da sua presença...*” Falava da guerra e que Hitler, o louco, andava cobiçando a Polônia. Disse também que o pobre doutor, o manso Percival, chorara cinco madrugadas inteiras ao saber da fuga da menina, alagando o sofá de cetim preferido da falecida Senhora, mas que depois, numa decisão que até mesmo o Senhor aprovou, partiu de Bordeaux para Paris “*com o desejo de encontrar umas emoções...*” Antes de ir, porém, pediu, ainda outra vez, desculpas por não ter salvado da morte Rosaura. Depois, os olhos ardidos de despeito e tristeza, “*sumiu-se daqui, e acho que não há de voltar nunca mais...*”, disse o Senhor. No mais, a carta acabava com saudações para Augusto Serrat, o pirata que levava sua caçula, mas cujos olhos plácidos deixavam inegáveis seu bom caráter e seu amor.

Minha mãe acabou a leitura com vontade de chorar. Depois, para aplacar a curiosidade de Tia Alice, contou-lhe sobre o jovem doutor Percival, de quem fora noiva quando ainda não conhecia o amor.

— Espero que encontre a felicidade, e não a destruição da guerra — disse ela, muito triste, percebendo que o conflito já andava às portas de sua terra natal.

MEU PAI VOLTOU DE UMA de suas viagens e, com tempo de sobra, começou a engendrar a construção de uma casa para sua amada. Não uma casa qualquer, com quarto, sala e cozinha; mas uma casa linda e louca, diferente, gigantesca, pois deveria ter — isso era essencial — o tamanho do seu amor por minha mãe. Louco de paixão, meteu-se de cabeça nessa quimera. Aos poucos, foi definindo em sua mente os contornos que a casa haveria de ter e, metido entre plantas que traçava como se fosse um arquiteto, meu pai aumentava o número de quartos e acrescentava, a mente embotada de tanto amar, mais um punhado de peças. A casa não parava de crescer: varandas, terraços e jardins, uma pequena estrebaria, uma

biblioteca, quartos, despensas, canil. Augusto Serrat, ensandecido, criava uma cidade para agradar sua Eleanor.

Então meu pai esvaziou uma parte do seu cofre — ganhava bastante já nesses tempos, varando os mares com seu comércio — e comprou um extenso terreno, alto, plano e verde feito um parque, mas não tão longe da praia que lá não se pudesse chegar a pé por um caminhozinho estreito de cascalhos onde, quarenta anos depois, Amparo, a muda, haveria de chorar seu pranto silencioso de amor.

Minha mãe, sempre boreal e disposta, seguia espiando os esboços daquele louco emaranhado de traços. Não dizia nada, rindo seus risos doces, assentindo como faria a qualquer desejo do marido, por mais absurdo que fosse.

— Quantos filhos vamos ter? — perguntava Augusto, lápis na mão.

— Quantos você quiser — respondia sempre minha mãe.

E, a cada nova indagação, meu pai ansiava por mais um rebento; depois corria para a planta e enfiava um outro quarto no corredor comprido e esquisito que projetara.

Enquanto meu pai desenhava sua casa de mil portas, Eleanor ia conhecendo a vizinhança, levada pela sogra e pela cunhada, e ia fazendo amigos, tomando chá e ouvindo coisas sobre filhos, velhos e missas, que eram os assuntos correntes nas salas de família. Minha mãe ia encantando o povo que se espantava com sua beleza cremosa de lírios, sua pele alva, sua fala um tanto confusa e seus modos de fada, pois, nesses cantos que findam no mar, a gente tem a tez curtida pelo calor e pelo sol inclemente.

Enlevado pela paixão que sentia por Eleanor, meu pai deixou que sua mente febril vagasse em mil fantasias, e, findo o tempo de criar e armar o seu idílio, começou a erguer sobre o terreno que comprara uma ilha de cimento e cal, e amou-a com um ardor tão grande que chegou até mim através dos seus genes.

No verão de 1939, sol a pino num céu de azul eterno, iniciava-se a obra, numa confusão quase bíblica. Nunca se havia visto, por aquelas bandas, tanto alarido para que se erguesse uma única casa. Era um exército de homens sem mais que um nome curto e uma função, que subiam e desciam, medindo o terreno e calculando quanto de madeira se usaria nisso, quantas placas de mármore seriam necessárias para forrar os banheiros, e planejavam a cor e a espessura das paredes, o vão das portas e o emaranhado do encanamento de água fria e quente. Vistos de longe, no alto do terreno, eram quase como um bando de formigas desorientadas, sem formigueiro, trazendo e levando coisas aparentemente fora de sentido. Minha avó apavorou-se com aquilo. Acostumada com sua casa confortável mas justa, pela primeira vez na vida ela levantou a voz para o filho.

— É um absurdo, Augusto. Gastar tanto dinheiro para erguer umas paredes e pôr um teto sobre elas.

Meu pai, enamorado de seus planos, abriu a planta — um rabisco ininteligível de quartos e corredores — e explicou que não eram simples paredes e que o teto seria todo facetado.

— Facetado como um diamante — disse, rindo. — Vou fazer uma sacada somente para a senhora ver o sol se pôr.

A avó desarmou-se.

— Tudo bem. Mas segure esse seu impulso, essa casa tem de ficar pronta a tempo de que você more lá.

Minha mãe não esboçou nenhum comentário sobre nada durante todos os meses da construção. Escolhia cores e panos, dividia a alegria de meu pai; riu-se, certa vez, quando descobriram que a gigantesca banheira de mármore italiano, que esperava sua vez e seu lugar num canto obscuro do terreno, virara casa de uma família de patos, vindos sabe-se lá de onde. Fora isso, Eleanor de Bordelac Serrat permanecia alheia. Bastava-lhe apenas meu pai — como lhe bastara desde a vez em que fugira de casa sem mais que uma muda de roupas —, e por ele viveria feliz em qualquer canto ou casa. Mas, se o preço de seus sorrisos iluminados fosse a construção daquele mundo de concreto, então ela aceitava de bom grado.

A mansão de meu pai acabou tornando-se um passatempo em Brisas do Paraíso. Pessoas saíam de suas ocupações e iam, no final da tarde, observar os progressos daquela casa de loucos que não parava de crescer nem para cima nem para os lados. Enfim, após muitos gastos e exclamações, a casa sonhada por Augusto Serrat ficou pronta. Reunida, a família observou aquele gigante branco, perfurado de janelas e sacadas, alto, imponente, descomunal e infinitamente vazio como um cadáver.

— É grande demais para que se more aí — disse minha avó Leontina, num sussurro. — Vou me sentir sempre num hotel.

— Com o tempo, acostuma — retorquiu Tia Alice.

Meu pai, com os olhos súplices e o coração em saltos, fitou sua Eleanor. Estava tão ansioso que pareceu a todos só esperar um senão, um leve ar de desgosto da esposa, para pôr abaixo aquele louco capricho de arquitetura, aquela ode ao seu amor.

Minha mãe, atenta ao marido, bateu palmas.

— Enfim, querido Augusto — disse ela, rindo. — Podemos fazer a mudança.

Meu pai abraçou-a, feliz. Um ou dois pedreiros secaram os olhos, úmidos de emoção e poeira. E, enquanto a avó Leontina calculava a quantidade de móveis e o número necessário de empregados para fazer andar aquela casa, foram feitos os últimos retoques, e as janelas ganharam cores, assim como o gradil e o madeirame da varanda.

A FAMÍLIA FOI MORAR NA CASA de mil portas e janelas, onde tantas vezes me perdi por horas infindáveis quando era menina — até que engendrei o artifício de usar um fio de linha para marcar meus caminhos, cada um com sua cor própria. Mesmo tendo sido concebida e gerada entre essas paredes, ainda assim

levei muitos anos para compreender as voltas de cada corredor e o que se escondia atrás de tantas portas; fiz isso até descobrir dentro de minha alma os caminhos obscuros do louco labirinto de sonhos que meu pai tornou real, e então desvendei-os com clareza, pois eram delírios de amor.

A mudança foi um espetáculo de loucos. Perdiam-se os móveis pelos cômodos infundáveis que, se muitos anos depois ainda pregavam peças, imaginem no começo de tudo. Às vezes, uma cadeira ou qualquer outra coisa se extraviava, e passavam-se dias até que alguém topasse com ela, num quarto bem diverso de onde deveria estar.

— Isso aqui só pode ser um labirinto de fantasmas — disse, certa vez, minha avó, após achar um livro que sumira havia meses; e nem soube quanta razão haveria de ter nessa sua brincadeira.

Todo mundo se perdia, ou perdia suas coisas, e minha mãe andava rindo pelos cantos, espantada com a bagunça na qual se transformaram suas vidas. A avó Leontina, após alguns meses de confusão, decidiu que não caminhará mais pela casa, maior que um país, e escolheu meia dúzia de peças, onde se instalou com sua empregada e onde arranjou um quarto, uma pequena cozinha e uma varanda com vista para o jardim. Intacta, a antiga teimosia de minha avó venceu a todos.

— Já fui escrava do meu pai, já fui escrava do Avô, ser escrava de uma casa — berrou ela, decidida —, isso é demais.

E Augusto desistiu de demovê-la da sua idéia. Lá ficou a avó Leontina, magra, elegante e muito grisalha, enfiada em seu mundinho delimitado e simples. De lá, nunca mais saiu até morrer — a não ser numa tarde em que, atazanada de calor, foi à praia refrescar-se — e quem quisesse vê-la que fosse até a sua varanda, pois gastava os seus dias ali. Assim, passaram o primeiro Natal naquela casarona, os quatro espremidos na minúscula saleta da avó, enquanto os salões, a sala de jantar, a sala de jogos e o jardim permaneciam decorados de vermelho e completamente vazios.

Por esses tempos, minha sábia avó Leontina começou a achar que os machos da família tinham certa tendência a esquisitices. Não lhe bastavam os modos do marido, agora vinha Augusto, alegre e bem mais disposto que o pai — isso nem se falava —, mas com manias e quimeras estranhas. Uma ou duas vezes, pois não tinha o hábito das rezas, a avó pediu a Deus que lhe desse uma neta com o mesmo tutano que a mantivera, tantos anos, boiando no mar tumultuado que fora seu casamento com o Avô.

Apesar do encarceramento voluntário de Leontina, a vida seguiu feliz na casa sem começo nem fim, meus pais amando-se pelos cantos, e Tia Alice, risonha, vivendo das sobras fartas de tanto enlevo. Mais que isso: era a Tia responsável pelo andamento das coisas rotineiras, e ela ordenava o almoço e o jantar, mandava o empregado às compras e vivia atrás dos objetos perdidos, sumindo-se por horas, em buscas confusas pelos corredores iguais. Somente meu pai entendia o lugar, talvez por ter sido ele o arquiteto daquela loucura de amor. Abria as portas certas com uns sorrisos de mágico, encontrando a despensa das farinhas e o quarto de passar, descobrindo onde a avoada Eleanor deixara seu bordado, guiando Alice para o seu quarto todas as noites, enquanto, para aproveitar o tempo, já rezavam juntos e morrendo de rir,

qual duas crianças.

Quando meu pai saía em viagem, instaurava-se o caos. A avó Leontina ria em seu quartinho onde tudo estava no lugar esperado e, certa vez, com pena da filha e da nora, hospedou-as ali pelo tempo em que Augusto viajou. Na volta, minha mãe nada disse ao marido, com medo de que ele se magoasse pela desfeita.

— Diacho — gemeu a avó atrás da porta, enquanto meus pais conversavam no corredor —, essa menina tem medo de Augusto! — E riu muito, divertida.

— Não é medo, é amor — explicou a filha.

AOS VINTE E TRÊS ANOS Tia Alice tinha a consistência maciça e pele alva, ares virginais e campestres. Seu rosto redondo vivia corado por um rubor eterno, o que só fazia acentuar seu ar ingênuo. Já passada da idade de casar, a Tia não havia tido na vida o menor flerte — primeiro por falta de pretendente, depois, por simples preguiça. Não que carecesse de beleza, pois tinha uma certa graça doce e afável, mas por ser tímida e caseira, satisfeita em atender a rotina doméstica e a sua gente. Em verdade, fizera dos meus pais a sua história de amor, suspirando alto quando os via rumo ao quarto, dividindo assim uma alegria segura com a qual se achava plenamente satisfeita. Era um amor tão bonito que podia viver dele também, e fazia-o sem constrangimentos. Ainda ia nítido em sua memória o triste casamento do Avô e de Leontina, as noites mudas e lentas em que ficava a família em torno da mesa, quase sem coisas a dizer. Não, Tia Alice não queria aquilo para si. Sabia que muitos casamentos eram infelizes; Augusto e a cunhada viviam um idílio raro. Por isso, um certo medo de sofrer, ela vivia tranqüila naquela casa de loucos com umas poucas quimeras para aquecer sua alma solitária.

Nesses dias, chegou em Brisas do Paraíso a novidade do século: o cinema. Veio atrasada como vinham todas as coisas por aqui, mas era algo fantástico, que teve como única vantagem pelo atraso o fato de já vir bem melhorado. Obra de algum gênio ou doido, o cinema varreu a modorra da vida de Tia Alice. Augusto e Eleanor, viajados e cultos, já conheciam a geringonça, mas Tia Alice nunca antes ouvira falar de tal coisa. Sendo assim, na noite da inauguração do negócio, a cidade em peso e na maior expectativa, meus pais e a Tia estavam lá — Alice usando seu melhor vestido de cor e toda faceira. Minha avó Leontina, teimosa e desinteressada, não arredou pé de seus domínios.

— Sou do tempo das pessoas de carne e osso — disse ela, sem muito caso, rindo; e meteu outra vez a cabeça nos bordados.

Sentada em seus lugares incômodos, joelhos grudados, a platéia viu as luzes se apagarem e, na tela de pano, começou a desenrolar-se o dramalhão sem cores nem som, mas que arrancou lágrimas dos viventes

incautos, entre eles a chorosa Tia Alice.

Bem, a pobre amou e sonhou e sofreu como nunca fizera em seus anos e, findo o filme, saiu de lá decidida a não mais se casar — coisa que considerou desnecessária agora que tinha o artifício do cinema. Além do mais, disse ela a meu pai horas mais tarde, estava perdidamente apaixonada pelo galante da tela, e não era mulher de casar-se com outro que não fosse o seu amor.

Colecionou, é claro, uma extensa lista de amores, pois sempre que um filme novo chegava à cidade, Tia Alice ia assisti-lo, ora com minha mãe, ora com uma empregada, ou — última das necessidades — ia sozinha e se disfarçando entre as gentes. Aquele era o seu bazar de sonhos, onde tinha acesso às emoções que a vida real lhe negara. Mais tarde, depois que nasci e cresci o bastante para acompanhá-la, era a mim que Tia Alice levava como companhia; e talvez seja daí, dessas tardes no escuro luminoso do cinema, que aprendi a soltar minha imaginação, repleta de casos de amor e mocinhos e bandidos, plena, livre para as fantasias, pois foi Alice quem me ensinou a sonhar: tantos filmes vimos juntas numas tardes deliciosas. E, se Tia Alice se tivesse casado com alguém, tenho comigo que deveria tê-lo feito com o dono do cinema, pois teria economizado com isso muitos contos de réis.

QUANDO O CASARÃO COMPLETOU seu primeiro ano, como minha família resistisse bravamente àquele emaranhado de cômodos, meu pai resolveu dar uma festa. Seria um presente para a esposa que, moça ainda, saíra da casa e das rodas de amigos para ir viver naqueles confins. Pensando em minha mãe, sentado num canto da varanda fresca, suspirou. Os olhos escuros luziram. Mais ao lado, os cabelos louros dela refletiam a luz que vinha do interior da casa, onde Tia Alice lia um dos seus romances. Ele acompanhou o movimento lento das mãos dela, brancas, os seus dedos finos e longos de unhas curtas, os desenhos coloridos que a agulha deixava no linho branco. Vendo-a assim, suave, plácida, despercebida dos seus olhares, sentiu ainda mais amor. Correu o perfil delicado, o leve arfar de sua respiração, e ela parecia tão perfeita como se fosse inumana. Viu a agulha errando o caminho, fincando seu ferrão na pele rósea dos dedos dela.

— Droga — gemeu minha mãe, lambendo o pequeno ferimento.

Augusto quase sorriu. Assim, o sangue surgindo, vermelho e vivo, podia percebê-la em toda a sua humanidade. Não, não era apenas fada, criatura volátil e luminosa, era uma mulher, a mulher que ele escolhera, feita de carne e osso e sangue e nervos. E era sua para sempre, pensou meu pai. Enquanto durasse neles a chama da vida, era sua. Dessa vez, sorriu com gosto. Longe, muito longe, um cão ganiu num lamento fundo e triste. Minha mãe largou o trabalho e fez o sinal-da-cruz.

— O que foi? — ele quis saber.



— Sei lá, esse choro, Augusto... Coisa do outro mundo, sei lá...

Meu pai deixou sua cadeira e, com aquele jeito terno que tinha sempre para minha mãe, ajoelhou-se ao lado dela. Pediu que sorrisse, era tão linda sorrindo. Ela atendeu-o com gosto.

— Deixe, Eleanor — sussurrou ele. — É um cachorro ganindo para a lua, só isso.

Ela concordou com um beijo. Ainda naquela madrugada, meu pai acordou ensopado de um suor viscoso, os ouvidos e a alma cheios daquele uivo que não queria abandoná-lo. Abriu os olhos no escuro e, tateando sob os lençóis, sentiu o volume morno das carnes da mulher. Ao seu lado, minha mãe ressonava tranqüilamente.

No almoço, meu pai contou a Tia Alice e Eleanor o seu plano. Ofereceria uma grande festa, para a cidade inteira. A maior festa que Brisas do Paraíso jamais tivera, com banda e bebidas e coisas exóticas que ele traria dos portos onde buscava víveres.

— E com fantasia! — disse Tia Alice, num gritinho feliz. — Festa igual a festa de filme.

Meu pai achou graça da pureza da irmã e concordou. Poderiam aproveitar o salão, ainda trancado e sem uso desde que a casa ficara pronta. E tudo haveria de ser do melhor, da música à bebida, porque aquele era um presente para sua Eleanor.

— A maior das festas na maior das casas — disse ele, com sua voz vibrante, olhando-a com adoração —, apenas para fazer você feliz, minha Eleanor.

Tia Alice, sonhadora e poética, emocionou-se mais que a cunhada. Minha mãe beijou Augusto na boca, rindo. Deve ter pensado que todos aqueles caprichos eram apenas exageros do esposo tão cheio de arroubos, pois era mulher de simplicidades. Tudo o que Augusto quisesse era bom, respondeu minha mãe com seus modos etéreos. Tia Alice, os olhos úmidos de alegria, não pôde deixar de notar o quanto a cunhada era, às vezes, distante e volátil. Quase uma aparição. E assim, com o consentimento um tanto desinteressado de Eleanor — que só sabia amar meu pai e nada mais queria que isso —, meteram-se todos a elaborar os preparativos, a lista de convidados, as iguarias, a fantasia que cada um haveria de usar.

Desde o primeiro comentário que lhe fizeram sobre a festa, minha avó Leontina ficou bastante desgostosa. Trancada em seu pequeno mundo, a pobre parecia ter perdido o gosto pelas alegrias da vida. Queria paz e uns dias de sol onde pudesse bordar seus panos de enfeite e ler os livros que o marido, em vida, sempre a proibira de comprar, com medo de que arranjasse idéias mais modernas sobre o amor. Com a festa, à qual não haveria de ir nem por ordem do padre, seu sossego haveria de ser perturbado. Meu pai convidou-a muitas vezes, e a avó sempre respondeu que não e não.

Já às vésperas da festança, Augusto desistiu de demovê-la. Minha avó sempre fora teimosa feito uma mula.

— Se não quer ir, não vá, mãe — disse ele. — Mas não fique reclamando para Alice e Eleanor. Elas gostam de festa, são moças.

A avó azedou-se feito limão. Saiu para a varanda e mandou o filho ir tratar da vida. Queria ficar em paz no seu canto. Se não tivera uma festa assim quando moça, não queria mais. Seu tempo de festas passara havia muito. Meu pai estranhou os modos da mãe e foi ter com Tia Alice.

— Ela não era assim — disse ele, confuso. — Sempre foi cheia de vida.

A Tia tirou a panela do fogo, mexendo a sopa fumegante com a colher. Depois, olhando o irmão no fundo dos seus olhos, respondeu:

— Ela está velha e um pouco confusa, Augusto. Diz que sonha todas as noites que o marido vem buscá-la para morrer.

Meu pai balançou sua cabeça tristemente.

— Tem medo da morte, então?

— Não — retorquiu a Tia, provando o tempero da sopa. — Da morte ela não tem medo, me disse ainda ontem. Não quer é agüentar o pai pela eternidade afora. Por isso está assim, ranzinza, porque acha que vai morrer.

Meu pai concluiu que a avó Leontina estava com o espírito mofado, tanto que andava trancada no mesmo quatinho, por causa da promessa de não andar pela casa imensa.

Minha mãe, vendo-o tristonho, pediu:

— Fale com ela mais tarde, Augusto. Depois da festa.

E Augusto achou que a esposa tinha razão. Não iam deixar de se divertir em função daquelas novas e estranhas manias de minha avó. Em todo o caso, na noite do baile, já fantasiado de pirata, meu pai foi lhe dizer uma última palavra. Leontina recebeu-o enfiada num costume preto, meio pálida e sem tirar os olhos do tricô.

— Deixe disso, mãe. O pai morreu faz muito tempo. Está descansando. Não tem cabimento que venha lhe atazanar logo agora. — E, olhando-a através do tapa-olho, disse: — Tem certeza de que não quer ver a festa?

A avó Leontina chispou-o:

— Me deixe, Augusto. O velho quer me pegar, eu sei, eu sei...

— Mas por quê? — ele quis saber.

— Porque eu nunca pus flor na lápide dele.

Meu pai não pôde deixar de sorrir daquela estranheza.

— É verdade — gritou minha avó. — E você acha que eu vou me meter no meio dessa gente mascarada? Para o seu pai aparecer, disfarçado de qualquer coisa, e me torcer o pescoço? Eu não. Fico aqui que fico bem — desabafou a avó. — Se vivo ele não era confiável, imagine depois de morto...

Meu pai não disse mais nada. Beijou Leontina e foi receber os convidados que já chegavam em

grandes grupos, mas não pôde apagar da sua cabeça a estranha sensação de que sua mãe começava a enlouquecer.

O FESTIM OCORREU SOB um céu bem claro, e a noite era boa, pois uma brisa fresca subia do mar. O nosso casarão encheu-se de convivas que, fantasiados de colombinas e pierrôs, ciganos e piratas, rainhas e fadas e bruxas, dançaram e se embriagaram pela noite afora, e se perderam pelos caminhos indecifráveis e tortuosos desse casarão sem fim. Alguns, com certeza, levados por confusão simples e compreensível numa morada estranha como essa, outros por gosto, afinal, nada apraz mais ao amor que o mistério dos caminhos escuros, dos quartos sem nome nem cheiro, das portas fechadas para o resto do mundo. A algazarra foi tanta, e tantas as caixas de vinho consumidas, que muitos dias passados da festa ainda se achava um casal perdido num quarto qualquer, ou um bêbado, dormindo nos degraus de alguma escada de pouco uso.

Minha mãe, cuja graça ainda está estampada no belo retrato que fica na sala grande, para fazer jus ao encanto que despertava, surgiu envolta em sedas feito uma deusa grega, e deve ter estado mais bela que a própria Afrodite — pois disso eu ouço histórias até hoje. À sua chegada, a festa foi aberta e a banda de música iniciou as danças. Foi uma noite magnífica e, ainda hoje, nas fotografias manchadas pelo tempo, se pode vislumbrar aquela turba de mascarados sorridentes, os olhos brilhantes de vinho e de música, espalhados por todos os cantos do salão e do jardim. Mais tarde — o sol já rajando o céu com suas luzes — esse episódio, por si só inesquecível, coroou-se pelo inesperado.

NINGUÉM SOUBE REALMENTE o que aconteceu naquela noite. O fato é que, terminadas as danças, o sol já alto no céu, meu pai foi ver como andava a avó Leontina, pois ficara sinceramente angustiado com os seus desvarios. Encontrou-a morta e pálida, vestida com seu traje negro, sentada em sua cadeira de bordados, os olhos abertos de susto e os ouvidos cheios de algodão para espantar a balbúrdia do festim. De qualquer modo, a música nunca mais a incomodou; e a maior festa de Brisas do Paraíso acabou terminando em velório, e velório muito incomum. Até o pároco — que não resistira a uns acordes e uns copos de vinho — estava meio ébrio, e encomendou a alma da pobre Leontina numas rezas um tanto confusas. Aliás, foi esse o único enterro a fantasia de que se teve notícia por essas paragens, já que os dançarinos não tiveram tempo de voltar para as suas casas: a morte interpelou-os em lantejoulas e purpurina. Reuniram-se todos em torno de minha avó Leontina que, dura em seu esquife apertado de

última hora, sorria-lhes com um ar de deboche, os olhos de mel descaradamente arregalados no rosto cor de cera. Assim, entoaram-se hinos fúnebres no mesmo salão onde, horas antes, todos dançavam numa festa digna de Baco.

Apesar do absurdo, foi um dia muito triste para a família. Tia Alice deitou fora todos os tules da sua fantasia e enlutou-se das orelhas até o chão, os olhos ardidos de choro, as mãos frias apertadas em prece. Meu pai, inconformado com os pressentimentos certos de sua mãe, aos quais ele não dera a devida atenção, tomou-se de um remorso profundo. Durante toda a vida, fora Leontina o seu esteio, a que sempre dera de si para protegê-lo, a que tivera de suportar os maus humores do Avô. Agora que a via, pequenina e frágil, Augusto sentia-se desesperado. Morrera do quê, se nunca antes minha avó se queixara de nada? Ninguém soube assegurar que tipo de morte fora aquela. Meu pai, confuso, chegou a recordar-se do medo que a mãe lhe expusera: teria vindo mesmo o Avô, rabugento e teimoso como sempre, atazaná-la pela eternidade afora? Ao lado do esquife, o padre dizia umas rezas engroladas. Meu pai tentou concentrar-se nas palavras dele, enquanto, no fundo do salão cheio de gente, um bêbado soluçava abertamente.

Muitos dias foram gastos para que meu pai voltasse a esboçar a sombra de um sorriso. Embora Leontina vivesse restrita a um canto minúsculo da grande casa, tudo pareceu perder o viço. Faltava ela na cozinha onde nunca botara os seus pés, faltava na varanda ao pôr-do-sol, faltava na cabeceira de Tia Alice para um beijo de boa-noite, mesmo que minha avó nunca tivesse subido para o segundo andar. Por fim, triste e abatido, Augusto Serrat decidiu partir em viagem. Precisava mesmo voltar ao trabalho, e as noites no mar haveriam de curá-lo das saudades. Deixou Alice, chorosa e muito pálida, aos cuidados da esposa, e partiu jurando que voltava no espaço de um mês.

Mal o marido sumiu de sua vista, minha mãe pôs-se a cuidar dos quebrantos da cunhada. Tia Alice adoentava-se a olhos vistos, pois não sabia viver sem a mãe. Vestida de negro até o queixo, suando em bicas no calor infernal do verão, parecia um grande corvo, triste e acabrunhado.

— Seja mais razoável com suas próprias cruces, Alice — pediu minha mãe, com sua voz doce. — Eu também já perdi a mãe, sei o quanto é triste. Mas encurte essas mangas e descubra o pescoço. A vida não volta atrás por causa do seu sofrimento.

Como amava muito a cunhada, Tia Alice aquiesceu. Passou ainda uns dias chorando, amuada pelos cantos, mas, pouco a pouco, foi restabelecendo a antiga alegria e, duas semanas mais tarde, voltou a freqüentar o cinema.

DESSA VIAGEM, MEU PAI retornou muito tempo após o previsto, parece mesmo que restou meio ano longe de casa, mas veio com o mesmo sorriso de gato e os olhos brilhando com o antigo ardor. Chegou com a cabeça turbilhando de notícias sobre a guerra, e escolheu-as com cuidado e zelo, pois não queria que a esposa sofresse os dramas europeus. Augusto voltou para encontrar tudo como antes, em perfeita ordem. O casarão recendia a lavanda, flores descansavam em vasos, as janelas abriam-se para o ar fresco que vinha da praia. Por esses tempos, minha mãe voltara já a usar vestidos de cor e, ferido de saudades, meu pai achou-a mais bela do que nunca.

Quando Eleanor descobriu Augusto, encostado ao parapeito da varanda e sorrindo-lhe seu melhor sorriso, ela quase perdeu o tino. Seu coração bateu tão forte que ela pôs suas mãos em cruz sobre o peito, para segurá-lo se ele lhe saltasse à traição. Atiraram-se nos braços um do outro, os beijos havia muito guardados para aquele reencontro. Depois, meu pai acarinhou a irmã nuns minutos roubados ao amor, desaparecendo a seguir com a esposa pelos caminhos tortuosos da casa e, na cama, os dois afogaram suas saudades, reinventando-se com beijos numa ânsia desenfreada e feliz.

Talvez naquela noite eu tenha sido concebida. Volátil, invisível, aconcheguei-me ao ventre de Eleanor e, em segredo, comecei a preparar-me para essa vida... Passo a passo, vaidosamente, pesando e medindo detalhes, fui crescendo qual semente, selecionando a cor dos olhos, a profundidade dos olhares, o contorno das mãos, o tom da voz e a extensão do meu riso. Pacientemente, fui me tornando matéria, criando artérias, carnes, tendões... Por fim, muitos dias mais tarde, tomada de enjôos freqüentes, minha mãe começou a desconfiar que estivesse grávida. Temerosa de um engano, ela nada disse das suas suspeitas porque não queria alvoroçar em vão o marido. Afinal, fazia muito tempo que ansiava por um filho, e tal demora já começava a preocupá-la. Em segredo, marcou consulta com o melhor médico da cidade e, usando a desculpa de que ia comprar uns tecidos para fazer novas cortinas, foi vê-lo numa tardinha qualquer daquele longínquo outono de 1941. O Doutor, o mesmo velho médico que curara todas as moléstias da meninice da Tia, examinou-a e disse que, sem dúvida, Eleanor estava grávida. Recomendou-lhe longos repousos e, rindo, lembrou-a de tomar as frescas, para que o bebê não nascesse cheio de calores, e pediu que ela atendesse a todos os desejos que haveria, certamente, de sentir, para que a criança não viesse ao mundo com a cara de alguma ânsia renegada. E que dormisse a sesta e tomasse leite fresco.

— E agora — disse o Doutor, muito satisfeito — conte a Augusto Serrat que ele será papai. E vá com Deus, dando graças de estar aqui, e não na sua terra. As coisas ficarão difíceis por lá.

Minha mãe acenou tristemente. Sabia que as coisas estavam indo mal: seu pai lhe mandava notícias cada vez mais estranhas, a guerra estava às portas de Paris. Mais tarde, já apaziguados os seus medos quanto à guerra, ela chegou em casa com um sorriso lhe rasgando o rosto de fada. Encontrou o marido fazendo contas no escritório, junto com o capataz. Ao vê-lo, tão belo e tão seu, o sorriso amplo de dentes alvos, os cabelos negros, começou a chorar de alegria. Que a criança nascesse semelhante ao pai,

pensou, emocionada. Augusto socorreu-a com os olhos arregalados de nervosismo. Dispensou o capataz, querendo saber o que a fizera chorar.

— Choro é de alegria — sussurrou minha mãe, comovida, enquanto o marido secava suas lágrimas.  
— Porque estou grávida.

Meu pai achou mesmo que ia morrer de felicidade e, com Eleanor pela mão, saiu correndo pelos corredores. Encontrou Tia Alice na cozinha, terminando o jantar.

— Eleanor está grávida — disse.

Tia Alice quase deixou cair a panela que segurava. Lívida de alegria, começou a chorar e, seguido a ela, Augusto e Eleanor caíram também num pranto feliz. Enfim, a grande casa receberia novos moradores, para isso fora planejada. Juntos, o jantar esfriando nos pratos, puseram-se a imaginar a criança correndo por aqueles corredores, os risos infantis, puros, cristalinos, a nova vida que se preparava para aportar nesse mundo. No meio da conversa, enquanto meu pai listava todas as coisas que haveria de trazer para o rebento, Tia Alice recordou-se de uma coisa:

— De quantos meses você está, cunhada?

Eleanor respondeu que devia estar entrando no segundo mês.

— Pois cuide bem — disse a Tia, muito séria —, estamos em junho e essa criança deve nascer em janeiro. A partir de dezembro, preste atenção. Não vague muito por esses corredores emaranhados, pois você pode perder-se nesta casa de loucos, e ninguém a achará a tempo para o parto.

NAQUELES DIAS A boa nova encheu a nossa casa. Tia Alice ressuscitou os mesmos ardores que usara na confecção do seu próprio enxoval de donzela, e meteu-se com afinco a bordar e coser uma infinidade de roupas de criança, pois queria que o bebê nascesse com muito de tudo, e que seus mimos fossem sempre outros.

— Não há de cansar os olhinhos usando sempre as mesmas roupas — dizia ela, feliz, rodeada de panos e linhas.

O meu nascimento ocupou as duas mulheres e, enquanto Tia Alice cuidava das coisas práticas, minha mãe mergulhou em si mesma, plácida feito um lago, serena, para que seu filho crescesse com paz. Nesse tempo, tornou-se ainda mais etérea do que antes, arrastando-se pelos corredores com a maciez de uma brisa, os longos cabelos loiros caídos feito um manto por suas costas, o riso eterno estampado no rosto, a voz mais macia e morna. Enquanto meu pai atirou-se na faina de mandar buscar tudo de que precisasse o filho — agitado que era —, Eleanor caiu em silêncios. Mas não eram silêncios tristes, era apenas paz. Com o ventre cheio, estava completa. Dia a dia, durante o longo arrastar-se dos meses, ela resplandecia

cada vez mais. Obedecendo a todas as ordens médicas, dormia longos sonos, comia como nunca antes comera.

Augusto Serrat, por sua vez, sem saber o sexo do filho, resolveu preparar-se para os dois. Com os mesmos delírios, correu a buscar um carrinho cor-de-rosa e outro azul, e vinte vestidos e vinte roupinhas de menino, e trouxe bonecas de porcelana e carrinhos de metal. Num exagero de loucuras — porque meu pai nunca soube ter medida em seus quereres —, ele decorou de cima a baixo dois quartos, um se nascesse homem, outro para o caso de vir mulher. Como no tempo da construção da casa, meu pai, criatura de rompantes e exageros, voltou a ser tema dos assuntos alheios, pois nunca na cidade se ouvira falar de pai tão coruja como ele, muito diferente do que fora o Avô.

Minha mãe ria-se da balbúrdia do marido. Metida nos seus silêncios de entardecer, mal se apercebia das muitas caixas repletas de coisas que Augusto trazia para a casa. Tinha a missão maior de abrigar o filho, e fazia isso com paciência e amor. Nesses dias, acentuaram-se nela os ares de anjo e, mesmo quando tinha dores ou acordava indisposta, seu falar era doce e seus olhos luziam.

A qualquer mudança na esposa, meu pai suava gelo. Se ela estava mais lenta, se não queria jantar, ria pouco ou dormia além da conta, ele corria para o seu lado, solícito e temeroso. Eleanor ria dos pavores do marido.

— Não é nada — dizia sempre. — Quando for coisa séria, não será caso de silêncio, Augusto. Dizem que as mulheres enrouquecem de tanto gritar quando chega a hora do parto.

Mas meu pai não achava sua calma. Viviam numa cidade erma e antiga, onde ainda se cuidava o andamento do dia pela caminhada que o sol fazia no céu. Aqui se curava a febre com benzedura e cruz sobre o leito, e tinha-se medo de eclipse. Para a hora de Eleanor, era pouco. Nada de depender da medicina que se fazia na cidade, coisa antiga e ultrapassada, que, se era suficiente para curar uma gripe, era escassa para trazer um Serrat para o mundo. Meu pai queria um bom médico, alguém jovem, com idéias modernas, que entendesse das coisas da vida e que fosse sábio; enquanto intumescia-se o ventre da esposa, começou a pensar onde buscar alguém que se adequasse a essas características.

POR ESSA ÉPOCA, minha mãe estando lá pelo quinto mês de gestação, Loá veio viver conosco. Era uma mulher comum, de pele clara e cabelos castanhos, olhos mansos e pequenos demais para seu rosto cheio. De diferente das outras criaturas, além de sua bondade sem limites, Loá tinha apenas sua gordura. Era uma mulher na casa dos quarenta anos, com ares atemporais, sem rugas no rosto inchado e lustroso. Apesar do seu peso, movimentava-se com rapidez absoluta e era forte feito um homem, sábia feito um velho e desbocada como um marinheiro — mas, na casa, aprendeu a segurar sua língua ferina, pois não

podia admitir que se dissesse qualquer besteira ante minha mãe, que ela achava tão delicada a ponto de desfazer-se por qualquer vento mais forte.

Vinda do norte do país, sem ninguém de seu nem passado muito concreto, Loá adotou a todos como sua família. Amou Augusto como se fosse seu filho — coisa que meu pai sempre soube incitar aos outros, pois não houve quem lhe tenha resistido aos encantos e ao riso fácil e franco. Enterneceu-se vendo o modo como aquele homem tratava a jovem esposa, com um amor que, ela dizia, nem em histórias se via igual. Em Tia Alice, achou companhia e competência. Também Alice era doce, com sua alegria incurável e seu corpo cheio de carnes alvas. Com o tempo — dona absoluta dos recantos da cozinha —, Loá somente permitia que Tia Alice mexesse em *seu* fogão e nas *suas* panelas. Foi Loá, também, a única a aprender todos os segredos da casa, conhecendo cada caminho e cada peça, os quartos dos vivos e os quartos dos mortos, as despensas e varandas. Ela sabia de tudo, os alimentos estocados, o que faltava, o que se mandava buscar na cidade e o que vinha do mar nos navios do patrão. Administrava os remédios e os chás, atendia à casa e aos empregados da propriedade.

Mas o maior encanto de Loá foi Eleanor, minha mãe. Mulher acostumada às estradas e fazendas, Loá nunca vira criatura tão diáfana e de pele tão branca como a francesinha. Preocupada com seus ares, a boa mulher vivia tentando deitar-lhe uns caldos de gordura de galinha, que era para ver se a patroa ganhava uns rubores no rosto.

— Rosto corado é sinal de saúde — dizia sempre, caneca fumegante nas mãos, buscando minha mãe por esses corredores sem fim.

Depois, no segredo da cozinha, indagava à Tia sobre a patroa, querendo saber onde meu pai a achara, em que canto do globo ficava a tal França, e se todos os de lá tinham aqueles jeitos e aquela pele de leite.

— Nunca que vi igual. Dona Eleanor parece uma santa que ficava num altar, lá na igreja onde me casei.

Loá era viúva de tempos. O marido, trabalhador das fazendas de cacau, morrera cedo de uma febre de verão, e ela, desiludida, desistira de casar novamente, e nem tivera filhos. Por isso, talvez, amasse a todos com tanta dedicação: tinha o coração vazio e solitário.

HÉRCULES FONTOURA ABANDONOU a poesia, mas não perdeu seus ares de poeta. Cabelos quase loiros, olhos sonhadoramente azuis sob as lentes, lábios finos e tímidos. Era um homem magro, mas não demais, tranqüilo e um pouco calado, mas gostava de boas conversas e de declamar seus antigos poemas. Largara as letras pela medicina, coisa que também o encantava. Boa escolha, pois se formou na Faculdade Superior de Medicina de São Paulo com menção honrosa na turma de 1935 e, retornando de uma viagem



de estudos pela Europa, tinha bom consultório na cidade e era já médico de grande renome, coisa rara para sua pouca idade. Hércules Fontoura tinha agora trinta e dois anos e era muito sério e composto, mas na juventude, durante os tempos loucos do colégio interno, Hércules fora o melhor companheiro de meu pai, e viviam os dois a tramar contra os padres naquelas antigas noites de fuga e de segredos.

Numa manhã quente e úmida de dezembro, Hércules desceu na estação poeirenta de Brisas do Paraíso e, com um olhar, reconheceu Augusto Serrat entre as poucas pessoas presentes. Viu que o antigo colega de quarto mudara pouco desde os tempos do Mausoléu, estava mais forte, os anos lhe haviam feito bem. Abraçaram-se feito velhos amigos. Meu pai, feliz de rever o colega de tempos tão felizes, conduziu-o para o carro e, no caminho, contou em poucas frases o que fora feito de sua vida, as viagens, o amor louco que tinha por sua esposa Eleanor.

— É francesa — explicou meu pai, rindo. — O Cigano não errou.

Hércules contou de seus estudos e recordou as muitas vezes que, enfarado de cachaça, berrava poemas pelas ladeiras adormecidas da capital. Agora, médico bem-sucedido, escrevia umas rimas fracas.

— Me falta o tempo de antes — disse, nostálgico.

Contou que se casara e que tinha duas filhas ainda pequenas. A esposa, filha de um antigo mestre de faculdade, era temperamental, bonita e professora de Letras. Apesar de o casamento ser feliz, Hércules Fontoura tinha saudades dos porres da adolescência, quando sua única preocupação era enrolar os padres do Mausoléu. Por isso, ficara muito feliz ao receber o telegrama de meu pai, poucas semanas antes, pedindo-lhe que viesse até Brisas do Paraíso para realizar uma tarefa muito especial.

DEPOIS DE TANTAS PAIXÕES irreais, a pobre Tia Alice encontrou no Doutor um último escolhido para seus amores de virgem. Nem a notícia de que Hércules era muito bem casado na capital arrefeceu seus ardores, e ela sonhava com ele todas as noites, acordava cedo para tomarem juntos o café e inventava qualquer pretexto para estar a seu lado. Hércules Fontoura chegara — a pedido de meu pai — com bastante antecedência, para que minha mãe pudesse ter um final de gestação muito tranqüilo. Assim, sem mais nada a fazer do que esperar — espera paga a peso de bom ouro —, Hércules vagava pela propriedade, passeando pela praia mansa, tomando sol e lendo seus livros e tratados. A Tia destinou-lhe, nesses dias, toda sua calorosa atenção. O doutor, mais por medo de melindrá-la do que qualquer outro sentimento mais frutífero, aceitou tais agrados com discrição e carinho. Feliz com sua diminuta platéia, declamava os antigos poemas e os novos também e, com tempo de sobra, até mesmo rabiscou umas rimas, que encantaram a doce Tia Alice.

Esses amores não passaram despercebidos a minha mãe. Certa tarde, quando o doutor e Augusto andavam pela praia, ela chegou-se à cunhada.

— Hércules Fontoura contou-me que tem duas filhas — disse minha mãe.

Tia Alice suspirou de amor. Deviam ser meninas lindas, feito o pai. Minha mãe procurou mentalmente tanta beleza naquele homem magro, de gestos lentos e desajeitados, tímido e quase encantador. Disse para Alice que esse era, de todos, o mais impossível dos amores. O doutor era casado, muito bem casado.

— Eu não sei, Eleanor... — desabafou a Tia. — Tudo que eu quero é um beijo, mais nada. Há de me ficar essa lembrança, depois Hércules pode partir que não vou chorar.

— Os amores são enganosos — contou Eleanor. — Você lhes dá farelos, mas eles têm apetite de fera. Tome cuidado para não sofrer, Alice.

A Tia, pálida e chorosa, pediu que a cunhada a ajudasse.

— Um beijo, nada mais — resmungou ela, súplice.

Queria passar a tarde na Praia das Conchas, onde nem mesmo os pescadores andavam. Praia deserta feito um paraíso, disse ela com a voz rouca de amor. Era só isto que queria: uma tarde na praia e um beijo. Minha mãe teve pena da cunhada e prometeu ajudá-la.

Na manhã seguinte, tudo preparado, Alice convidou o doutor para o tal passeio. O homem, meio sem jeito, alegou que precisava ficar com a paciente. O bebê estava para nascer, visto que Eleanor tinha as pernas inchadas e o rosto cansado e um pouco pálido.

— Estou bem — disse minha mãe, forçando um sorriso. Em verdade, estava enjoada, o corpo mole e difícil. — Vão passear, vocês dois. Essa criança ainda leva uns dias.

Augusto quis argumentar que era arriscado; não trouxera o doutor para nada. Mas Eleanor calou-o com uma vontade inédita, que fez brilhar os olhos de Alice.

Assim foram-se os dois, Tia Alice e Hércules Fontoura, munidos de cestas e chapéus. Ele, guiando a carroça pelo estreito caminho que dava na praia; Tia Alice, lívida de alegria feito uma adolescente. E claro que nada ocorreu entre eles, por mais que o mar fosse azul e sereno e que a praia deserta e linda convidasse ao amor, pois Hércules era homem de bons princípios e marido apaixonado. Mas, enquanto ele declamava velhos poemas, pés descalços sobre a areia morna, na casa dos Serrat rolava o maior pandemônio. Sim, pois sol a pino e o doutor distante de qualquer aviso, eu resolvi nascer. Minha mãe, tentando ouvir as coisas que o marido lhe contava, sentiu que algo muito tênue se rasgava em sua carne e, num jorro, percebeu que sua saia alagava-se inteira. A bolsa tinha estourado. Por instinto, Loá surgiu da cozinha e, dando ordens para um Augusto tonto e nervoso, levou a pálida Eleanor para o seu quarto.

Deitada na cama, minha mãe concentrou-se no seu esforço. Tinha uma constituição de ossos finos, um corpo pequeno que, perdido no colchão branco, parecia uma jangada boiando em alto-mar. Estava nervosa com a perspectiva de desalojar a criança de seu ventre, acostumara-se por demais com aquela

presença silenciosa, aquática, como um peixinho mudo e doce a nadar no seu aquário de entranhas. Mas a natureza já agia, rasgando-a em espasmos, e ela percebeu que seu corpo se modificava, abria-se para a passagem da filha — sim, sentia agora que era uma filha, e não o menino que imaginara, parecido com o pai. Então, uma dor aguda trespassou-a, longa e lenta, e ela gritou com uma força que nem supunha possuir.

Aos poucos, tendo meu pai recuperado o seu tino, ele foi acalmando sua mulher, assoprando-lhe palavras corajosas, segurando sua mão suada e fria. Eu não dei trabalho para nascer, vim num único espasmo, forte e terrível, mas surgiu inteira, pequenina e, dizem, dourada como a mãe. Meu grito fino encheu o ar empestado de humores, e Eleanor desabou sua cabeça sobre o travesseiro, exausta, um sorriso de júbilo em seu rosto. Nascera a sua menina, enfim, doce, envolta em sanguinolências, esperada criança de cabelos dourados.

— Tirando todo esse sangue — disse Loá, risonha, segurando-me nua nos braços —, tem a mesma pele de leite da patroa.

E, ouvindo isso, meu pai chorou de emoção.

Mais tarde, procuraram no calendário o dia certo da façanha do meu nascimento, e Loá, profética e mística, disse:

— Essa menina é do signo de Capricórnio. Vai ser teimosa e boa de alma.

Minha mãe sorriu, já novamente penteada e limpa, com sua filha nos braços. Augusto, sentado na beirada da cama, encostou o ouvido no meu minúsculo peito e percebeu as batidas ritmadas do coraçãozinho.

— Como é bonita e tranqüila — disse ele, a voz emocionada.

— E muito doce — falou minha mãe. — Não tinha pensado qualquer nome até agora, que era para ver o seu rosto. Gostaria que se chamasse Laila.

FUI BATIZADA DUAS SEMANAS depois ante uma pequena platéia de rostos felizes. Loá, chorosa e contente como se fosse a própria avó, segurava o braço roliço de Tia Alice, que — passada a tristeza inicial pelo caso malgrado do doutor Hércules Fontoura, que partiu na manhã seguinte ao meu nascimento, apressado e levemente constrangido por não ter estado presente na hora do parto — recuperara o mesmo ânimo de antes. Perto dela estavam Augusto, meu pai, minha mãe, bela e etérea, o padre Monástio e algumas pessoas da cidade. Foi coisa simples: o pároco disse uns latins e prometeu-me para uma fé que nunca segui, depois ungiu-me com água-benta e, quando comecei a chorar, entregou-me para o colo morno de minha mãe, e tudo terminou assim.

Eu era uma criança de pouco choro. Tão quieta que, às vezes, por medo ou por tédio da minha mansidão, meu pai sacudia-me no berço, que era para ver se eu ainda estava viva; ouvira casos de bebês que morriam durante o sono. Eleanor achava graça, em verdade eu tinha herdado a sua calma, e ela sabia disso. Meu pai amou-me com sincero ardor, mas vivia mesmo para a sua adorada esposa. Gostava de ver meus progressos, meus ares de fada — pois tive sempre uma semelhança absurda com minha mãe —, mas tudo o mais era para Eleanor. Por ela, acordava cedo, por ela trabalhava, viajava, ganhava mais dinheiro, mesmo sabendo o quão pouco a francesinha interessava-se por coisas materiais. Era um amor de chamuscas tão famintas que lhe queimavam até a alma, e sobrava pouco para qualquer outro sentimento. Em viagem, embora o mar tivesse sobre ele uma magia intrigante, seus olhos perdiam o viço, e meu pai tentava compreender como pudera ter vivido todos os anos que vivera até encontrar Eleanor.

Minha mãe também era escrava dessa teia, embora tivesse comigo uma ligação que sempre foi além da maternidade e que sobreviveu até mesmo à morte. Completamente absorvida por esses dois amores, ela dividia seu tempo entre nós. Depois que Hitler e seus exércitos invadiram a França e venceram a Resistência, empurrando o governo francês para Bordeaux, havia dias em que minha mãe passava inquieta, temendo pela família que estava perto demais da guerra.

— Tenha calma — dizia meu pai. — O Senhor de Bordelac é um homem ajuizado, e vocês não são judeus. A guerra é triste e horrível, mas, na Europa, o pior é ser judeu num tempo louco como esse. Hitler tenciona exterminá-los.

E ela, os olhos cheios de lágrimas, fazia então o sinal-da-cruz. Todas as noites, antes de dormir e depois do amor, rezava pelo pai e pelo irmão, René, e sua família.

Tia Alice, por sua vez, continuava dedicada aos outros e completamente feliz com esse papel — depois do doutor encerrara de vez sua fraca carreira amorosa. Tratou de cuidar de todos, e fazia de tudo para que a cunhada esquecesse os dissabores da guerra. Ninguém vivia de amar, e se as bombas caíam em Londres e Paris, o Brasil tinha de continuar a viver seus dias de paz. Assim, com essa ladainha de consolo, Tia Alice e Loá tratavam de pôr ordem na casa, servindo a comida e obrigando a magriça Eleanor a comer, atendendo isso e aquilo, fazendo as vezes de chefes da família. Era um arranjo a contento para todos.

Eu cresci como crescem todas as crianças, caindo tombos, metendo o nariz nas tomadas, dependurando-me no fogão para ver as borbulhas das panelas. No entanto, era quase calada e, com dois anos, não tinha dito palavra. O pai preocupava-se com isso, mas minha mãe, com sua voz doce de anjo, disse que em sua família todos começavam tarde a falar, que era uma preguiça congênita, mas não caso de doença. Meu pai aceitou sua versão como lei e não tocou mais no assunto. Além da minha mudez, havia uma ânsia observadora. Eu gostava, ainda no berço, de ver aquele homem moreno, forte e anguloso,

que tinha nos olhos a luz de um sol e que andava feito sombra de sua querida Eleanor, a persegui-la pela casa, como se os dois fossem apenas um e estivessem separados por uma simples ilusão da matéria. Nele havia uma vida muito forte, pois vibrava a sua voz, e vibrava o seu espírito com uma força quase palpável. Minha mãe era o seu oposto, quase uma aparição: tênue, cintilante, parecia ser e não ser, como um sonho bom prolongado além do sono. Minúscula em meu berço de rendas, eu já pude compreender a transitoriedade daquela mulher: estava de passagem pela vida, qual pássaro rasgando o céu, e isso era claro nos seus gestos vagos, no seu ar celeste e no seu desinteresse pelas coisas mundanas. Preocupava-se com a guerra, e isso enchia de sombras o azul de seus olhos. O Senhor de Bordelac, meu avô, lhe mandava cartas vagas e rápidas e, numa delas, contou-lhe que Percival entrara para a Resistência. Minha mãe esperava esses bilhetes com a mesma ânsia que esperava a chegada de Augusto quando ele partia de viagem. No mais, a mãe vivia em paz, e resistiam seus ares vagos, de quem andava pelo mundo sem ver, quase pisando em nuvens. Muitos anos mais tarde — e compreendi isso também com a mesma presteza — sua herança renasceu em Theodoro, meu filho.

Os dois primeiros anos da minha vida passaram-se nessas poucas considerações e, depois disso, o fato mais marcante foi mesmo o mais triste: o acidente ocorrido com Eleanor de Bordelac Serrat. Pois ela, como único prazer real dos seus muitos prazeres de fada, gostava de cavalgar. Desde muito menina, aprendera as artes da equitação, e na França tivera um cavalo puro-sangue tão branco como a neve dos Alpes, o qual amou com sincera afeição e que, morto havia muito tempo, ainda lhe enchia o peito de saudades. Meu pai, sempre afoito em agradá-la, tratou de mandar trazer cavalo tão esplêndido como esse, e deu-o para Eleanor alguns meses depois do meu nascimento, como um presente pela filha que ela gerara.

TODAS AS MANHÃS, enquanto tia Alice ocupava-se em atender-me e Augusto lia o jornal na grande varanda, minha mãe passeava com o animal, e montada nele com a graça de uma amazona, corria pela propriedade e ia-se pela estrada, às vezes andando por muito tempo pelas praias quase desertas dos arredores. Eventualmente, meu pai a acompanhava, galopando ao seu lado por esses caminhos. Mas, naquela manhã quente de outubro, o sol furioso no céu, o pai preferira ficar à sombra, fazendo contas e anotações, ou lendo sobre os últimos avanços das tropas aliadas. Fazia algum tempo que os Estados Unidos haviam entrado na guerra, e a agitação mundial obrigava meu pai a firmar seus pés na terra, pois o mar andava muito perigoso. Augusto desviou seus olhos do letreiro negro que falava sobre a guerra e acenou para sua esposa.

Minha mãe, com seu rosto alvo protegido pelo chapéu de palha amarela, saiu para o passeio habitual.

Não sei bem se imaginava, com alguma centelha de premonição, o que havia de lhe acontecer; mas, antes de montar, roubou-me dos braços da Tia e, sem se importar com meu rosto lambuzado de mingau, beijou-me repetidas vezes. Depois, já nos degraus da varanda, parou o passo e ficou observando seu marido longamente, e viu os seus gestos calmos ao virar as páginas do caderno onde fazia rápidas notas, o vulto forte e moreno, as pernas longas e bem-feitas sob a calça clara que ele usava. Ela suspirou e, ao seu suspiro leve, o ar encheu-se de uma fragrância de jasmims. Então, como cutucada por uma mão invisível, venceu os degraus e saiu correndo pelo gramado em direção à pequena cocheira. Assim a vi pela última vez, flanando pelos jardins qual uma ninfa, os cabelos finos escapando da trama de palhas do chapéu. Eu, nos braços de Tia Alice, a boca cheia de mingau, ainda senti um leve e vago aperto de dor, mas nada disse porque ainda não falava. Depois disso, muitos anos se passaram até que a alma de minha mãe encontrou paz suficiente para vir ver-nos, e então eu já era uma menina crescida.

Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas sempre ouvi dizer que o cavalo de minha mãe empinara com fúria e que, por isso, pega de surpresa em pleno galope, ela perdeu o equilíbrio e foi jogada ao chão. A força dessa queda lhe quebrou o pescoço, e ela morreu instantaneamente. Ainda na noite desse mesmo dia, o doutor asseguraria para Tia Alice, desesperada e muito pálida, que Eleanor partira sem dor nem susto, pois tudo acontecera num espasmo de segundo. Só eu sei, com essa certeza que trago dentro do peito, que minha mãe sabia de sua prematura morte e que, talvez, numa tímida vaidade feminina, tenha desamarrado o laço de fita do seu chapéu, para que meu pai, ao encontrá-la nessa derradeira vez, pudesse vê-la com os cabelos soltos e brilhantes ao sol, que era como ele sempre gostava de encontrá-la.

O pai, ao ouvir o relincho do cavalo, levantou-se com um pulo de gato e saiu numa corrida desabalada até a estradinha. No caminho, tentando vencer o próprio limite, seu coração saltava, quase alcançando sua garganta, como se quisesse lhe fugir do peito. Encontrou Eleanor caída no areal, a cabeça levemente torcida, como uma boneca triste. Gritou, um grito fundo, nascido nos labirintos da sua alma, e esse som de animal ferido de morte chegou até os recantos mais distantes da nossa propriedade. A cozinheira largou seu cozido; no campo, os empregados deixaram a cerca na qual trabalhavam; no andar superior, Loá, arrumando a cama do casal, sentiu escorregar de suas mãos frias o lençol, e esse esparramou-se no chão feito a pele de um fantasma.

— Cruz em credo — gemeu a mulher, branca de susto. — Aconteceu uma desgraça. — E correu para espiar na janela.

Na varanda, Tia Alice apertava-me com força, os olhos grudados no vulto que surgia dentre as sebes. Era meu pai que vinha, lento, encurvado, morto em vida. Dolorosamente, ele aproximava-se da casa, e trazia nos braços, leve e muito linda, a esposinha morta.

O cavalo, coitado, desapareceu pelo caminho e sumiu em linha reta pela praia infinita, sendo que dele nunca mais se ouviu a mais vaga notícia. Anos mais tarde, meu pai chegou a duvidar da sua existência, como duvidou de muitas outras coisas que antes lhe eram caras, pois deixou de ser o mesmo com a morte

da esposa que tanto amava. Nunca mais — e para meu pai isso foi verdade, embora nunca seja uma lonjura muito extensa — ele pôde amar, e nem o quis. Nascera nessa vida para viver com Eleanor, minha mãezinha, e, partida sua alma, viveu das memórias daquele amor e das raras visitas que seu espectro lhe fazia, numas noites mornas de lua límpida, pois Eleanor sempre amou o verão dessa terra.

Meu pai subiu um a um os degraus para a varanda. As pessoas da casa começavam a juntar-se, formando uma platéia muda e triste. Tia Alice, já tendo me dispensado para uma das empregadas, pensou em chegar-se ao irmão, mas, vendo o vazio dos olhos dele, desistiu e foi chorar num canto. Não sei se meu pai apercebeu-se disso, mas intuo que sua alma estava retalhada demais para tanto. Via somente a grande casa branca, o rosto lívido e perfeito da esposa, a sua boca, tão macia, levemente aberta como se sorrisse, os cabelos de seda sacudidos pelo vento e que pareciam, em sua dança, ainda guardar algum último resquício que fosse de vida. Então, meu pai adentrou a sala fresca. Atrás dele, os outros fizeram o mesmo. Ele deitou a esposa no longo sofá de veludo azul, onde tantas vezes ela ficara a ler seus romances ou bordando algum pano. Assim, vendo-a em seu posto, ainda tentou imaginá-la viva. A janela aberta deixava o sol entrar e a brisa da manhã balançava mansamente as cortinas de renda branca. Meu pai sorriu debilmente e, em seu horror, deve ter achado um desatino que o sol ainda brilhasse, que a sala estivesse limpa e impecável, com seus jarros de flores e sua mobília cuidadosamente escolhida e disposta; era impossível que o mundo permanecesse impávido, que o dia seguisse, o relógio empurrando placidamente seus ponteiros, mesmo depois de ela morta... Ela, por quem tudo existia, o motivo da vida e da graça, do sol e da lua, a busca incessante das marés, o perfume humanizado de todas as flores... Ela, que o encontrara entre os portos, que o acalentara em seus braços, que dera tino e destino para sua vida...

Apertados num canto da extensa sala, todos viram quando meu pai começou a chorar. Ninguém se moveu. Ele tinha direito àquela dor. Numa extremidade, as mãos sujas de terra, o jardineiro sentiu cócegas no nariz. Olhou para o chão, tentando enganar o espirro, pois não era certo nenhum movimento, não era certo nem estar ali, enquanto o patrão desmazelava-se, enquanto a alma daquela mulher flanava, talvez pela única e última vez, entre suas cabeças.

O rosto belo de meu pai desfigurou-se quando ele começou a falar, numa voz rouca e abafada. E ele disse da primeira vez em que a vira entre as gentes, tão diáfana e loura que mais parecia uma aquarela, e que nesta noite não dormira de amores. Só então percebera a dimensão de viver, somente quando a tivera nos braços e quando fugira, levando-a do noivo Percival, para que fossem felizes em qualquer canto do mundo. Disse-lhe que só a ela amara e com um amor que lhe fervera os miolos e o coração, e só a ela haveria de amar pelos anos de sua vida árida e solitária. E aquela casa, aquela insanidade que erguera, tentando dar geografia ao seu amor tresloucado e insano, aquela casa, ele a derrubaria. Disse-lhe que morria, e que ela, tão frágil em sua morte, era-lhe tudo. Sim, queria morrer e sentir na boca o gosto da terra que haveria de guardá-los do mundo, e então mergulhariam para sempre naquele vácuo eterno, juntos, juntos finalmente para sempre...

E meu pai disse e disse, mas minha mãe não sorriu, não abriu seus olhos de mar; deixou-se ficar ali, cálida como uma rosa de inverno, silenciosa, sem coragem de olhar para ele, de dizer-lhe que havia morrido e que muitos anos ainda se passariam antes que pudessem estar juntos novamente. Deixou-se ficar ali para que o amado percebesse, enfim, que ela tinha ido embora.

ERA QUASE NOITE QUANDO tia Alice resolveu botar tino na vida. Com uma força extraordinária que, às vezes, lhe brotava das entranhas nas horas críticas da família, mandou os criados para seus cantos, pediu que Loá fizesse uma sopa grossa e bem temperada e que alguém me botasse a dormir. Depois, numa voz de chamar passarinhos, convidou meu pai a deitar-se um pouquinho que fosse.

— Não quero — disse ele, num fio de voz, os olhos fixos no vulto quase escondido nas sombras.

— Não quer mas precisa, Augusto — respondeu Tia Alice, muito calma. E puxou-o com um misto de delicadeza e força.

Meu pai, desconcertado, deixou-se erguer.

— Não, Alice... — pediu, sentindo-se afastar de minha mãe. — Quero ficar com ela, Alice, quero ficar com ela.

A Tia engoliu o choro. Renovou a força do seu abraço e, cruzando o umbral da porta que levava ao corredor, disse apenas:

— Depois, Augusto, depois.

Assim meu pai deixou-se ir, a mente embotada, os pés se arrastando num vagar de desilusão. Tanto fazia que fosse para o quarto ou para a noite escura, para o mar, para a morte. Nunca mais, pensou, nunca mais haveria Eleanor, nem seu riso morno e límpido, nem seu beijo de bom-dia, nem nada. Nunca mais haveria luz.

— O que vamos fazer? — quis saber Loá, mais tarde, quando Tia Alice surgiu, vinda do quarto de meu pai.

A Tia olhou o corpo imóvel de minha mãe estirado sobre o sofá, a pele translúcida e fina. “Como é bonita” — gemeu, quase para si — “mesmo morta.”

— Quê? — perguntou a outra.

— Nada, Loá — disse Tia Alice, esfregando os olhos doloridos. Viu que era noite alta e que lá fora os grilos cantavam por causa do calor intenso que fizera durante o dia.

— O que fazemos, dona Alice? Rezamos?

— Rezar? Deus não está aqui hoje, Loá... Quem dera estivesse, quem dera... — E depois, novamente decidida, desviando os olhos do sofá: — Chame o capataz, quero que ele vá buscar o doutor e o padre.



Alguém tem de pôr ordem nesta casa.

— Sim senhora — respondeu Loá, e sumiu pelo corredor penumbroso.

Sozinha na sala, Tia Alice sentou-se numa ponta do sofá, tomando o cuidado de não se encostar na cunhada, não por medo, não por isso. Parecia profano tocá-la, tão digna em sua morte solitária e absurda. Ajeitou o seu vestido suado, o avental que usava desde a manhã. De repente, sentiu todo o peso daquela dor transformando-se numa cansaço que a convidava ao sono. Longe, as luzes vizinhas iluminavam a noite; mais longe ainda, o barulho ténue do mar era quase como um sonho de paz.

O PADRE E O MÉDICO trataram de cuidar das suas obrigações. O padre Monástio, metido em sua batina triste e escura, disse que Deus tinha caminhos estranhos. Tia Alice, por conta da sua dor, estava muito descrente e, após tratar do enterro em rápidas frases, convidou o velho padre para comer um prato de sopa na cozinha. Depois, pediu, fosse dar algum alento ao pobre Augusto, caso isso fosse possível, o que ela achava muito difícil.

O doutor, o mesmo que confirmara a minha concepção, não pôde esconder sua tristeza. Disse que havia muitos anos que lutava contra a morte, e essa convivência diária era fardo muito pesado em alguns casos. Conformara-se em perder pacientes ao longo dos anos, gente doente ou velha, cuja saída melhor era mesmo o descanso; mas ver partir uma moça tão pura e suave como aquela, com filha pequena e marido apaixonado, isso era coisa grave. Alice concordou com um meneio de cabeça. Depois, o médico remexeu um pouco no corpo frio e bastante rígido e confirmou que a queda fora fatal.

— Quebrou o pescoço e, certamente, algumas vértebras. Se tivesse vivido, ficaria paraplégica.

A Tia não pôde imaginar a cunhada presa a uma cadeira de rodas. O doutor, atento às sombras no olhar da moça que vira crescer, sentou-se ao lado dela e tentou consolá-la com umas palavras doces. Tia Alice chorou um pouco; depois, dizendo que precisava ser forte, secou os olhos ardidados com a ponta do seu lençinho de organdi.

— Você será o esteio desta casa, Alice — disse o médico, num tom quase profético.

— Eu bem sei. Augusto acabou-se.

O médico balançou tristemente a cabeça calva. Augusto melhoraria, com o tempo, melhoraria.

— Melhorar, vai — concordou Tia Alice, muito sábia —, mas nunca mais há de ser o mesmo, nunca mais.

E FOI ASSIM. O ar esteve durante todo o dia saturado de minúsculos pontos dourados na sexta-feira ensolarada em que sepultaram minha mãe. Seu caixãozinho, especialmente pintado de marfim, rebrilhava na luz límpida da manhã quase como um espelho; e era leve, muito leve, pois minha mãe sempre tivera ossos de passarinho. Porque meu pai não podia viver sem ela, mesmo que agora lhe restasse somente o consolo da cruz de cobre e madeira fincada sobre a terra e mais um punhado de recordações, ficou decidido que ela seria enterrada no jardim que ladeava a alameda, num lugar em que poderia ouvir o doce ruído das ondas, cheio de flores e relva, onde por muitos dias meu pai lhe fez companhia.

Naquela manhã, quando o padre já se preparava para encomendar a alma de minha mãe, Augusto surgiu do refúgio de seu quarto, e estava limpo e bem vestido. Caminhava como se caminha nos sonhos, num passo lento, quase estático, os olhos perdidos e apagados de qualquer luz, sem pisar muito no chão e sem falar nada a ninguém. Ia ereto, belo e másculo em seu luto de viúvo jovem e enamorado, distante, mais distante que um fantasma. Impressionavam os círculos escuros que lhe rodeavam os olhos fundos. Ao vê-lo, sua tez pálida, a boca num ricto de dor continuada, algumas pessoas comentaram coisas, e suas vozes abafadas ganharam o ar fresco do dia com um alarido quase surpreendente. Havia muita gente no jardim, pois a morte intempestiva de minha mãe causou um choque na cidade que tanto a apreciara, linda e esquisita com seus ares de fada. O padre Monástio pediu silêncio em respeito à alma da morta. Todos se calaram. No fundo, atrás da massa de pessoas, Loá, comigo em seu colo, fungava alto, os olhos rajados da noite de choro, e os seus braços roliços me apertavam contra suas carnes fartas e mornas. Nunca imaginara aquela cena, ver baixarem à terra a criatura que tantas vezes ela alimentara, tão clarinha, tão mansa e doce... Sim, pensou com um estremecimento, a vida era coisa louca por demais. Logo agora que dona Eleanor adquiria umas cores no rosto de cera, logo agora que a menina Laila estava começando a ensaiar umas palavretinhas...

Loá deu alguns passos para a frente e viu, quase à beira da sepultura, Tia Alice, muito pálida e soturna, segurando o braço de seu irmão, Augusto Serrat, que não chorava nem dizia nada.

— Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que acredita em mim jamais morrerá...”

As palavras do padre alçaram vôo pelo espaço azulado. Meu pai parecia não ouvi-lo e permaneceu assim durante toda a encomendação, obtuso, imóvel, como o velho leito de um rio seco. O sacerdote continuou a falar numa voz lenta e arrastada; por fim, alguns homens adiantaram-se e seguraram as alças de bronze, levantando, sem esforço, o caixão de minha mãe.

Meu pai acompanhou aquela derradeira manobra, o esquife suspenso no ar, a cova funda e escura, o lento abaixar do invólucro eterno de sua Eleanor, as sombras mansas que começaram a projetar-se sobre a madeira clara quando ele foi sendo sugado para o fundo da terra. Num impulso desesperado, a cabeça vazia, despreendeu-se do abraço da irmã e jogou-se para a frente. Tia Alice, muito atenta à morbidez dos fatos, agarrou-o com todas as suas forças, segurando-o dentro do nó dos seus braços, como se nunca mais

pretendesse largá-lo. Por um instante, o olhar cru de meu pai queimou-a feito fogo. Ninguém se mexia, esperando. Então, perdendo sua pouca força, meu pai amoleceu nos braços da irmã, sofrendo outra vez, chorando. Talvez, no momento maior do desespero, tenha pensado no meu futuro. Talvez... O fato é que ficou ali e, segundo se conta, nada disse para ninguém; apenas viu as pessoas dispersarem-se pelo caminho, viu o sol arder no céu e ir, na sua eterna trajetória, para os lados da serra. Ficou ali, parado, estátua, até que tudo se acabou e a tarde morreu, num lento escurecer cheio de uma beleza cruel. Sozinho, meu pai ajoelhou-se junto à pequena lápide e esperou o nada, calmo, vazio, na mesma pasmaceira com que continuou esperando pelos muitos anos de sua vida triste.

TIA ALICE COMPREENDEU QUE a tarefa de criar-me cabia a ela. Nos primeiros dias, a casa manteve seu silêncio de sepulcro, e meu pai era apenas uma sombra esquiva a vagar pelos corredores, e que sumia-se, ninguém sabia para onde. E os sumiços de Augusto eram mistério para todos até que, numa tarde, um dos empregados contou de boca cheia, enquanto comia o seu feijão: o patrão ficava o dia todo no cemiteriozinho, velando sua mulher defunta. Tia Alice quis cair em prantos, mas recorreu à sua coragem para continuar guiando a casa com a razão.

Servia-se o almoço para a mesa vazia e na hora de sempre para a vida não perder o tino.

— Ele vem comer — dizia a Tia, confiante —, qualquer dia desses vem. Não pode ficar sem fome para sempre.

Loá entristecia-se.

— Está magrito que só vendo... Acho que quer morrer, coitado.

— Vira essa boca para lá. Isso há de passar.

Loá duvidava um pouco. Havia sido amor muito grande.

— E a menina? — quis saber, uma ou duas vezes, vendo que o caso não melhorava e que o patrão continuava esquivo e distante feito um fantasma.

— Eu cuido dela — respondia sempre Tia Alice. — Nada vai faltar para Laila. Jurei quando a cunhada morreu. Jurei.

E metia-se a agradar-me, cantando cantigas felizes, pois achava que as crianças tinham de viver alegres, que era para não atormentarem suas almas com problemas de gente grande.

— Morte é assunto de adulto — a Tia cansava de falar.

E, sobre minha mãe, contou-me sempre que partira para algum canto da casa, talvez habitasse junto aos pássaros do viveiro, pois sempre gostara muito de aves. Talvez, quem sabe, tivesse virado brisa e se infiltrara por alguma porta entreaberta dos quartos fechados no andar superior.

— Está por aí, Laila — dizia —, qualquer hora a gente acha.

Brincava, Tia Alice... Muitos anos depois, numa dessas minhas incursões pela louca casa de meu pai, tive oportunidade de certificar-me das palavras da Tia, pois os filhos que anos depois tive passaram muitas tardes a perseguir seu belo e sutil espectro, querendo ver as luzes da avó morta de quem tanto ouviam contar.

COM O CORRER DOS DIAS, não diminuiu a tristeza nem a saudade, mas a vida adquiriu um certo prumo outra vez. Só meu pai permaneceu metido em sua pasmaceira, até pior. Tia Alice tentava, em vão, arrancá-lo de seu horror, mas quanto mais se esforçava, menos conseguia. Nem bolo, nem assado, nem filme no cinema, meus progressos ou meu pranto de menina órfã, nada podia com aquela mudez de pedra. Meu pai mergulhara num abismo muito fundo, donde era quase impossível escapar. Loá, em conchavo com a patroa, fez uma dezena de simpatias — umas até, dizia, muito certas —, mas nenhuma exerceu qualquer efeito sobre o pobre Augusto Serrat.

Solitário e desesperado, meu pai desenvolveu o hábito de segredar à esposa morta tudo o que tinha para ser contado. Como fazia muito pouco de sua vida desde que ela partira, achou por bem começar seus relatos pela infância, e contou tudo: as tardes na praia, a antiga amizade que tinha com minha avó Leontina, as brigas que travara com o pai, turrão e nervoso; contava dos anos do Mausoléu e até a previsão acertada que lhe fizera o Cigano numa noite depois do jogo de cartas. Às vezes, falava um pouco de mim, numas frases rápidas e sussurradas. A verdade é que eu era parecida demais com minha mãe para que meu pai pudesse estar comigo sem sofrer de saudades. Além disso, a terrível perda lhe roubara boa parte dos afetos, e ele se achava meio incapaz de amar, nem a filha que fosse.

Por três meses vagou meu pai pela casa, sem eira nem beira, qual uma folha seca levada pelo vento invernal. Emagreceu e perdeu o viço que sempre encantara todas as mulheres. Quase não comia, esquecia-se do banho e da barba, não falava com ninguém, a não ser numas frases rápidas que não diziam coisa com coisa. Era uma dor muda. Desesperada com o estado de meu pai, que só parecia piorar, Tia Alice passou a choramingar pelos cantos, com medo de que também morresse o irmão querido, e morresse de tanto amar em vão. Dia após dia, seguia meu pai, impassível; arrastava-se até o cemitério, e de lá contemplava o dia vazio, sem se importar que as horas corressem ou se arrastassem até a noite. Os mesmos temporais avassaladores que lhe haviam varrido a alma, quando conhecera minha mãe, agora o devastavam de novo — mas esses não eram ventos de amor, eram ventos de morte. E meu pai ficou assim, sem que nada pudesse ser feito por ele, até o dia em que começou a chorar.

Porque estava sentado na varanda — no torpor de além-túmulo em que se metera —, umas luzes do

pôr-do-sol conseguiram penetrar em sua alma, rasgando a espessa bruma do seu pânico. Foi por isso, porque viu as últimas cores do dia morrendo na grama, que Augusto Serrat lembrou-se de sua Eleanor. E a pôde rever viva, linda, diáfana, sorrindo para ele, plantando seus jasmims e suas begônias, dizendo que a vida era bela e que o amor era tudo. Dizendo que eu era preciosa, a filhinha deles, e rindo e rindo e rindo... Viu-a por um instante único, fruto da saudade ou um recado do além, mas sentiu então que se abriam as comportas de sua dor, e o pranto guardado nos últimos tempos derramou-se inteiro, e veio em turbilhão. Emergiu com toda a força dos confins de onde fora relegado e inundou-o todo, numa enchente de lágrimas que fez um rio na varanda.

Meu pai, antes homem de risos loucos e amores mais loucos ainda, depois fantasma a vagar pelo nada, virou um rio caudaloso de saudades reprimidas de uma alma que não tinha mais como viver. Chorou muito, chorou tudo, e esse pranto oceânico levou três dias para esvair-se.

TIA ALICE, AO VER AQUELE pranto de morte, teve um chique, e chegou a achar que meu pai morreria mesmo. Ajoelhada ao lado dele na varanda alagada de lágrimas, tentou chamá-lo à razão; mas ele estava por demais compenetrado em sua própria dor e não pôde ouvi-la. Era um pranto tão doído que contagiava, e a própria Tia Alice pôs-se a chorar com ele. E depois Loá, e depois todo mundo, até que a Tia achou que aquela era uma tristeza viral e que se transmitia pelo ar, indo infiltrar-se nas almas onde as dores escondidas esperavam para sair. Então, lhe veio um medo de que meu pai acabasse por provocar uma epidemia de choros que se espalharia pela cidade inteira e iria, de alma em alma, ganhando as terras até que o país inteiro acabasse mergulhado num pranto interminável por tudo que houvesse para prantear.

Com um resto de razão, a Tia buscou dentro de si força para secar suas lágrimas e ordenou que todos fizessem o mesmo, e que Loá voltasse para a cozinha, que alguém tomasse conta de mim e os homens retornassem para a lida. Augusto Serrat ficaria ali, sentado em sua cadeira ensopada de pranto, por todo o tempo que necessitasse para expulsar de sua alma aquela dor. E que ninguém fosse ter com ele e que, quando passassem pelos caminhos de perto, tapassem os ouvidos, sob o risco de eles mesmos caírem outra vez na choradeira.

— Com certeza o pranto de dois tem mais força que o pranto de um — falou ela, fechando a porta da varanda.

Lá fora, meu pai continuava imóvel, os olhos inundados e perdidos no céu.

E foram três dias em que o pai não comeu nem bebeu. De quando em quando, Tia Alice enchia os ouvidos de algodão e ia ver a quantas andava ele, mas meu pai andava sempre na mesma. Nesses dias intermináveis, voltou-lhe o medo de que o irmão morresse, seco por tantas lágrimas vertidas, mas, por

fim, acabou achando que aquilo era mesmo inevitável e que se alguém nesse mundo de Deus tivesse tanto para chorar, era melhor que chorasse.

— Quem sabe se Augusto desafoga a sua alma — resmungou para si mesma, ouvindo o choro distante e fraco que vinha da varanda.

Lá pela tarde do terceiro dia, o turbilhão de meu pai foi perdendo sua força e seu oceano virou córrego. À noitinha, sob a reza sussurrada de Loá, que fazia promessa a um número indefinido de santos, o choro cedeu finalmente. A Tia, num suspiro aliviado, rezou duas vezes o terço completo — pulando umas aves quando cochilava em sua cadeira de bordados — e depois, cumprida sua jura, levou o meu pai, magro e desidratado por tantas lágrimas vertidas, para dentro da casa. Então, deu-lhe o banho e fez sua barba, penteou-o com o mesmo carinho com que desfazia os nós do meu cabelo de menina, e vestiu-o com um roupão recém-lavado e cheirando a verbena. Na cozinha, meu pai comeu dois pratos de sopa e cinco fatias de pão com a fome de um andarilho; depois, limpo e alimentado, deitou-se no sofá da biblioteca e lá dormiu por dois dias inteiros.

Tia Alice tomou muitas precauções para que, quando meu pai acordasse, tudo na casa estivesse calmo e organizado. Pediu que não se falasse na finada Eleanor, era assunto ainda muito duro para ele, e que os empregados viessem ter com ela mesma a cada questão que desejassem resolver.

— Augusto precisa de uns dias de paz, só isso — disse ela.

Quanto a mim, tratou de falar-me em sua voz mais branda, dizendo que o papai andara muito doente, coisas de gente grande, mas que ficava cada dia melhor e que logo iria passear comigo pela cidade e levar-me-ia até a praia para um bom banho de mar. Eu, muito atenta, aquiescia.

Não me lembro muito bem do teor dos meus pensamentos naqueles dias confusos, eu era ainda uma menininha de três anos incompletos. Por vezes, isso eu sei, acordava em meio ao escuro do quarto e, chorando por minha mãe, a única voz que me consolava era a da Tia. Então, eu recordava que minha mãe andava feito brisa, vagando de um canto a outro e revirando as cortinas como o vento, e tentava dormir outra vez que era para ver se sonhava com ela. No mais, tinha saudades de ver meu pai; mas Tia Alice me punha freios: primeiro haviam sido os tais choros e a tristeza de vírus, depois ele andava dormindo na biblioteca e precisava de paz para o sono.

Uma semana mais tarde, meu pai apareceu-nos. Parecia recuperado, as carnes mais viçosas, o olho negro ostentando algum brilho. Ria pouco e falava menos ainda, mas já andava pela casa inteirando-se das coisas e comia à mesa todas as refeições. Avisou à Tia que tencionava voltar às viagens, pois o mar sempre lhe fora curativo.

— Vá quando quiser — dizia Alice, docemente. — Daqui cuido eu, você sabe.

Sim, meu pai sabia disso muito bem. Depois de um almoço qualquer, num dia chuvoso e lento, teve coragem de tomar-me em seu colo pela primeira vez depois da morte da mãe. Cheirou-me com cautela e sentiu, misturado ao talco de menina, o perfume cálido e doce que antes percebia em sua Eleanor.

Também os olhos eram os mesmos, e o rosto todo tinha linhas iguais às dela. E tomou meus cabelos entre seus dedos, conferindo que possuíam a mesma textura e cor, e que se uniam em leves cachos como os cabelos de minha mãe. Teve ganas de chorar, mas engoliu suas lágrimas ao ver meu sorriso; e daí em diante quis ficar muito tempo comigo, rememorando os dias em que havíamos sido, os três, uma família calma e feliz.

— Vai crescer para ser igual à mãe — disse meu pai, certa vez, olhando-me brincar sobre o tapete da sala.

Tia Alice largou as contas que fazia, olhou-me e a ele, sopesou o som da sua voz, se havia medo ou se havia raiva, se era fala de dor ou de saudades. Tinha medo de responder qualquer coisa, pois nunca haveria de esquecer os dias em que o irmão lavara a varanda com seu choro de quase morte. Por fim, observando que meu pai sorria calmamente, respondeu:

— Que Deus queira, Augusto. Que Deus queira. Eleanor era quase um anjo.

— E Laila vai ser feliz. Essa desgraça não havia de acontecer duas vezes na mesma casa — disse o pai, taxativo.

Sentada com meus brinquedos, sorri. Não sabia naqueles dias que sim, que desgraça semelhante haveria de cair sobre nossas cabeças muitos anos mais tarde, muito depois da partida de Augusto Serrat e muito depois de Tia Alice, também. Eu brincava calada, não gostava muito de conversas, e isso, esse silêncio profundo de minha alma, veio daqueles tempos em que meu pai chorou feito um rio. Sim, pois me ficou, vinda daqueles dias, uma tristeza grudada na alma. Tia Alice vigiou a todos com o maior dos cuidados, e proibiu-lhes que passassem perto de meu pai com os ouvidos abertos ou que olhassem seu pranto. E, de tanto cuidar os homens e as mulheres, esqueceu-se da única criança da casa. Também eu sabia andar, embora com passos trôpegos e desencontrados; mas, para uma menina, ver o pai sozinho a chorar é coisa inaceitável. Acabei indo ver o pranto de meu pai e deitei minha cabeça em seu colo molhado de lágrimas. E os seus males contagiaram-me também. Não tive choro que nem os adultos, minha alma guardava umas poucas tristezas infantis, mas desse vírus de dor ficou-me um desencanto sem gosto nem cheiro, que se instalou nos meandros de meu espírito e tirou de mim, por um bom tempo, a vontade de falar.

DEPOIS DA MORTE DA ESPOSA, meu pai mudou-se para outro quarto, pois lhe faltavam brios para dormir sozinho onde antes dormira com ela. Ainda uma vez, deitou-se na imensa cama de seu casamento e não pregou o olho. Ficou assim, rememorando os detalhes de Eleanor nas muitas noites de sua lembrança, seu riso, seu corpo, seu sexo. Veio-lhe uma dor de morte e, passando a madrugada inteira metido em

reminiscências, de manhã o pai ardia em febre. Mas não desistiu; voltou, na noite seguinte, a deitar-se no leito de amores de outrora, e dessa vez a febre não esperou o raiar do dia, tombando sobre ele ainda na madrugada. Ardente, balbuciando palavras confusas, meu pai compreendeu que tinha no peito uns amores tão drásticos que tentavam escapar do modo que achassem e que, se insistisse naqueles cultos póstumos, haveriam de cair em desgraça as suas carnes — o espírito já estava irremediavelmente perdido.

Augusto Serrat tratou então de mudar de alcova, e fê-lo para a que lhe pareceu mais distante da antiga. Instalado no novo quarto, onde o colchão ainda não tinha marca de nenhum corpo nem guardava resquício de nenhum perfume, pôde encontrar umas réstias de paz. Lá, quieto e solitário, pôs em dia o sono perdido. Mas, em horas desencontradas, ia sempre, todas as tardes, matar as saudades da esposa no antigo quarto dos dois, e manteve-o tal e qual minha mãe o deixara na manhã da sua desdita. Foi o primeiro quarto de nossa casa a ser preservado para a alma do defunto, e na esteira dele acabaram por vir muitos outros. Como esse é um casarão sem fim, sempre tivemos espaço de sobra para tanto e, já muito mais tarde, nos dias em que vivo hoje, ficaram-nos mais quartos de mortos do que quartos de vivos.

O PAI FOI E VOLTOU MUITAS VEZES. Passaram por nós quatro invernos, quando a chuva caía, miúda e contínua, e eu era proibida de ir até a praia, pois o mar ficava rebelde e escuro. Depois de mais de cinco anos de guerra, os aliados desembarcaram na França e, num trabalho conjunto entre a aviação aliada e os resistentes franceses, pontos estratégicos alemães foram sabotados e bombardeados. A França ganhava a sua liberdade. Um ano depois, Hitler iria suicidar-se, deixando para trás um rasto de morte e de sangue que para sempre abalaria a humanidade. Alice contava-me as notícias de morte e de vitória para que sempre eu guardasse em mente que a guerra só trazia desilusões.

Eleanor tornou-se para mim apenas o rosto doce e dourado que ficava no lugar de honra da grande sala de visitas e o nome que eu pronunciava mentalmente nas minhas orações. Seu quarto, local sagrado e mítico, era mantido a chave, e essa andava pendurada no pescoço de meu pai. Tia Alice tomou para si todos os cuidados da casa, contratando empregados e fazendo as compras; chegou, até mesmo, a guiar um carro barulhento e negro que ia sacudindo até a cidade, quando não recebíamos o aviso de que caíra em alguma valeta e precisava de ajuda masculina. Gostávamos de ir ao cinema em tardes alternadas, e o que mais incomodava a Tia era o meu silêncio de depois da sessão, quando ela queria comentar os romances, mas não tinha com quem.

— Essa menina me preocupa, Augusto — dizia ela, a cada aparecimento do meu pai. — Não fala quase nunca.



— Deixe-a — respondia meu pai, beijando-me com amor e angústia. — Quando Laila tiver o que dizer, então falará.

Eu, talvez pela quietude de meu próprio espírito, gostava muito de espiar os livros da biblioteca e de observar as lides alheias. Loá, quando me via empoleirada numa cadeira da cozinha, olhando-a fazer o almoço, desatava numa falastrina e dizia tudo sobre qualquer assunto, que era para ver se preenchia o meu silêncio com as suas próprias palavras. Com ela, aprendi a bater os cremes e a rezar o terço três vezes seguidas para espantar os meus quebrantos. E, dizia ela, quando a chuva caía eram os anjos chorando no céu, e, à noite, não se deixava vela acesa para não chamar alma perdida. Cachorro ganindo em madrugada de lua minguante era aviso de doença.

Tia Alice via tudo.

— Não encha a cabeça da menina, Loá.

— Isso é sabedoria, dona Alice — dizia a mulher, batendo a massa do bolo. — Isso é a verdade da vida.

E seguia contando que, para ela, o mais triste era ver que os pais envelheciam para acabar filhos dos próprios filhos, e que, talvez, fosse por isso que ela nunca parira: para não acabar sendo filha do filho dela mesma.

Loá era boa conselheira, mas foi mesmo Tia Alice quem deu graça aos meus dias, pois me encheu a alma duns sonhos tão doces que não houve idade nem desencanto que conseguissem apagar essa herança. Pois a Tia tinha umas idéias muito dela; achava que os amores multiplicavam os amores e que, se um amasse com fervor, esses ventos de paixão haveriam de alastrar-se espalhando tal ardor por mais uns quantos corações desprevenidos. Achava que bondade chamava bondade, mas que a ruindade de uma alma de fel tinha o poder de adoentar mais duas, e que as maldades do mundo geravam sempre outras maiores. A Tia tinha uma certeza: os sentimentos alastravam-se feito um vírus, infiltrando-se nas almas como as pestes na carne. Certa vez, comentou-me o caso da choradeira de meu pai.

— Só porque eu agi com ligeireza foi que escapamos todos de nos consumirmos nas tristezas um do outro. — E ainda dizia: — Imagina, filha, se eu começo a chorar por ter ficado sem marido. Mais vinte solteironas dos arredores caem no pranto, também.

Assim se ia ela, na singeleza de suas sábias verdades. Não se casou, a cara Tia Alice, mas sempre foi fiel aos seus pensares, porque emanou eterna doçura em seu olhar e gostou tanto de todos que deve ter alimentado mais uns vinte corações com sua bondade de gigante.

AUGUSTO SERRAT NÃO QUERIA IR nem ficar. As viagens eram longas e penosas; mas em casa, preso

àquelas recordações que tanto o sufocavam, viver era tarefa quase árdua demais. De vago e distraído, seu coração tornara-se hermético. Dizia sempre que não haveria de amar nunca mais — e não era teimosia, era certeza que tinha. Em casa, logo não sabia o que fazer com seu tempo e buscava qualquer tarefa, ajudava o capataz com as contas do mês, consertava a cerca, comprava algum animal ou inventava que se plantasse outra coisa nas terras de cultivo. Quando andava pela cidade, às vezes levando-me pela mão, os olhares das moças plantavam-se em seu vulto. Meu pai era ainda homem de beleza urgente, a vida latejava em sua carne, abrilhantava os seus gestos, exalava de todos os seus poros. Sim, havia umas sombras no seu olhar — que qualquer desavisado podia perceber serem saudades da mulher finada —, mas até isso o tornava mais interessante: olhava para os outros com lentidão e calma, não esperava mais nada da vida, não queria mais nada, e isso lhe dava encanto.

Na cidade, rostos femininos corriam às janelas para vê-lo, acenavam com alegria, fingiam qualquer interesse: sobre o tempo, sobre as viagens. Tinha trazido coisas para o Seu José da venda? Andara por qual terra, e como estava Alice, curara-se da última enxaqueca? Eram desculpas para vê-lo, para piscar ante seus olhos, fazerem-se coquetes e bonitas. Meu pai, viúvo jovem, belo e rico, era partido para casamento, o melhor das bandas. É claro que ele, arguto, percebia os amores que causava. Respondia sempre, com igual atenção, fosse qual fosse a mulher, avó querendo arranjar a vida da neta ou mulher descasada buscando amor, nenhuma haveria de interessá-lo ao ponto de chegarem ao altar. E era um tal de tome um chá em nossa casa, ou hoje temos bolinhos de peixe... Venha provar, seu Augusto, e traga a pequena Laila. Viviam a convidá-lo para tudo e, embora meu pai sempre promettesse a visita, era criatura das mais escorregadias, nunca aparecia. Mandava um empregado dizer que viajara, ou que Lailinha estava adoentada, ou o trabalho, imagine-se, estava cada vez maior lá na casa. E era assim o pai: cheio de amores, mais cheio ainda de solidão, fria, triste, solidão com gosto de saudade.

Alguns anos depois da morte da cunhada, Tia Alice começou a ser partidária da idéia de que Augusto deveria achar outro casamento. Mulher não lhe faltaria; se não fosse da cidade, de qualquer outro canto do mundo. Embora soubesse que o irmão nunca mais haveria de amar outra com a mesma ânsia que amara a finada, era pouco justo que homem como ele, ainda jovem, perdesse a vida na solidão. Mas meu pai não queria nem saber. Aceitara o desvario da vida e isso lhe dera uma certa calma, espantando um pouco a dor que lhe ia dentro do coração. Continuava triste, uma tristeza meio doce que o acompanhou pelo resto dos seus dias, mas acabara, enfim, a grande revolta dos primeiros tempos. Atravessava os mares, numa busca contínua de algo que nunca poderia achar fora de si, e isso lhe trazia paz. Meu pai vinha ver-nos uma vez ao mês, mas, então, mal caminhava pelos corredores, percebendo as coisas de antes, o floreado das cortinas que ela escolhera, o azul preferido dela com o qual se furraram os sofás, logo lhe ardia o peito, e nem eu podia aliviar esse sofrimento.

DEPOIS DE ALGUNS ANOS monossilábicos, veio-me a vontade de falar. Veio por nada, assim feito a fome que, no meio da tarde, nos ronca no estômago, gulosa, angustiada. Assim ocorreu: estava eu a catar conchas pela praia, mais um menino da casa, e as palavras me atolaram na boca, feito ondas de saliva igual ao mar. O moleque, Luís, talvez, nem me estranhou. Era criança também, compreendia sem entender as mudanças do espírito, a inquietação desses primeiros anos de vida.

— Que foi que você disse? — quis saber ele, os dedos enterrados na areia morna.

Eu falei que a água estava quente, quase cálida; aliás palavra estranha para menina de nove anos, e é claro que o moleque não a compreendeu: nunca tivera um surto de mudez, o que nos deixa o tempo livre, mas tão livre que acabamos lendo desde livros de lógica até dicionários. Expliquei-lhe que cálido era quente, de uma quentura doce feito o beijo. Luís achou que eu falava difícil, desinteressou-se um pouco.

— Essa água não me parece cálida — disse ele, arrastando os pés na beira-mar —, mas salgada. Isso sim.

Em casa, a Tia me ralhando pelas saias molhadas, desatei a falar numa concordância perfeita, a voz suave e melodiosa apesar do uso tão escasso. Tia Alice encheu os olhos de lágrimas grossas, feliz feito um bichinho. Mal me viu, Loá já se ajoelhava para a reza de agradecimento. Graças a Deus a menina falava, pois já se pensava que fosse meio muda ou um pouco tansa das idéias.

Desatei, então, numa conversa que não tinha fim: os muitos anos de mudez me faziam cócegas na língua. Falei, falei e falei, e quando acabava-se um assunto logo nascia outro para tomar o seu lugar. Tia Alice respondeu-me todas as perguntas e escutou todas as narrativas acumuladas; mas, no fundo de sua alma, queria entender que coisa era aquela que fazia com que a família fosse sempre tanto de tudo ou tanto de nada, porque tudo era sempre um temporal. E fossem os amores ou fossem os ódios, nunca eram poucos, e tinha-se tudo ou então nada se tinha, os sentimentos vindo todos em ventania.

— Herança do sangue — disse Loá, sugerindo —, só pode ser isso. Mas, veja, dona Alice, a senhora é calma, não é?

A Tia suspirou, aquiescendo.

— Alguém tem de ser nessa casa. Alguém tem de ser.

Quando, duas semanas mais tarde, meu pai voltou de viagem, viu com satisfação que eu começara a falar normalmente. Achou-me grande e bonita, com minhas tranças douradas e meus olhos cintilantes e vivos.

— Já é hora de você ir para a escola, Laila — disse ele, pensativo. — Com quantos anos você está?

— Nove — respondi, orgulhosa.

Augusto espantou-se com a rapidez do tempo e com a intensidade de sua dor — ainda pranteava a esposa com a mesma angústia de antes. Depois, chamando Tia Alice, disse-lhe que me matriculasse na

escola da cidade. Já havia passado a época das primeiras letras e leituras.

— Não se apoquente — respondeu Alice, rindo. — A menina não perdeu tempo. Deve ter lido quase toda a biblioteca da casa. Ontem mesmo, me disse a tabuada inteirinha.

O pai ficou muito bobo, mas me mandou mesmo assim para a escola, e eu fui um pouco contrariada. Para compensar-me desse sacrifício, comprou para mim um casal de cães labradores com os quais eu brincava, todos os dias, quando chegava do colégio. Já naqueles tempos, eu gostava pouco de me ausentar desses recantos onde se pode ouvir o barulho lento do mar, onde o sol arde com mais mansidão, onde os caminhos levam sempre a algum canto desconhecido, esquecido, mágico. Mas tive de obedecer às ordens paternas e, semanas mais tarde, as manhãs no colégio já me agradavam um pouco. Lá, fiz alguns amigos, não muitos, mas o bastante para ter com quem falar e com quem brincar na hora do recreio; além disso, boa aluna, já sabia quase todas as lições por causa das tardes gastas na biblioteca de minha casa, mas fingia não conhecê-las por pura pena de melindrar a professora, uma mocinha morena de voz aveludada e olhos de longas pestanas sonhadoras.

NO DECURSO DOS ANOS seguintes a cidade cresceu para todos os lados. O que era antes a rua principal — uma ruela de terra batida, estreita e esburacada — multiplicou-se, ganhou ares de avenida, com o chão de pedras polidas e perfeitamente iguais. Um prefeito visionário buscou-as sabe-se lá onde, pois, ao sol ardente do meio-dia, adquiriam uma aparência de rio, pálido e prateado, e parecia que todos andavam por sobre as águas, feito um dia andara Jesus. As casas proliferaram numa algaravia incontável: verdes, azuis, amarelas, pequenas e grandes, pobrezitas e ricamente adornadas. Os velhos sobrados, dentre eles o do Avô, perderam-se na poeira dos anos: um virou loja de quinquilharias, outro — o das putas — manteve sua sina, reformado e mais barulhento ainda, e nele, dizia-se, aconteciam noitadas de arrepiar os cabelos das virgens. Vieram muitas pessoas para habitar as novas casas, e vieram de todos os lugares do país e de além. Uns, por causa dos empregos e das oportunidades da cidadezinha que crescia, outros, por mero hábito de viver errando pelo mundo. Junto com essa gentarada toda, chegou uma senhora com os seus cinco filhos, todos homens e marceneiros, e ela, munida de um baralho antigo e meio ensebado, passou a pedir uns cobres em troca de certas previsões de futuro. Instalou-se, mais a família, no primeiro andar do sobrado do Avô e vivia em franca promiscuidade com o dono da venda que funcionava no andar superior, um mulato meio descolorido que passava as tardes cantarolando modas de viola atrás do balcão. Chamava-se Alma — nome propício para a vidência, o qual sempre me sou inventado. Era boa de coração, com certeza, mas diziam que arriscava os futuros que não podia adivinhar. De qualquer forma, disse-me certa vez, ao examinar minha mão estendida, que eu era filha e

mãe de anjo, o que, certamente, acabou por ser verdade, e que eu confirmei sem margem de erro na primeira vez em que deitei meus olhos sobre Theodoro. E, antes que eu pudesse lhe pedir qualquer explicação para tão estranho presságio, Tia Alice apareceu na esquina, segurando as sacolas de compras, e tive de ir correndo ajudá-la. Depois dessa tarde, vi Alma diversas vezes, com seus decotes fundos que deixavam o vivente entrever um par de seios um tanto murchos, mas, sempre grudada ao amante mulato, não tive mais coragem de pedir-lhe qualquer explicação. Alma não foi a única a dar por essas bandas: na esteira dela vieram muitos outros tipos. A cidade ganhou um banco, lojas e um cinema novo que Tia Alice tratou de conhecer na tarde de estréia, mas sentiu saudades do velho prédio onde tantas lágrimas vertera naquelas tardes de sonho, e, sentada na cadeira confortável e cheirando a nova, disse que gostava mesmo do cinema antigo, pois o incômodo de ficar apertada no banquinho duro era já parte do gosto daquela coisa.

Todas as gentes trouxeram consigo novidades, desde outras modas até carros diferentes, palavras e hábitos, línguas e comportamentos. Os que já viviam na cidade desde havia muito se descobriram perdidos no tempo. Não se usavam mais as rendas nas golas, muitos pecados haviam caducado, as músicas que se ouviam aqui, lá fora eram coisas de achar até graça. Começou, então, uma corrida para a modernidade — coisa que logo foi esquecida, pois essa terra sempre teve ares de pasmaceira, e talvez a isso se deva o seu encanto. Meu pai, que sempre fora homem moderno e viajado, trouxe um milhão de coisas para serem vendidas por essas bandas. E surgiram os discos, as vitrolas modernas, os livros que se liam na capital e que eram notícia nos bons jornais. O povo quis ser culto, quis tornar-se igual aos que haviam vindo, os estrangeiros donos do banco, o alemão que viera fundar a indústria de sardinhas em conserva, a parisiense que — nascida em São Salvador — se dizia neta de Madame Chanel. As crianças foram todas matriculadas na escola, onde, aliás, novos professores vieram lecionar as verdades que haviam sido descobertas lá fora; o padre Monástio reformou a igreja com auxílio do banco, por meio de um empréstimo que honrou passando a sacolinha em um número absurdo de domingos.

Na nossa casa, distante uns dez quilômetros da cidade, as coisas nunca haviam sido tão atrasadas por causa da mania que meu pai tinha de progresso, de modo que fomos os primeiros a ouvir os discos de vinil — Tia Alice, aliás, cuidava da eletrola como se fosse gente — e tínhamos carro e televisão, a qual emitiu um tedioso e irritante chiado por muitos anos, até que essa modernidade chegasse por essas bandas. De qualquer modo, ficava lá o aparelho, sobre a mesinha da sala de estar, recoberto por um pano de crochê e esperando a chegada do futuro, que andava tão lentamente nesta terra.

A ESCOLA NÃO FOI CAPAZ de mudar meu temperamento silencioso nem a minha mania de fazer tudo nas

horas que mais me apraziam. Pareceu-me sempre ilógico que tivesse de adiar a fome para a hora do recreio e, de tanto temer isso, andava sempre com um punhado de biscoitos metidos no bolso da saia azul-marinho do uniforme. Também nunca soube levantar o braço quando queria dizer algo, porque os muitos anos de meu silêncio deixaram-me sem prática para essas coisas: dizia o que queria, nas raras vezes em que eu tinha vontade, mas não gostava de prender a idéia dentro da cabeça, deixando-a sempre se esvaír automaticamente pelos meus lábios. Afora essas pequenas rebeldias, era boa aluna e muito inteligente. Fiz alguns amigos, não muitos, e convidava-os de quando em quando para umas tardes em minha casa. Eles espantavam-se com o mar tão vizinho, com o grande açude onde se podia pescar e tomar banho sem perigo, encantavam-se com a imensidão da casa de mil portas e janelas e com o sistema de linhas coloridas que eu inventara para marcar os caminhos labirínticos. Muitas vezes brincamos de esconder por tardes inteiras, diversão sempre confusa, porque nem bem um colega se escondia, não sabia mais voltar para onde estavam os outros. Meus modos eram de menina livre de regras. Mal chegava em casa, tirava as meias e os sapatos de verniz e saía correndo, pés na terra, escalando as árvores e rolando em franca amizade com os animais do pátio.

— Minha mãe me disse que isso não são modos de menina — falou, certa tarde, uma colega minha.

Eu, cabelos soltos e rosto corado da correria, achei graça.

— Pois sou menina e tenho esses modos.

Tia Alice ralhou-me pela falta de jeito em falar, mas eu lhe respondi que bobas eram as garotas que viviam sentadas à sombra sem rir nem fazer nada. Esses jeitos meus faziam a alegria dos meninos. Éramos companheiros de folgedos, pois eu era a única que se arriscava a brincar de pegar, correr atrás dos cachorros da rua e subir nas árvores mais altas.

A professora, cuja candura incitou-me a mentir que não sabia as matérias, não tardou em chamar minha Tia à escola. Tia Alice vestiu-se com gosto, como lhe pareceu que se vestiria uma boa mãe de família, trançou seus cabelos escuros e, guiando sozinha o carro barulhento, foi ter com a moça numa tarde qualquer de um outubro calorento e ensolarado. Amarílis, a professora, recebeu-a com sorrisos e, convidando-a a sentar-se e tomar um suco, foi logo dizendo que eu deveria ser mais composta. A Tia que lhe entendesse, mas como professora era seu dever chamá-la para uma conversa; pois eu andava com os meninos, tirava os sapatos durante a aula com a única desculpa do calor, além de ser distraída e evasiva.

— E as notas? — quis saber a Tia, preocupada.

A professora sorriu levemente.

— As notas de Laila são as melhores da classe.

Tia Alice relaxou. Depois, tomando o último gole do suco que achou doce demais, quis saber em que, afinal, a sobrinha atrapalhava e o que precisava ser mudado.

— Preciso que a senhorita me diga — falou a Tia com seu jeito meigo — para que eu possa, então, corrigir.

A professora respondeu que eu era doce, agradável e muito inteligente, mas que não era certo que uma menina fosse tão solta assim, pois quando eu ficasse mocinha isso podia ser mal interpretado pelos outros.

— Pois veja só, dona Amarílis — retrucou Tia Alice, pesando bem as palavras —, eu fui sempre menina quieta, calçada e bem-comportada. Nunca, nunca tirei minhas meias por causa do calor. E lhe digo que isso de nada me adiantou nesta vida. Tenho trinta e oito anos e nunca consegui me casar.

E, já se levantando da cadeira, foi explicando para a professora que Laila, sua sobrinha, herdara aqueles jeitos de vendaval do pai, homem que, por amor, e nada mais, construíra uma casa do tamanho de um país. A sobrinha tinha, isso sim, uma cara de anjo e uma pele de lírios, a mesma da mãe morta, mas tudo o mais, desde a teimosia até a inteligência, viera do sangue forte de seu irmão, Augusto Serrat.

— E lhe digo: de todas as gentes que conheci, e não é por ser meu irmão, não há quem se compare a ele. Por isso, professora, deixe Laila como está. Deus faça que cresça para ser igual ao pai.

Tia Alice se foi sorrindo, mas não de deboche ou descrença. Até entendia a preocupação da jovem professora. Eu estava já com doze anos, e era alta e bonita, com os mesmos olhos verdes de minha mãe e com cabelos tão sedosos e dourados que mais pareciam ouro puro. Tudo isso, pensava a Tia, me dava uns ares suaves e, para ela, minha estranheza seguia os mesmos passos de Eleanor, pois eu também tinha cara de moça estrangeira. Mas a Tia não achava correto mudar a minha alma, que sempre fora livre feito um passarinho. Como dizer para a professora que eu, Laila, restara vários anos numa mudez de estátua, metida num mundo só meu, onde, talvez, habitasse minha mãe defunta? Como dizer que eu era uma criança sem pai nem mãe, regrada apenas por ela e por Loá, uma empregada de muitos anos, e que crescera alimentada por leite açucarado porque o peito da minha mãe, diáfana e magriça, vertera sempre um líquido esbranquiçado, ralo como seu apetite, e com gosto de água de arroz?

No caminho para a casa, enquanto via o poente, rubro, incendiar o mundo com sua luz, o carro sacolejando pela estrada de terra, Tia Alice pensava no futuro. Um dia — e Deus quisesse fosse logo — eu haveria de me casar. Em seis anos, eu seria já moça de dezoito, idade ideal para o matrimônio. Rezou, as mãos firmemente agarradas na direção, pedindo que eu tivesse boa sorte no amor. Doía-lhe ainda o peito ao recordar a triste morte da cunhada e, depois disso, a desolação em que mergulhara o coitado do meu pai. Que Deus, pediu a Tia com fervor, desse outro destino para as paixões da sua criança. Afinal, aquele amor de malogro não deveria ser sina herdada pelo sangue. Fazendo a curva no caminho, Tia Alice avistou o grande vulto branco do casarão, ainda encoberto pelas árvores, plantado numa suave elevação do terreno, o sol desmembrando-se no infinito telhado de telhas escuras. Aquela casa fora feita para abrigar um grande amor, e ainda esperava por isso.

## A voz das paixões

CONTO ESSA HISTÓRIA, mas muitos anos me separam daqueles dias em que Tia Alice andava abanando suas saias escuras pela casa, e que meu pai, sempre distante e muito belo, vagava entre nós com seus olhos afogados em sombra. Hoje, sentada em frente à janela, vejo o sol se pôr nos caminhos desertos; o nosso jardim perdeu o viço de outros tempos, os corredores emudeceram para as vozes desse mundo. Com a falta de luz solar — o último inverno tem-se mostrado escuro e triste como minha alma —, as coisas parecem ter perdido a cor e o mundo todo tornou-se uma massa brumosa e difusa por onde passeiam as almas que já me deixaram há muito. Sendo eu a narradora dessa saga provinciana e mágica, optei por ver as coisas com os meus olhos de antes. O leitor deve perceber, e espero mesmo que perceba, que minha narrativa vem se tornando mais clara com o passar do tempo, conforme minha própria consciência pôde se aperceber das coisas que aconteciam ao meu redor. Sim, porque nasci no meio desse emaranhado de destinos e, talvez, espero eu, a história dessa família se prolongue por muito e muito tempo após a minha morte. Um dia, serei apenas uma sombra desses caminhos e, talvez como minha mãe, venha a aventurar-me por esses corredores para visitar meus filhos mais caros nas noites de lua nova. Hoje, sozinha nesse casarão envelhecido, nada me resta senão olhar para trás. Olhar para aquele tempo em que eu era menina despontando para a mocidade, alta, bela, estranha e um pouco triste, mas de olhos ardentes, cheia de promessas e amanhã.

Pois tinha eu quinze anos quando, numa primavera de 1957, meu pai apareceu gritando suas saudades na varanda da casa e, ao ver-me, despontada e cheia de corpo, espantou-se ao me descobrir virada numa mulher. Parado, o chapéu levemente inclinado sobre a cabeça, o casaco coberto pelo pó da viagem, as



botas negras embarradas, o pai abriu um amplo sorriso de surpresa. Afinal, partira havia exatos quatro meses para varar o mundo numa viagem qualquer e deixara uma menina de saias curtas, os cabelos trançados e atados de fita, linda, muito linda, que lhe ficara acenando da janela com os olhos cheios de lágrimas. Ao voltar, no entanto, encontrou-me moça feita.

Um pouco apatetado, meu pai sentou-se numa cadeira, esticando as longas pernas, enquanto a Tia, já lhe servindo o suco preferido, contava das coisas do lugar, quem morrera de morte esperada, quem batera as botas sem aviso, assim como a filha mais nova do leiteiro, que se afogara no mar — diziam que depois de beber duas garrafas de cachaça forte. Mas Augusto não ouviu nenhuma das histórias da irmã. Reparou, com um olhar assustado, que meu corpo alongara-se com pressa, que minha cintura fina de menina dera lugar aos quadris de uma mulher e que meu rosto, outrora vivaz e ágil como o de qualquer garota, adquirira uma suavidade quase triste, uma vagueza, um quê de aurora, luminoso e feiticeiro. Meu pai tentou, então, buscar em mim ainda uns restos daquela menininha de meias rendadas que o acompanhava às raras missas dominicais a que assistia, chupando com demasiado alarido umas balas de alcaçuz, mas não pôde achar nada que o remetesse a essa antiga imagem. Sentada à sua frente, estava eu, já uma mulher feita, de risos cálidos, parecida com sua finada Eleanor, mas tão parecida, que lhe doía fitar-me por muito tempo; por isso, de quando em quando, ele desviava de mim os seus olhos tristes e confusos. Essa constatação encheu meu pai de dor, nublou-lhe a visão, pois, ao ver-me mulher feita, desabou sobre ele uma grande e terrível verdade: havia muito tempo que sua Eleanor morrera, mas tanto tempo que ela lhe deixara uma menininha de colo e agora eu era uma mulher.

Meu pai encolheu-se imperceptivelmente em sua cadeira. Havia treze anos que sua esposa partira e que ele vivia naquele estranho torpor de solidão e saudade. Era muito tempo, era tempo demais. Ele mesmo tinha agora uns fios brancos em suas têmporas e, em torno de seus olhos escuros, eu percebia que surgiam, dia a dia, pequenas marcas que maculavam um pouco sua fisionomia magra e forte. Ele mesmo, ao olhar-se no espelho, reparava o tempo passado, não tanto pela aparência do corpo como pela tristeza que lhe escorria dos olhos feito um rio.

Tia Alice, sentada em sua cadeira de balanço, notou, é claro, a total indiferença do irmão, e pouco se importou: sorriu ao vê-lo calado, confuso, o olhar vidrado em mim. Meu pai percebeu o leve riso da irmã, recompôs-se, beijou-me nas duas faces, um beijo molhado de saliva, e disse que eu fosse buscar o presente que ele me trouxera, estava sobre a cama, em seu quarto. Dentro da casa, eu ainda pude ouvir quando ele disse:

— Que deu nessa menina, Alice?

— Cresceu — respondeu a Tia, simplesmente.

O pai não se deu por achado.

— Mas como, irmã, se ainda ontem Laila era criança?

Alice, com imenso carinho, respondeu:

— Não se afobe com isso, Augusto. As mulheres são assim mesmo. Como as rosas que dormem botão e amanhecem desabrochadas.

E, recolhendo de uma mesinha a bandeja intocada, a Tia saiu sacolejando as ancas, um sorriso faceiro pendurado no rosto. Sempre dizia que os homens eram criaturas muito engraçadas. Viam as filhas com uns olhares só seus, pois era-lhes uma traição notar que o mundo acabava por ganhar as flores que eles regavam apenas para o seu jardim. O pai, certamente, confirmou a teoria de Tia Alice.

SIM, COMO ACONTECE a todos que entram nessa trilha inexorável da vida, também eu cresci. E, descrevendo-me com o máximo de clareza que me é possível, posso dizer que era moça de muito encanto, de corpo longilíneo e ágil — coisa que me ficou da infância de moleca —, de pele leitosa feito minha mãe, olhos verdes e aguçados, boca de lábios carnudos e de poucos sorrisos, cabelos compridos e muito claros. Poderia definir-me como uma menina que gostava de poesia e ciência, coisas um tanto antagônicas. herdara também, da finada Eleanor, um amor muito forte pelos cavalos, sentimento que meu pai via com olhos sestrosos, mas que nunca proibiu — bem sei que não queria deixar na filha nenhuma seqüela das tristezas passadas.

Assim, sendo moça um tanto calada, estudiosa e esperta, de poucos amigos e muitas curiosidades, ficava eu pelos recantos da casa, ajudando o pessoal na lida das coisas, plantando verduras na horta, tomando banhos de mar e, à tardinha, salgada e satisfeita do mundo, eu escrevia uns poemas, deitada na areia morna — o que sempre me deixava com um gosto estranho de saudade.

Causei alguns amores, que nunca percebi por completa falta de interesse. Na escola, um ou dois mandavam-me bilhetinhos perigosos — isso era penalidade cujo castigo podia ser grave —, os quais nunca respondi por simples vergonha. Não sabia o que dizer, se respondia em rimas, se convidava para um sorvete, se pedia ajuda de Tia Alice, se aquilo era coisa de moça direita ou não. Por tantas dúvidas, achei sempre que não eram caso de resposta: o amor viria de roldão, com a força que só os amores verdadeiros possuem. E não errei... Por esses tempos, enquanto me via às voltas com esses admiradores secretos que interrompiam minhas aulas de álgebra com suas linhas fogosas e mal escritas, foi que Inácio entrou em minha vida, com seus ares de domador e sua viola pendurada no ombro. Foi mesmo um amor sem desalento, porque veio no primeiro instante em que se cruzaram nossos olhares. Foi um amor para sempre e, mesmo depois da morte, ainda nos foi possível cultivá-lo com um ardor digno dos primeiros anos.

Meu pai estava passando uns dias conosco, viajava tanto que era mais hóspede do que qualquer outra coisa; mas, nesses dias de sua estada, tratava de pôr em ordem os assuntos da casa. E ia, numa atitude frenética de quem não sabia ficar parado, dispensando os empregados relapsos, contratando os que lhe pareciam de bem. Enchia novamente as despensas para que tudo nos durasse sem economia durante suas longas ausências, mandava plantar outra qualidade de verdura na horta, comprava um novo cavalo, abria outro caminho para os lados da praia. E, daqui e dali, o pai acabava pondo o mundo abaixo e depois o reconstruía, em verdade igual ao que era antes, mas parecia sentir-se aliviado de ter melhorado tudo. Pois Augusto Serrat tinha ainda a mesma inquietação dentro da alma, o mesmo medo de ter tempo para pensar na esposa, principalmente quando estava ali, na casa que lhe fizera, e então se ocupava quase com fúria, não queria de sobra um minuto que fosse para relembrar o passado.

E FOI NUM DESSES VENDAVAIS de trocar tudo e todo o mundo que Inácio acabou por aqui. Porque ouvira na cidade que Augusto Serrat procurava um bom administrador para sua propriedade, que fosse jovem mas não demais, e que fosse bom e correto. Inácio, que já vagara por todos os lados do continente, e que vinha das bandas da Argentina, estava mesmo querendo fazer pouso por essas bandas, não sabia se por muito ou por pouco tempo, isso se veria depois. Então, de posse de um mapa desenhado a lápis que o dono da venda lhe traçou, foi que deu em nossa casa. Na estrada, já admirou a cerca bem-feita e bem pintada e, entrando pelo caminho de cascalhos, reparou que o jardim era próspero em flores e que, ao longe, a grande casa era a maior que ele já vira, e um pouco estranha também, como um grande animal desmazelado que não sabia o que fazer com tanto tamanho. Muito já tinha escutado sobre aquela morada que fora um presente de amor, mas de amor malogrado, porque o tal Augusto Serrat perdera a esposa muito jovem ainda, num desastre de dar dó. E, de tudo, Inácio sabia que lhe ficara uma filha e que Augusto, homem viajante, deixava-a aos cuidados da irmã solteira.

Inácio Montério tinha vinte e sete anos e uma alma sem paradeiro. Criança ainda, numa tarde em que voltava da escola levado pela mão da mãe, soube que ela vivera toda a vida naquela cidadezinha de campanha, extensa, triste e pouco habitada, onde só o que havia para fazer era trabalhar e olhar a lua, quando a noite era serena o suficiente para isso. A mãe, uma mulher de meia-idade com as mãos cheias de frieiras de tanto trabalhar na roça, o riso um pouco desfalcado pela pobreza e um coração mole feito manteiga, lhe contou que casara com um primo de sua tia e que, ao lado dele, instalara-se num pedacinho de terra arrendada do mesmo estancieiro que fora patrão do seu pai, patrão do pai do seu pai e do pai deste também, e assim consecutivamente desde que chegara o primeiro patrão por aquelas bandas de Deus.

— Na mesma cama em que nasceu meu avô nasceu você, meu filho — disse ela, entre orgulhosa e resignada.

Inácio Montério pensou na cama velha e remendada e, chutando as pedrinhas soltas pelo chão de terra vermelha, não achou graça na pobreza daquela sina. Inácio tinha uns olhos sonhadores que o acompanharam pela vida afora, sem perder o brilho nem o ar de crença — coisa que a mãe sempre achara perigosa em rapaz pobre como ele.

— Pois comigo não vai ser assim — resmungou, olhando o poente.

A mãe já havia percebido que, desde muito moleque, esse filho fora diferente dos outros. Aprendera a viola para espantar a solidão dos campos e gostava de cantar histórias de sonho e amor.

— Vai ser diferente como, Inácio? — quis saber a mulher.

Inácio pensou um pouco e respondeu: ia ser diferente porque ele queria que fosse. Não ligava muito para a terra; eles mesmos eram escravos da terra.

— Comigo vai ser diferente — continuou. — Mal termino as letras da cartilha, vou-me embora daqui. Os manos vão ter que assumir as minhas tarefas.

— Vai para onde, menino?

— Sei lá — disse ele, o coração disparado. — Vou é virar o mundo.

Aos quatorze anos, Inácio Montério cumpriu a promessa que fizera a si mesmo, e foi embora de casa com a alma dividida entre a esperança e a saudade, e com suas economias enroladas em um lenço e metidas no bolso mais fundo do casaco. Do pouco que tinha de seu, levou apenas a viola, porque não sabia existir sem ela. Assim, solto no mundo, vagou por um sem-fim de cidades; cantou, trabalhou no campo e domou cavalos, atravessou a fronteira e foi ser peão na Argentina, depois esticou até o Uruguai, ficou lá por seis anos e — quando se deu conta de que quase assentava pouso naquelas fazendas perto do mar — voltou a meter o pé na estrada, zigzagueando por todo o sul do continente, em busca de algo que nunca podia encontrar, pelo simples fato de não ter nenhum conhecimento de que buscava alguma coisa na vida.

Foi assim que Inácio Montério se achegou por essas terras: virara muita estrada, viola no ombro, alma de pássaro. Tivera — rapaz forte e másculo, de pele dourada de sol e castanhos e imensos olhos bem centrados no rosto anguloso — uma boa quantidade de amores na vida, todos passageiros e vagos, nenhum que lhe deixasse qualquer saudade forte no coração. Cantava umas modas de viola, suaves e apaixonadas, mas que ele compunha imaginando um amor de verdade que nunca conhecera. Era calmo, falava lentamente, mastigando as vogais e enrolando as consoantes, num sotaque que era só seu e também uma mistura das muitas terras em que já vivera. Tinha os cabelos escuros e grossos, desgrenhados, e suas mãos eram surpreendentemente esguias e delicadas, tinha dedos longos e ágeis que dançavam com graça pelas cordas do violão, um sorriso franco, sincero, e uma timidez que se esvaía aos poucos, bastando conhecer alguma coisa do seu interlocutor. Em verdade, Inácio era homem bom de conversa, gostava de

observar as marés, de cuidar das coisas da terra e de adormecer sob o sereno, tendo como teto apenas um céu estrelado.

ELE CHEGOU DE SURPRESA, não tinha hábito de marcar hora com a vida. Era dezembro, quase Natal. Meu pai, num bom humor irreal, recebeu-o com agrado e atenção, pois viu em Inácio alguma coisa que houvera nele mesmo, muito tempo atrás, antes da morte da mulher. Trancaram-se os dois no escritório e lá, entre divagações sobre o tempo e a vida, Inácio contou a meu pai a sua existência, suas viagens, a infância interiorana nos campos, o amor pela música. O pai gostou dele, pois sempre soube reconhecer os bons espíritos que lhe cruzavam o caminho, e contratou-o para gerir a propriedade e a casa, sem saber que aceitava em seu regaço não apenas um empregado, mas o homem cuja seiva, alguns anos mais tarde, daria vida aos seus netos.

Eu, beirando os dezessete anos, soube que havia gente estranha na casa, que era homem e que era jovem e belo; tratei, então, de arranjar algo que fazer, mas de modo que, quando o pai abrisse a porta do escritório, eu pudesse espiar a tal visita. Foi assim que o conheci, ajoelhada no chão, brincando com um dos meus cachorros, o coração alardeado dentro do peito. Ainda na noite anterior, sonhara com um homem vagando pelos corredores da casa, moreno, o rosto encoberto por uma bruma difusa que lhe distorcia as feições. Acordara suada, certa de que aquilo era aviso de amor. Com o canto dos olhos, vi a porta que se abria, a súbita claridade que vinha das janelas, e então, como se tudo o mais perdesse a razão de existir, percebi aquele olhar suave, aquele brilho luminoso que escorria dos olhos castanhos, e fiquei ali, apatetada. O pai, sem perceber o que sucedia comigo, apresentou Inácio numas frases rápidas. Inácio — parecendo alto como um deus, pois eu o vi com a distorção própria do amor — cumprimentou-me com poucas palavras, mas num estranhamento que interpretei como desinteresse e que, muito mais tarde, vim a saber que era apenas paixão.

Inácio tomara um susto tão grande ao ver o amor de sua vida a rolar pelo chão com os cães labradores que, por um momento, perdeu a noção de tudo, até que sua alma pôde voltar para dentro do corpo, e ele, levemente trêmulo, seguiu os passos de meu pai que o chamava para a rua, desejoso de lhe mostrar toda a propriedade. Assim o jovem Inácio foi seguindo o vulto de meu pai e subiu e desceu escadas, conheceu o açude e as grandes hortas que davam tanto orgulho a Tia Alice; viu, do alto da última varanda, uma ponta de mar azul, enquanto Augusto lhe indicava a estradinha ladeada de arbustos que ia dar na praia de areias cálidas. Serpenteou pelos corredores, conheceu a cozinha, as despensas e as salas para todos os usos, elogiou o salão que — por nunca ser usado — parecia mais velho que o resto da casa, grande e muito empoeirado. Inácio viu quase tudo, mas sua alma andava parada naquele cantinho onde me encontrara e,

pasma, descobriu que se evaporavam dentro de si todos os seus sonhos de varar o mundo. Não queria mais ir-se dali, nunca mais. Não queria mais os céus estrelados e os campos desertos nem a balbúrdia curiosa das cidades nunca vistas: queria os olhos daquela moça, uns olhos verdes de floresta, e queria enfiar os dedos pelas tramas daqueles cabelos, perder-se para sempre naquelas mechas douradas, como tantas vezes perdera-se entre as cordas do seu violão.

Desde o primeiro instante, Inácio Montério não teve dúvidas de que estava naquela menina o grande e único amor de sua estranha vida. Havia muitos anos, um velho lhe dissera que, visto a cor melada de seus olhos sonhadores, ele haveria de ter apenas um amor, mas tão grande que dele poderia bastar-se por toda a existência. Sonhador e dado à poesia, Inácio acreditou naquilo. Assim, ao ver o vulto cremoso, as tranças desfeitas como fios de ouro, os olhos luminosos e cândidos, soube que encontrara, enfim, o tal amor que o negromante predissera. Essa certeza lhe tirou qualquer réstia de calma. Enquanto acompanhava o vaivém de meu pai, ele sentia o sangue lhe correr mais rápido pelas veias, o rosto estava quente, talvez rubro, as palavras lhe trancavam sob a língua bêbada.

O pai mostrou-lhe tudo o que achou ser pertinente, tomando o cuidado de contar-lhe uns fatos ilustrativos da casa e de sua vida, porque era bom que o rapaz soubesse algo do lugar onde iria viver e das gentes pelas quais haveria de zelar. Contou da sua juventude de viajante e disse que ainda estava quase sempre ausente. Falou umas frases sobre Alice, sobre mim, e, quando estavam já acabando a andança, na porta do quarto que fora sua alcova matrimonial, falou sobre Eleanor, seus anos de alegria, sua doçura e seus olhos de fada e, ao fim, com a voz embargada pela tristeza, narrou para o rapaz, transido de compaixão, a morte trágica que a arrancou desse mundo. Inácio emocionou-se, já meio estranho que estava se sentindo.

— Isso faz quase quinze anos — disse o pai, pensativo. — Mas dói com a mesma força do dia em que ela morreu.

FOI UM AMOR EM CHAMAS tão vivas que me incendiou a alma sem qualquer senão. Pálida, ansiosa, passei o resto do dia trancada em meu quarto, a rua me dava náuseas pela sua grandeza, na praia sentia vontade de nadar até me acabar na imensidão de água salgada e morna. Foi um amor tão absoluto que me fez recordar o amor de meus pais; por isso vi que a Tia tinha mesmo alguma razão: éramos gente de tudo ou de nada, sujeitos às intempéries da vida como barcos perdidos no oceano.

Naquela noite, metida debaixo dos lençóis, não pude dormir nem um minuto. O rosto de Inácio não me abandonava por nada, e eu gastei a madrugada inteira navegando nos detalhes que minha memória pudera aprisionar. Sentia-me deleitada e confusa. Em vez do sono, lá pelas tantas da noite, me veio um pranto tão

feroz que quase deitei minha alma pela boca. Tamanha choradeira parecia-se com o pranto de meu pai, e tive medo de cair eu mesma naquela rede amorosa e de morrer afogada pela paixão. Depois de derramar todas as lágrimas possíveis, senti um sem-fim de mazelas: primeiro, umas dores trespassaram meu intestino, e corri ao banheiro, purgando uns suores gelados. Depois, como se seguisse uma trilha, a irritação de minhas entranhas quis escapar pela boca, e vomitei toda a comida do jantar. Fiquei assim, sofrendo o pânico do amor, até que o dia clareasse, quando então, desfeita e pálida feito uma vela, desci para a cozinha, procurando o colo de Loá, o melhor dos remédios para qualquer doença, fosse do corpo ou da alma. A boa mulher, ao ver-me desperta tão cedo e com os olhos contornados por manchas escuras, largou os preparativos para o café e, estendendo-me uma xícara fumegante de chá, acarinhou-me até que pude, calma e feliz, chorar todo o pranto que me ia pela alma: minha paixão parecia grande demais para vencer a barreira do sonho.

Por certo, não fui a única a sofrer a cruz do amor. Na meia-luz de seu quarto de pensão, Inácio também era corroído pela angústia. Enquanto separava as poucas coisas que tinha, pensou que não deveria enamorar-se assim logo da filha do patrão; mas era uma força que não tinha freios — ainda agora corria em seus membros o choque quase elétrico da presença dela. Estava num desatino de amor e de medo e, a mala pronta, desfez tudo sem pensar nem um instante, porque era melhor mesmo não ir, sob pena de cair em amor infeliz. Pouco depois, refeito, concluiu que não era homem de fugir à vida e embrulhou todas as suas coisas outra vez. E ficou assim: desistia de ir, logo depois, tornava a insistir: a noite lhe passou à traição, gastou-a inteira fazendo e desfazendo a mala feito um louco de hospício.

— Estou demente — disse ele, à alvorada —, disso não há dúvida. Mas é de amor.

Na manhã seguinte, o cansaço da noite insone disfarçado pela emoção, Inácio Montério mudou-se para a nossa casa. Foi um dia estranho para mim, aquele. Hoje, sozinha a vagar pelos corredores, gostaria de sentir nas minhas entranhas a mesma ânsia esperançosa que senti naquele dia. Tinha medo de vê-lo, de encontrá-lo em algum recanto, no açude, na despensa, e não estar prevenida para o impacto absoluto da sua presença angulosa e morena. Todo o dia, sabendo-o sob o mesmo teto, fiquei como uma andarilha pela casa: os livros não despertavam nenhum interesse, a varanda pareceu-me entediante, assim como a praia, até mesmo as conversas da Tia Alice me encheram os ouvidos. Vaguei, de canto em canto, como se procurasse alguma coisa perdida.

— Que você tem, menina? — perguntou-me, a certa altura, a Tia. Fazia algum tempo que me observava a inquietação, os olhares vagos. Vira-me morder uma maçã e esquecê-la, logo a seguir, sobre a mesa; também o livro não pudera me prender por mais de duas páginas.

Eu ri, sem jeito. Respondi que sentia uma inquietação no espírito.

Tia Alice era partidária da idéia de que nada melhor que o trabalho para curar qualquer dor de alma. Olhou-me com atenção de mãe, testou minha temperatura e, constatando que eu não tinha febre, mandou que fosse dar banho nos cachorros.

— Vá ocupar seu tempo, Laila. E hoje está um dia quente, bom para mexer com a água.

Eu obedeci. Não tardou para que nos encontrássemos, e meus dois cães — que tinham bom faro para as pessoas — correram até Inácio e molharam-no com suas festas. O rapaz riu, olhando-me no fundo dos olhos. Foi então que percebi que não era eu a única presa daquela armadilha: Inácio gostava de mim. De repente, o dia ganhou outras cores e eu senti um grande alívio. Na mesa, comi com apetite, falei bastante. Tia Alice, que quase nada sabia das mazelas próprias do amor, estranhou-me a mudança tão repentina, ainda havia pouco eu me arrastava pelos cantos da casa. Na cozinha, depois de recolher os pratos, comentou meio por nada:

— Não sei o que deu em Laila hoje. Está numa inconstância que só vendo.

Loá, boa conhecedora das gentes e das suas estranhezas, juntando isso à choradeira que presenciara pela manhãzinha, julgou mui acertadamente que a menina estava de amores por alguém, e que esse alguém — não havia outra novidade na casa — só poderia ser o moço Inácio. Calou-se, sabia preservar os amores alheios, mas, enquanto areava a panela, a espuma escorrendo pelo ralo da pia feito merengue desfeito, tentou imaginar no que aquele amorico poderia se transformar com o tempo. O moço Inácio era bonito demais para escapar dos olhos da menina.

NUMA TARDE, ENQUANTO TODOS faziam a sesta, Tia Alice, presa de uma súbita agitação, o que era algo raro em sua pessoa pacata, levantou-se da cama onde se revirava já havia algum tempo e resolveu dar uma volta pela casa. Levando-se em consideração o tamanho do lugar, era coisa para mais de hora; e ela foi, de porta em porta, serpenteando pelos corredores emaranhados, analisando a tinta daquela parede, precisava ser repintada, jogando fora as flores murchas que ficaram esquecidas num canto qualquer onde raramente alguém entrava, testando os interruptores de luz e as trancas das janelas de madeira — fazia um inventário da grande casa de meu pai. De tanto subir e descer pelas escadas, virando para um lado, entrando numa saleta qualquer, acabou dando em frente à alcova da cunhada morta. Fazia muito tempo que não entrava naquela peça, sempre mantida a sete chaves pelo zeloso Augusto, que fizera de lá um refúgio para o seu amor perdido. Parada em frente à porta de duas folhas, Tia Alice sentiu que apurava sua respiração e que suava um pouco embaixo dos braços, estava nervosa. Num absurdo medo — sabia muito bem que meu pai havia ido à capital —, olhou para todos os lados, constatando com um certo alívio que não havia ninguém por ali. Então, com muito cuidado, experimentou o trinco. Estranhamente, o metal cedeu num ruído baixo: a porta não estava trancada, o que era caso raro.

A Tia encontrou-se numa peça ampla, iluminada pela luz suave do dia que entrava através do filtro das cortinas de voal. Apesar dos muitos anos em que o quarto permanecera trancado, proibido de todos



os olhares, havia no ar um cheiro fresco de alfazema e, mais sutil ainda, um leve odor, muito leve mesmo, do perfume de lírios que Eleanor, a morta, sempre emanara. Tia Alice sentiu-se um pouco tonta e, num súbito medo de que tivesse enlouquecido ou que, ainda deitada em sua cama, vivia apenas um sonho muito real, beliscou-se. Mas não, pensou consigo mesma, estava ali na velha alcova dos amores de seu irmão Augusto e via, no centro da peça, a grande cama de colcha azul, ancorada sobre o tapete como um velho barco naufragado no fundo do oceano. Com muito cuidado — pois sabia que pecava naquela intromissão —, a Tia deu alguns passos. A luz que vinha da rua fazia rebrilhar minúsculas partículas no ar, quase como pontinhos de ouro, quase como um sonho. Parecia que ali o tempo se eternizara: os móveis estavam em perfeito estado, o verniz intocado pelos anos. Sobre a penteadeira de mogno, ainda repousavam os pertences de toucador que usara a cunhada no dia de sua desdita, e ela viu o porta-jóias de madrepérola, a tampa aberta deixando rebrilhar os brincos de esmeralda que Augusto dera à minha mãe em um de seus muitos acessos de amor.

Emocionada e triste, Tia Alice sentou-se na cama, mas muito na beirada; não podia deixar de sentir que cometia um grave pecado, que abusava da intimidade da morta, como se a cunhada Eleanor tivesse falecido ainda naquela manhã e não havia mais de quinze longos anos. Surpreendeu-se, então, a Tia. Pois, minha mãe, mesmo morta, era uma das pessoas mais presentes no casarão, e quase não se passava um dia sem que o nome dela fosse pronunciado, por lembrança ou por saudades e, às vezes, pelo simples hábito que tinham de falar sobre a sua pessoa.

Tia Alice caminhou um pouco pelo quarto. Ao fundo, podia perceber sua imagem refletida no cristal do grande espelho de toucador. Quinze anos, e tudo mudara tanto. Ela mesma, sentada naquele lugar esquecido pelo tempo, queria reviver sua vida. Somente agora, vendo o mausoléu que o irmão erguera para render amores à esposa morta, percebia que o tempo corra. Não era mais uma menina à espera de amar, era uma matrona de quarenta anos — nunca fora boa em matemática — e estava velha. Sim, era uma senhora cuja única função era zelar pelo bem dos outros, fazer vingar o amor dos outros, dar carinho aos outros.

— Diacho, o tempo me escorreu pelos dedos — gemeu ela, melancólica.

Consciente disso, a Tia chorou copiosamente, e chorou por sua solidão de mulher sem marido ou amor, por sua virgindade que caducara sem qualquer honra; e chorou pelo irmão, forte e másculo e cheio de vida, que se entregara de corpo e espírito àquele amor de perdição. Calmamente, cheia de respeito, Tia Alice foi até a janela e correu a cortina. O ar da tarde invadiu o lugar, e ela respirou fundo. Ao longe, sob a copa de uma árvore, viu o jovem Inácio que ressonava na pasmaceira das duas horas. Suspirou fundo, saudosa da própria juventude, perdida havia tanto e tão mal aproveitada. Súbito, o rosto suave e límpido da sobrinha ganhou seus pensamentos. Ali, sim, estava o presente.

— Logo — disse a Tia para si mesma — Laila vai encontrar sua paixão — e, pensando assim, secou umas lágrimas que lhe pingavam dos olhos.

Depois, Tia Alice dirigiu-se para a porta, estranhamente apressada. Já passava das duas horas, ela tinha de bater um bolo para o café da tarde. Antes de sair, ainda teve vontade de sugerir ao meu pai que desfizesse aquele quarto cálido e triste, mas não tinha coragem para tanto e, de qualquer modo, sabia que aquele era um pedido impossível.

DEPOIS DA CHEGADA DE INÁCIO, meu pai veio e se foi por várias vezes. Surgia, às vezes no meio da tarde, o mesmo riso e os mesmos olhares brumosos, às vezes madrugada alta, pois sua vida era sem regras nem paradeiro. Chegava, tomava posse dos seus domínios, reparava meu crescimento, minha esbelteza e formosura — fazendo isso em frases rápidas e, invariavelmente, terminando esses rituais com um beijo no alto da minha testa. Depois, sempre dizia:

— Está cada vez mais parecida com a mãe.

Falava isso numa voz longínqua, quase perdida, e nunca pude compreender se via tanta semelhança como coisa boa ou coisa triste; o fato era que eu lhe causava um sentimento forte e contraditório. Muitas vezes, quando nos víamos depois dos longos meses em que andava ausente, tive vontade de dizer-lhe que não, que eu não era apenas uma réplica de minha falecida mãe. Eu tinha muito dele; reparasse minhas leituras, minha vontade de ser livre, meu amor pelo mar, pela praia, por aquele casarão. Mas nunca tive coragem de dizer isso a meu pai: temia que me descobrir outra criatura que não uma lembrança tênue da amada morta o fizesse afastar-se de mim o pouco que ficava. Por isso, sempre tive de amar meu pai muito de mansinho. Augusto Serrat nunca foi para mim mais que um vulto alto, magro e de carnes rijas, a quem a idade atingia apenas de raspão, e que tinha uma quietude de entardecer e os olhos mais tristes que vi em toda a minha existência. Tia Alice muitas vezes me falou de antes, de quando o pai era homem ardoroso, barulhento e risonho, não apenas aquela coisa bela e vaga, aquela morenez fugidia que conheci. Em todo o caso, nunca pude ver em meu pai as peculiaridades que a Tia me apontou, porque ele nunca fez esforço para tanto. E não o culpo, talvez a vida lhe tenha pedido demais e, não conseguindo nunca se recuperar da perda de minha mãe, continuou vagando por esta esfera, sem muitos quereres e sem esperança. Amou-me, eu sei, com fervor, mas de maneira apartada. E suportou toda a vida árida que teve apenas por mim; senão, creio eu, haveria de ter sucumbido à grande dor que sentia.

Vi que confiava em Inácio quando lhe pediu, alguns meses mais tarde, que guardasse a chavezinha da alcova de minha mãe e que, no auge do inverno, mandasse alguém consertar as infiltrações que estavam aparecendo na parede do quarto. Inácio compreendeu a magnitude de sua tarefa, pois ninguém entrava naquela peça.

Certa tarde, encontrando Inácio no escritório a fazer as contas do mês, perguntei sobre o motivo de

andar ele com aquele chavezinha dourada no pescoço. Inácio, então, contou-me o pedido de meu pai.

— Enfie-i-a hoje no pescoço — disse Inácio — para que quando eu for à cidade, daqui a pouco mais, não me esqueça de comprar o material necessário.

Respondi que se tratava do quarto de minha mãe.

— Nunca mais estive lá, desde a morte dela — confessei.

Inácio olhou-me tristemente, compreendendo a dor que me infligia aquele pensamento. Já nessa época trocávamos longos olhares; às vezes, quando ele me ajudava a montar no cavalo, sua mão macia escorregava sobre a minha, e ali ficava por alguns maravilhosos instantes, até que algum de nós se inquietasse. Sim, o amor crescia forte, criava raízes, unia nossas almas.

— Não posso ser eu a levá-la — disse ele. — Seu pai não haveria de gostar.

Respondi que tinha pouca importância. Já me acostumara com aquele mistério. E Inácio, para agradar-me um pouco, me convidou a ir com ele até a cidade. Aceitei e fui, levando no bolso uma lista de encomendas da Tia Alice. Na ida, conversamos apenas amenidades. Estava sentado ao meu lado, guiando o carro e, com o canto dos olhos, eu fui bebendo seu semblante: era anguloso, de uma beleza simples e franca. Tinha uma voz limpa e macia, baixa; a boca era de riso fácil, mas apesar disso era reservado, e eu demorei um pouco para ganhar-lhe a confiança. Os cabelos negros viviam desgrenhados, caindo sobre sua testa numa franja sedosa e desbastada. As mãos fortes agarravam o volante com facilidade, e imaginei como seria a sensação de ter aqueles dedos longos sobre o meu corpo, e que músicas eles arrancariam das cordas de minha alma.

Inácio, talvez percebendo minha análise, buscou uma conversa para cortar o silêncio, e foi nessa tarde que soube de sua vida pregressa: a infância pobre e as viagens, o amor pela música e o desejo de ter filhos.

Na cidade, fizemos as compras com rapidez. Ele era muito organizado em seus afazeres, e vi que também havia feito bons amigos por lá. Andando pelas calçadas, mostrei-lhe a escola onde eu estudara.

— E agora — quis saber Inácio —, o que você vai fazer da vida?

— Terminei o colégio no fim do ano passado. Meu pai quer que eu vá estudar no Rio de Janeiro ou, talvez, na Europa. Tenho primos lá...

Ele sentiu um súbito medo, que eu percebi. Olhou-me com olhos arregalados e perguntou se eu iria mesmo embora. Respondi que não.

— Sou um pouco autodidata, desde pequena. E, além do mais, não há o que me afaste da nossa casa.

Na volta, já escurecia. Era a primeira vez que ficávamos tanto tempo juntos e sozinhos. Vi que as primeiras estrelas já pontilhavam o céu. Adivinhando meus pensamentos, Inácio comentou sobre a beleza serena das noites daqui. E seguimos assim, o carro serpenteando pela estradinha, um vento leve soprando nos galhos das árvores, a voz dele em meus ouvidos quase como melodia. Perto da entrada da propriedade, Inácio deixou que sua mão escorregasse até meu joelho e, tocando-me com desejo e ânsia,

senti que um fogo me brotava das entranhas, um fogo que me corroía qualquer lapso de pensamento.

— Me dê um beijo — pedi, a voz meio rouca.

Impressionei-me com a minha própria audácia. Alguém poderia aparecer por ali, um empregado ou, talvez, Tia Alice, que vivia inventando pretextos para ir até a cidade. Inácio não esperou meu arrependimento: beijou-me com sofreguidão, e vi que sua boca era macia e morna e que seu coração batia com força atrás da camisa de malha.

Depois, entrei em casa com o rosto afogueado de amor. Jantei sem apetite e não disse coisa com coisa. Por esse tempo, Inácio já comia conosco, era quase da família. Tia Alice e Loá perceberam minha estranheza, meu pai não estava, já havia viajado. As duas não falaram nada, porque estavam já acostumadas com meu jeito oscilante de ser; mas acharam pouco o apetite do jovem Inácio, que sempre vivia cheio de fome.

— A comida deve estar ruim hoje, Loá — disse a Tia, num tom de brincadeira.

Loá deu uma risadinha esperta. Concordou com Alice, dizendo que talvez tivesse posto pouco sal no feijão ou que a compota estivesse exagerada de açúcar, mas percebi seu olhar desconfiado e divertido que perscrutava meu rosto. Loá era muito esperta nas coisas da vida. Após a janta, escapei das prosas na varanda com a desculpa de que doía minha cabeça. Queria mesmo me deitar e rememorar o longo beijo de amor que havíamos trocado. Despedi-me com pressa, meio envergonhada, e Inácio respondeu meu boa-noite com um sorriso mais fulgurante que a lua que subia no céu.

FOI POR ESSA ÉPOCA de nossos amores que nos chegou o Sonhador. Era ainda manhãzinha, quando ele entrou pelos caminhos da casa, cantando seus loucos cantos de paz e montado numa carroça atulhada de papéis, que formavam o compêndio de uma vida inteira. Veio subindo pela estradinha de cascalhos e tinha o riso mais doce que conheci na vida.

Eu, com os sonos desregulados de tanto amar em segredo, havia acordado mais cedo do que de costume. Descendo escadas e rodando corredores até chegar à cozinha, percebi que a casa ainda estava quieta. Lá fora, mal e mal as primeiras luzes do dia nasciam. Fiz um chá e fui para a varanda, na esperança de que a mansidão da manhã nascente trouxesse um pouco de paz ao meu espírito — era difícil amar tanto às escondidas. É claro, desde o nosso beijo naquela volta da cidade, eu sabia que também Inácio tinha desejos por mim, mas não sabia o quanto; e muito menos sabia como trazer à luz aquele amor disfarçado entre cumprimentos e conversas bobas.

Foi então que vi um homem subindo pelo caminho de cascalhos e, quando ele chegou perto de mim, percebi que tinha um rosto cativante e uns olhos muito negros que sabiam perscrutar alma das gentes.

Usava os cabelos compridos até a altura dos ombros e em profusão de tonalidades, desde o castanho de seus tempos de moço até o branco que acabara por chegar-lhe, mesmo que pouco. E tinha uma barba rala a encobrir seu queixo, e era rala não porque a aparasse, como a maioria dos homens, mas apenas porque crescera até ali e nem um tantinho a mais. Era porque era, disse-me ele, mais tarde. Ao ver-me, sorriu tranqüilamente, como se já me esperasse por ali, nas primeiras horas do dia, os cabelos desgrenhados do sono, pés descalços enfiados sob a camisola branca.

— Bons dias — disse ele, e vi que sua voz era sonora e quente.

— Bons dias — respondi eu, sem surpresa.

Então o homem desceu da carroça e, pedindo-me licença, foi sentar-se ao meu lado na varanda. Depois de uns instantes de silêncio, que nós gastamos a observar as luzes avermelhadas que subiam, tingindo o céu de dourado e púrpura, o Sonhador disse:

— Há muita mágica no sol nascente.

Concordei com ele, sem saber por quê. O homem tinha um magnetismo louco. Trocamos alguns comentários sobre o dia, sobre o calor e sobre as estradas, o que fez com que reclamasse um pouco: todos os caminhos eram esburacados, suas costas andavam doendo demais.

Conversamos muito, os dois. Mais tarde, conforme o pessoal da casa se acordava, ia se juntando a nós. O Sonhador, numa voz melodiosa e macia, contava histórias de sua vida. Em torno dele, Tia Alice, Loá, Inácio, a arrumadeira e eu permanecemos por muitas horas, mas teríamos ficado ali de bom grado por muitos dias, se assim desejasse o Sonhador. Tanto prazer nos deu a sua presença que a Tia convidou-o a permanecer por uns dias conosco, e era a primeira pessoa estranha que eu a via convidar para dormir sob o nosso teto. Sendo assim, o Sonhador ficou conosco por dez dias, ao cabo dos quais achou que precisava seguir sua jornada.

O Sonhador não tinha ares de velho nem ares de novo, disse-nos que havia muito parara de contar os seus anos e que depois disso descobriu que não envelhecia.

— O tempo tem passado ao largo de mim — disse ele, com encanto.

Loá ficou muito impressionada, tanto que esqueceu as lides da cozinha.

— É uma grande honra, essa que Deus lhe deu — falou ela, numa voz baixa. — Geralmente, não há quem escape do tempo.

O Sonhador riu e disse que não recordava ao certo sua idade.

— Mas vou lá pelos vinte anos — falou ele — mais umas onze terras atravessadas de carroça. O que dá muito tempo de estrada.

Enquanto falava, contando das gentes que conhecera em sua vida de andanças, analisei-o com atenção, pois se parecia muito com alguém. Depois de um tempo, eu disse que ele me lembrava Jesus. O Sonhador sorriu com carinho, e respondeu que não eram coincidências aqueles pareceres todos, porque era, em verdade, primo distante do Cristo.

— Sou filho do filho do neto do filho mais novo do tataraneto de João Batista, aquele que batizou Jesus nas águas do rio Jordão, e que foi, por sua vez, parente do Cristo.

E disso lhe vinham as ânsias de fazer este mundo melhor. Porque andava o Sonhador a trilhar os caminhos de muitas terras, colhendo de todo vivente que encontrasse, não importando idade, sexo ou fortuna, as idéias que ele tivesse para melhorar este mundo de Deus. Achava que a Terra tinha muito o que ser melhorado, mas que Deus Pai, lá do alto dos céus, deixava escapar uns detalhes daqui apenas porque não podia fiscalizar todas as terras e todas as gentes.

Tantas viagens juntando pedidos fizeram com que o Sonhador colhesse uma infinidade de solicitações, que lhe enchiam a carroça até a borda. Ele podia dizê-las todas de cor e, com mais uns poucos minutos, vasculhando sua memória, o Sonhador era capaz de citar até o nome do solicitante.

— Para essa tarefa — disse ele, orgulhoso —, há de se ter memória de elefante.

E por fim, quando morresse, e isso o Sonhador não cansava de pedir, quem quer que houvesse de enterrá-lo que lhe metesse na cova toda a papelada dos anos, e que a cova fosse grande, porque os pedidos eram muitos. E então, quando subisse aos céus, haveria de topar-se com o Redentor, que iria recebê-lo porque gostava muito das gentes, e ainda era seu parente distante — assim acabaria o serviço de uma vida: entregaria, enfim, e nas próprias mãos de Jesus, as reivindicações do mundo inteiro.

Pois o Sonhador tinha quimeras de virar toda a Terra antes de morrer, para que ninguém ficasse sem a vez de mandar o seu pedido e, se o pedido não chegasse ao seu destino a tempo de atender ao remetente, ainda assim haveria de beneficiar um filho ou um neto, e só isso já era bom legado de se deixar.

NOS DIAS EM QUE O SONHADOR partilhou de nossa casa e deu-nos a honra de sua companhia luminosa, ele soube aproveitar cada recanto desse lugar. Tendo-me como sua guia, e nas horas em que eu estava ocupada com meus raros afazeres sendo guiado por Inácio, o Sonhador andou a cavalo pela praia, tomou banhos de mar ao entardecer, rindo das espumas que lhe faziam cócegas na barriga, construiu castelos de areia e ensinou à Tia Alice um bom remédio para suas plantas, que viviam perseguidas pelas lagartas. Foi sempre uma companhia inusitada e doce, partilhando conosco suas histórias de vida, quando sentávamos todos na varanda após o jantar e, sob o céu claro e imenso, o Sonhador nos contava das pessoas que conhecera e das terras que havia trilhado. Com Inácio, descobriu os meandros do comércio marítimo, pois por esses tempos o jovem já cuidava das contas de meu pai. Foi assim, talvez, que nasceu nele o interesse por Augusto Serrat.

Certa tarde, procurou-me pedindo que lhe mostrasse toda a casa, e seguimos, os dois, subindo e descendo as escadas, virando para um lado e para outro dos corredores, descobrindo os segredos atrás

das portas fechadas e revirando as verdades que ficavam nos aposentos abertos. O Sonhador conheceu a cozinha, grande e perfumada de cremes, as despensas, os quartos dos empregados e os quartos da família, viu as velhas peças — cobertas pela poeira inexorável dos anos — onde minha avó Leontina vivera, com sua teimosia de não arredar pé dali. Entrou na biblioteca e olhou todos os livros, um por um, elogiando suas encadernações de couro escuro, e viu também o antigo retrato do Avô, que ficava no corredor que levava à sala de jantar.

— Um homem infeliz — disse o Sonhador, depois de gastar uns minutos numa análise minuciosa do rosto pintado a óleo. — Vê-se pelas sombras que lhe turvam o olhar.

Percorremos toda a casa, numa espécie de excursão ao passado: o salão de baile, com suas cortinas de cetim desbotado, as salas e os quartos de visitas que nunca haviam sido usados para nada, a não ser como depósito das coisas desnecessárias. Por fim, já confuso de tanto contar saletas e alcovas, demo-nos em frente ao quarto de minha mãe.

— Esse está trancado — disse eu, ante a porta de madeira escura.

E contei-lhe que ninguém entrava lá, era o quarto de minha finada mãe, amantíssima de Augusto, e por quem ele chorava até hoje, todas as noites, numas lágrimas grossas e doloridas. O Sonhador olhou-me sem surpresa nos olhos sábios e negros. Não conhecera meu pai nem vira dele um retrato sequer, pois era homem muito fugidio, mas podia adivinhar-lhe a alma e o coração, todos os segredos e todas as dores. Ouvindo-o, sua voz profunda e lenta a cantarolar as palavras, fiquei um pouco confusa. O Sonhador sorriu e, afagando-me a mão, respondeu:

— Não, minha filha, não conheci o seu pai, mas, de tudo que há por aqui, posso lhe dizer que ele tem o coração tão grande quanto essa casa de loucos, e quase tão vazio também.

Em verdade, muito do tempo em que o Sonhador ficou conosco foi usado para anotar os pedidos da gente daqui. Manhãzinha, saía ele, o chapéu enfiado até as orelhas, os cabelos de prata cintilando às primeiras luzes do dia, rolo de papel e lápis bem apontado. Então, de um em um, anotava os pedidos de cada vivente que lhe topasse o caminho. Loá, com seus muitos querereres, ocupou-lhe uma tarde inteira em que discorreu em voz limpa e pausada sobre todos os desejos que tinha, enquanto o Sonhador, entre mordidas de bolo, anotava tudo numa letra redonda e bem-feita. Loá pedia que acabassem com as demências dos velhos — causa que mais defendeu durante a vida inteira —, que os velhos morressem velhos, mas são das idéias, porque o pior era os filhos cuidarem dos pais com menos paciência do que usavam para as crianças. Lembrou-se de meu próprio pai e mandou dizer que Deus havia cometido uma grave injustiça com o amor do pobre, e que dona Eleanor era moça demais para morrer num repente daqueles.

O Sonhador, compenetrado e sem emitir opinião, anotou todo o discurso de Loá, chamando a seguir Tia Alice para que ela também pudesse mandar seu recado aos céus. A Tia, com os olhos úmidos de

emoção, porque nunca imaginara ter, hospedado na própria casa, um enviado do Senhor, pediu que as raparigas houvessem de achar um marido, não queria outras sofrendo a cruz que ela mesma sofrera. Pediu uma vida longa para que pudesse cuidar da sobrinha — promessa que fizera à alma de minha mãe — e, não tendo muito mais o que almejar, disse com voz suspirante:

— Com essa mania de viagem, Augusto perde cada coisa...

À noite, foi a vez de Inácio fazer seu pedido, mas foi coisa muito segredada, em voz quase imperceptível, e o Sonhador anotou também essas palavras sepulcrais em seu rolo de desejos, e não teceu sobre isso comentário algum.

A MANHÃ ERA NEBULOSA e caía uma chuva mansa e fina, quando o Sonhador decidiu partir. Encontrei-o ajeitando as últimas coisas, a carroça, atulhada de papéis, recoberta por um pano grosso. Usava ainda a mesma camisa escura e uma calça desbotada que ele arregaçava um pouco sobre as botas de couro, mas sua aparência parecia tão fresca e suave como se tivesse acabado de vestir roupas limpas e novas; ele cheirava suavemente a sândalo. Viu-me, retornando da cozinha, uma chávena de chá entre as mãos. Procurava-o para o café, mas, ao me enxergar e já adivinhando meu pensamento, ele fez um leve gesto de recusa e sorriu.

— Preciso ir, Laila — disse, quando cheguei mais perto. — Falta ainda muito caminho para mim.

Não queria vê-lo partindo, mas, conhecendo a natureza tão ilustre de seus afazeres, engoli minhas lágrimas. Ele sorriu aliviado. Pela primeira vez em sua existência de nômade, queria restar mais tempo ao lado de alguém.

— Você é muito especial, menina.

Depois, já acomodado em seu lugar, enquanto alisava as rédeas de couro, abaixou um pouco o corpo sem idade e sussurrou, na sua voz melodiosa:

— De todos daqui, você foi a única a não fazer nenhum pedido, Laila.

Respondi que não tinha quimeras importantes.

O Sonhador abriu seu amplo sorriso paternal.

— Tem sim, todos nós temos. Você não me falou dos seus amores, mas não se preocupe: eles logo se realizarão.

E, pelo meu espanto, acrescentou:

— Não se assuste, que nada vi além de uns olhares de fogo. Mas é que as grandes paixões têm cheiros próprios, e sinto em vocês dois o cheiro açucarado do amor.

Então, beijou-me na testa, um beijo longo.



— Quando você tiver um filho, Laila, que por certo terá e logo — pediu ele —, dê-lhe o nome de Theodoro. E escute: essa criança haverá de trazer muita luz.

Depois, desfazendo-se com cuidado do meu abraço, ainda sorriu um pouco do meu ar confuso e emocionado, dizendo que eu era boba e piegas. Assim, antes de ganhar a estrada novamente, anotou o nome soprado num canto de sua longa lista de quereres, e fez isso com sua caligrafia de anjo, para que os santos o pudessem compreender com perfeição. E, todos sentados na cozinha esperando-o para o café da manhã, foi-se embora de nossa vida o Sonhador, mas nos deixou uns ventos tão belos que acho mesmo que Jesus ia junto dele, escondido entre os papéis da carroça.

Dentro da casa, os olhos ardidados de choro, avisei que o Sonhador se fora. Loá decepcionou-se, pois lhe fizera um bolo de milho e uma jarra de suco de uvas.

— Deixe — pedi —, já foi muita graça que tenha estado conosco pelo tempo que ficou.

DEPOIS QUE O SONHADOR partiu, ficaram dentro de mim as palavras dele. Sua estada em nossa casa foi como uma brisa suave e fresca, que arejou minhas idéias tão confusas. Sim, era verdade, eu amava Inácio com toda a ânsia de minha alma. Sim, eu não dormia minhas noites, sonhando acordada com o corpo forte e rijo, a pele amorenada pelo sol, as espáduas largas de músculos perfeitos. Desejava com angústia que seus dedos longos e impressionantemente delicados alisassem minhas pernas, desenhassem os contornos dos meus lábios sedentos. Fugindo dele, eu só fazia sofrer. Sendo assim, decidi que haveria de procurá-lo: eu não teria mais nenhuma noite frustrada, sozinha em meu quarto encravado naquela imensa casa de loucos.

Alguns dias mais tarde, cheia de coragem, quando a madrugada ia tão adiantada que nem os fantasmas andavam mais pelos corredores escuros, enrolei-me numa manta — o sereno das noites daqui é fresco e sempre salgado — e, quase uma assombração, saí pisando leve pelos caminhos. Desci os degraus de dois em dois, sem fazer nenhum barulho, sem sequer pensar e, escapulindo pela porta da cozinha, ganhei o pátio. A noite era úmida e bastante fria, uma bruma densa confundia tudo, as árvores do pomar eram apenas borrões indefinidos, e o chão estava úmido e escorregadio sobre os meus pés descalços. Ao verme, nada mais que um vulto perdido na noite, um dos cães da casa ameaçou ganir: silencieei-o estendendo o meu braço. O animal farejou minha pele, lambeu meus dedos e voltou para o refúgio onde dormia. O coração batendo acelerado dentro do peito, tomei o caminho que conhecia muito bem, o caminho que levava até a ala esquerda da casa, perto do açude, para onde se abria a porta do quarto de Inácio. Talvez isso tenha acontecido numa madrugada de maio, no ano de 1959 — data da qual não tenho certeza, mas que, remexendo nos meus velhos diários, pareceu-me a mais acertada para a nossa primeira noite de

amor.

Percorrido o extenso jardim, contornei o corpo da casa, e então já estava eu em frente àquela porta, percebendo que tremia um pouco pela ansiedade e pelo desejo contido havia tanto. Como se Inácio esperasse visitas àquela hora estranha, ouvi o ruído da tranca sendo aberta logo após o toque surdo de minha mão na madeira e, no instante seguinte, o seu rosto de feições suaves surgiu-me inteiro. A pouca luminosidade da lua — a noite era densa — correu por seus olhos, fazendo-os cintilar. Seu dorso estava nu e, pela primeira vez, pude passear meus olhos por seu ventre alongado, os músculos tesos sob a pele morena e fresca. Inácio pareceu não se espantar:

— Entre — disse, numa voz estrangulada, e abriu a porta apenas o suficiente para que eu pudesse mergulhar na penumbra do quarto.

Lá dentro, a luz de um castiçal desenhava estranhas figuras na parede nua. Fazia mais de um ano que Inácio vivia conosco, dividindo a nossa mesa, roubando cada pensamento e cada palavra minha, embrenhando-se em carne e espírito pelos meandros da minha alma, e eu nunca conhecera o seu quarto. Pude comprovar que era tão simples quanto eu o imaginava: num canto, sobre a pequena cama de campanha coberta pela colcha de trama colorida, o violão descansava. Havia um armário de duas portas e uma mesa com três gavetas, uma cadeira e uma pilha de livros que examinei com os olhos treinados. A luz inquieta das velas dava ao lugar um não sei que de outro mundo.

— Não tem luz? — perguntei.

Inácio, sorrindo, indicou-me o interruptor.

— A luz elétrica não combina com as madrugadas, Laila — disse, num tom morno.

Depois, ainda com o mesmo sorriso esculpido em seus lábios, aproximou-se de mim. Vi quase em câmera lenta quando seus braços estenderam-se em torno de meu corpo — eu mesma numa angústia vulcânica. Os olhos de Inácio, de um negror sereno, passaram a uma turbulência gradual, ardendo enquanto suas mãos macias corriam pela minha pele, a camisola fina deixando entrever meus contornos, permitindo a fuga de todo o meu calor. Depois, num suspiro de animal que morre, Inácio atirou-se à minha boca, e sua língua quente e forte invadiu-me inteira. Assim, procuramo-nos com as mãos e com a língua e, no meio daquele turbilhão do corpo, senti que não havia mais nada para além daquele quatinho semi-iluminado.

— Achei que você não viria nunca, Laila... — disse ele, enquanto desatava os laços da minha camisola.

— Mas eu vim.

— Veio — repetiu.

E calou-me, então, por muito tempo, infiltrando-se pela minha pele, descobrindo segredos, guiando-me pelos caminhos alucinantes de seu próprio corpo de carnes rijas. Havia pouco a ser dito; éramos homem e mulher, a noite parecia escura lá fora, e a cama, pequenina, tornou-se maior que o mundo,

enquanto nos amamos e desvendamo-nos em carne e espírito, e enquanto ri e gritei, e enquanto, finalmente, aos primeiros raios da manhã, descobri a paz.

Quando, exausto dos amores, Inácio mergulhou num sono leve, deixei-me ficar ali, observando-o em sua entrega; o suave ressonar, as pálpebras fechadas em seu segredo de sonhos. Ali, enquanto Inácio abandonava-se ao descanso, pude enfim compreender o louco amor de Augusto e de Eleanor, a doce saudade que escorria dos olhos de meu pai, o leve murmúrio quase imperceptível que eu escutara em tantas madrugadas pelos corredores da casa. Era o pranto de morta de minha mãe que, na porta dos mundos, ainda chorava seu amor. Peregrinava, em uma eterna busca, por esses corredores infindáveis, por essas salas vazias ou cheias, pelas mil peças de nossa casa, sempre esperando por meu pai.

Hoje, tantos anos passados, ainda recordo daquela madrugada em todos os seus detalhes. A perfeição do corpo de Inácio, as costas largas, o abdômen reto e oscilante em sua tenra respiração de homem novo, o rosto dourado, os pêlos finos e escuros que recobriam seus membros. Sim, ainda hoje, milhares de madrugadas depois, busco aqueles contornos, quero dizer o que ficou sem ser dito. Porque, em algumas raras manhãs de bruma, posso escutar sua voz que vem muito de longe, talvez do fundo de minha própria alma pouco lúcida. A vida nos separou, mas não para a eternidade, pois o amor não se perde no tempo; fica aguardando quase enredado nos anos, paciente como um cão perdido a esperar pelo dono.

Depois daquela noite, vieram uma infinidade de outras noites iguais. A partir dali, encontramos sempre à mesma hora da madrugada e, quando o amor era muito e afoito demais, fugíamos feito duas crianças e, longe dos olhares curiosos do mundo, rolávamos na areia morna da tarde, as ondas lambendo nossa pele com sua saliva salgada; ou, entre os matos, beijávamo-nos com a fúria dos amantes jovens.

Durante os dias, vagava eu pela casa, a atenção pouca para qualquer serviço, os livros marcados na mesma página havia muito tempo. Para disfarçar meu amor, continuei acompanhando Tia Alice ao cinema, tarde sim, tarde não; mas então os filmes passavam-me vagarosos, meus olhos procuravam Inácio dentro da alma, e todos os mocinhos de todas as histórias de amor pareciam-se com ele. Por esses tempos, comecei a chorar no cinema. Tia Alice, exultante com minha emoção recém-descoberta, comentou numa tardinha, enquanto andávamos pela calçada:

— Vejo que você virou mulher, Laila.

Eu quis saber o porquê daquele dito, e ela respondeu:

— Faz cinco sessões que você se lava de choro. Isso é coisa de mulher.

Sorri para a Tia. Ainda não era o tempo para a verdade, pensei. O certo era que o amor já me havia tomado inteira e, enquanto atravessávamos a rua a caminho do carro, contei apressada as horas que me separavam de Inácio, porque já então eu só vivia para esperar as nossas noites.

GASTAMOS MUITO TEMPO nesses jogos de amor, e durante todas essas noites eu atravessei os corredores escuros da casa, o caminho já traçado em meu espírito, quase uma sombra silenciosa e vaga, enrolada nos lençóis, tendo passagem livre entre as almas antigas que gostavam de brincar nos caminhos de nossa casa. Em seu quartinho, Inácio esperava, mais impaciente a cada noite, até que a madrugada tornou-se um tempo pouco para nós. Foi um amor de segredos, mas que resistiu inquebrantável até a manhã em que, quando eu acordei empapada do meu próprio vômito e, mais por intuição do que por certeza, me descobri grávida.

Meu pai acabara de partir, tendo ficado conosco por vinte dias, os quais gastou em vagar pela sacada, bebendo cada pôr-do-sol, mais quieto do que sempre e mais suave também. Os anos haviam lhe embranquecido levemente os cabelos, que agora tinham um tom de prata; os olhos derramavam a mesma tristeza de toda a vida e, embora se tivessem ouvido boatos de que andara de caso com uma mulher da Bahia, ele chegou-nos tão infeliz como sempre e, logo depois de me ver, correu para a antiga alcova de minha mãe. Então tivemos certeza de que ainda vivia só e que amava apenas Eleanor, a finada.

— Seria bom que Augusto achasse alguém — disse a Tia, ao vê-lo desaparecer nos corredores.

— Esse vai morrer amando a mesma criatura a vida inteira — sentenciou Loá, revirando com uma grande colher de pau um tacho de doce, os olhos perdidos na mistura borbulhante.

E teve ela razão. Por muitas vezes, nessa última aparição de meu pai, pensei em falar-lhe do meu amor. Inácio não suportava tanto segredo e muitas vezes rogou-me que contasse tudo ao pai, ele haveria de entender a magnitude do amor, pois sentia isso na própria pele.

— Conto-lhe na próxima visita — disse eu, com algum medo inusitado dentro da alma.

Não sei por que insistia naquele segredo e, mesmo depois que o fluxo morno e vermelho de meu sangue extinguiu-se, ainda assim hesitei. Mas os dias correram, lentos e dourados; setembro esgotou-se em tardes cálidas de primavera, veio outubro e meu pai partiu.

— Volta quando? — quis saber Inácio, depois que o carro preto atravessou a porteira e perdeu-se pelas curvas da estrada poeirenta.

— Volta em novembro — respondi.

— Então você terá quatro meses de gravidez, Laila. É bastante tempo, devíamos ter-lhe contado agora.

Depois, num olhar terno, acariciou o meu ventre ainda liso, sentindo, no fundo das minhas entranhas, a vibração sutil e perfeita do nosso filho. A mim, enquanto Inácio tocava-me com amor, ocorreu apenas o rosto estranho e atemporal do Sonhador, e suas palavras de futuro.

É VERDADE QUE NÃO TIVE coragem de contar tudo ao meu pai, e foi só então que pude compreender com lucidez o quanto aquele homem fugidio me era estranho. Não, eu nunca o conheci mais do que os outros, e nossas conversas foram sempre curtas e povoadas de silêncios, quando então a alma de minha mãe interpunha-se entre nós — pois meu pai vivia chamando-a em pensamentos — e ele afastava-se completamente de mim. O amor de meus pais foi um amor quase egoísta de tão urgente, e nem mesmo a morte pôde libertá-los desse sentimento de obsessão e de saudade. Hoje, enquanto junto minhas lembranças ao que me dizem as vozes daqueles que já partiram e que gostam ainda de contar histórias, é que percebo o quanto amei meu pai e o quanto da sua vida, por ter sido Augusto Serrat um homem tão distante, eu apenas imagino, pois nunca ouvi de sua boca nem uma queixa, nem uma revelação.

Voltando àquele tempo, na sua última visita, meu pai já andava sentindo umas dores no peito, o que ele atribuiu sem qualquer dúvida ao amor que lhe apertava as entranhas havia tantos anos. Mais do que nunca, andava calado e sem paradeiro. Na capital, queria a calma do campo, os dez tons de verde do mar, queria o barulho imperceptível das estrelas sem nenhuma interrupção de vozes humanas; então, tomado de saudades de sua solidão, partia para a casa. Conosco, não havia paz. Em tudo ainda estava sua Eleanor, imune ao tempo, reforçada em seus suaves odores, ondulante, vindo nas asas da brisa marinha. Atormentava-o esse tamanho amor e, andando por onde ela andara, mais desesperado meu pai ficava. E havia eu, cada dia mais e mais igual a minha mãe, de cabelos loiros, desligada das coisas do mundo, pouco interessada em minúcias de qualquer ordem. Não sabia meu pai que essa minha vagueza nada mais era senão amor e, vendo-me assim tão distante, achou-me ainda mais igual à esposa e teve de partir mais uma vez.

Meu pai foi-se embora naquela tardinha bonita de fins de setembro, uma mala com as mesmas coisas que sempre levava para qualquer lugar, os olhos úmidos de lágrimas guardadas, o rosto ainda bonito emoldurado pelos cabelos grisalhos. Pobre pai, nunca soube que me deixou grávida do seu neto, nunca soube que me casei com Inácio, a quem ele sempre dedicou verdadeira afeição, coisa rara em homem tão contido como ele. Na varanda, ao despedir-se de mim e da Tia, estava pálido e abatido. Chegou a queixar-se de cansaço. Tia Alice abraçou-o longamente, quase chorou até, talvez pressentindo que o irmão, mais do que nunca, definhava de tristeza. Eu, vendo os dois abraçados, senti que meu peito apertava-se de dor. Foi mesmo uma despedida estranha, aquela, como se o pai já soubesse que se ia para sempre. Ao beijar-me, pediu que eu tivesse juízo, e pude ver, então, que seus olhos estavam mareados.

Quando meu pai descia o caminho, em direção ao lugar onde estava estacionado o seu carro, a Tia ainda disse:

— Cuide-se, Augusto, por favor. Seu rosto está com palidez fantasmagórica.

O pai virou-se e sorriu um riso triste, seus olhos negros estavam baços. Não sei se brincava quando disse:

— Já faz muito que sou quase um fantasma, irmã... — E, depois disso, Augusto Serrat entrou no carro negro e partiu para sempre.

AUGUSTO SERRAT TINHA cinquenta anos quando morreu, no primeiro mês do ano de 1960, e dizem que partiu tão cedo por causa das saudades que, de tanto lhe arderem incansáveis, enfraqueceram seu coração amante. Na cidade, meu pai chegou a visitar um médico, por causa das dores que sentia no peito. O doutor examinou-o de cima a baixo, depois o mandou embora, mas com uma série de recomendações que o pai deveria seguir ao pé da letra. Não cumpriu nenhuma.

Na manhã seguinte, enquanto supervisionava a chegada de uma carga de café, meu pai foi tomado de uma dor aguda que lhe rasgou o peito feito garra e que cegou seus olhos brilhantes, transformando o mundo num borrão cinza e difuso. Caiu estirado no convés, sob os olhares apavorados da tripulação e em meio à gritaria de “carregue isso, suba aquilo”. Morreu sem dor, quase num susto; mas, numa súbita consciência de que partia, ainda pôde lembrar-se dos rostos que deixava aqui deste lado. Despediu-se de mim, não mais que uma pálida imagem desfocada a quem ele amara com todo o pouco amor que lhe ficara no peito, e despediu-se de Tia Alice, de Loá e de todos os outros. Então, enquanto mil incêndios lhe pulverizavam a carne, vislumbrou o vulto amado de sua Eleanor, celeste e luminosa feito um sol, e viu que ela lhe estendia sua mãozinha cálida de dedos finos. Assim, sem se perceber frio e imóvel no chão, ante uma dezena de rostos que temiam a morte, ele deixou que suas lágrimas escorressem, o turbilhão de lágrimas que guardara nos mananciais obscuros de sua alma, enquanto o perfume de todas as flores inundou suas narinas e o canto de todos os anjos encheu-lhe os ouvidos. E ele chorou e chorou, encharcado de alívio, até que pôde enfim tocar o rosto da mulher que amara por toda a vida, até que pôde, após tantos anos estéreis, deixar de lado toda a sua tristeza, e mergulhou no infinito turbilhão de paz e gozo para passarem juntos dez mil anos, um milhão de anos perdidos na eternidade daquele amor sem fim.

AS NOTÍCIAS SEMPRE SE perderam pelas estradas calorentas dessa terra onde os telefones andam mais mudos que as estátuas; e a morte de meu pai andou com igual lerdeza para chegar até nós. Estava Tia Alice a podar as suas samambaias, empoleirada num banquinho de madeira, as pernas roliças grudadas uma na outra, completamente entregue à sua jardinagem, quando um moleque das redondezas chegou derrapando em sua bicicleta azul. Trazia, bem enfiado no bolso da camisa, um grande envelope lacrado, e

viera pedalandando desde o posto do correio. Tia Alice, que andava com uma dor forte na cabeça, incômodo que atribuíra ao fígado, ao ver o garoto de olhos remelentos e sorriso esperto, sentiu uma inquietação em seu corpo e aumentou-lhe a dor nas têmporas. Meio tonta, desceu do lugar onde estava empoleirada e, enfiando a tesoura no bolso do avental, perguntou o que trazia o moleque até a casa, tão distante da cidade, e ventando pelo caminho com tamanha ligeireza que seu rosto estava rubro pelo esforço.

— É que vim trazer isto — disse o menino com sua voz fina, e tirou do bolso a carta amassada.

Foi o bastante para que a Tia urrasse feito uma loba, e urrava de súbita dor no peito, e de medo. Havia vinte anos, até mais, que vivíamos naquela casa, e nem por isso ela podia recordar-se da chegada de um telegrama, muito menos trazido às pressas como viera essa carta. O menino, apressado, entregou-lhe de qualquer modo o envelope e partiu sem nenhuma gorjeta, transido de medo daquela mulher que gritava. Em instantes, por causa daquela gritaria, acudiram todos, eu por último; já a gravidez secreta me fazia lânguida.

Enquanto Loá acalmava o pranto da Tia, Inácio tomou-lhe das mãos a funesta correspondência. Boas notícias não eram, haja vista a correria do moleque que a trouxera. Então, cheio de calma, Inácio leu a carta breve.

— O que tem aí, Inácio? — perguntou Loá, afagando os cabelos de Alice como se ela fosse uma criança.

Inácio olhou a todos, notando meu semblante lívido e as lágrimas que corriam, agora silenciosamente, pela face de Tia Alice. Arrependia-se de ser o portador de notícias tão lúgubres, ele mesmo já cheio de pesar. Sua voz me soou sepulcral quando disse, sem preâmbulos:

— Augusto morreu de mal súbito. Talvez do coração.

— Tem certeza, rapaz? — insistiu Loá, a quem parecia infame que um homem robusto e belo como o patrão morresse assim, feito qualquer outra criatura.

— Sim — disse ele. — Segundo esta carta, parece que o corpo chega amanhã.

E Tia Alice chorou como uma criança órfã. Suavemente, Inácio achegou-se a mim, cercandome com seus braços. Meu pranto foi suave e baixo, enquanto o horror da Tia nos enchia os ouvidos. Loá, tomando para si o peso de agüentar aquela dor, abraçou a mulher com o carinho de uma mãe e sussurrou-lhe uma infinidade de palavras à beira do ouvido, unvida de infinita paciência, até que, depois de um longo tempo, o pranto de Tia Alice se diluiu em soluços e ela deixou que a arrastassem até a casa, e aceitou tomar uma xícara de chá morno com bastante açúcar.

Não me lembro muito bem como correu o resto daquele dia e a madrugada inteira que o sucedeu. Tudo muito nebuloso e triste, a noite teimava em arrastar-se, enquanto os empregados da casa e da cidade iam chegando, chapéu sob o braço, cabeças baixas e olhos ardidos de tristeza, porque meu pai foi homem muito querido por todos. Inácio e Loá tomaram o controle da situação, e não faltaram nem aguardente nem quitutes para que se pranteasse o morto como mandava a tradição. Tia Alice sumiu na penumbra do seu

quarto e ficou lá, hora após hora, derramando seu pranto infeliz. Desde que nascera, Augusto fora sempre a pessoa mais importante de sua vida, de modo que haveria de viver por outro, certamente por mim.

Eu, dividida entre a dor da morte e a alegria da vida que trazia nos recônditos de meu ventre, tentei controlar minha tristeza. Tinha medo de que meu choro, se muito, fizesse mal à criança, e quem sabe ela nascesse com a saliva salgada por causa das minhas lágrimas. Inácio, único conhecedor daquele segredo, pediu-me que deitasse e que tentasse achar algum sono em mim.

— Amanhã o dia será longo, Laila — disse ele.

Nas primeiras horas da tarde seguinte, debaixo de um sol escaldante, chegou o corpo de meu pai, tristemente oculto pelo invólucro de lustrosa madeira negra. O ataúde foi posto no centro da grande sala de estar, onde anos antes Eleanor jazera morta por um dia inteiro, enquanto o marido a pranteava em desatino. Ao redor dele, os círios ardiam acomodados nos candelabros de prata. Havia um pranto baixo e silente, quase murmurante, e quando cheguei, amparada por Inácio, vi que os rostos se viraram para mim. Talvez buscando em minhas feições o estrago daquela perda, talvez apenas conferindo a minha aparência com a finada francesinha, minha mãe. Tia Alice acariciava a madeira escura e brilhante; parecia estar sussurrando alguma coisa para o morto. Vendo-me, estendeu seus braços num chamamento mudo e, ao tocá-la, percebi a frieza marmórea de suas mãos. O bom padre Monástio jurou-nos uma vida eterna; falava com a voz profunda e lenta, tentando incutir aquela verdade dentro de nossos corações. Muito atrás de nós, portas e portas além daquele salão, corria a brisa fresca do espírito livre e liberto de meu pai. Eu sabia que havia para ele uma outra vida, e outra e mais outra, e que agora estava ao lado da mulher, ânsia suprema de todos os seus dias. No entanto, vestindo meu único costume escuro, cansada e com um enjôo corroendo minha carne, eu pensava o quanto teria sido lindo se meu pai soubesse que eu lhe daria um neto, se soubesse disso quando ainda havia tempo para abraços; agora ele era nada mais que uma brisa fugidia.

TIA ALICE PASSOU DEZ DIAS e dez noites trancafiada em seu quarto, comendo pouco e bebendo menos ainda, embrenhada na difícil tarefa de compreender a morte do irmão. Na virada do décimo primeiro dia, quando a luz foi vencendo a penumbra viciada da alcova, Tia Alice percebeu enfim que não havia mais nada a fazer: chorara todas as lágrimas, rememorando cada detalhe de Augusto, os dias de infância e a rebeldia juvenil, seus ares indomáveis, as viagens, o amor de alma que nutrira por Eleanor de Bordelac. Na manhã recém-nascida, vermelha de chorar por tantos dias seguidos, a Tia aceitou aquele golpe do destino. Lá fora, a vida seguia impávida em muitos verdes e amarelos, o céu azul, e tudo vicejava sem qualquer remorso. Ela vestiu seu penhoar, calçou as chinelinhas de feltro e foi tomar o café. Tanto tempo



de reclusão lhe havia dado uma fome voraz, inclusive emagrecera de tanto sofrer.

Mais uns dias se passaram, até que Tia Alice recuperou as cores do rosto, e os risos cálidos de antes lhe brotaram sem sombra daquela tristeza infinita pela morte de meu pai. Ao vê-la quase recuperada, decidindo se almoçávamos carne ou peixe, se ia à cidade comprar confeitos ou se mandava alguém fazer isso, senti que já era tempo de brindá-la com a notícia: a morte rendia-se à vida.

A Tia olhou-me um pouco confusa. Largou o lápis com o qual fazia sua lista de compras e, escorandose na cadeira, perguntou:

— Como assim, Laila?

— É que estou grávida.

— Grávida? — disse ela, pasma. — De quem?

E minha narrativa, inicialmente tímida, prolongou-se até a hora do almoço, às vezes correndo pelos fatos importantes, às vezes estendendo-se em minúcias que me enterneciam. A doce Tia Alice ouviu tudo, ora emocionada, ora com ares de espanto. Loá — que estava rondando pela cozinha — também interferiu na coisa: disse que sempre tivera certeza daquilo.

— O moço Inácio é especial.

Tia Alice permaneceu em silêncio, que era como costumava coser seus juízos. Ouviu tudo sem fazer qualquer pergunta, mas com a cabeça borbulhando. Ao fim, quando num suspiro dei a história por encerrada, ela quis saber:

— Você está feliz, Laila, com esse filho e esse amor?

— Sim — respondi com sinceridade.

— Então o resto pouco importa.

Inácio chegou para o almoço, suado da lida, pois havia ido até a cidade resolver a papelada dos negócios de meu pai. Sentou-se à mesa, estranhando que faltassem os pratos e a toalha. Tia Alice fitou-o com olhos arregalados de quem tinha a cabeça perdida em outras coisas.

— Meu filho... — disse ela, suavemente — que Deus ilumine vocês. Algum amor tem de ser feliz nesta família. Não é possível.

Inácio perdeu toda a fome e jurou que nós, sim, seríamos felizes.

— Não jure — disse Loá, séria. — Só Deus Nosso Senhor tem a garantia disso.

Então, Tia Alice pôs tino na casa e mandou que arrumassem a mesa e servissem a sopa. Emocionados, comemos em silêncio. Ao final da refeição, a Tia deu um pulinho em sua cadeira, assustada e risonha, como se tivesse lembrado de algo muito importante. Quis saber o que era, e ela respondeu:

— Preciso fazer esse enxoval. Nesta casa, sou eu quem faz todos os enxovais.

— Então faça azul — acrescentei, recolhendo os pratos vazios. — Porque essa criança é um menino.

TIA ALICE NÃO DUVIDOU de meus pressentimentos: meteu-se a tricotar em azul. Enquanto isso, para manterem-se as aparências, casamo-nos, eu e Inácio, numa cerimônia simples, e tanta singeleza foi atribuída à dor recente pela perda de meu pai. Não houve festa ou qualquer comemoração além das que fizemos os dois no escuro da alcova até que nos enfarmos de amor e de vinho; mas Tia Alice fez questão de que escolhêssemos um dos quartos novos — havia tantos na casa — para que tivéssemos bons fluidos para a nossa união.

Depois disso, foi a paz dos amores proclamados. Nunca mais atravessar as madrugadas feito um fantasma, nunca mais chorar com a aurora e voltar correndo para a solidão da cama fria. Inácio ocupava agora a outra metade do meu leito, com seu corpo forte, plácido no sono, ardente no amor, com seus risos francos e seus silêncios profundos, porque era criatura de muita calma. Decifrar os silêncios dele era como responder às suas poucas perguntas: tarefa que eu fazia com gosto. Às vezes, noite alta, Inácio tocava baladas para mim, dizendo que eu as ouvisse com atenção e que sentisse as melodias com a própria alma.

— Faça isso — eu pedia. — Assim a criança vai nascer com gosto pela música.

Outras vezes, punha-se a vasculhar os meandros de meu corpo, buscando as mudanças que a maternidade trouxera, medindo a leve circunferência de minha barriga nascente, o calor de minha pele e a suavidade do meu sono quase sem sonhos. Era amante e marido zeloso, não queria perder nada daqueles mistérios de gerar uma vida nova, embora tudo acontecesse fora do seu corpo e alheio a ele.

Nos tempos de minha gestação, os dias foram ensolarados e mornos, o mar filtrou-se no mais puro verde e as chuvas choviam na medida certa. Inácio corria a resolver tudo para ficar comigo o máximo de tempo; Tia Alice vivia metida entre sedas e linhas, bordando o enxoval do sobrinho-neto, e Loá encarregara-se de cuidar da minha alimentação.

— Não me faça a mesma falseta de sua mãe — dizia sempre a gorda mulher, enquanto me servia de porções generosas. — Laila, você nasceu quase transparente, de tão fino que era o seu sangue. Não vai querer isso para o seu menino, vai?

Eu, sensibilizada com aquele amor, comia a mais do apetite, enfiava as fatias de bolo no bolso da túnica para depois, escondida, dá-las aos cães que as devoravam, satisfeitos.

NESSE TEMPO, O CASARÃO começou a adquirir algum temperamento, como se fosse ele mesmo um ser, uma entidade à parte de todos nós. Ou, talvez, quem sabe as almas de todos os mortos se houvessem fundido

em uma única coisa — coisa essa que se enredara entre os tijolos, entre as lajotas do piso, no reboco das paredes e sob os degraus das escadas, e fizera as vezes de alma desse lugar. A casa passou a ser imutável e estranha. Por mais que se mudassem os móveis do primeiro andar, tempos depois e sutilmente, eles voltavam às disposições que ocupavam anteriormente. Isso era coisa que somente Tia Alice via, pois era a única a envolver-se com trocas de móveis, em sua eterna mania de estar sempre em movimento. Ela dizia que, se numa manhã, mudava o quadro da biblioteca, logo no dia seguinte tudo aparecia como antes: o antigo quadro estava pendurado na parede. Isso aconteceu três ou quatro vezes: o quadro, um vaso de porcelana que teimava em ficar sobre o mesmo aparador, a cadeira de balanço que não queria sair da varanda. Tia Alice, pasma e levemente irritada com aqueles desmandos do além, inquireu todos os empregados, até a menina que lavava a roupa da casa, e ninguém admitiu ter qualquer ligação com o fenômeno. Depois, a Tia perguntou-nos se era alguém de nós que estava a lhe pregar uma peça, devolvendo ao posto antigo tudo que ela trocava de lugar.

— Eu já sou velha demais para traquinagens — disse Loá, remexendo o eterno tacho de doce, e com isso findou sua explicação.

Eu e Inácio tampouco sabíamos daquilo. Inácio, inclusive, teve de segurar o riso ante coisa tão inusitada. Tia Alice, que não era nem um pouco boba, percebeu-lhe a descrença.

— Veja com seus próprios olhos — disse a Tia, e levou a cadeira de balanço para a salinha dos bordados.

Pedi que ninguém mexesse ali até a manhã seguinte e, como já fosse noite, trancou os ferrolhos da casa. No outro dia, à hora do café, qual não foi o espanto quando constatamos que a cadeira voltara ao seu posto na varanda: balançava-se, trêmula, à brisa fresca da manhã. A Tia sentiu-se quase vitoriosa, esquecendo por um momento a verdadeira curiosidade que lhe corroía a alma. Também Inácio estranhou aquilo.

— Esta casa tem vontade própria — disse a Tia, com ares sérios.

Inácio, terreno que era, recusou-se a crer naquela possibilidade. Alguém havia trocado a tal cadeira, levando-a através da janela para a varanda frontal. Mas a Tia já se emocionara com sua teoria sobrenatural, sentindo de mais e pensando de menos. E proferiu:

— Para mim, isso é obra de Augusto. Essa casa sempre foi muito dele, mesmo que vivesse em viagem.

Eu sabia que as almas, ao menos as boas como a de meu pai, ocupavam-se com tarefas mais úteis que aquela; mas, por uma placidez de grávida, mantive-me quieta, deitada no sofá, observando a argumentação alheia. Inácio, sorrindo com delicadeza, retrucou:

— Ele morreu, Alice. E mesmo em vida nunca se interessou pelo lugar das cadeiras ou pela decoração da casa.

A Tia não se deu por achada:

— Os mortos são muito diversos do que eram em vida — concluiu, feliz.

Inácio pediu que ela não se iludisse com aquilo. Mais hora menos hora, haveria de aparecer a explicação; mas Tia Alice já via com novos olhos a troca dos objetos e gostara mesmo de pensar que aquilo era uma brincadeira do irmão.

Assim ficaram as coisas por alguns meses, até que numa noite acordei-me varada de sede, e Inácio, sonolento e amável, atravessou os confins da casa para trazer-me um suco de uvas gelado, que era a única coisa que eu desejava beber. Voltou algum tempo mais tarde, o rosto transfigurado pelo riso.

— O que foi? — quis saber, estirada na grande cama de casal.

Inácio entregou-me a bandeja e, acomodando-se ao meu lado, disse:

— Acabei de ver o fantasma que troca as cadeiras e os quadros.

— Viu? Quem é?

Inácio cuspiu-se de rir. Controlando-se, respondeu:

— É Alice. Anda pela casa resmungando e de olhos fechados. Parece que é sonâmbula.

Depois de toda a graça que achamos, rindo às favas até que meu filho chutou-me o ventre pedindo silêncio para o sono, decidimos guardar aquilo em segredo: era pena desmoralizar a doce Tia Alice perante ela mesma.

QUANDO TIA ALICE PARECIA estar já bem longe dos dissabores e alegrias do amor, conheceu Romero Simões, um homem lá pelos quarenta e poucos anos, de estatura mediana e nariz adunco, que lhe dava um ar de gavião, mas com os olhos tão claros, de um verde tão imodesto, que sua cara de mau perdia-se no brilho daqueles dois lagos de luz. Conheceu-o na saída da missa, quando percebeu que ele a observava de longe — e que a observara desde a comunhão — enquanto ela tentava concentrar-se no mistério de Jesus, lambendo o pão fino e sem gosto, os olhos grudados na madeira lustrosa do banco da igreja. Desde o primeiro momento, a Tia ficou louca para espiar o homem de terno e bota grosseira, com ares de estrangeiro e olhos de anjo, que a fitava sem muito pudor de um canto obscuro do templo. Ao final da missa, quando o padre mandou-os embora com uns últimos latins, Romero Simões empurrou dois ou três, pediu umas desculpas apressadas e desceu a pequena escadaria de pedra no rastro de alfazema da saia austera de Alice.

Envergonhada e tímida, minha tia despediu-se de alguns conhecidos e correu para o carro — único luxo que se permitia: muitas pessoas espantavam-se com sua figura de matrona guiando aquela máquina pelos caminhos com uma pressa temerária. Desculpou-se, dizendo que a sobrinha andava já pelos últimos meses da gravidez, e que isso e mais aquilo, de modo que precisava estar em casa, pois não sabiam

haver-se sem ela. Deu a partida no carro, sentiu o ronco irritado do motor e, nervosa e suada, desapareceu pelas ruas, até chegar à estradinha de terra que a levaria para a segurança da fazenda. No caminho, enquanto o carro sacolejava entre os buracos, seguiu pensando que já não tinha mais idade para amar, até porque era pessoa sem prática alguma naquilo e corria o risco de sofrer mais uma vez, coisa que não havia de suportar, pois tinha o coração de manteiga. Tia Alice fez uma curva aqui, girou a direção para o outro lado e, quando estava já a dois quilômetros da casa, o carro deu um solavanco grosseiro, engasgou-se feito um cão que tem um osso atravessado na goela, tremeu uma, duas vezes, e depois morreu num silêncio quase doce. Tia Alice não pôde reanimá-lo. Chateada, desceu do automóvel e calculou que era muita estrada para vencer a pé, ainda mais que não era mais moça e seu corpo lerdo haveria de apagar-se feito o malfadado carro.

— Diacho de carro infeliz — praguejou.

Era um dia quente, em meados de abril, e o céu sem nuvens ardia pela luz do sol. Alice ouviu o canto dos passarinhos nas árvores e, pensando que não lhe sobrava outra alternativa, desafivelou os sapatos de couro e saiu andando pelo caminho. Depois de alguns minutos, sua raiva amainou. Era criatura quase sempre serena; o dia belo e o cheiro de relva haviam-na acalmado. Andou por mais de meia hora, cantando em voz baixa um dos hinos da igreja, até que o barulho de um carro a roubou de sua divagação. Ouviu a buzina, rouca e engraçada, e qual não foi seu espanto, ao virar-se e dar de cara com os olhos verdes da missa, que lhe sorriam, vigorosos. Dentro de um carro escuro e empoeirado estava o tal homem da missa.

— Estragou o seu automóvel, senhorita? — perguntou Romero numa voz alegre e vibrátil.

Tia Alice, gaguejando um pouco de espanto e vergonha, disse que sim. O carro falhara, e ela, por não ter nenhuma outra alternativa, caminhava para casa. Romero desceu no mesmo instante e, contornando o próprio automóvel, abriu a porta do passageiro. Com um floreio ágil, convidou-a a entrar.

— Me dê o prazer de ajudá-la, senhorita.

A pobre Alice aceitou com o coração em brasa. No caminho, curto demais, foram trocando informações sobre suas vidas. Romero contou que era caixeiro-viajante, que já partia para o Rio de Janeiro, que era solteiro e cheio de alegria. Gostava de viajar e conhecer gente nova.

— Mas nunca conheci alguém como a senhorita — disse ele, galante.

Tia Alice resumiu sua vida em breves palavras, porque tinha pouco a contar de si mesma. Gostava de filmes de amor, era solteira e não queria casar — mais por hábito de ser solitária do que por qualquer outro motivo maior. Tinha uma sobrinha e gostava de música, principalmente de valsas e boleros.

— Estamos quase em minha casa — finalizou a Tia numa voz triste.

Romero compreendeu o recado e diminuiu o ritmo, de maneira que o carro quase não avançava. Então, no primeiro instante de silêncio entre os dois, Romero estendeu sua mão e abarcou a mãozinha gorda e pálida de minha tia que tremeu num arrepio desconhecido.

— Você é muito bonita, Alice — disse ele. E, sem esperar qualquer resposta, lascou: — Sabe, tenho uma vida sem porto, vida que muito me alegra; mas, quando vejo mulher como você, sinto tristeza de estar sempre partindo.

Tia Alice aquiesceu.

— Por isso, peço-lhe que me beije e que desculpe o meu atrevimento. Só um beijo para que eu o leve na lembrança...

Tia Alice olhou-o entre tentada e ofendida. O que se pensaria dela, uma mulher velha, de respeito, abraçando-se pelo mato com um desconhecido de olhos verdes? Romero, adivinhando seus pensamentos, disse que era sincero. Gostara dela, mas partiria, porque era alma sem pouso. Só lhe pedia o consolo de levar seu gosto na memória.

— Não lhe minto, Alice — falou. — Poderia mentir-lhe, mas não. E quem saberá disso, a não ser você e eu? Deixe a vida lhe fazer feliz, nem que seja uma vez.

A Tia recordou-se dos muitos anos áridos que vivera, nutrindo-se dos amores alheios. E, num longo suspiro de rendição, fechou os olhos de pestanas longas e ofereceu a Romero a sua boca, num biquinho engraçado. Romero beijou-a com calma, depois, lentamente, foi acarinhando-a com sua língua, até que Alice abriu-se toda para ele, arrepiada e feliz. Mas os carinhos não pararam por ali. Romero tornou a ligar o carro e embrenhou-se com ele para um canto fora da estrada.

— Aqui estamos bem — gemeu ele, a voz rouca.

A Tia deixou-se ser beijada e mordida, e deixou-se ser acarinhada pelas mãos hábeis e macias do homem, enquanto ele abria um, dois, todos os botões de cetim que fechavam sua recatada blusa de matrona. Então, os olhos brilhando, Romero meteu-se a desvendar os peitos grandes, moles, quase tristes e muito pálidos de Alice. E assim foi, numa vereda de saliva, descendo-lhe pelas costas, tornando a brincar com seus mamilos infantis, desatando a presilha da saia comprida. Tia Alice, atarantada pelo mundo que nem imaginava existir, os olhos anuviados e a boca seca, deixou-se ser virada e revirada, numa entrega feliz.

— Você quer? — perguntou Romero, algum tempo depois, sentindo o membro nervoso sob o pano da calça.

Ela disse que queria. Nem que fosse por um único momento, faria de sua vida um filme. Romero Simões não perdeu tempo, arrancando a camisa com um único puxão. A Tia viu o peito cabeludo, levemente flácido e bronzeado de sol. Não resistiu e, num impulso, levou sua mão até o caminho escuro que descia pelo ventre e que sumia na fronteira das calças. Romero pediu mais, num gemido, e ela prosseguiu. Romero tornou a pedir-lhe que abrisse o fecho e cler, ela obedeceu. Então, quando seu membro saltou para fora do refúgio de linho escuro, quando surgiu, grande, enrugado e tenso, sob a claridade do dia, Tia Alice entrou em pânico e, sem conter o espanto ante aquele negócio feio e incisivo, soltou um longo e fino gemido de pavor.

— Ai, meu Deus — disse ela, por fim, as mãos, que antes navegavam pelo homem, agora se erguiam suspensas no ar, imóveis.

Romero morreu lentamente, o membro encolhendo-se e encolhendo-se feito um balão que murchava, até que caiu inteiro, inerte, e o pobre tornou a guardá-lo dentro das suas calças.

— Por favor, me leve para casa — pediu a Tia, infeliz. — Já passei do tempo para essas coisas. Além do mais, ninguém nunca me disse que era tão feio.

Romero Simões deu a partida no automóvel, tornou a voltar para o caminho de terra e, sem emitir qualquer palavra, minutos mais tarde, deixou a Tia na porteira da casa, ainda com as saias levemente arregaçadas, mas com um olhar tão apavorado que parecia ter visto uma alma penada ou coisa pior. E foi assim que Tia Alice se contentou com sua virgindade e nunca disse nada disso para ninguém; mas registrou sua aventura no pequeno diário que guardava sob o colchão, onde anotava todos os grandes eventos de sua vida de matrona pudica.

EU TINHA UM RELACIONAMENTO profundo com o filho que habitava minhas entranhas, já no sétimo mês de gestação. Embora andasse pálida, enjoada e levemente insone, aquela criança me trazia uma sensação de inteireza e de paz. Como eu gerasse um ser vivo em meu ventre, fazia de tudo para trazê-lo o mais ciente do mundo que viria habitar. Sentada ao sol, acariciando a barriga tensa e riscada de minúsculas veias azuis, eu conversava com meu filho e contava-lhe as boas coisas de viver: o sol morno da primavera, o viço das flores, o quanto era bom andar pela praia à noite, vendo as estrelas mudas penduradas no céu, sentindo a água fria do mar a lamber os pés. Dizia-lhe de Augusto Serrat, seu avô, que haveria de conhecer pela boca alheia, e que fora homem forte e belo, brioso e de um único amor, mais forte do que tudo. Contava-lhe também da doce Eleanor — a quem, percebi mais tarde, meu filho puxou cada detalhe de seu corpo e mais algumas das doçuras de sua alma —, que viera de muito longe, parecera uma fada, muito branca e frágil, e deixara-me tão pequenina que lhe recordar o rosto de cera era tarefa para muita concentração.

Loá não perdia a chance de me servir algo de comer, uma fatia de bolo, uma pêra, que frutas faziam bem para o sangue, um copo de suco que era para o menino não nascer sedento. Eu aceitava tudo; nesses meses me pus mais aérea do que de costume, repetia as mesmas frases, lia um livro para esquecê-lo a seguir. Inácio, manso e calado, permanecia ao meu lado o tempo que era permitido, levando-me para a praia, obrigando que eu caminhasse e que dormisse mesmo sem sono, amando-me com força e serenidade. Às vezes, e essa sensação acentuou-se com o tempo, me vinham à cabeça imagens do futuro, coisas à toa, como a chuva do dia seguinte, ou a chegada de uma carta da França, dos meus primos

distantes e sem rosto, ou a doença de alguma criança das redondezas. Mais tarde, vim a saber que tais premonições não eram minhas, eram do menino que alugava minhas carnes e que crescia, forte e belo, preparando-se para a vida que o esperava. Nessas ocasiões, quando eu avisava Inácio da chuva inesperada, pedindo que regressasse cedo da cidade, senão a tromba d'água o pegaria no caminho, vinham à minha mente as palavras do Sonhador, que me avisara da luz do menino, e que deveria chamar-se Theodoro.

— Vai se chamar Theodoro — disse eu numa noite, lá pelo oitavo mês.

Inácio largou o jornal, olhando-me com um sorriso. Aquela gravidez era coisa muito minha, e ele, amável, dava poucos palpites; mas estranhou o nome.

— Por quê? — quis saber.

— Não sei bem — respondi. — Mas tem de ser assim. É um nome de bons presságios.

— Faça como quiser, Laila — disse Inácio, sorrindo, os dentes enfileirados e muito brancos. — Não ouse discutir os mistérios femininos. Faça como quiser.

Os últimos dias foram de um lirismo lento, os minutos arrastando-se feito horas, as horas tendo o comprimento dos dias chuvosos. Meu corpo era inchado e plácido, vinham de dentro de mim os avisos da criança: não demorava muito. Inácio tratou tudo no hospital, mas lhe disse que haveria de ter meu filho em casa.

— Assim eu nasci, assim nasce ele.

O marido perdeu sua têmpera. Bradou que não, o perigo era grande. Expliquei-lhe que a natureza já equipara a mulher com o necessário para o parto. O primeiro filho da terra nascera longe de qualquer enfermaria. Tia Alice interpôs-se entre nós num dos raros momentos em que teve vontade de tomar a palavra numa briga conjugal. Aproximou-se com seus olhos de relva, ágeis, e afagando-me falou:

— Seja sensata, Laila. Um médico não há de fazer mal.

Logo, aquele assunto cansou-me, eu tinha pouca paciência agora. Dentro de mim, a mesma voz serena sussurrou que deixasse o problema de lado, pois tudo se resolveria na hora certa. Levantei-me e, carregando a barriga redonda e dura, abracei Inácio, enquanto reparava seu perfil tão belo e forte, os olhos sob a perfeita concha das sobrancelhas escuras e grossas.

— Não se fala mais nisso agora. Ainda falta tempo — disse, com uma voz amorosa.

Inácio cedeu, como sempre cederia nos muitos anos de nosso amor, e naquela noite dormimos abraçados e felizes, enquanto a chuva caía em pingos grossos, tamborilando com insistência em nossa janela.



QUANDO MEU FILHO NASCEU, levou consigo as vozes que se haviam enredado nas minhas entranhas, e de repente me vi muda outra vez de qualquer presságio. Foi um duplo vazio, porque aquela criatura suave e dourada fazia quase parte da minha carne. Nas vésperas do parto, havia um coro em meu ventre e, prestando atenção em seus sussurros de vento, pude compreender que o menino se remexia, já buscando a melhor posição. Escolhia os últimos detalhes de si, a cor dos cabelos, a sonoridade da voz, o gosto pela arte ou o gosto pela ciência, a postura do corpo e a textura da pele branca de nuvens.

Numa manhã luminosa de abril, ano de 1960, larguei a xícara pela metade sobre a mesa do café, e o líquido escuro e fumegante ensopou a toalha bege. Tia Alice olhou-me com certo espanto. Tinha já alguns fios de cabelos brancos enredados pela urdidura de suas tranças castanhas e, enquanto ela me olhava esperando qualquer resposta, contei, assim por cima, uns vinte fios desbotados.

— O menino nasce hoje — disse eu, sem preâmbulos.

Tia Alice arregalou seus grandes olhos.

— Sente alguma dor? — quis saber, enquanto recolhia a toalha empapada de café.

— Não — respondi —, mas estou sem apetite.

Pouco depois as dores começaram, primeiro fracas e esparsas; depois, conforme eu aceitava sua intensidade, aumentavam mais e mais, tornando a rasgar minhas entranhas com uma fúria de terremoto. Loá me pôs a caminhar, amparando-me com seu ombro encurvado e sábio, de quem já havia visto a chegada de muitas criaturas.

— Tudo acaba rápido — dizia ela, consolando-me. — Não fica nem a lembrança.

Quis perguntar-lhe como ela, que nunca tivera um filho sequer, tinha tantas certezas, quando algo se rompeu em meu corpo e um líquido abundante e morno desceu em cascata por minhas pernas.

— Que água é essa que está saindo de dentro de mim?

Loá sorriu.

— É a bolsa que rebentou, minha filha. A criança nasce logo.

— Acho que não vai sair de dentro. Falta espaço — falei, tonta de dor.

— Isso é um mistério que nunca entendi — resmungou Tia Alice, suspirante, consolando-se com o trabalho de bordar meia dúzia de fraldas.

Mais tarde, já com o sol alto no céu, Alice Serrat pôde, enfim, desvendar aquele mistério. A dor rasgou-me feito uma garra, abrindo minha carne à passagem daquela outra carne que, depois de tantos meses de abrigo, buscava a luz e o ar e a chuva. Foi uma dor que nunca se esquece, embora acabe mutando-se em maciez e gozo. Foi como um vento de temporal, que arrasa telhados e ruas, que leva consigo as construções; mas que traz, na sua esteira, feito a cauda de um cometa, a luz de um sol novo em folha. Depois, devastada, restou em mim apenas o morno, o suave contato daquele corpo ainda envolto em gosmas, mas tão claro, quase translúcido, que num único olhar me recordou o antigo retrato de minha mãe Eleanor.

Limpo e coberto, Theodoro foi depositado em meu colo, e assim, mal vindo ao mundo, abriu seus grandes olhos escuros — negros e fundos feito um poço — e vi que tinham a mesma luz dos olhos do seu avô e que me reconheciam como sendo aquela que o carregara e acalentara, aquela que lhe contara os segredos de Augusto, as manias de solteira de Alice, as doçuras de um e os humores azedos de outro.

— Theodoro... — eu disse seu nome num fio de voz. Foi o bastante para que o menino me recordasse. Gemeu e, satisfeito, tornou a fechar-se em seu mundo de sono e de silêncio.

Tia Alice, recomposta do difícil milagre da vida, tomou Inácio pela mão, e os dois postaram-se à beira da cama. Ele, com cuidado e desvelo, acarinhou-me, passando seus dedos longos pela trama de meus cabelos suados da trabalhadeira do parto. Mirava o filho com uns olhos muito grandes, cintilando de lágrimas presas. Tia Alice olhou o sobrinho-neto, vasculhando seu ar indefeso e pequenino, as pestanas escuras que herdara do pai, a palidez de Eleanor, o ricto dos minúsculos lábios.

— É uma mistura de todos — proferiu ela. — Mas leitoso feito a finada Eleanor. — Depois, tornando a deitar os olhos sobre o menino, falou com uma voz que era menos que um sopro, quase como quem profetizava: — Que tenha a vida longa de uma estrela.

— Assim seja — respondeu Inácio, emocionado.

— E — prosseguiu Alice — que essa luz possa brilhar como brilha a luz das estrelas. Ainda muito depois de sua morte.

O NOME DE THEODORO FOI abreviado para Théo, pois, além de estar sempre soando em alguma boca, era nome de muito peso para um menino tão delicado e pequeno.

— Deixe que o use quando for adulto — sugeriu Loá, que foi quem primeiro arriscou um apelido para o menino.

Théo tinha uns poucos fios de cabelo que — se na adolescência cresceram em abundância — naqueles primeiros meses eram ralos e muito finos, tão claros que mais pareciam a penugem de um pássaro exótico. Era uma criança calma e sem choro, de olhos arregalados que se abriram para o mundo cedo demais: a curiosidade sempre o diferenciou das outras crianças. Tinha o corpo perfeito, todos os dedos dos pés e das mãos, as perninhas tenras, os braços inquietos e roliços. Não chorava, não dormia após as mamadas. Como se soubesse que tinha nascido sob um signo raro, olhava-nos com ar pensativo e profundo. Debaixo do escrutínio de seu olhar de bebê, qualquer um acabava libertando suas melancolias e quebrantos. Theodoro olhava firme, atentando aos gestos alheios, o tempo que se levava aquecendo a sua mamadeira, o rosto de quem lhe experimentava o sabor, o olhar com que Loá fitava a chuva, com que reverenciava o sol. Era assim como se dissesse: “Estou aprendendo a vida com você.” Não havia quem

ficasse ao seu lado por mais de meia hora e escapasse impune de sentir um amor profundo pelo menino.

— Essa criança tem olhar de gente grande — disse Inácio, certa vez, ao ver o filho espiando-o do berço.

— Puxou a Augusto — respondeu Tia Alice, grande partidária das heranças. Para ela, até as tristezas eram hereditárias.

THEODORO SERRAT MONTÉRIO cresceu rápido porque tinha pressa de conhecer o mundo. Talvez por isso não dormisse. Fechava seus grandes olhos escuros por uma ou duas horas quando a madrugada alcançava seu ápice; logo estava desperto, desvendando o escuro, vendo os fantasmas da casa ou, quem sabe, certificando-se de que não existiam para ninguém. Ouvia o vento nas venezianas de madeira, e sabia-o como sendo apenas o vento da noite. Ouvia os ruídos sem dono, rápidos e precisos, e podia dizer se vinham de cá ou de lá. No silêncio, ainda menino de colo, pescara seus primeiros versos e continuou pescando-os pela vida afora — os seus arroubos e a sua pureza sempre o caracterizaram poeta.

De tanto viver a mais que os outros, repensando o dia quando a casa mergulhava no esquecimento do sono, sua mente desenvolveu-se muito além de seu corpo. Pequenino, Théo tinha idéias de adulto; mas estes jeitos não poluíram nunca a leveza de seu riso nem a candura de seu olhar, e foi sempre o mais crédulo entre os crédulos, o mais afável, o que mais punha fervor nas suas orações. Theodoro não era bonito de perfeito, estava longe disso. Tinha somente uma graça que não era toda desse mundo, a pele muito alva que contrastava com os olhos de noite, os cabelos loiros como os de Eleanor, o olhar febril e afável de Augusto Serrat. Era miúdo de corpo, e nunca cresceu o suficiente para ser considerado um rapaz alto. Seus cabelos viviam em completo desalinho, eternamente caídos sobre sua testa, e tinha a cabeça turbilhonada por questões que mantinha guardadas em segredo. Era mesmo um caçador de verdades, das mais simples às mais complexas.

Desvendando o mundo muito além do que viam os seus olhos, Theodoro tinha a facilidade de antever as coisas. Havia sido esse talento que pusera em meu ventre aquele coro de vozes estranhas e visionárias. Em mim, viam apenas as baboseiras do dia, a falta de chuva, o bolo que desandava no forno. Théo dava-lhes força — concentrando-se, o que sabia fazer desde muito menino, captava seus avisos. Ainda engatinhando, uma ou duas vezes estendeu seu braço apontando um objeto que, instantes depois, haveria de estatelar-se no chão. Mais tarde, aprendemos a aceitar aqueles avisos, a não subestimá-los porque vinham de uma criança.

— Theodoro fixou-se no vaso de cristal que Augusto trouxe de Praga — disse certa vez Tia Alice, ao ver o menino fitar o objeto.

Depois, sem se sentir boba, beijou o sobrinho-neto, trouxe-o para o meu colo e tratou de recolher o cristal, que era um dos que mais apreciava em toda a coleção de coisas lindas e desnecessárias que meu pai lhe trouxera de suas viagens sem fim.

— Praga fica muito longe dos meus caminhos nesta vida — explicou a Tia. — Igual a esse, nunca mais — e meteu o vaso dentro de um armário.

Assim seguia a vida, no lento torpor da felicidade. Inácio metera-se com os empregados e, depois do dia de trabalho — passara a cuidar do escritório de meu pai e ainda mantinha um dos barcos —, enfiava-se no galpão para ensiná-los a ler. Era uma tarefa árdua e desgastante, os homens não queriam saber nem das letras nem dos livros; mas, de tanto insistir, ameaçava as faltas consecutivas com a demissão, acabou fazendo aumentar o número de alunos. Chegava em casa depois das nove, exausto e risonho, uma pilha de livros sob o braço. Às vezes, depois desses serões letivos, ele puxava o violão e, com Theodoro brincando aos seus pés, tocava as antigas melodias que eu ouvia escondida quando o amava em segredo.

— Cante uma para mim — pedia eu.

Inácio sorria.

— São todas para você, Laila. Sempre foram.

Mais tarde, na cama, contava-me das letras que via, como crianças surgindo do ventre materno, brotando nas linhas. Apegara-se àquele ensino, que era a única coisa que podia dar aos trabalhadores. Inácio não se havia esquecido dos tempos em que vivera sem teto nem comida, vagando de cidade em cidade em busca de algo de seu. Era-lhe estranho estar no comando da fazenda, ter o dinheiro sob a sua assinatura, mandar e desmandar. Embora fizesse tudo com talento, sua alma ainda era campeira.

— Faço isso para ficar mais perto deles — me disse, certa vez, numa conversa de depois do amor. — Afinal, sou um deles. Mas, às vezes, é como semear no deserto. Eles não querem saber mais.

Corri meus dedos pelo caminho das suas vértebras. Era um homem de carnes magras, musculoso, e essa era minha estrada predileta.

— Dê-lhes livros — sugeri. — Descobrirão a magia das palavras.

Inácio seguiu o meu conselho. Em poucos meses, o galpão ganhou estantes repletas de livros, cadeiras e mesas; aos poucos, transformava-se em uma escola. Depois do pessoal da fazenda, os trabalhadores das redondezas começaram a chegar. Vinham em grupos, amontoados em carroças ou a pé, traziam um caderno embaixo do braço e alguma vontade de entender as letras. Às vezes eu ajudava Inácio nessas suas tarefas, lendo romances ou poesias, que os homens esforçavam-se em ouvir, não sei se por gosto ou se por educação.

Pequenino, Theodoro já desejava seguir o pai quando o via indo para os lados do galpão. Era um menino que ansiava pelas gentes. Inácio relutou um pouco em levar o filho para lá, com medo de que fosse atrapalhar as aulas, ou que os homens reclamassem da presença daquela criança loura e miúda, de olhos perguntadores. Mas não; Théo foi aceito com carinho — sabia cativar todas as criaturas — e

durante a aula, equilibrando-se em seus passos trôpegos, circulava entre os homens, de colo em colo, espalhando a bênção de sua candura como quem semeia a terra. Assim começaram as aulas no colégio; muitos anos mais tarde, aquele galpão serviria a outros fins e, guiado pelas quimeras de Theodoro, faria fama por toda a região, misterioso lugar onde se curavam corpos e almas, e onde Théo e Amparo, a muda, ensinavam para quem quisesse aprender umas verdades muito mais profundas que as verdades de qualquer livro didático.

NO OUTONO DE 1962, quando Theodoro completou dois anos, amanheceu falando feito gente grande. Não tropeçava nos erres nem nos eles, não comia palavras ou as deturpava, e conversava numa fala mansa e cadenciada. Conhecia todos os empregados pelo nome e todos os alunos do pai. Atrás de sua atitude distraída e de sua mania de vagar pela casa, principalmente pelos quartos de ninguém, possuía um olhar do qual nada escapava. Interessava-se também pelos bichos, dava de comer aos cães vadios, levando os restos da casa num saco de papel e espalhando tudo pela praça nas vezes que ia até a cidade em companhia do pai.

Certa tarde, encontrei-o espremido entre as paredes do galinheiro, sujo e fedendo a titica de galinha. Ao ver-me, sorriu com seu jeito de anjo.

— Que você está fazendo aí, Théo?

— Falando com as galinhas, mãe — disse ele, muito sério.

— E elas lhe respondem?

Ele empurrou-se para fora do buraco onde se metera. Vi que tinha as calças rasgadas na altura de um dos joelhos, e que estava sujo, os cabelos repletos de palha. Deu-me a mão e, andando ao meu lado, respondeu:

— Responder, não respondem. Mas entendem.

Quando Tia Alice soube, sugeriu que se arranjasse um amigo para a criança. Disse que me criara solitária, e o resultado fora uma menina quieta, mais calada que todas as outras, e com umas estranhezas que só o amor conseguira curar.

— Mas eu tinha só a você e a Loá, Tia. Theodoro tem uma família completa.

Loá deixou de lado seus eternos afazeres culinários e meteu-se na conversa. Para ela, o menino era como era. Gostava de gentes, isso era claro, vivia metido entre o pessoal e não escapava uma visita que fosse ao seu escrutínio.

— Mas ama os animais e tem recíproca — garantiu a velha. — Ontem estalava beijos no cachorro. E acho que o animal até deu um riso, ou coisa parecida.

— Você está caduca? — perguntou Tia Alice, estranhando.

Loá riu com gosto, mostrando a dentadura falha, o rosto enrugado pelos anos incontáveis.

— Estou é sábia demais. Isso sim. Deixe a criança, Alice — pediu ela, sem preâmbulos —, tem mais conhecimento do que todos nós.

Inácio incomodava-se um pouco com as estranhezas do filho, mas tentava compreendê-las como algum desígnio de Deus contra o qual era impossível lutar. Esforçou-se para que não fugisse pela casa, metendo-se nos quartos antigos por tardes inteiras, passando de um para outro quando ouvia as vozes de quem o estava procurando. Mas o menino era quase uma sombra, esvaindo-se entre as pernas dele, desconversando-me quando eu lhe pedia que fizesse a sesta, beijando os cachorros na boca e levando minhocas em seu bolso como se fossem talismãs. Quando Theodoro, numa noite chuvosa depois do jantar, interessou-se pelo suave murmúrio que os seus dedos longos e ágeis arrancavam do violão, Inácio exultou. Pegou o menino no colo, acomodou-o ao seu lado e, sem se preocupar que fosse criança pequena, saiu lhe ensinando todos os tons e semitons, todas as posições e melodias, e cantou para ele até alta madrugada, quando então ele mesmo dormiu, vencido pelo sono e caído sobre o instrumento, e Theodoro pôde, sozinho, pegar em seus braços minúsculos o violão do pai, e inventar as suas próprias melodias. Desde aquela noite e para sempre, a música foi o terreno neutro dos dois. Quando se desentendiam em suas opiniões, quando discordavam de algo, era sempre com o violão que se tecia o acordo de paz.

O MESMO TEMPO QUE ERA generoso com Theodoro, era avaro e exigente com a velha Loá. Enquanto o menino florescia, Loá escapava de uma doença para outra, vivia metida em tosses, pálida, emagrecera um pouco, perdendo o viço das carnes gordas e despudoradas que ostentara em sua madurez. Encolhia-se e amarelava, e sua energia corria feito um rio, largando-se de seus membros cansados e indo esvair-se pelas pedras da cozinha, feito a água que escapa de um cano rebentado.

Théo gostava de persegui-la em seus afazeres, olhando-a mexer o creme para a sobremesa, cortar o bife na espessura que considerava ideal para os dentes e o paladar, escolher as frutas, lavar as verduras, pôr em ordem a grande cozinha de ladrilhos brancos — lugar que, em verdade, regia a engrenagem daquela casa infinita.

Loá cortava as bananas em fatias. Depois, fritando-as em óleo de coco, forraria com elas um prato onde seria despejado o creme de ovos, o merengue e o resto que lhe mandasse, sem mais ordem que a invenção, sua cabeça de cozinheira nata. Theodoro, empoleirado numa cadeira, via as mãos manchadas e antigas de Loá manuseando a faca com destreza e ritmo, dividindo a carne tenra e amarela das frutas.

Intrigado, perguntou por que suas mãos eram daquele jeito: encurvadas como uma brincadeira de sombras na parede, parecidas com as patas das galinhas do quintal. Loá não se enraiveceu com a comparação do menino. Ao contrário, abriu um amplo sorriso e explicou-lhe em diminutas palavras que o tempo e o serviço de toda a vida lhe haviam legado aquela herança.

— Então não eram assim antes?

— Não, meu filho, não eram — respondeu a velha, arrastando as palavras.

— Não tinham mesmo jeito de ser — concluiu ele, sem concluir nada, pensativo. E olhou-a com seus olhos negros, profundos feito os olhos de um velho, fixando-lhe o rosto desbotado como se o quisesse tatuar em sua retina.

Apenas a carne de Loá se deteriorava, sua alma permanecia intacta, lúcida e cheia de boa vontade. Sua fala ainda era musical e engraçada, a despeito do cansaço que agora pontuava as suas palavras. Tinha o rosto muito marcado de tanto sorrir em seus incontáveis anos, o cabelo lhe ia quase completamente branco e atado no eterno coque que sempre fora sua saída para esquecer-se dele: dizia que cabelos eram para as mocinhas; as mulheres da casa, que cozinhavam e limpavam, tinham nas melenas suas grandes inimigas. Nada mais desagradável que achar um fio de cabelo dentro do recheio de um pastel.

Era Loá, com sua cabeça imaginativa e sua disposição para agradar as crianças, a maior incentivadora das loucuras de Theodoro. Dizia-lhe que vira muitos fantasmas na vida, inclusive nos corredores da casa.

— Viu minha avó? — quis saber o menino, ansioso.

Loá respondeu que sim, mas que dona Eleanor não era fantasma, era outra coisa.

— O quê?

— Quase um anjo — explicou Loá, resgatando a imagem da moça de lírios, luzidia e pequenina, como a guardara no fundo de seu coração. E contou-lhe que a vira numa nuvem, quase como a Virgem, vestida com um pano de estrelas e tendo os cabelos coroados de flores.

Theodoro ouviu tudo com atenção, enquanto Loá, incendiada pela imaginação, narrava-lhe os jeitos da finada esposa de seu avô Augusto, que falava com uma voz de harpas, igual aos anjos do Senhor. Theodoro recordou-se da tela que ficava na sala, onde uma moça magrita, de fundos olhos verdes e ares de menina, pele de talco e boca macia, mandava um eterno sorriso sem estrelas nem nada. Também a vira, certa vez, quase como um sopro e sem carne ou contorno, fresca feito uma brisa de praia, a atravessar os corredores desertos onde ninguém habitava. Discordou de Loá:

— A avó não ia se vestir assim depois de velha.

— Não é velha, morreu jovem — disse Loá, defendendo-se.

— Mesmo assim, isso parece brincadeira. Acho que você não viu a avó, Loá, viu outra alma. E ela lhe pregou uma peça.

QUANDO THEODORO ESTAVA com cinco anos, Loá embrenhou-se de vez nos caminhos de sua morte. Era o ano de 1965 e lá fora o país metia-se numa guerrilha estranha. Goulart fora deposto um anos antes, fugira para o sul e exilara-se no Uruguai. Alguns anos mais tarde, estudantes e intelectuais protestariam nas ruas e apanhariam sem trégua da polícia. O exército havia tomado o governo com suas mãos de ferro personificadas na figura de Castelo Branco. Nos recantos onde vivíamos, essas notícias eram apenas história; mas Inácio notou que os jornais emudeciam, escondendo as verdades nas entrelinhas, e que todos andavam com uma certa tristeza nos olhos, um medo de que o país desabasse num despenhadeiro sem fim.

— Bom que Theodoro seja pequeno — disse ele. — Do jeito que tem brios, se já fosse homem, estava nas ruas lutando contra qualquer coisa que lhe parecesse injusta.

Sentada ao lado dele, ouvindo os velhos discos de Alice, pensei o quanto Inácio tinha razão naquele juízo. Meu filho era um visionário, e os sonhadores nunca eram bem aceitos nesse mundo. Inácio leu meus pensamentos com a prática dos anos e retrucou, meio pensativo em suas divagações:

— Jesus morreu numa cruz, embora só quisesse fazer o bem. E o mundo não mudou até hoje.

Ao ouvi-lo, senti um arrepio gelado percorrer minha carne. Num canto da sala, Theodoro brincava com seus carrinhos, um dos seus raros momentos de infância normal. Caminhei até ele e, embora reclamasse um pouco — estava no meio da brincadeira, na parte mais importante —, tomei-o em meus braços, apertando-o com força e medo. Seu calor devolveu a vida ao meu corpo. O menino parou de debater-se e, depois, desvencilhando-se de meus braços, olhou-me com seus grandes olhos de muitas vidas e disse:

— Não chore que não adianta, mãe. Não vou parar de brincar.

Voltou, então, para seu refúgio. De lá, ficou me observando, já desinteressado dos carrinhos de metal colorido, acompanhando cada gesto meu. Voltei para o lado de Inácio que, lendo seu jornal, despercebeu-se dessa pequena ocorrência, mas minha mente ficou impregnada pelas palavras aparentemente bobas de Theodoro. Era verdade, ele viera para esse mundo com uma tarefa. Não iria parar de brincar. Naquela noite, rezei para que o país encontrasse logo seu sossego e para que meu filho crescesse com sapiência e cuidado, numa terra livre de discórdias e de matanças. Mas as verdades incomodam antes as pessoas que os governantes, e nem tudo saiu assim como eu desejei em minhas preces.



DOIS DIAS DEPOIS DE THEODORO completar seu sexto aniversário, numa quinta-feira chuvosa e quente de abril, Loá morreu. Partiu sem muitas cerimônias, que foi sempre o seu jeito de ser em vida. Dias antes, já se sabendo de partida, andava numa cantilena de queixumes.

— Quase vejo as portas do céu — sussurrava ela, entredentes. Mas não largava a lida da casa.

Na manhã do dia de sua morte, não se levantou para preparar o café, coisa inédita em vinte e poucos anos de bom serviço. Tia Alice, sabedora da velhice daquela mulher de bom coração, andava abatida e pálida, sempre com uma oração fugindo-lhe dos lábios. Eram tantos anos juntas, que talvez não soubesse mais viver sem ela. Theodoro consolou a Tia e, cheio de persistência e carinho, foi falando com aquele seu jeito de menino grande que Deus ainda podia mudar de idéia, deixando a pobre Loá permanecer entre nós por mais alguns meses. Mas não houve canja que lhe devolvesse as forças, e Théo permanecia na cabeceira da velha, ajudando-a a sorrir com umas histórias que inventara somente para ela e que nunca mais pôde contar a ninguém sem que aqueles dias de morte lhe viessem à memória, salgando sua língua e enchendo de lágrimas os seus olhos. Loá aceitou cada agrado do menino, e todas as muitas canjas que eu e a Tia lhe deitamos goela abaixo. Mas, na manhã em que não quis acordar, tendo Alice ressonando a sua cabeceira, pediu ao menino que lhe jurasse: nada de canjas.

— Vou morrer de qualquer jeito — disse, num suspiro. — Não quero chegar no céu cheirando a galinha.

Theodoro jurou-lhe por sua alma. Antes que o dia clareasse, bateu à porta de meu quarto e, quieto feito uma sombra, meteu-se ao meu lado na cama, sussurrando em meu ouvido:

— Estou triste, mãe. Loá morre hoje.

Não discuti aquela certeza. Levantei-me, enfiei qualquer vestido e, com Inácio ainda dormindo, saí do quarto e fui ver a doente. Theodoro seguiu-me apressado, forçando suas perninhas curtas na tentativa de me acompanhar.

— É um pressentimento? — disse eu, mais para driblar o silêncio do corredor escuro.

Ele garantiu que sim. Sonhara com a cama vazia e sem lençóis, e com o velho fogão a lenha apagado.

— E tem mais, Loá não quer comer canja.

— Está bem — respondi, respeitando as últimas vontades da doce moribunda que encantara minha infância.

Antes do meio-dia, posicionada com o rigor que vira muitos mortos serem velados, os braços cruzados sobre o peito, Loá morreu em silêncio. Estranhei que, depois de morta, adquirisse a aparência frágil de uma criança, os ossinhos minúsculos, o corpo magro e gasto, recoberto por uma camada de pele muito fina. Tinha em toda ela, a despeito da camisola branca de algodão barato e dos chinelos de pano florido, um ar de excelência e de classe.

— Nunca mais haverá outra como ela — disse a Tia, fechando os olhos espetados da morta, a voz embargada pela tristeza.

A PASSAGEM DA VELHA e boa Loá empurrou Tia Alice para momentos negros. Trancada em seu quarto, ela virou seis dias e seis noites num culto semelhante ao que dedicara a Augusto Serrat. Não quis comer, mal dormia, encheu páginas e páginas de seu diário com comentários sobre a boa Loá. Mergulhou num torpor de tristezas, sempre com um soluço atravessado em sua garganta. O passado enterrara-se com Loá, e agora apenas ela ainda podia recordar-se da cunhada Eleanor, da velha e querida Leontina, teimosa e boa, dos bons tempos de Augusto. Com Loá, foram-se os dias em que todos se perdiam pelos corredores esquisitos da casa, quando todas as novidades do mundo, a despeito das guerras e das distâncias, estavam espalhadas pelos cômodos do lugar, num eterno espólio das viagens de meu pai. Pois Tia Alice, ao ver a senhora que sempre lhe fora esteio — sábia e simples como todas as boas verdades da vida — enrugada feito um pano torcido e deitada em seu caixãozinho infantil, descobrira-se muito velha também. Fazia tempo que seu corpo se desconjuntava, que sofria de um reumatismo irritante e crescente, mas somente agora se apercebia disso. E estava tão triste que não queria mais se alçar daquela cama, nem ver o sol poente, nem conhecer o amor e o sexo. Nunca mais teria desejos de ir ao cinema, de ter um homem com um membro menos desconjuntado do que o único que conhecera, pendurado ao corpo bronzeado de Romero Rodrigues, nunca mais teria fome de bolo de milho, quitute predileto da velha Loá.

Assim ficou minha tia, coitada, cada vez mais sensível, perdida em suas reminiscências por muitos dias. Quando achei que se esgotava o tempo para sofrer, mandei que Theodoro fosse ter com ela. Somente o menino, com seus ares doces, havia de arrancá-la do lamaçal onde andava metida. Théo tinha a condescendência dos velhos, a curiosidade dos recém-chegados e a ternura dos poetas. Munido desses atributos, bateu à porta da Tia. A noite de sexta-feira era ainda incipiente, o céu começava a mostrar o viço das primeiras estrelas; fazia uma semana que Loá falecera. Tia Alice, que havia algum tempo já se cansava de sua própria modorra, os pensamentos revoltos por tanta reflexão solitária, ouviu a batida seca na porta do quarto. Não teve dúvida de que era o menino.

— Entre — disse ela, com a voz fraca por tantos jejuns.

Theodoro meteu sua cabeça de cachos loiros para dentro do quarto, onde as últimas claridades do dia ainda iluminavam a cama. Entrou mansamente, acomodando o corpo miúdo sobre o colchão. Viu que os olhos de Alice estavam circundados por auréolas escuras e que brilhavam num verde de musgo, e brilhavam como nunca.

— Está com febre, Tia? — perguntou o menino, que nesses tempos começava a demonstrar seus interesses pelas ervas e pela medicina.

Ela sacudiu a cabeça, negando. Estava tensa de tanto pensar, só isso. Theodoro quis saber no que ela

pensava com tanta ânsia e por tantos dias seguidos.

— Penso em Loá e em mim. Penso na vida.

— A vida não é para ser pensada — disse o garoto, com seus grandes olhos de velho.

— Sabe, filho — continuou Tia Alice, sem dar nenhuma atenção ao que ele dissera —, acho que quero morrer o mais rápido possível.

Theodoro pegou-lhe a mão fria e ossuda, esfregando-a entre as suas para que lhe voltasse a morneza de sempre. Depois, livrou-se dos sapatos e espichou-se ao lado da mulher, colando seu corpinho ao corpo volumoso dela.

— Não morra ainda.... — pediu.

A Tia disse que tinha medo das mudanças. A vida andava mudando demais. Haviam partido todos os de antes. Não era mais o tempo para ela. Afinal, continuou, não se casara, não tinha filhos. Viver para quê? Tudo estava mudado demais, tudo, menos ela, que era sempre igual. Theodoro ouviu-lhe os lamentos sem deixar de afagar a sua mão, depois argumentou que tudo mudava muito e sempre. Ele mesmo já tinha mudado de idade outra vez.

— Não gosto mais de mudanças — disse Tia Alice, decidida. Chegara a essa conclusão naqueles dias. Para ela podia continuar sendo sempre noite. Não queria nem mais a mudança diária entre o sol e a lua.

Theodoro não pôde agüentar e disse:

— Mas vai mudar mais uma coisa.

Alice teve um calafrio. Quis saber se era mudança de chegada ou mudança de partida.

— De chegada — garantiu o menino. — A mãe vai ter outro filho.

A Tia arriscou um sorriso fraco.

— Como você sabe?

— Um vai, outro vem — respondeu Theodoro com sua alma muito além do tempo em que vivia.

Depois disse: — Não diga para ninguém, Tia. Eu lhe contei isso para ver se você ficava alegre.

Ela sentou-se na cama, olhou-o com amor e jurou que faria segredo.

— E você sai do quarto, então? — perguntou o menino.

— Saio — disse, convicta. — Saio porque estou com fome. Mas quem vai fazer o jantar?

O jantar daquela noite e de muitas das outras noites que se seguiram foi feito por Biela, moça silenciosa e tranqüila, filha de um antigo caseiro das redondezas. A menina fora chamada Gabriela ao nascer, nome comprido demais para menina tão atarefada. De tanto ser solicitada, seu nome foi encurtando-se pelo uso; por isso chegou-nos com esse estranho apelido.

Naquela noite, Theodoro precedeu a Tia e avisou à menina Biela, com seus ainda incipientes quatorze anos e seu rosto pintado de sardas, que Tia Alice viria para o jantar, de modos que caprichasse na comida. Alice, mais por fidelidade à velha Loá, achou o feijão sem tempero, o molho da carne salgado

demais e o pudim duro e sem gosto. Mas comeu tudo e com gana, porque os seis dias de reclusão lhe haviam legado uma fome digna dos velhos tempos. Com o passar dos dias, Tia Alice recuperou as carnes de antes e os vestidos voltaram a estufar-se sobre seu corpo de matrona. Mas a morte da velha Loá transtornou a vida no casarão. Sua presença silente e atenta fez falta para todos, até mesmo Inácio queixou-se de saudades; e a cozinha de ladrilhos brancos perdeu de vez o encanto que possuía outrora.

MAL CHEGAMOS AO INÍCIO do mês de maio, quando meu corpo indicou os primeiros sinais da mudança que se operava no mistério de suas entranhas. Eu estava grávida outra vez. Foi um júbilo ao qual Inácio atirou-se de corpo e alma, gritando pela casa sua felicidade, num arroubo raro para um homem que costumava sussurrar suas emoções. Era o ciclo da vida que, girando, pedia passagem para as novas almas. Theodoro recebeu a notícia com a calma dos que já esperavam por ela, a menina Biela assou um bolo em homenagem ao bebê, e Tia Alice, já quase refeita de sua tristeza, tratou de armar-se novamente com suas linhas e agulhas e quis fazer as decorações, comprar o pano para as cortinas e bordar o nome da criança que se escondia em meu ventre.

— Será menino ou menina? — quis saber a Tia.

Theodoro sugeriu muito como quem não queria nada que a criança seria uma menina. Tia Alice acreditou sem pestanejar, metendo-se a escolher os amarelos e os rosas, os tons de violeta e o branco para os vestidos do batizado.

Nesse tempo, enquanto minha barriga intumescia-se, casulo onde se preparava o segredo de outra vida, Theodoro adquiriu os ares de calma que haveriam de acompanhá-lo em seus anos. Se antes já era tranqüilo, passou a perder-se por horas infindáveis a fitar o céu, vasculhando na vastidão coisas que somente ele procurava. Era uma criança magra, miúda, com ares de menino crescido que seus olhos escuros e sérios só sabiam acentuar. Tinha a voz melodiosa, a dentadura clara andava desfalcada de alguns dentes. Seu rosto era simples, franco, de traços precisos que, no seu conjunto, lhe davam um quê muito mais de afabilidade do que de beleza. Possuía cabelos incontrolláveis, que despencavam em cachos revoltos, ocupando sua testa com a maciez platinada dos fios encaracolados. De tanto pensar e revirar o mundo, vivia sujo de terra, um livro embaixo do braço — pois, mesmo antes de que eu o ensinasse a ler, sabia todo o alfabeto por causa das aulas do pai e vivia a espiar os mistérios das palavras unidas em frases. Dividia com Alice o gosto pela música; acompanhava-a freqüentemente ao cinema, mais para ver as gentes na rua que pelos romances, pois sua mente voava sempre de idéia em idéia e perdia o fio das histórias na tela. Talvez, vidente que era, tivesse certeza de que vinha em meu ventre uma menina, e que seria bela, muito mais bela que qualquer dos outros da família, cujo folclore de minhas recordações

incumbira-se de recobrir de lindeza — como foi, por certo, o caso da doce e pequenina Eleanor de Bordelac, branca e encantadora em seu exotismo de estrangeira, ou de Augusto, mais másculo que bonito, mais forte que perfeito. Não, Theodoro antevia, nuns clarões de fogo que costumavam riscar seus pensamentos, que a cria de minhas carnes seria diversa de todos os outros; e, talvez, mais contraditória que os seus estranhos antepassados. Imaginava que a irmã haveria de herdar o caráter do Avô — mais uma sina que uma herança, já que o velho fora homem mesquinho e confuso, a quem a fúria de seu espírito voluntarioso fez sofrer mais que a qualquer um dos que viveram à sua volta e submetidos à sua vontade. É claro que nunca me disse palavra sobre seus medos, nem me contou do sonho em que vira o rosto perfeito da menina, os olhos feito esmeraldas ansiosas, a pele lisa e quase marmórea. Uma voz soprara-lhe os encantos da semente que se engendrava no escuro ventre materno, perfeita, a mais vaidosa das mulheres que, gastando os nove meses de espera, tingia-se em cores só dela, escolhendo com calma e paciência os atributos com que haveria de deslumbrar as gentes. Mas tanta beleza podia ser fardo pesado, e Theodoro sabia, com uma certeza quase inconsciente, que aquela menina viveria no eterno abismo de sua própria e inigualável formosura.

SE A GESTAÇÃO DE Theodoro foi calma, a de Ariana foi o oposto; medindo a própria inquietude que me assolava, pude adivinhar-lhe a alma tormentosa. Dentro de mim, já era irritadiça e por qualquer desgosto provocava-me tonturas e enjôos de uma tarde inteira. Sim, meu corpo se alterava a cada dia, inchavam os meus pés, o estômago não suportava mais que um chá. Horas depois, me vinha uma fome de leão, e eu poderia comer com o apetite de quatro pessoas. Era um tal de redescobrir-me a cada hora; passei dias inteiros enfiada na banheira, e muitos outros tomando banho contra a vontade.

Inácio estranhou que eu mudasse tanto, pois na primeira gravidez tornara-me plácida qual uma lagoa.

— Que você tem? — quis saber ele, numa tarde em que me viu andando de um lado para outro sem fazer coisa nenhuma.

— Não sou mais dona de mim mesmo. Essa criança me domina.

De tanta inquietação, me veio a vontade de organizar os vivos e os mortos da família. Se vinha mais gente pedindo passagem, era certo que os outros estivessem em ordem; meus pais estavam enterrados na casa, juntamente com Loá — que de tão amada ganhara honras de familiar. Mas Leontina e o Avô descansavam no cemitério municipal.

— Deixe os mortos como estão — sugeriu Inácio, ao ouvir a minha idéia.

Contei-lhe então que minha avó Leontina sempre tivera um relacionamento horrível com o marido, e que não era justo deixá-los enterrados juntos, os dois, longe de todo o resto da família. Para que tentar

reconciliá-los agora, na eternidade? Inácio não aceitou meu argumento, mas, me vendo juntar a papelada para pedir a transferência e a exumação dos dois, acabou decidindo me ajudar. Gastamos duas semanas nos trâmites, mas antes que eu sentisse as primeiras dores do parto, os meus avós já descansavam no fundo do terreno, sob os galhos de uma velha árvore e perto do filho que fora motivo de tantas desavenças conjugais.

Theodoro, que tinha adoração por mortos, acompanhou tudo com uns olhos arregalados. Quando viu as duas caixinhas minúsculas sendo enterradas, quis saber como Leontina — que era tão viva no retrato do corredor — poderia, depois de morta, estar contida em invólucro tão pequeno. Do Avô, então, nem falava. Fora homem graúdo e alto. Expliquei-lhe que ali estavam somente os ossos e, afinal das contas, todo mundo acabava em quase nada. Mas as almas não acompanhavam os cadáveres, ganhavam os céus para sempre.

Escurecia quando os homens terminaram o trabalho, recobrando as pequenas covas com a terra escura e fofa, e fincando as cruzes de metal com seus nomes e epitáfios. Tia Alice sentiu-se melancólica, pois, ao ver os restos mortais de sua mãe, foi atacada pela mesma saudade de sempre e, pegando Theodoro pela mão, sentou-se numa pedra e acomodou-o em seu colo de carnes macias. Depois lhe contou como, havia quase cinquenta anos, numa trégua de Natal, Leontina a concebera.

— NÃO É PRECISO UM TRABALHO desses — disse eu, ao sentir as primeiras dores do parto —, Theodoro nasceu em casa e foi tudo bem.

Mas Inácio não cedeu. Assim, numa madrugada quente de janeiro de 1967, Ariana Serrat Montério nasceu na pequena maternidade de Brisas do Paraíso, e o médico que a trouxe para o mundo assustou-se ao vê-la tão lisa e perfeita, como se tivesse saído por um canal amplo e não pelo caminho estreito e sinuoso de meu ventre.

Na sala de espera, intimidada pelos uniformes e por uma velha que só contava desgraças, Tia Alice rezou dois terços e conclamou umas vinte almas, pedindo ajuda para o parto da sobrinha.

— Não precisa, Tia — disse Théo, intocado pela angústia. — Tudo está bem.

Depois sumiu pelos corredores curtos, encantado com o silêncio, com a brancura imaculada das gentes, dos ladrilhos do chão, com os tubos de remédio e com a perspectiva da cura. Ficou desaparecido por uma hora, mas nem Inácio nem a Tia deram por sua falta, assustados com a demora do parto que corria muito bem duas portas adiante dali.

Finalmente, a manhã entrou pela janela enquanto a enfermeira saía pela porta, levando a menina para ser limpa e ajeitada. Já no corredor, uma ou duas mulheres que pediram para vê-la espantaram-se com

sua pele suave, intocada pela dificuldade de nascer. Théo surgiu na sala de espera logo depois, pela mão de um médico.

— Nasceu a menina de vocês — disse o tal doutor, sorridente. Acabara de encontrar-se com o médico que fizera o parto, e tudo correria muito bem. — O meu colega já vem conversar com vocês — ele arrematou.

Inácio desabou numa das poucas choradeiras de sua vida. Theodoro, ainda grudado ao doutor, estranhou que todos chorassem com a chegada da irmã, pois choravam pela vida e choravam pela morte com a mesma fúria em suas lágrimas. O médico viu o espanto do menino.

— Como você se chama? — quis saber.

— Theodoro.

— Eu sou Diego Saccaro — disse o homem, e acrescentou: — Você gosta daqui, não gosta?

Theodoro respondeu que gostava era de ajudar as pessoas, por isso, talvez, um dia virasse médico. Diego Saccaro contou-lhe então que os médicos eram pessoas especiais, que compreendiam tanto a vida como a morte e que tinham força para lidar com as duas.

Assim nasceu uma grande amizade, que haveria de durar por muitos anos. O médico e o menino ensinaram-se coisas e segredos e, dali em diante, incontáveis foram as tardes que Theodoro passou em sua companhia, até a madrugada em que Diego Saccaro partiu para outro continente atrás da vida e do destino, e só voltou tarde demais.

Dentro do quarto de hospital, Inácio beijava-me entre lágrimas, e Tia Alice continuava a choradeira que havia começado muitas horas antes, sentada na sala de espera. Quando a menina voltou, limpa e perfumada, foi que pudemos vê-la em toda a sua graça de criatura recém-feita: era linda, de feições minúsculas e perfeitamente simétricas, os cabelos eram negros, as sobrancelhas arqueadas e grossas. Tinha a pele rosada e tenra, livre de qualquer marca ou mancha. Théo entrou mais tarde, depois de despedir-se de Diego, e pôs-se a olhar para a irmã, certificando-se de que ela era mesmo como a enxergara: perfeita e linda, fugaz e inquieta.

— Por que não veio antes conhecer a sua irmã? — perguntou a Tia, entre uma fungada e outra.

— Porque eu já a conhecia — respondeu o menino, brincando com a mãozinha minúscula e perfumada da criança.

AS ANUNCIAÇÕES DE THEODORO prosseguiram, enquanto o tempo passava, morno, alimentando de anos os corpos de todos e fazendo as crianças crescerem com pressa. Batizamos a menina com o nome de Ariana, e ela abandonou cedo o meu peito. Por esses tempos, Théo começou a interessar-se pelo jardim,

buscando ervas curativas que se passavam por simples plantas daninhas, provando o barro para dizer quando viriam as chuvas e conversando com as andorinhas para saber o que acontecia além do mar. Quando Inácio permitia, ele passava algumas horas com Diego Saccaro na enfermaria do hospital. Lá, brincava com as crianças doentes, contava histórias para os velhos e, quando ninguém estava observando, depositava suas mãos espalmadas sobre as chagas e dores alheias, porque já tinha conhecimento das suas energias curativas.

Ariana completou seu primeiro ano de vida, aprendeu a andar e a falar e, depois disso, fez mais dois aniversários. A menina, com suas longas melenas escuras e sedosas e seu rosto de porcelana, vivia a seguir os passos de Inácio, a quem amava mais do que seu coração pedregoso podia aceitar. Ariana era avara com seus carinhos, esquiva até comigo, não gostava de ficar no colo de Alice nem de brincar com as outras crianças. Aprendeu as primeiras palavras para pedir as coisas que queria e que os outros não podiam decifrar em seu dialeto de gemidos, mas pedia com uma voz imperativa que foi sempre o seu jeito de pedir tudo na vida. Tinha carinho pelo irmão, embora fosse coisa instável. Theodoro, que a amava com sua mesma placidez de amar a todos, levou-a até seu recanto predileto no jardim; mas a menina queixou-se de que o barro lhe sujava a brancura das meias; mostrou-lhe os quartos esquecidos onde confabulava com as almas nas tardes mansas que não usava para ir ao hospital, mas Ariana nada pôde ver lá além do pó que lhe provocou uma torrente de espirros.

Theodoro, por fim, rastreou-lhe a mãozinha pálida e perfeita. Depois de subir e descer pelas linhas de seu destino, aceitou a indiferença da irmã: ela não herdara, como ele, o amor pelas coisas da vida que se perdiam no tempo, vivia atrelada ao presente. Então, não mais a levou para colher ervas nem lhe contou outra história sobre o avô Augusto Serrat e seu amor de perdição; mas se entristeceu porque Ariana era feita de outro barro, e as distâncias entre eles nunca se estreitariam; ao contrário, com o passar dos anos haveriam apenas de aumentar.

— São o sol e a lua — disse eu, certa vez.

Tia Alice sabia que eu falava das crianças, olhando-os correr pelo jardim, Theodoro com os cachorros, Ariana pendurada no pescoço de Inácio. A Tia chegou-se mais perto, debruçando-se sobre o parapeito. Lá fora entardecia. Ariana, descendo da carcunda do pai, ajeitou o vestido de organdi e vinha caminhando na direção da casa. Théo, atirado na grama, os cabelos loiros espalhados pelo chão, deixava que o cão labrador lhe lambesse o rosto. Tia Alice fitou o vulto pequenino e delgado da menina que, apesar dos três anos, caminhava feito moça numa postura perfeita.

— Ela herdou algo do Avô — disse.

— Coisa boa ou coisa ruim?

A Tia sorriu sem graça, depois, limpando o pó que se acumulava nos trilhos da janela, respondeu numa voz perdida:

— Ele não tinha nada de bom para dar, Laila.



Apesar da grande diferença de suas almas, Theodoro ainda pôde achar um caminho por onde chegar até a irmã: ensinou-a a ler antes que completasse quatro anos, e tudo que aprendia na escola lhe ensinava também. Ariana, que sempre quis saber tudo de tudo, deixava-se ser levada pela voz macia do menino e ia descobrindo as letras e as palavras, uma a uma, as contas e as histórias dos homens de antigamente.

Théo gostava de ler os livros guardados nos quartos do andar de cima e, limpando-os da poeira, buscava os velhos títulos dourados que Augusto mandara lavar na capital e corria os dedos pelas encadernações de couro escuro. Ficava muitas horas na biblioteca; depois, com leitura para suas esperas, sumia nos quartos dos mortos — que a essa altura não eram mais mantidos a chave — e lá aguardava que alguma alma de boa vontade viesse ter com ele algum colóquio. De tão curioso, faltava muito à escola: gostava de estudar sozinho e na solidão das peças esquecidas.

— Puxou por você, o menino — dizia sempre Inácio, que, às vezes, não podia compreender a alma exótica do próprio filho, nem suas predições e manias de curar.

Inácio dava-se mais com Ariana, a quem amava sem qualquer restrição, porque era menina normal e dormia todas as horas de se dormir, e porque era tão bela, mas tão bela, que muitas madrugadas o haviam pego reclinado sobre o berço da menina, medindo-lhe a beleza num afã de gozo e medo.

Enquanto Inácio vigiava a filha, Theodoro passou muitas noites vigiando as estrelas. Amava a astronomia, conhecia a história de cada astro e cada constelação, da Ursa Maior e da Menor, do Cruzeiro do Sul e das Três Marias gêmeas — às quais vivia procurando pelo céu. Gostava da lua e da sua excentricidade de viver mudando de formato, e achava que o futuro de todos os homens estava explícito nas páginas do céu para qualquer um que desejasse procurá-lo.

Assim como se encantava com os livros, Theodoro desejava estar com as pessoas. No hospital, era presença constante e ansiosamente desejada, e era conhecido como o “menino do doutor Diego”. Dava-se com todos os doentes e tinha um tom de voz especial para falar com cada um; fazia o mesmo pelas ruas da cidade, onde era amigo de quase todos, e tão amado como poderia ser, afinal era o neto de Augusto Serrat e herdara o seu carisma. Théo andava movido pela curiosidade, falando com um e com outro, esmiuçando as linhas de suas mãos para segredar-lhes qualquer felicidade. Porque Theodoro não gostava de falar das dores.

— As tristezas — dizia ele — nós vemos sempre. O difícil é ver a felicidade, que às vezes está bem perto.

E as pessoas estranhavam que um menino de dez anos tivesse tanta sabedoria.

AMPARO NOS CHEGOU EM UMA dessas tantas excursões que Theodoro fazia pelas ruas da cidade.

Empoleirado na carroça, o menino ia e vinha pelos caminhos, e dessas andanças trazia qualquer coisa que pudesse. Voltou para a casa muitas vezes com um pássaro ferido, com os gatos escorraçados a vassouradas que ele achava miando pelas esquinas, com uma ninhada inteira de cachorrinhos sem dono.

A menina Amparo era tão sozinha quanto qualquer animalzinho abandonado, e tinha uns olhos grandes e remelentos que viam o mundo sempre com ares de medo, e um sorriso tão tímido e desfalcado de dentes que sua fraqueza lhe dava um ar de mansidão e desconsolo. Na primeira tarde em que a vi, pareceu-me com qualquer desses cãezinhos que Théo recolhia das estradas, e assim me recordei dela por todos os anos. Era uma coisinha pequena e recoberta de imundícies, enrolada em uns trapos velhos e duros de pó. Escondida num canto da carroça, agarrada às próprias pernas, os cabelos sujos e emaranhados, não parecia ter qualquer identidade.

— Que é isso? — perguntou Tia Alice, quando foi receber Theodoro no quintal.

— É uma menina — disse ele, calmamente. E esticou a mão para ajudá-la a descer.

Ao gesto de Theodoro, a menina Amparo obedeceu prontamente, com a mesma subserviência com que haveria de atendê-lo pelo resto de sua vida, e levantou seu corpo magro e desconjuntado, saindo da carroça com um pulo. No chão, olhando-o com seus grandes olhos de medo, ouviu-o falar num voz baixa e sussurrada, mas nada respondeu.

— Não fala? — perguntei, curiosa.

— Não — disse Théo. — É muda. Mas ouve perfeitamente bem.

Theodoro pediu que Biela aquecesse a água. Era urgente dar um banho na criança. Depois, quando nos encaminhávamos para dentro da casa, Amparo, ao vê-lo mover-se ao meu lado, saiu correndo atrás dos seus passos, como a sombra que se tornou até o dia em que partiu Theodoro, quando então ela mesma sumiu tão subitamente quanto nos chegou.

Amparo, a muda, tinha a mesma idade de meu filho, embora fosse muito mais miúda e frágil, revés que a eterna fome lhe infligira. Na tarde em que apareceu eu a meti num tonel de água morna e esfreguei seu corpo ossudo até que meus dedos tornaram-se enrugados de tanto ficarem imersos na água. Tirei-lhe o barro das unhas e a sujeira enfurnada nos poros, dura e seca de muito tempo. Matei os seus piolhos e lavei a pasta sebosa de cabelos grossos e negros, até que me surgiu a sua pele infantil, surpreendentemente lisa atrás das crostas de sujeira, e seu rosto de barro feito uma boneca de traços índios, os olhos oblíquos e a boca bem delineada. Livre dos parasitas, do barro e da fome, tinha um rosto suave de mestiça e cabelos sedosos e longos demais, os quais ela não permitiu que fossem cortados por ninguém, nem por Theodoro.

Por todos os anos em que Amparo viveu sob o nosso teto, foi sempre frágil e mirrada, mesmo que Tia Alice lhe servisse muitos pratos de feijão, pois a fome dos primeiros anos impregnara-se em seus ossos. Na primeira vez que a viu entre nós, Inácio ainda quis saber de onde viera, e o filho lhe explicou simplesmente que viera do mundo, e para ficar. Depois a presença de Amparo em nossa casa nunca mais

foi discutida, e era tão quieta que eu chegava a me esquecer de sua existência. Assim Amparo cresceu, sem voz e sem sobrenome, confundindo-se com a sombra de meu filho, silenciosa e constante. Vivia ao largo e apenas para Theodoro. Seu amor pelo rapaz já nascera com ela, enredado entre suas vísceras, e por ele suportava conviver em nossa casa, porque temia Inácio e Ariana com um medo infundado e forte. Não se sentava à mesa, gostava de comer das sobras porque não podia perder esse hábito com o qual se acostumara a crescer, e usava os vestidos que Alice lhe comprou numa feira, mas somente após Biela ter arrancado deles, com todo o cuidado, as fitas e rendas que lhes serviam de adorno.

Por toda a vida, Amparo, a muda, comunicar-se-ia apenas com Theodoro, e ele, de tanto tê-la por perto, passaria a sussurrar-lhe cada pensamento. Mais tarde, já lhe contava todos os futuros que antevia; ensinou-lhe a ver a alma dos viventes e a cheirar o ar em busca de chuva. Amparo bebia-lhe cada palavra, mergulhada em seu mundo de silêncio, e entregava-se ao prazer de imitar aquele menino dourado, de pele branca, seguindo-o pela casa sem fim com o mesmo amor que o seguia entre os leitos da enfermaria do hospital, enquanto ele impunha suas mãos em cura, fingindo contar ao doente qualquer história de cinema.

THEODORO COMPLETOU treze anos em abril de 1973 e cresceu, num mês, todos os centímetros que lhe faltavam para chegar à altura da qual veria o mundo. Era um rapaz magro, de cabelos revoltos que lhe caíam quase até os ombros, de corpo rijo e delgado, a boca carnuda e úmida de um orvalho todo seu. Falava na mesma voz de cantar cantigas que sempre usara com todos; era bom, sábio e ensimesmado, mas estava sempre à disposição de qualquer um e para qualquer coisa. Depois dele, vinha sempre Amparo, porque não sabiam ser um sem o outro.

Théo tinha fineza de alma, as músicas o levavam até as lágrimas e, para Tia Alice, era essa a maior prova de seu caráter de santo.

— Quem não gosta de música não presta.

— Hitler gostava de música — disse eu, rindo.

A Tia pensou um pouco e, sem resposta boa, resmungou:

— Podia até ouvir, mas não prestava atenção.

Amparo metia-se com Théo nos quartos antigos, e os dois passavam horas esperando que a brisa suave de Eleanor fizesse balançar as cortinas de cetim. A menina Amparo tinha calma e silêncio, o que lhe dava mansidão suficiente para esperar que Theodoro pensasse suas quimeras e se perdesse em divagações por muitas tardes seguidas. Ela ficava ali, ouvindo suas palavras entrecortadas e, para beber-lhe os risos cálidos e os poemas sussurrados às avessas, ela aguardava feito um cãozinho, agachada num

canto, a cabeça repousando sobre o apoio dos joelhos. Assim, em seu mundo de silêncios começou a brotar um novo universo, porque o sentimento que lhe nascia fazia crescer a sua alma, e Amparo pegou-se sentindo uma dor aguda no peito e uma vontade de chorar a qualquer hora, de alegria ou tristeza, de gozo ou de desconsolo, e não precisou perguntar a ninguém para descobrir que aquilo se chamava amor.

Ariana tinha quase sete anos quando quis acompanhá-los nessas incursões estranhas que tanta curiosidade lhe despertavam. Suas feições calculadas e sua graça de coisa rara causavam medo a Amparo, que fugia dela pelos corredores, mais por vergonha de sentir-se tosca e feia do que por qualquer outro motivo. Ariana via nisso a prova de que a menina muda era estranha e, talvez, um pouco louca. Ao ouvir isso, numa conversa ao pé do fogão em que Ariana dizia dessa impressão a Tia Alice, Theodoro elevou a voz pela primeira e única vez:

— Nunca mais diga isso na sua vida — disse ele, parado de pernas abertas, os olhos escuros luzindo de tristeza, bem no meio da cozinha.

Ariana percebeu que tinha ido longe demais, mas não se desculpou com o seu irmão. Saiu correndo, as faces rubras, e desapareceu pelo corredor. Tia Alice entregou aos cuidados de Biela o cozido que remexia e, afagando o rosto tímido de lágrimas do sobrinho, disse:

— Não se atente com isso, Théo. Ela está arrependida, mas puxou ao Avô e não sabe pedir perdão. — E, mudando de assunto, perguntou: — Cadê a menina Amparo?

Theodoro secou o rosto e chamou por Amparo. Um minuto depois, ela surgia, vinda do quintal. Tia Alice sentou os dois à mesa, tirou um bolo do forno e pediu que Biela fizesse um suco de frutas.

— E agora, comam, vocês dois — disse a Tia, cândida, enquanto cortava grossas fatias —, que para ajudar o mundo é preciso ter muita energia.

Quando Ariana se recuperou da vergonha, entrou muito discretamente no quarto empoeirado e estranho da finada Eleanor. Tudo ali cheirava a passado, os móveis intocados, os quadros antigos, as jóias repousando sobre o toucador de madeira talhada. Theodoro e Amparo, de olhos fechados e metidos em algum chamamento extrafísico, estavam sentados a um canto, as costas apoiadas na velha cama de casal onde meus pais um dia haviam sido felizes. Theodoro percebeu a chegada da irmã e, quando ela se postou perto deles, abriu um olho e disse:

— Você quer ficar conosco?

A menina fez que sim, o rosto de boneca brilhando de ansiedade.

— E está arrependida do que disse, Ariana?

Ariana tornou a acenar a cabeça, enrubescendo. Ao lado de Théo, Amparo permanecia olhando para dentro de si mesma. Theodoro mexeu-se levemente, indicando uma ponta do tapete onde estava acomodado.

— Sente aqui, então — pediu ele —, e nunca mais seja tão cruel.

NAQUELAS TARDES PERDIDAS, as fronteiras do mundo ampliavam-se até o infinito. Entre as paredes do antigo quarto de minha mãe, os três declamavam poemas e ouviam os discos que Alice lhes emprestava, a música elevando-se pelo ar feito o lufar das asas de algum anjo traquinas. E eles viajavam pelos mundos, conheciam a Austrália e a Europa e nadavam no Pacífico e nas águas glaciais dos oceanos extremos. Se tinham sorte, algum espírito embrenhava-se pelas cortinas, mandando recados e contando segredos do mundo imaterial. Meu filho repetia cada palavra que seus ouvidos captavam, transmitindo-as para Amparo e para a irmã, que assistia a tudo com seus grandes olhos de floresta estalados de tanto medo.

— Um dia poderemos voar — disse, certa vez, Theodoro, equilibrando-se na cabeceira da imensa cama, os braços abertos para o vôo imaginário. Já nesses tempos, meu filho gostava de usar pendurada no pescoço a velha chavezinha com que Augusto fechara o quarto de sua mulher aos olhos alheios, chave que eu passei mais tarde a usar pendurada ao meu pescoço feito um talismã.

— Quando poderemos voar? — quis saber Ariana, ansiosa.

— Quando permitirmos que a nossa imaginação use suas asas — disse Théo.

Amparo sorriu, feliz. Nunca ousara pensar que ela, uma criatura abandonada por todos, haveria de voar.

Nessas horas fantásticas e literárias, quando se vestiam com as velhas roupas dos baús antigos, Theodoro ensinou Amparo a ler, decifrando os doces volteios da escrita com a calma e a paciência de um apóstolo. Dia após dia, as letras foram-se multiplicando ante os olhos ávidos da menina. Amparo amou Theodoro ainda mais, se é que fosse possível desdobrar aquele amor que lhe atordoava o peito. O menino dourado havia-lhe presenteado com o segredo do mundo: a leitura. Nunca mais para ela haveria a solidão, e sua mudez de estátua era coisa que esquecia quando mergulhava nas páginas dos livros que ele lhe emprestava.

No auge de seus amores por meu filho, quando a puberdade assaltou-a, alargando suas ancas estreitas, espichando seu corpo e recobrando-o com uma fina penugem, Amparo dormia à porta de Théo. Quando a noite caía, e todos se recolhiam aos quartos, lá se ia a menina, enredada em seus panos, colar seu corpo à porta de meu filho, na ânsia de captar seus sonhos pelas frestas da madeira. Passava todas as horas noturnas ali, enroscada no chão duro, como um cão castigado, sem imaginar que, dentro do quarto, Theodoro virava as madrugadas de olhos abertos, porque era e sempre fora uma pessoa insone.

Tenho para mim que meu filho conhecia o hábito de Amparo, que o espreitava à noite, farejando seu cheiro de limão e sua respiração entrecortada de quem falava com os mortos, e ouvia os ruídos de sua cama quando ele se remexia em busca de algum arremedo de futuro, procurando a melhor posição para olhar por cima do muro das coisas. Sim, pois não escapavam a Théo os suspiros de além-túmulo, não

haviam de ser os pensamentos de Amparo, sua outra metade nesse mundo, que lhe andariam ao largo. O que se passou nessas noites adolescentes apenas posso vislumbrar. Porque, com todos os seus ares insólitos de criatura celeste, ainda assim Theodoro teve carne e teve sangue e teve desejo pelo sexo como qualquer outro encarnado. Houve noites dedicadas para os jogos dos amores, quando então meu filho escorria para fora de sua cama e, abrindo uma fresta da porta, convidava Amparo a deslizar para o escuro de sua alcova e para a morneza de seus braços queimados de sol. E não era mais o seu mestre, o seu guia nas coisas da cultura e da vida, mas aprendiam juntos a navegar os mares bravios e a deslizar pelos mares calmos do sexo. E tocavam-se, desvendando os novos segredos, os esconderijos da pele, os cheiros e os gostos do corpo um do outro. E invadiam-se até a última dobra, misturando seus fluidos e pensamentos, permutando seus segredos e seus gozos, misturando seus gemidos e suas pernas até tê-los tão confusos e entremeados que se sabiam inseparáveis para sempre. Depois amanheciam estendidos um sobre o outro, com a calma das almas que se conhecem desde o princípio dos tempos.

ENQUANTO THEODORO E AMPARO cresciam soltos pela vida, eu ficava a observar a imensa desigualdade de suas geografias, e tentava decifrar o percurso que haviam traçado, até que se estreitassem tanto as suas almas, a ponto de parecerem mais unidos que qualquer dos outros da família. O chamamento do sangue nunca houvera sequer aproximado Theodoro e Ariana. A presença de Ariana entre eles era apenas eventual, já que lhe desgostavam todos aqueles rituais na terra e na água, e todas as viagens astrais que faziam, sentados em pleno corredor, com suas almas soltas como se fossem pardais.

A união absoluta de Theodoro e de Amparo, a muda, era uma estranheza que assombrava Inácio. Homem de fala mansa, silencioso e amante da paz, é claro que ele não reclamava dos rumos de sua casa, onde surgiam animais todos os dias, adotados pelo filho solidário, e onde uma menina mestiça chegara para ficar como se fosse a coisa mais natural da vida. O que o incomodava era ver Theodoro, as calças arregaçadas, os pés descalços, vasculhando o barro com um graveto, porque procurava os mistérios do amanhã.

— O que os outros vão pensar? — perguntara Inácio, certa vez, vendo o filho meditando na varanda.

— Vão pensar o que quiserem, Inácio — disse eu. — É impossível seguir o raciocínio alheio, e desnecessário também.

— Mas Theodoro tem dezesseis anos — argumentou. — Em vez de ficar por aí cozendo ervas e predizendo os signos do mundo, devia estudar.

— E ser infeliz.

Inácio olhou-me com seus profundos olhos de noite. Sabia que eu tinha razão. Apenas, se espantava

com a estranheza dos filhos, herança genética que nunca ousara doar. Não acreditava em carma nem que as almas vinham para cá com tarefas traçadas; mas achava apenas que Amparo dormiria com Theodoro até a hora em que ele resolvesse se apaixonar por uma moça de família, bela e falante. Disse-me isso várias vezes, e até se preocupava com a mestiça.

— Nem faça caso — disse eu. — Mesmo que você não aprove, esses aí não se separam mais.

Tia Alice, que ouvira tudo, sorriu com gosto, salientando as diminutas e incontáveis rugas de seu rosto.

— Nisso, Théo puxou ao avô — disse ela, que nunca perdia oportunidade de recordar o irmão. — É feito Augusto: homem de um amor só.

Inácio não podia compreender por onde se escapara a solidez de seus genes, a racionalidade, a simplicidade de sua própria vida pacata. Nunca fora homem de achar louros na glória, nos grandes feitos; felicidade era ser comum, acordar todos os dias e voltar para o trabalho, virar o mundo e conhecer outros rostos, sendo apenas mais um rosto desconhecido na multidão que vaga por aí. Mas seus filhos haviam sucumbido à estranha sutileza da minha família e haviam vingado com tal exotismo que isso o punha pasmo.

Seu primeiro espanto fora para com Theodoro — o filho sempre haveria de assustá-lo mais do que a menina — quando, muito pequeno, já cantava o futuro aos sete ventos e para quem quisesse ouvir. Os devaneios de Théo não puderam diminuir seu amor, e Inácio aceitou, pois nada mais havia a fazer, os ares píticos do garoto, seus olhos de velho cheio de saberes, sua mania de revirar as palmas das mãos alheias e suas visitas semanais aos doentes do hospital. Inclusive, vencido pela certeza dos ditos do menino, meu marido chegou até mesmo a consultá-lo por algumas vezes, pedindo para saber se viria a chuva ou se o comunismo iria dominar o mundo.

Depois surgiu Ariana. A princípio, afora a beleza delicada, a filha parecia-se com qualquer outro mortal, e ele suspirou cheio de alívio. Divergindo do irmão, a rapariga tinha o sono sadio e aprendera a falar na época comum às outras crianças, nunca demonstrando uma sabedoria acima do que se considerava o padrão. Mas, à medida que a filha crescia, sua tranqüilidade foi perdendo o eixo. Logo ficou claro que aquela beleza ostensiva era algo raro, que fugia dos limites reais, e, a cada amanhecer, ia Inácio, sorrateiro como um ladrão, vigiar os sonos de Ariana a fim de medir-lhe a graça e pesar seus suspiros de criatura etérea. Não houve vez em que, ao depositar seus olhos sobre o vulto da nossa filha, sua alma não se inflasse em um sentimento dividido: novamente caía sobre si o fado de lidar com aqueles limites exóticos, visto que a criança era de uma perfeição imortal; mas, mesmo angustiado com essa certeza, Inácio se deixava envolver pela luz que emanava das pestanas da filha, e amava-a com ainda mais fervor do que a amara na véspera.

Por fim, meu marido acabou por capitular e esqueceu seus quebrantos. Amava os nossos filhos por mais estranhos, belos, proféticos ou avoados que fossem. Andava já, por esses tempos, enredado na teia

da formosura mítica de Ariana, na qual os homens haveriam de prender-se feito insetos, e temia a chegada do dia em que outros se encantariam pela menina, disputando-a com o fervor que disputaram entre si os noventa e nove candidatos à mão de Helena, a que acabara por levar Tróia à ruína, tanta que fora a sua beleza.

Assim, meu Inácio continuou silencioso, amante terno e ardente, bom amigo de Tia Alice, e continuou estendendo a mão para que Théo lhe bisbilhotasse o destino, e levando Ariana para passear pelas ruas da cidade, onde os rostos se viravam para contemplar sua graça irreal. E, enquanto os filhos viviam entre presságios e espelhos, meu marido dedicou-se aos assuntos amenos da vida terrena. Gostava de política e apoiava uma reforma para melhor dividir as terras do país, lia os jornais, gerenciava o escritório que meu pai nos deixara, levava-me a almoçar num pequeno restaurante perto da cidade e a passear na praia nos entardeceres tingidos pelo vermelho do sol; fingia não perceber que a Tia começava a caducar levemente e nunca falava nada ao ver Amparo, a muda, comer sua comida aos bocados e com os dedos, que era como ela gostava de fazer, enroscada ao pé da mesa, feito o cãozinho que sempre fora.

A TIA COMEÇOU A ENROLAR-SE nos anos, pela época em que Ariana passou a fazer inimizades na escola, talvez por sua beleza, ou pelo gênio indomável que sempre ostentara — herança tristonha legada pelo Avô. Aos poucos, Tia Alice foi ficando ensimesmada e esquisita, misturando o passado e o presente, confundindo a menina Biela com a doce Loá, dizendo coisa que não fechava com coisa, até a hora em que, como um carro que aquece o motor, voltava a centrar-se no mundo e não mais se dizia em 1942, que foi o ano que eu nasci.

Théo, preocupado com a navegação temporal da Tia, levou-a até o doutor Diego Saccaro. Este, usando seu estetoscópio e sua voz de barítono, examinou-a por dentro e por fora, ouvindo as batidas descompassadas de seu coração musical e os roncões de suas tripas gastas, e conversou com ela sobre o tempo em que fora moça, sobre os filmes de que mais gostava e por quê. Alice gastou-se em falastrinas viajando cinqüenta anos numa tarde, ora dizendo-se com vinte anos, ora com noventa e sete, quando em verdade andava pelos sessenta. Por fim, dando palmadinhas em suas mãos mornas, Diego mandou-a ir passear com Amparo, e ficou com Theodoro dentro da sala de exames.

— Então, Diego? — disse, ansioso, meu filho.

Diego respondeu com sua voz modulada e suave. Achava que a Tia estava sofrendo de um mal conhecido como esclerose, mas nada era muito certo. Talvez fosse necessário ir até a capital realizar alguns exames.

— Mas, quando a idade chega dessa forma, geralmente é um caminho sem volta — disse Diego, e



explicitou que Alice entrava numa viagem de regredir no tempo, ora agindo como uma senhora, ora como uma criança de fraldas. — Até que não volte mais — completou — e se esqueça de usar os talheres e de procurar a privada. Não há cura nenhuma para a esclerose.

Théo agradeceu-lhe, abraçando seu irmão de alma com carinho; depois voltou para casa ouvindo as ladainhas de Tia Alice, e teve pena que ela se esquecesse das músicas que tanto amava, e do tempo em que vivia pendurada em lágrimas de tanto assistir às histórias de amor do cinema.

Assim Alice mergulhou nas frestas do tempo, trocando nomes e anos, invocando os mortos e assassinando os vivos sem pena ou conta, temperando os bolos com sal e as carnes com mel, trancando a cozinha para que Biela não pudesse entrar mais lá, fazendo travessuras dignas de uma criança. De tanto viver no passado, Tia Alice tornou-se quase nebulosa. Seu corpo, antes uma massa bem definida de carne, foi perdendo os contornos, esfumaçando-se feito um borrão, até que, em seus últimos dias, não era mais que um facho de luz a vagar pelas salas da casa. Era preciso muita atenção para perceber seu rosto risonho, a voz melodiosa que cantava modinhas antigas, porque ela andava pelo casarão feito uma brisa sem dono, e estava aqui e ali, no hoje e no ontem, sem discernimento para pular os anos; até dava graça de se ver. E não sofria, enfiando-se pelo túnel de sua doença engraçada quase com felicidade, acompanhada de um mundo só seu que dividia sem parcimônia conosco. Logo, Tia Alice tornou-se quase um facho de luz cantante, e minha filha divertia-se perseguindo-a pela casa e ouvindo suas conversas de louca da vida.

De todos, Theodoro era quem mais a compreendia, pois tinha bom relacionamento com as almas, e a Tia andava num estado de quase-matéria. Se eu queria achá-la, era para Théo que pedia ajuda. Então meu filho aguçava o ouvido e punha a alma à espreita até topar com ela em um dos quartos esquecidos. Às vezes, Tia Alice acordava mais presente. Nesses dias era fácil enxergá-la, sorridente e senil, cheirando a coisas guardadas e a água-de-colônia. Voltavam então os discos para a vitrola, e os bolos retornavam à antiga doçura de antes; pois quando acordava assim, disposta a viver nessa esfera, Alice fazia as pazes com Biela e metia-se com gosto na cozinha, esquentando a barriga no fogão, fazendo quitutes e chorando suas eternas saudades de Loá.

A Tia arrastou-se assim, como uma forma difusa, por alguns meses. Pouco a pouco, tornava-se mais tênue, nos via menos, até que se podia apenas intuí-la e nada mais. Era um sopro sutil e delicado, feito uma roldana de poço, com seu som enferrujado de passado que apenas Theodoro podia escutar com a devida clareza.

Um certo dia, sem avisos, Alice sumiu. Rodei a casa inteira e não a pude encontrar, coloquei na vitrola seus discos prediletos e ela não apareceu para cantar os refrões como sempre fizera.

— Não adianta — disse meu filho, pensativo. — A Tia não vem hoje, não se gaste em idéias para trazê-la.

— E onde ela está?

Théo deu de ombros e foi para os seus afazeres no hospital, Amparo seguia atrás dele, sacudindo suas saias floridas feito uma aquarela inquieta. Um belo dia entrei no quarto de Tia Alice numa tarde qualquer para espantar o pó e trocar seus lençóis esquecidos. Quando abri a porta, percebi que a Tia estava lá, deitada na cama e tão visível e carnal como fora nos tempos de minha infância. Compreendi então, antes sequer de tocar seu corpo, que Alice havia ido juntar-se aos outros que amara. Vi que, na morte, perdera toda a exuberância de carnes que tanto a caracterizara e que se parecia com uma colegial, as velhas tranças grisalhas, os olhos verdes, escancarados feito duas grandes janelas, cintilando na frieza da morte. Na totalidade do fim, vi suas rugas finas e profundas, as mãos gastas de tantos bordados com os quais enfeitara a felicidade alheia, os pezinhos juntos e tímidos, a boca aberta num sorriso trágico e levemente debochado. Fiquei parada ali, as lágrimas vertendo sem controle, enquanto entrava pelas janelas o cheiro doce das flores de primavera, e foi esse o último aroma que a acompanhou em sua partida.

No dia 18 de setembro de 1976 perdi a única mãe de todos os meus anos. Para sempre eu ouviria sua voz entoando as cantigas de roda com que animara minhas tardes e as tardes de meus filhos, para sempre seriam dela os guizos de tantas e tão puras risadas que ecoariam ainda pelos nossos corredores. Recordando-me das próprias palavras que ela dissera após o enterro de Loá, enquanto lhe ajeitei uns fios de cabelo que teimavam em fugir da urdidura de suas tranças eternas, disse:

— Nunca mais haverá alguém como você, Alice Cantareira Serrat.

Na manhã seguinte, foi enterrada junto com seus discos prediletos e com um livro de poemas, que era para ter leitura na eternidade. Aos poucos, o pequeno cemitério ia ganhando mais lápides, enquanto os quartos do andar superior perdiam seus ocupantes. Os moradores da casa estavam se mudando para o cemiteriozinho florido que ficava nos fundos do terreno, a caminho da praia. Foi um enterro suave e triste feito uma valsa, e em nenhum momento meu filho Theodoro deixou de sorrir seu mais belo e claro sorriso de despedida.

O TEMPO TORNOU A CORRER, discreto como a brisa. Na noite anterior ao dia em que Ariana fugiu da escola pela primeira vez, Theodoro teve um sonho diminuto no qual Augusto Serrat lhe apareceu, risonho e satisfeito, sussurrando um segredo em seus ouvidos. Pela manhã, à mesa do café, sem contar o sonho que tivera com o avô, ele olhou-me profundamente e anunciou:

— Não volto mais ao hospital.

Inácio, que estava sentado junto de mim, pareceu sentir um alívio infundado, porque achou que, enfim, o filho decidia-se a frequentar uma universidade. Afinal, Théo estava para completar vinte anos e já era hora do filho tomar um rumo na vida. Engoliu o pão que mastigava e perguntou:

— Vai fazer o quê, filho? Estudar?

Theodoro respondeu que não.

— Vou fazer o que me sugeriu o vô Augusto. Trabalhar na sua sala de aulas. Não se preocupe — acrescentou —, será durante o dia, suas lições ficam garantidas, pai.

Inácio começou a assustar-se.

— Fazendo o quê? — quis saber.

— Curando — respondeu calmamente Theodoro.

E foi nesse dia que nossa vida começou a mudar. Estávamos no ano de 1980, e o mês de agosto já ia pelo final.

Na mesma manhã, meu filho foi contar seus presságios para Diego Saccaro, que o ouviu com o mesmo eterno sorriso de gato instalado em seu rosto, mas com uma coisa meio vaga lhe nascendo no peito, e era um misto de orgulho e de medo. Theodoro explicou que sabia muito de medicina, havia anos que acompanhava as rotinas de Diego; além disso, conhecia as artes curativas das plantas e tinha, sem sombra de dúvida, a capacidade de ajudar os doentes impondo suas mãos e sua energia sobre seus males e chagas. Diego Saccaro disse que tudo era muito bonito e correto, mas que a vida não estava para brincadeiras. A medicina era coisa muito séria. Claro, entendia que Theodoro tinha poderes muito especiais, vira-os de perto muitas vezes. No entanto, os outros médicos certamente pensariam de maneira diversa, ortodoxa.

— Tome cuidado, menino. Nem todos os médicos são como eu. E você vai tirar o sossego de muita gente com isso. Espero que não lhe roubem o seu.

Mas Théo era teimoso como o avô, e Diego não pôde demovê-lo dos seus planos. Por fim, abraçado ao corpo delgado de meu filho, Diego confidenciou-lhe que estava indo de muda para a Europa, onde iria fazer um curso de especialização num grande hospital londrino.

— Guarde esse número — disse o médico, enfiando um papel cuidadosamente dobrado dentro da concha da mão de Theodoro. — Qualquer coisa, não hesite em me ligar.

E Diego Saccaro desapareceu pelos corredores assépticos sem nem olhar para trás, mas com a alma dilacerada de saudades antecipadas.

ENQUANTO THEODORO SE DESPEDIA de seu grande mestre e amigo, Ariana, que nesse tempo estava com treze anos, cansada de ouvir as ladainhas da professora, escapulia pela porta lateral da escola, os

cabelos escorridos pelos ombros, o rosto lindo e corado que brotava da gola da camisa branca com o emblema do colégio. Satisfeita, andando pela rua em plena manhã, ela estava sentindo-se livre. Andou subindo e descendo ruas, viu a feira livre onde se vendiam flores e objetos de artesanato, comprou um vidro de perfume onde diminutas florezinhas boiavam num líquido cor de âmbar e seguiu a pé para casa. Surgiu no caminho de cascalhos, muito depois do meio-dia. Como o aviso de sua fuga nos chegara pelo telefone no início da manhã, Inácio estava danado. Ao ver o vulto ímpar da filha, a saia escura balançando aos seus passos, ele teve um súbito alívio, pois nunca se esquecia de que a beleza da menina era como uma faca afiada pendendo sobre sua cabeça: já estava claro que Ariana despertava nos homens um desejo estranho, quase diabólico, e ele temia que alguém lhe roubasse a filha. Mas ela estava bem e corada pela longa andança que empreendera. Mal pôs os pés na sacada, Inácio surgiu:

— Por Deus, onde você andava? — perguntou ele, a voz estalando de fúria.

Ariana contou, numas frases desencontradas, que havia desistido de ir para a escola, onde só se ensinavam bobagens, e que viera pelo caminho aproveitando o sol morno.

— Você é louca — disse meu marido. — Ainda não tem o controle de sua vida. Volta para a escola amanhã, e não se fala mais nisso.

Ariana horrorizou-se e subiu correndo as escadas, trancando-se no quarto até o jantar. Mas Inácio não arredou de sua ordem e, como eu não tomava partido nessas divergências entre pai e filha, na manhã seguinte Ariana voltou para a escola com um pedido formal de desculpas bem plantado na ponta da sua língua.

THEODORO Mergulhou de corpo e alma em suas experiências. Junto com Amparo, plantou dezenas de ervas num pedaço demarcado do quintal e de lá extraía infusões enquanto rezava em conchavo com suas almas prediletas. Depois, montou ele mesmo uma estante tosca encostada a uma das paredes do galpão das lições, e lá armazenou em potes grandes as coisas de que mais precisaria para ajudar os que o procurassem. Havia casca de pau de louro, que servia como paliativo para os males do espírito e para apaziguar as paixões desenfreadas de uns e reativar os amores moribundos de outros; a beladona dançava no vácuo de um outro vidro; e a tília, o boldo e a hortelã também esperavam seus viventes. Havia a atanásia, usada para aumentar o apetite e acalmar as angústias estomacais; a casca de olmo para aplacar dores de garganta, o sabugueiro e a valeriana. Assim, vidros e vidros de bálsamos e ervas iam se juntando aos outros, formando um mosaico de cores confinado no universo dos potes de vidro que Theodoro comprara numa feira da cidade, com a economia de oito mesadas. Num canto, acomodada sobre um velho criado-mudo, estava a vitrola que pertencera a Alice, pois meu filho achava que, acima

de qualquer erva ou receita, a música era o melhor remédio para a tranqüilidade da alma e para as conturbações do espírito.

Théo passou a ir, tarde sim, tarde não, para a cidade, sempre tendo Amparo, a muda, em seu encalço. Os dois levavam consigo, acomodados numa mochila de lona, vários potes cheios de chá até a borda, enquanto, vagando pelas ruas, Theodoro ia olhando as almas que lhe cruzavam o caminho, medindo-as com seu olho clínico, e escolhendo quem andava necessitado de um gole de conforto. Parava os viventes no meio da rua e, com sua voz de menestrel, explicava que trazia um caldo curativo — simples como qualquer chá caseiro, mas que tomado com fé fazia milagres para o vivente. Como já fosse conhecido de muitos, tendo passado vários anos atendendo e ajudando no velho hospital, quase não havia quem negasse seu alento, e Théo puxava de dentro da mochila uma canequinha de estanho, enquanto Amparo procurava entre os vidros o chá que o rapaz lhe pedia.

Meu filho começou a oferecer suas infusões sem receber nada em troca e, nessas andanças, gastou quase um ano inteiro. Escolhia as pessoas ao acaso de sua intuição, problemas todos tinham com certeza. Se o vivente sofria de amores desesperados, se amava sem correspondência, dava-lhe um chá de tília ou uma infusão de casca de louros, e ia resmungando baixinho, em suave conchavo com seus espectros, rezando uma cantilena que lhe parecesse bastante boa para um moribundo dos assuntos do coração. Dias depois, o amante desconsolado ostentava outros ares. Ou se esquecera de sua paixão impossível ou o objeto de seus quereres tomara tento dessa paixão. Quando um desses que curava dos males do amor vinha lhe agradecer, os olhos plácidos pela calma recuperada, Théo sempre dizia:

— Não é caso de agradecimento, amigo. Só fiz encaminhá-lo para uma curva do destino. E isso havia de acontecer mais cedo ou mais tarde.

Depois, ia-se embora, Amparo lambendo seus passos feito uma sombra, satisfeito de ter dado alguma paz para o coração alheio.

Se Theodoro encontrava um doente a deambular pelas calçadas, se sofria de males da carne ou se lhe ia mal qualquer órgão interno, então fechava os olhos por uns instantes e, confabulando com os espíritos curativos, inventava uma receita de ervas que ditava para o doente entre suspiros de inspiração. Então o enfermo melhorava a olhos vistos e, se a carne não se envergava como antes, ainda assim seu espírito ganhava forças para lutar contra o mal que lhe assolava. Usava a atanásia para aplacar os males indefinidos, e o doente devia sorvê-la com um chá de flores de guaco, para recuperar a paz que havia perdido. Para os nervos dava camomila, os males da vista eram aplacados com infusões de barba-de-bode ou carqueja, os humores femininos se amainavam com uns goles de chá de flores de maracujá. Baixava a febre com sabugueiro e, com ela também, curava as tristezas. E indicava damiana para melhorar o sexo dormente, framboesa para uma gravidez tranqüila e salsa para o reumatismo. Se o vivente andava atormentado pelos males do mundo, dava-lhe valeriana, que essa erva lhe acalmaria o coração e a alma.

E assim se ia meu filho, ministrando poções simples pelas ruas, mas que, ditas por sua boca iluminada, adquiriam significado estranho e mágico. Em pouco tempo, Théo descobriu que os males humanos eram infinitos. Já nesses dias, passava horas trancado no laboratório que improvisara no galpão e, a despeito da angústia que esses labores despertavam em Inácio, ainda assim prosseguia com determinação.

— Esse menino vai arranjar briga com um padre ou médico — me disse, numa noite, Inácio.

Meu marido tinha uma certa razão; Theodoro andava já na boca dos viventes, e muitas vezes surgia alguém pelos caminhos da casa, em busca de suas palavras de consolo ou de um gole de seus chás. Eu, como compreendesse que o menino não podia fugir daquela sina, coisa que o Sonhador me profetizara muitos anos antes, argumentei:

— Ele só ajuda as pessoas. Não entendo como isso pode despertar alguma ira.

— Mas despertará — disse Inácio, muito sério, os olhos nebulosos de medo.

Para dar cabo de tantos e novos males que assolavam corpos e mentes, Theodoro começou a cruzar as ervas em poções que preparava na hora e por indicação de seus guias espirituais, que lhe sopravam as receitas de acordo com o doente. Fazia isso com a alma e não com o cérebro, de modo que, depois de preparar qualquer remédio, esquecia-se completamente da receita e, essa mesma fórmula, preparada por mãos estranhas, não surtia efeito algum.

QUANDO THEODORO ABRIU as comportas de seu espírito, dando livre passagem para as vozes do além, algo se modificou em sua aparência. De rapaz magro e delgado, olhos escuros e mansos, meu filho passou a exibir uma luz constante; por vezes, era possível percebê-la a acompanhar os seus passos feito uma couraça energética, ora clara e esbranquiçada, ora levemente azulada. Essas mudanças não escaparam a ninguém e, certa vez, Ariana olhou-o de longe, enquanto ele macerava umas folhas numa cumbuca, a luz do sol irradiando-se pelos seus cabelos de ouro. A menina fitou o irmão por longos momentos; depois, num de seus raros rompantes de sensibilidade, disse:

— O irmão está muito mudado. Há algo de santo nele.

Eu lhe sorri, observando-a avoada, distraída em decifrar a luz que vinha de Théo. Depois, percebendo-se pega num instante de fraqueza, Ariana apressou-se em corrigir o dito:

— Mas me irrita. Faz coisas que não compreendo bem.

— Não se pode entender tudo o que acontece na vida, minha filha — disse eu.

— Mas Théo parece entender.

Disse-lhe que não. Também Theodoro seguia vendado pelos caminhos de seu destino.

— Isso acontece com todos nós — finalizei.

Ariana iluminou seu olhar, achando graça.

— Com vocês, pode ser. Eu só piso onde confio.

E saiu cantarolando, confiante e teimosa como o Avô do retrato que eu gostava de fitar quando era muito menina.

EM MARÇO DE 1981, Théo e Amparo abriram as portas do velho celeiro para os primeiros doentes. Chovia mansamente do céu quase cinza, enquanto eles destrancavam janelas e ligavam o fogareiro onde haveriam de ser feita as infusões necessárias. Na noite anterior, Inácio tentara dissuadi-lo de suas curas; mas Theodoro manteve-se muito pálido e decidido, olhando a ira paterna com grandes olhos cheios de medo, corajoso de que estava no caminho correto.

— Desculpe, pai — disse ele, a certa altura. — Bem sei que você me queria engenheiro.

— Se você sempre gostou de curar, porque não seguiu a medicina, Theodoro?

Ele respondeu que seu caminho era outro, mais maleável que a ciência dos corpos. Fazendo o que fazia, seria expulso de qualquer hospital.

— Vão acabar expulsando-o da cidade, isso sim — disse meu marido. — E não vai demorar muito.

— O mundo está repleto de cidades, pai. Nem que me enxotem seguidamente, não as poderei atravessar todas numa única existência.

Inácio atirou seu corpo sobre o sofá. Estava tenso e sua cabeça doía. Olhou-me e pediu um analgésico. Num canto, alheia a qualquer assunto, Amparo fitava a noite quente, perdida no escuro onde as copas das árvores uniam-se ao céu.

— Você sempre foi estranho, Théo — disse Inácio, numa voz triste. — Eu teria sido muito feliz se você tivesse se contentado em existir apenas para nós.

— Isso seria um grande egoísmo meu — finalizou Theodoro, sentindo um frio de gelo lhe abarcar as entranhas.

O LEVE INVERNO VEIO E SE FOI, e a primavera, naquele ano, foi suave e perfumada. Nossa vida alterou-se com os novos hábitos de Théo. Pouco a pouco, as pessoas começaram a surgir em busca de meu filho, que já era conhecido como milagroso e santo entre os mais pobres e carentes que não podiam ser atendidos no hospital, embora não fizesse mais que lhes ouvir as desditas e pousar sua mão iluminada

sobre suas fronteiras. Com paciência, ele escutava-lhes os queixumes, depois fervia uma ou duas ervas e mandava-os para a casa com um vidro de chá e umas palavras de consolo que sussurrava feito reza. Era o bastante para que voltassem, atraídos por sua força, sua capacidade de aliviar-lhes as dores e sua luz, e traziam consigo sempre mais alguém.

A movimentação no celeiro não chegava a atrapalhar a paz da nossa casa, embora as pessoas circulassem pelo terreno, e Inácio, contrariado, houvesse feito um intervalo nas suas lições noturnas. Os viventes sempre andavam num silêncio de respeito, não mexiam nas coisas e nunca arrancaram uma flor que fosse do jardim. Iam lá em busca de ajuda e de paz, e respeitavam aquela mão estendida, honrando-nos com simplicidade. Às vezes, alguém pedia licença para ter comigo e, com os olhos lacrimosos, me agradecia o fato de ter trazido Theodoro para o mundo.

— Não existe alguém mais bondoso — disse-me certa vez uma pobre mulher encarquilhada pelo reumatismo, a quem Théo receitara agrião e boldo, mais umas velhas rezas para a Virgem.

As filas alongavam-se às primeiras horas da tarde, silentes e ansiosas, e iam findar apenas ao anoitecer. Theodoro e Amparo trabalhavam a tarde inteira, rezando, servindo os seus chás, tirando a dor e confortando os que tinham penas irremediáveis. Mas, à noite, quando voltavam para a casa, eram luminosos e frescos, descansados e alegres, como se tudo que tivessem ofertado de si lhes houvesse voltado em dobro e com muito mais vigor. Comiam o prato farto que Biela lhes servia e ainda aceitavam repetição, depois iam para o andar superior com a desculpa de ler ou ouvir música no quarto de Tia Alice. Em troca da ajuda que oferecia, Théo pedia algum mantimento ou roupa, e quem tivesse algo de sobra trazia-o para que Amparo, depois de catalogar e dividir, distribuísse as doações entre os mais carentes do dia. Assim, aplacando os males da carne e aliviando as dores da alma, meu filho achou ter encontrado o seu destino.

ENQUANTO THEODORO CUIDAVA das gentes, auxiliado pela muda Amparo, Ariana crescia com viço e beleza. Estava com quatorze anos, mas sua altura e porte esguio imprimiam-lhe ares de mulher feita. A turba que circulava pelos caminhos da casa era para ela coisa intrigante e desagradável; mas, por tédio, ficava horas pendurada na varanda observando a calma movimentação das pessoas. Embora vivesse distante e alheia ao mundo de Theodoro, amava-o com seu modo cuidadoso de amar, sestrosa que era com as próprias emoções. Ariana era reservada, teimosa com seus anseios e dura com quem lhe negava um pedido. Meu marido, que sempre a mimara, dava-lhe de tudo — e isso, essa mania de trazer as novidades para agradar alguém, fazia-o um pouco parecido com Augusto. Por amor a Ariana, vieram parar em nossa casa os cachorros basset que ela vira numa vitrina, empilhados feito brinquedos numa



cestinha, e que cobiou com uma angústia que não durou mais que cinco dias. E vieram os vestidos europeus, as bonecas que cantavam, os discos de rock, os poemas de amor encadernados em couro. Minha filha Ariana ambicionava e esquecia, tornava a desejar e esquecia seu amor novamente. Era essa a sua essência, instável feito o vento.

— Você lhe dá demais — disse eu muitas vezes para Inácio, vendo os presentes que se amontoavam pela casa.

— Pelo menos — replicava meu marido, sinceramente — a ela eu posso amar. É uma criatura de carne e osso, embora tenha esse gênio de cão. Theodoro é feito de outra essência, nada posso para com ele.

Ariana causava um certo alvoroço com sua beleza de ninfa e com seu caminhar de bailado, e sua figura só fazia aumentar a estranheza que os doentes viam em nossos caminhos, como se aqui o sol ardesse com mais calor, e tudo tivesse um viço mais intenso. Inácio, temeroso de seu encanto, proibiu que nossa filha circulasse entre as gentes de Theodoro, dizendo que aquele rebuliço não era bom para a menina.

Na escola, Ariana Montério causava disputa, estranhezas e amores. Era fato que não tinha amigas sinceras, porque sua beleza era fardo pesado demais para ser esquecido. Cuidavam-na nos mínimos detalhes: o que comia, a cor de suas fitas de cabelo, a extensão de suas risadas e o tamanho de sua ira. Era temida e amada em demasia, pois a perfeição instiga estranhas sensações em nossa alma. Talvez não a achassem humana de todo, mas era. Igual em carne, nervos e sangue, minha linda filha crescia perdida na própria estranheza de seu rosto absoluto, encantada com a crueza de seus olhos verdes e com a emoção que despertavam os seus sorrisos. Desde que nascera, havia visto o mundo através do filtro de sua própria beleza e nunca pôde entender o motivo de haverem seus genes se combinado de forma tão espetacular. Usava e abusava de seus dotes, porque ainda muito pequena fora essa a única forma que tinha para comunicar-se com o mundo. Era ausente e etérea, e nunca lhe perguntavam se estava triste ou se sofria, porque aos olhos alheios era impossível que alguém pudesse penar sob um rosto daqueles. Mas era estranha e solitária, embora disfarçasse isso com seu temperamento altivo. Algumas vezes, ouvira falar do velho Avô, que tantos desafetos despertara por ser duro feito pedra, e tivera raiva dele por ter-lhe legado tamanha sina: queria gritar que sofria atrás daquela porta de gelo que a distanciava do mundo, mas não tinha coragem para tanto.

Assim, minha filha trocou o sentimento pela simples expressão do sentimento. Não precisava sentir ódio, amor ou compaixão, mas fingia com classe e elegância. Como o irmão que misturava as ervas em busca de cura, Ariana misturava sorrisos e olhares para produzir os efeitos que desejava. Acostumou-se a uma certa tirania até, abusando suavemente dos outros, testando seus limites com gestos calculados e com um desdém tão bem medido que quase passava por carinho. Manipulava uma ou outra vida, incentivando amores e ódios, mas fazia isso por puro tédio de si mesma.

Theodoro era-lhe outro mistério, pois não podia compreender como alguém de têmpera tão diversa da sua tivesse nascido do mesmo ventre. O irmão nunca temia expor qualquer emoção, mostrava seu sentimento no primeiro olhar e dedicava, com um afinco absoluto, todo o tempo da sua existência para ajudar outras criaturas. Ariana temia esses ares místicos que emanavam de Théo, e temia também suas adivinhações certeiras. Por isso, escondia-lhe a mão quando ele pedia para ver o seu futuro.

— Vá bisbilhotar a vida de outro — dizia, tentando disfarçar com palavras rudes o medo de ser descoberta em sua solidão de coisa rara.

No entanto, Ariana ansiava muitas vezes pela companhia do irmão, pois nem ela escapava da sensação de paz que emanava dos seus gestos suaves e de seu riso manso. Volta e meia, procurava-o, sempre evitando qualquer assunto sério, mas falando de banalidades. Theodoro acompanhava os volteios do raciocínio da sua irmã e não tentava invadir seus domínios. Respondia às suas perguntas banais, sabendo que ela queria mesmo ouvir coisas profundas e, algumas vezes, na tentativa de ajudá-la a descer do seu muro de cristal, chegou a convidar Ariana para ajudá-lo com os chás. Houve um dia em que minha filha aceitou o trabalho. Vestiu-se com simplicidade e prendeu os cabelos com um lenço. Mesmo assim, enquanto ajudava Amparo a servir as infusões, sua beleza quebrou a calma do lugar. Os homens furaram a fila para vê-la e, na hora de beber, tomavam golezinhos de nada, querendo prolongar os minutos de fitá-la. Theodoro percebeu tudo, mas, acreditando que o tempo haveria de apagar a graça daquela novidade e querendo incentivar o crescimento espiritual da irmã, permitiu que Ariana prosseguisse no trabalho e até a incentivou dizendo que tinha muito jeito.

Na tarde seguinte, quando ela se dirigia ao galpão das consultas, Inácio interpelou-a e quis saber aonde ia vestida feito uma freira. Ariana riu de seus trajes velhos e respondeu que ia ajudar o irmão.

— Não pode — disse Inácio sobressaltado. Temia que a filha se encantasse em qualquer daquelas gentes estranhas e não queria vê-la perdida de desejos por qualquer um ou mesmo que fizesse perder de amores a metade da população masculina do mundo.

Ariana olhou-o cheia de confusão.

— Não pode — repetiu Inácio, tomando-a pelo braço. Depois, com a voz mais mansa, disse: — Deixe isso para as moças como Amparo. Você tem um outro destino.

A menina deixou-se conduzir de volta para a casa.

— Qual destino, pai?

— Um muito melhor — disse Inácio, pensativo.

NA PRIMEIRA VEZ QUE UM carro estranho subiu o caminho de cascalhos que tantas vezes meu pai trilhara

ao voltar de suas viagens, houve uma certa surpresa entre nós. Nunca antes alguém que não fosse pobre ou necessitado viera ter com meu filho. Os ricos procuravam os médicos e seguiam seus tratamentos caros; apenas os que não tinham condição andavam toda a estradinha, vindos da cidade ou de outro canto, para ouvir os recados das almas de Theodoro Serrat, o bom.

Talvez fosse outubro quando chegou Mariela Soutano, uma senhora de alegres sessenta anos, robusta, de tez pálida e olhos azuis. Mariela, viúva de um prefeito discreto e falecido que guiara o governo da capital nos tempos da Segunda Guerra, tinha um mal irremediável que lhe minava o sangue e que o médico havia chamado de leucemia. Andava com uma bolsa cheia de remédios que, se não poderiam salvar-lhe a vida, ainda assim a haviam de prolongar por algum tempo, isso à custa de algumas perdas e muita angústia. Mariela chegou trajando um costume azul-escuro, que contrastava, em sua classe, com o lenço florido que lhe enfeitava a cabeça completamente calva. Ela andou entre as gentes, tomou seu lugar na fila e, pacientemente, esperou a vez de ser atendida por meu filho.

Era tardinha quando Amparo chamou-a com um aceno e um sorriso. Seguindo a mestiça de saia florida, Mariela viu-se em um celeiro amplo e silencioso. O sol do entardecer infiltrava-se entre as frestas largas da madeira, riscando o ar com fachos luminosos que formavam uma teia de luz. O chão era recoberto por um tapete de feno, e ela caminhou por ali sem se incomodar com os saltos de seu sapato de bom couro. Viu, num canto, as grandes tinas fumegantes onde as ervas ferviam ao bom gosto das almas que andavam por ali; viu as canecas de estanho enfileiradas sobre a mesa. Amparo indicou-lhe uma cadeira, e Mariela Soutano sentou-se.

Theodoro olhou para a mulher, percebendo que fora bela e que envelhecia rapidamente por causa da doença que lhe consumia o sangue. Achou-a pálida e suave, e ofereceu suas mãos em concha, pedindo que Mariela lhe estendesse o braço. A mulher observou-o por um único instante e entregou-se ao contato daquela pele morna e jovem. Achou que havia algo no rosto daquele rapaz — ele possuía uma face de traços simples e luminosos — que exalava conforto e paz. Theodoro ficou em silêncio por alguns instantes, sentindo a energia que emanava do corpo da mulher, e confabulando com suas almas. Depois disse:

— Veio aqui em busca de quê?

— Em busca de ajuda — respondeu Mariela Soutano.

Meu filho modulou a voz, enquanto fitava a mulher dentro do azul de seus olhos tristes. Quando falou, sua voz era quase um murmúrio.

— A sua doença não tem cura, e não há médico no mundo que possa salvá-la desse destino.

Mariela Soutano respondeu que tinha plena ciência de que morria. Era por isso que estava lá.

— Vim em busca de paz para partir — disse. — E não há médico no mundo que possa me dar isso. Mas você pode.

Theodoro sorriu feito um anjo. Depois rezou umas palavras ininteligíveis, serviu uma infusão para

Mariela e ficou ali, enquanto ela narrava sua vida, seu grande amor pelo marido morto e sua tristeza por não ter tido filhos. Mariela Soutano falou e falou, viera de longe para vê-lo, e disse que chorava todas as noites de medo, de solidão e de angústia. Também não tinha fome, efeito das drogas que recebia, e não queria morrer sem o prazer de sentir-se normal até o último instante de vida que Deus lhe ofertasse. Meu filho ouviu tudo sem dizer palavra. Quando percebeu que ela acabara de falar, tirou um diminuto lenço do bolso da calça e secou-lhe as lágrimas que borravam sua maquiagem. Levantou-se, foi até a prateleira onde guardava suas ervas e folhas e voltou com um punhado de coisas.

— Tome — disse ele, enquanto pegava um saco de papel. E, mostrando cada coisa que guardava ali, foi dizendo: — Isto é hortelã, ferva com sabugueiro e tome para a tristeza. Isso é valeriana, tome todas as noites para ter um sono bom e sonhar com seu marido.

Mariela acenava a cada explicação, concordando, os olhos marcados.

— Isso é atanásia — prosseguiu Theodoro —, tome duas vezes ao dia, fervida com água da chuva, para voltar sua fome e sua coragem. — E, por fim, puxou de um esconderijo da calça uma folha de papel cuidadosamente dobrada. Estendeu-a para Mariela Soutano e disse: — Isso é uma oração. Essa noite pensei em você e estava lhe esperando. Reze todas as noites; serve para que se lembre de que esse é o seu destino e que Deus não dá a ninguém uma cruz maior do que se possa carregar. Tenha muita paz.

Mariela Soutano partiu e nunca mais se ouviu falar dela. Mas sua vinda despertou a curiosidade de outras pessoas abastadas; e foi então que meu filho começou a enfrentar a sua própria sina.

THÉO PASSAVA AS NOITES EM CLARO desde que se lembrava como gente. As madrugadas silenciosas eram para ele o momento de recuperar as energias que gastava no afã de suas atividades curativas e clarividentes. Deitado em sua cama, tendo o corpo morno de Amparo encostado ao seu, deixava que sua mente vagasse pelos caminhos, vencesse o espaço físico e a fronteira dos mundos. Sua união com Amparo era absoluta: não se lembrava mais de viver sem seus olhos amendoados e sem o seu silêncio repleto de poesia. Amparo, que por amá-lo moldara-se a ele com perfeição, deitava-se a seu lado e dormia um sono manso e sem sonhos. Imitava tão bem seu menino dourado que também ela inseria-se na mesma esfera de paz, embora não tivesse, como Théo, o dom de ver os espíritos e de acolher seus recados.

Mas, em uma dessas noites em que Amparo lhe fazia companhia, meu filho dormiu. Foi um sono do qual ele despertou sem nenhuma lembrança, apenas com uma angústia que se cravou em seu peito como uma faca afiada, e cujo escuro da falta de sonhos foi o pior dos presságios. Havia muito que as vozes lhe haviam soprado que tomasse cuidado com sua caridade; mas meu filho acreditava que não se podia fugir

à própria sina e continuaria pregando e ajudando quem desejasse o seu auxílio, mesmo sabendo que com isso haveria de despertar a ira de alguma autoridade. Theodoro acordou suado e chorando, num desespero que fez Amparo tomá-lo em seus braços. Théo escorregou-lhe para o colo feito um bichinho assustado, apertando-a com a força do medo, e Amparo, que conhecia a calma de seu menino dourado, percebeu que algo de ruim estava para suceder. Amparo acalentou-o com gestos cálidos até que meu filho cessou o seu pranto. E ela não disse nada, embora sua alma se dilacerasse de dor, pois, enquanto acariciava a fronte suada e confusa de Théo, conseguira ler-lhe os infortúnios um por um, porque já tinha prática em decifrar seus pensamentos.

Era quase dia quando meu filho conseguiu alcançar a calma. Deixou-se ficar exausto sobre a cama, feito um naufrago que acaba de atravessar um oceano, e nada disse para Amparo nem para ninguém. Mas, na manhã seguinte, sentou-se na grama ainda molhada de orvalho e restou ali um punhado de horas, medindo os ventos, cheirando o ar e provando o gosto metálico da terra. Naquele dia, estranhamente, meu filho não atendeu a nenhum de seus reclamantes, apenas lhes serviu um chá de camomila, e por fim bebeu junto com eles porque pela primeira vez também lhe doía a alma.

Por muitos dias, Theodoro flanou assim, feito uma folha ao sabor do vento, até que numa noite, antes que Amparo lhe batesse à porta, mirou-se no espelho e bisbilhotou com tanta fúria sua aura que vislumbrou nela as primeiras alterações, às quais foi acompanhando dia a dia, até ter a certeza de seus pressentimentos.

HILÁRIO BORODOS ERA DELEGADO havia mais de vinte anos e conhecera meu pai, Augusto Serrat. Talvez por isso houvesse tentado ignorar as queixas que chegavam sobre as atividades estranhas que Theodoro Serrat Montério promovia em sua casa e que amealhavam um número cada vez maior de pessoas. Hilário Borodos era um homem pacato e macilento, que andava na casa dos cinqüenta anos, baixo, levemente calvo, solitário, glutão e de alma boa feito um santo. Como a cidade fosse de gente de poucas rixas, Hilário dividia seu tempo entre brigas de namorados mais ou menos afoitos e discussões de vizinhos de longa data, que geralmente acabavam em calorosos abraços de desagravo. Quando lhe faltava até mesmo isso, o delegado Borodos passava as horas comendo biscoitos, os pés acomodados sobre a mesa, num doce fazer nada, pensando no amor que nunca conhecera, por azar ou por sina, coisa que muito o fazia sofrer.

Fazia tempo que andava ouvindo algumas frases sobre o neto de Augusto, mas o caso de Theodoro Serrat parecia-lhe bobagem, pois sempre se falara no espírito caridoso de meu filho que, ainda pequeno, podia palavrear com as almas do além. Para Hilário, aquilo era coisa que o tempo acabaria por

findar, pois Théo haveria de cansar-se de tanto ajudar os viventes e iria tomar tino de sua vida, indo para alguma boa faculdade da capital. Hilário Borodos errou em suas previsões. Meu filho não apenas continuou seu trabalho, como aumentava mais e mais as horas de atendimento, e as pessoas não cansavam de chegar na nossa casa.

Em meados de novembro, tempos depois que Mariela Soutano andara buscando consolo nas mãos de meu filho, os médicos do antigo Hospital da Conceição reuniram-se em protesto e, juntos, num séquito de uniformes brancos, foram para a delegacia pedir providências: a prática de magias era coisa proibida por lei e, diziam eles, Theodoro Serrat não passava de um curandeiro. Hilário Borodos ouviu tudo, disfarçando a boca cheia de biscoitos mastigados. Quando os médicos se acalmaram e lhe deram vez de falar, Borodos engoliu tudo às pressas e disse que aquilo não parecia ser coisa séria. O menino estava brincando de ajudar as pessoas. Era alma boa, mas logo haveria de se cansar daquilo.

— Não é curandeiro — disse Hilário. — Pelo que sei, o neto de seu Augusto serve uns chás de hortelã e mais nada. Coisa inofensiva. Não quer substituir nenhum doutor.

O diretor do hospital pigarreou.

— Muito o senhor se engana — proferiu o homem, cuspiendo as palavras pelos fios do bigode castanho. — Uma paciente largou o tratamento por causa dele. Paciente de câncer, sim senhor. Leucemia.

Hilário Borodos pressentiu o problema. Puxou de um bloquinho e, com sua letra redonda e espalhada, anotou o nome de Mariela Soutano, enquanto o médico lhe narrava o sucedido numa voz monocórdia e abafada pelo bigode grande demais. O delegado Borodos tinha um sorriso infantil, que usava para aplacar as discórdias, mas ninguém ali pareceu se convencer com sua graça.

— Tome tento dessa cidade, delegado — disse um dos homens. — Antes que alguém tome por você.

Borodos franziu o cenho e despediu-os sem muito palavreado. Na porta, enquanto os médicos acomodavam-se no carro escuro e comprido, o delegado garantiu que iria dar um jeito no jovem Theodoro Serrat.

— AS COISAS NÃO ESTÃO BEM como estão — insistiu Inácio.

Era hora do jantar. Minha filha Ariana, como sempre, remexia a comida com o garfo; herdara da avó o apetite de pássaro que tantos dissabores havia causado em Loá. Meu esposo, muito sério, falava com Theodoro. Num canto da mesa, sentada no chão e comendo com um jeito engraçado, Amparo revirava os olhos acompanhando cada fala. Percebi, coisa que escapava de quase todos, o quanto a menina muda — aliás, mulher, pois fazia muito que Amparo crescera — atentava às coisas do mundo. Embora se escondesse atrás do seu silêncio de estátua, era certo que sabia de tudo e que imiscuía-se nos

pensamentos de meu filho com a mesma fluência que ele adivinhava os dela.

— O que você espera, pai? — indagou Theodoro, enquanto Amparo grudava-se em sua fisionomia dourada. — Que eu largue todas essas pessoas?

Inácio disse que as coisas tomavam um rumo muito perigoso. O lugar vivia cheio de gente e, embora não sobrasse nem vestígio da paz de outrora, estava preocupado era com Théo.

— As pessoas andam falando — continuou. — Até o padre Monástio me chamou, aconselhando cautela. Você age como se fosse Deus, meu filho.

— Não sou Deus — disse Theodoro, os olhos brilhando. — Mas um servo dele. E não faço magia ou prego outra coisa que não se possa achar na Bíblia, pai.

Inácio recordou-se do menino pequenino que ele abraçara pela primeira vez, vinte e um anos atrás. Era pálido, da cor do leite, os cabelos muito claros parecendo quase uma sombra. Olhou o filho: Theodoro crescera e parecia forte, embora não fosse muito alto. Brilhava nos olhos dele uma luz de determinação e uma certeza inabalável das coisas. Não havia muito o que dizer. Inácio olhou-me, sentada ao seu lado, muito quieta, e percebeu que eu tinha os olhos sombreados pela dúvida e pelo medo.

— Olhe, filho — disse Inácio, numa voz rouca —, tome cuidado.

Naquela noite, meu marido dormiu mal, um sono agitado. Na manhã seguinte, junto com as primeiras pessoas sonolentas que chegavam pedindo um gole de chá e uma boa predição, Hilário Borodos apareceu. De longe, tomando café na varanda, Inácio acompanhou a entrada do delegado, os passos lentos, o chapéu sob o braço num claro sinal de respeito. Enquanto mastigava o pão, ficou remoendo a angústia de todos os dias: a estranheza do filho era algo que lhe doía na alma.

O DELEGADO BORODOS ACOMODOU-SE, tomando lugar na fila como outro qualquer. Havia muitos rostos conhecidos, gente pobre, gente de bom nível. Reconheceu, parada à sombra de uma árvore, uma velhinha encurvada que um dia, muitos anos atrás, lhe ensinara as primeiras letras. O delegado ficou placidamente ao sol, apreciando a calma estranha daquele lugar. Não que houvesse algo novo, não que a luz amarelada ardesse com outro brilho. Eram apenas as gentes, a paz da certeza de um consolo, a amizade que brotava na espera e que dava mais verde ao verde das plantas e que parecia adoçar o perfume das flores do jardim. Muito longe, o ruído cálido do mar fez lembrar a Borodos que, havia muitos meses, ele não passeava pela praia.

Na fila, Hilário Borodos foi se enchendo de calma e ele sentiu-se jubiloso como havia muito não se sentia. As pessoas entravam sozinhas ou em dupla no galpão, restavam ali alguns minutos, o suficiente para que meu filho lhes ouvisse rapidamente e para que chamasse seus guias e as almas de seu gosto;

depois saíam, sorvendo um chazinho morno e claro, algumas levavam ervas para usar em casa. No rosto, vinha sempre um sorriso melhor. Ali, a paz era quase matéria, e Hilário tentou recordar-se do rosto do neto de Augusto Serrat como vira uma vez na praça: loiro, suave e tranqüilo. Talvez aquele rapaz tivesse algo de santo, ou quem sabe fosse apenas a sua boa vontade, a sua ânsia em ajudar, o seu ouvido apto a captar os sons das almas.

Quando a vez de Borodos chegou, ele nem mais se recordava das querelas que o haviam levado até ali. O galpão tinha um ar fresco e parecia irreal, a luz brotando das frestas da madeira. As tinas de água ferviam. Amparo indicou-lhe a cadeira, e Borodos se acomodou. Theodoro virou-se para ele com uma xícara na mão. Tinha os olhos distantes, mais escuros que a noite, e parecia procurar algo no ar, alguma palavra perdida. Borodos espantou-se que o rapaz fosse tão delgado e de pele tão clara. Parecia suave e, quando meu filho lhe sorriu, já de posse do que procurava, o delegado percebeu que havia nele uma qualidade estranha e confortante, e teve uma vontade muito forte de chorar.

— Quer chorar? — perguntou Theodoro com uma voz atemporal.

Borodos concordou, e se desfez rapidamente das lágrimas, secando-as com as costas de sua mão. Meu filho sabia muito bem o que havia trazido o delegado até ali; mas o olhou mansamente, buscando o homem que habitava aquele corpo, e perguntou qual era o seu desejo, o que lhe afligia. O pobre e doce Borodos recordou-se dos muitos sonhos que havia acalentado em sua juventude, a vontade de cuidar das flores, a paixão única por uma menina que cantava no coro da igreja, o gosto do pão caseiro da mãe morta. Veio-lhe uma saudade da vida, e ele deixou o choro chegar sem nenhum medo. Chorou um pranto de rio que avermelhou seu rosto macilento, enquanto Théo macerava umas folhas, ouvindo sabe-se lá que recado sussurrado no ar. Depois, quando Amparo despejou a água quente sobre as ervas que repousavam no fundo da caneca, meu filho lhe disse:

— Beba isso, amigo. E fique em paz.

Borodos obedeceu. Antes de sair, com a alma lavada pelo pranto, disse para Théo:

— Tome cuidado, rapaz. A bondade quase sempre é mal interpretada. Cuidado.

Théo sorriu, e seu riso tinha um quê de triste.

— Eu sei — respondeu. — Não se preocupe, delegado. As coisas sempre são como têm de ser.

E Hilário Borodos voltou para a cidade ciente de que nada havia para ser feito. O menino sabia rezar mais do que ninguém. E Deus não era surdo.

EMBORA TIVESSE CERTEZA do que havia de acontecer, meu filho não podia descobrir o como. Era isso o que mais lhe angustiava a alma. Sim, desde muito menino soubera de sua tarefa. Nem fora ao acaso que



Amparo, a muda, havia surgido em seu caminho com seus grandes olhos de cão sem dono e sua alma de mel. Amava-a com todo o seu espírito e, embora a moça nunca houvesse pronunciado uma palavra, havia em seus olhos a maior prova de que também ela o queria mais que tudo. Muito embora isso fosse certo e eles tivessem partilhado aquele caminho, meu filho parecia saber que não era o destino de Amparo acompanhá-lo em sua última jornada.

Muito sutilmente, enquanto ficava de olho nos sinais secretos que a vida lhe mandava, Theodoro foi preparando as coisas. Organizou seus pertences, deixando acomodados os seus objetos preferidos, guardando-os dentro de uma caixa, para que eu, após a sua partida, pudesse encontrá-los sem qualquer desencanto. Muitas vezes, no decurso daqueles dias, Theodoro olhava-me com uns olhos estranhos e, por mais que eu o inquirisse, não me dizia nada daqueles modos de me espiar. Talvez se despedisse; talvez ousasse preparar-me para os dias que viriam. Talvez, iluminado que era, ouvisse os segredos que algum anjo lhe dizia. Isso nunca haveremos de saber com exatidão. O fato é que Amparo ajudou-o nessas tarefas de despedida com o mesmo zelo dos serões de clarividência, quando pescavam nos ares da manhã recém-nascida os segredos dos dias. Fê-lo com a alma em brasa, mas com o mesmo amor que o vestiria para as suas núpcias, se um dia Théo decidisse se casar com outra que não fosse ela. Porque a mestiça o amava com cada fibra de seu ser, amava-o porque era o seu menino dourado, aquele que lhe ensinara as letras, o amor e os segredos que vinham murmurando nas costas do vento.

Amparo cercou Theodoro com os mesmos amores desmedidos com que o cercara na infância, e ouviu com ele os discos de Alice e chorou pelas doces poesias declamadas fingindo desconhecer que faziam aquilo pela última vez. Amparo escondeu todos os seus olhares de despedida e silenciou cada soluço, com uma mestria tão grande que seu sofrimento escapou até mesmo a Theodoro, que sempre via tudo. Dormiu ao seu lado apenas para guardar nas narinas seu odor de lírios e, na retina, o contorno exato de seu rosto. Comeu de seu prato para resgatar-lhe a saliva, segurando o choro para que ele não se imiscuísse no gosto da boca de Théo, e bebeu de seu copo e guardou-lhe os detalhes do riso. Escondeu todos esses tesouros de recordações no mais profundo de sua alma, sem saber que haveria de consumi-las parcamente, para que as lembranças de seu amado lhe durassem por todos os muitos anos de sua vida árida.

CLAREAVA-SE O CÉU. Eram as primeiras horas daquele dia 28 de maio de 1982. Enquanto meu filho, alheio aos avisos e aos bilhetes ameaçadores que encontrara nos últimos meses nos lugares mais estranhos, continuava seu laborioso trabalho de iluminar as almas, num outro canto, na periferia da cidade, vozes sussurravam coisas inaudíveis. Da janela esfumaçada do casebre onde se encontravam, os olhares

podiam perceber os primeiros raios de sol. Estavam reunidos ali quatro ou cinco homens que falavam baixo, escondendo cada palavra até mesmo de suas próprias consciências. Mas não havia mais o que ser feito, e tinham sido muitos os avisos. Era uma questão de ordem, dissera um, ordem das coisas. Outro, inflamando-se em sua ira, invocara Deus. Era uma ofensa a Ele.

Com essas frases, o clima enfogueirava-se. O mais velho de todos, com longos bigodes que dividiam o seu rosto, esboçou um sorriso de concórdia, dizendo:

— De hoje não passa. Tenham calma.

Ao comando dessa voz, os outros silenciaram. Quiseram saber quem iria.

— Você, você e eu — disse o homem de bigodes, apontando para um baixinho calvo e para um outro, mais quieto, de braços fortes e mãos que bailavam no ar. — Mas não agora — continuou. — À noite.

DESDE QUE MEU FILHO pressentira o rumo das coisas, uma tristeza silente impregnara-se no fundo de seus olhos. Fazia tempo, e ele já se acostumara com sua presença constante, como um câncer, e aprendera a aplacá-la com chás de camomila e com meditações ao amanhecer. Naquela manhã, num ponto distante de qualquer voz de blasfêmia, Théo sentava-se em posição de lótus sobre a grama úmida do orvalho noturno. O céu abria-se num azul-avermelhado, o que prenunciava um dia de sol. Ele abriu os seus ouvidos para os sons da vida e percebeu que os pássaros cantavam nas árvores e recebiam a bênção das luzes do amanhecer. Chegou a sorrir e, calmamente, como se pensasse naqueles dias que estavam perdidos no tempo, levou seus dedos à chavezinha de prata que trazia ao pescoço, atada a uma corrente. Era a chave do antigo quarto de Eleanor, sua avó. Ele sabia o que cantavam os pássaros escondidos nas copas das árvores: a vida que sempre nascia e tornava a morrer. Sim, essa era a música do mundo.

Ao longe, o ruído constante do mar, suave e cheio de paz, fez meu filho lembrar-se que, havia algum tempo, não andava pela praia como costumava fazer com Amparo quando ainda eram crianças e antes que as vozes o tomassem com tanta força. “Ainda hoje irei à praia, e levarei Amparo comigo”, pensou. Depois, olhos fechados, sorvendo o ar fresco e úmido, pediu ao céu a paz que precisava. Foi então que, no escuro de si mesmo, meu filho percebeu que faltava algo. Sem abrir os olhos, estendeu o braço, procurando ao redor e notando que nada havia ali a não ser a grama. Faltava Amparo, e essa era a primeira vez em muitos anos que não achava a mestiça ao seu lado quando precisava ou queria estar com ela. Theodoro sentiu que seu coração se descompassava um pouco ante o presságio daquela ausência. Amparo era como os pássaros que fugiam do perigo. Amparo era perspicaz e sutil como as almas mais atentas. Amparo amava-o a ponto de morrer, embora a moça soubesse que a vida estava traçada nas estrelas e era imutável.

Por um instante, meu filho sentiu-se muito sozinho. Posso imaginá-lo observando o nascimento do dia, seus olhos escuros sob o arco das sobrancelhas tão iguais às de Augusto, seu rosto de menino ainda, suave e macio, a ausência de barba, a boca rosada que só sabia sorrir. Como deve ter sentido medo, como deve ter sentido o peso de seu fado: antever os precipícios e alegrias da vida era tarefa árdua demais. Então, num derradeiro momento de percepção, Theodoro compreendeu: Amparo havia sabido porque havia muito que sabia de todos os seus segredos. E então pôde vê-la partindo, os longos cabelos negros espalhando-se por suas costas, o vulto maciço e castanho perdendo-se pela poeira de onde ele a havia recuperado ainda criança. Sentiu-lhe a dor de morte; e chorou sua própria angústia de perdê-la numas poucas lágrimas contidas. E viu-a, viúva e sozinha outra vez, a prantear o seu amor perdido, vagando nas brumas da noite e no mesmo ardor com que o esperara à porta do seu quarto em tantas madrugadas anteriores.

MEU FILHO SOUBE DA PARTIDA de Amparo, mas não disse nada para ninguém. Soube também que estava próximo o momento de seu fado, embora não adivinhasse como seria nem exatamente quando havia de acontecer. Mas, durante o dia inteiro, continuou seu trabalho, atendeu os que o procuraram e ensinou-lhes umas rezas para encontrar a paz, e verteu sobre eles um chá morno e adoçado que ele mesmo tomou com sede e sofreguidão. Houve instantes em que, esquecido da falta de sua eterna Amparo, estendia uma caneca para ninguém, dizia-lhe de um pressentimento ou lhe pedia algo. Então, assustado com a falta dos olhos amendoados e suaves, dava-se conta de que ela se havia ido, e cheia de dor. Não, ela não tivera coragem para a despedida; talvez chorasse estirada na areia da praia, talvez vagasse pela estrada, não mais que uma sombra em plena luz da manhã.

Decidido a seguir adiante, Théo continuou pelo dia inteiro a falar com Amparo, pedindo a valeriana e o boldo, dizendo que a amava e que sempre amara, contando o que lhe sopravam as almas após cada consulta. E, falando com ela mesmo que não estivesse ali, meu filho despediu-se de seu rosto de sombras e guardou-a em sua alma para sempre, como a parte perdida de si mesmo que ele sabia ter encontrado nesta vida.

No meio da tarde, vagou pela praia e ficou muito tempo recordando-se de Diego Saccaro, de sua voz profunda e mansa e de seu jeito de ensinar a vida e enfrentar a morte. Pensou em chamá-lo no número que ele lhe dera escrito num papelote, e que estava guardado na gaveta de sua cômoda havia tanto tempo. Mas sabia que era coisa vã e que só faria encher de angústia sua alma boa. Na volta para a casa, encontrou Ariana colhendo umas flores para enfeitar seus cabelos, hábito que tinha desde menina. Notou que a irmã havia crescido e, calculando rapidamente, descobriu-a com quase dezesseis anos, alta e delgada, bela

como ninguém mais. Era boreal como uma aparição, e o riso que deu, ao vê-lo em hora tão estranha, soou-lhe como um sussurro de folhas balançadas pela brisa. Theodoro tomou de suas mãos as flores e ornou com elas os cabelos da menina.

— Bela — disse ele, numa voz fraca. E depois acrescentou: — Mas não se perca, que a sua beleza é um labirinto.

Ariana sentiu uma coisa inexplicável e, o rosto ardente, lhe sorriu. Era como se visse o irmão sem vê-lo, como se ele estivesse já bem longe dali. Disse que o estranhava no jardim a uma hora daquelas.

— Onde estão as suas gentes? — quis saber ela. — E onde está Amparo?

Théo falou que dispensara a todos para que fossem dar tino em suas vidas, e que Amparo estava na praia, caminhando.

— Quanto a mim — disse ele, enigmático —, não se espante de me ver em seu caminho a qualquer hora do dia ou da noite. Embora não pareça, estou sempre com você, minha irmã.

Depois saiu correndo pela estradinha ladeada de sebes, voltando outra vez para a solidão da praia, onde poderia desvencilhar-se da tristeza que encharcava sua alma.

À noitinha, meu filho veio a mim. Estava mais pálido e vago, mas me abraçou com o mesmo calor que eu sempre encontrei em seus braços. Nos últimos tempos, andara menos ao meu lado porque sua tarefa era longa e difícil; mas sempre tivemos algo de forte a nos unir, desde que eu o tive em meu ventre, como se nossos pensamentos até se completassem. Sempre foi nosso o elo mais firme, e muitas vezes pude sentir em minha própria alma as angústias que lhe assomavam ao coração. Dessa vez não foi diferente. Abracei-o com força, afagando os cabelos finos e platinados que ele usava num comprimento estranho, quase até os ombros, e que dividiam-se em cachos macios.

— O que houve? — quis saber.

— Nada — respondeu Theodoro, olhando-me nos olhos. — Só uma vontade de abraçar você para sempre, mãe.

Eu ri.

— Então abrace.

— Nada pode ser para sempre. Nem o nosso abraço, mãe — disse ele e, beijando-me, acrescentou: — Abrace-me apenas agora, como quando eu era pequenino e você me contava histórias da bisavó e do avô Augusto Serrat. Abrace-me apenas agora, mas com seu jeito de para sempre.

Theodoro ficou ali nos meus braços até que a escuridão desceu completamente do céu. Da praia, vinha a brisa suave do mar e a noite era surpreendentemente morna e agradável, apesar do inverno que chegava. Então, com muito cuidado, meu filho soltou-se de meu abraço.

— Veja, mãe — disse ele, apontando o céu. — As Três Marias.

As estrelas cintilavam sobre nossas cabeças. Theodoro alçou-se, ajeitando os cabelos que eu desalinhará em carinhos.

— Aonde você vai, filho?

— Trabalhar — respondeu ele, sorrindo vagamente. — No galpão.

E desceu correndo os degraus da varanda, a cabeça alva refletindo como um espelho a luz amarelada das lâmpadas da casa.

OS GRILOS CANTAVAM NA NOITE, enquanto meu filho ajeitava os vidros com as ervas, pegando-os entre os dedos, girando-os como se fossem um brinquedo infantil que refletisse a luz vaga num espectro de cores suaves. Ao lado da grande prateleira onde ficavam as ervas, as tinas vazias esperavam suas rezas e esperavam as mãos de Amparo, magras e escuras, que por tanto tempo as haviam manuseado. Théo aspirou o ar, buscando, entre os odores de cânfora e alcaçuz, o cheiro suave e indefinido de Amparo. Sentia saudades dela como se ela fosse a vida, e percebeu que não sabia mais ser sem ela.

Era noite, talvez dez ou onze horas. A lua cintilava no céu, cheia, amarela e solitária. Meu filho pensou que não havia motivo de voltar para a casa. Sua cama estaria vazia de Amparo, e não haveria os ruídos de seus passos aproximando-se no corredor escuro. Deitou-se ali mesmo, sobre uma colcha velha e, vendo as flores de guaco boiando na infusão açucarada de água e mel, numa prateleira do armário, fechou seus olhos e tentou descansar os pensamentos.

Apesar de rondarem o galpão, os passos quase não faziam barulho, pisando manso pela grama úmida. Apenas os olhos comunicavam-se, olhos negros de predador. Foi tudo muito rápido: o querosene sendo bebido pelos sulcos ávidos da madeira velha, o riscar do primeiro fósforo, a luz amarelada e fugaz das chamas. Os homens abriram caminho entre a escuridão, parando um pouco mais ao longe. Tudo era silêncio na noite. Esperaram que a certeza se materializasse juntamente com o fogo que se alastrava com rapidez, consumindo o templo de injúrias onde o menino santo inventava loucuras. Depois, concluindo que haviam posto um fim naquilo, os três vultos embrenharam-se entre as sebes e, perdendo-se no escuro, tomaram o rumo da praia.

Pela segunda e última vez em sua vida, meu filho desligou-se do mundo exterior, mas com tanta gana que nem percebeu o cheiro de queimado nem a luz mutante do fogo que crescia, lambendo as paredes e alastrando-se pelo chão coberto de palha. As madeiras, desprendendo-se umas das outras, caíram à sua volta, feito soldados atingidos pelo inimigo. Com estrondo, a tosca prateleira das ervas desmoronou e foi para o chão, explodindo em estilhaços os vidros cheios de flores, folhas e poções. Num instante, o cheiro fresco de hortelã ganhou o ar; depois restou apenas o olhar último, estalado e fundo feito a abertura de

uma caverna; e meu amado filho Theodoro, que nascera já de olhos abertos para o mundo, perdeu-se nas brumas de seu destino, muito além dali, solto entre as estrelas Marias, enquanto lá embaixo o galpão desabava feito um castelo de cartas soprado pelo vento, e nada mais restava de seu sonho de cura, apenas a luz avermelhada e o calor insuportável do fogo.

Em nosso quarto, Inácio acordou e, num pulo, estava já no umbral da porta, vestindo um casaco sobre o pijama.

— Laila — gritou ele, desesperado. — Acorde!

Despertei confusa e assustada, sentindo um cheiro estranho no ar. Meu marido estava pálido, enquanto revirava a arca das cobertas, procurando uma colcha de lã.

— Há fogo lá embaixo — disse ele. — Vou ver.

E, quando já se sumia pelo corredor, voltou por um instante e perguntou sobre Théo e Ariana. Respondi que, àquelas alturas, os dois deviam estar dormindo. Era madrugada.

— Chame-os — pediu Inácio, já sumindo pela escada. — E ligue para a polícia e para os bombeiros. E, Laila — falou ele muito sério —, não me saiam daí.

Agitada, corri para o quarto de minha filha e arranquei-a dos lençóis sem nem fazer caso para explicações. A menina cedeu, confusa, enfiando um robe que estava perto da cama, e seguiu-me pelo corredor, enquanto eu lhe dizia sobre o incêndio.

— Onde, mãe?

— Não sei — respondi, aflita, correndo no escuro, acendendo todos os interruptores. — No celeiro, talvez. — E minha mente foi tomada pela estranheza de Théo e pelos muitos avisos que Inácio proferira durante os anos em que crescera o nosso menino, envolto em seus mistérios de ajudar as pessoas.

O pavor começou às três da madrugada, quando me deparei com o quarto de Theodoro vazio, a cama intacta e as coisas todas perfeitamente ordenadas. Nem Amparo estava lá.

— Ela sumiu o dia inteiro hoje — disse Ariana. — Não a vi junto com o irmão.

— E agora, onde está Théo? — perguntei, mais para Deus do que para minha filha, que já começava a chorar.

Liguei para a polícia e para os bombeiros. Depois, eu e Ariana corremos a casa toda, os quartos dos mortos e os quartos dos vivos, as salas, despensas, a cozinha, a biblioteca e todos os recantos onde Theodoro costumava confabular com suas almas de estimação. Meu filho não estava em canto algum, nem Amparo. Lá fora, a algaravia de gritos era intensa, a luz das chamas chegava a iluminar alguns recantos da casa, o fogo consumira todo o galpão e ameaçava alastrar-se para a pequena estrebaria. Um cheiro acre queimava as nossas narinas, entrando pelas frestas das janelas, espalhando-se por toda a propriedade. Os homens soltavam os animais, as mulheres rezavam para a Virgem enfiadas sem pudor em suas camisolas transparentes. Pouco depois, a polícia chegou: tentava pôr alguma ordem na desordem das gentes, enquanto os parques equipamentos para o fogo eram usados com pouco êxito. Subi para o meu

quarto, Ariana junto comigo e, na varanda, ficamos observando toda aquela loucura. O fogo, terrível, tinha uma luminosidade estranha e mutável, bela até. Vendo as chamas alastrarem-se, engolindo o galpão dos chás, Ariana começou a chorar baixinho. Dei-lhe a mão e algum conforto. Pouco, é verdade, minha própria alma estava dilacerada pelo sumiço de Théo; também Inácio desaparecera em meio àquela turba, enquanto os restos do galpão ardiam sob o sereno da noite limpa, como um velho animal no último dos seus estertores.

O DIA CHEGOU PARA ser arauto das catástrofes. Amanheceu dourado e tênue, completamente alheio à destruição que o fogo causara, levando embora o galpão onde meu filho curava seus doentes e onde Inácio ensinara as letras para os empregados. Também a estrebaria fora engolida pelas chamas e os três cavalos pastavam pela grama cheia de cinzas e restos.

Ariana acabou dormindo em minha cama, os olhos lacrimosos e inchados de tanto chorar de medo. Eu restei a noite inteira na varanda, sem entender ou participar de nada. Em minha mente, havia apenas o primeiro olhar de Theodoro, a certeza de sua luz, o aviso que me dera o Sonhador no dia em que partira para não voltar nunca mais. Em meus olhos, o rosto moreno e doce de Inácio, sua voz rouca e suas músicas de viola, seu ardor em me amar e em proteger os filhos que entendera tão pouco e quisera tanto.

Hilário Borodos entrou em meu quarto junto com a manhã. Biela praticamente amparava-o em seu caminhar pesado, e ele tinha o rosto sujo de fuligem e um tanto desfigurado pelo horror. Olhou-me longamente, tentando vislumbrar alguma semelhança com o menino que lhe tocara a alma, e abraçou-me, dizendo com a voz baixa e suave que eu estava enregelada e que, por passar a noite toda sob o sereno e tão mal agasalhada, haveria de pegar uma gripe. Depois, quando Biela deixou-nos a sós, Hilário sentou-se no chão do quarto e começou a chorar. Ficamos assim por muito tempo, mais de uma hora, talvez. Ele chorando, eu olhando suas grossas lágrimas pretas de fuligem, enquanto engolia meu próprio pranto desesperado. Quando acabou, Hilários Borodos remexeu no bolso de sua camisa xadrez e entregou-me um objeto.

— Recuperarei das ruínas — disse ele.

Era a velha chavezinha do quarto de Eleanor, que Theodoro usava no pescoço como uma espécie de amuleto. Olhei para ela com os olhos vazios e vi que seu formato rebuscado estava intacto apesar do fogo, somente o metal escurecera um pouco.

— Ele não vai mais voltar, vai? — indaguei, a voz quase morta, segurando a chavezinha de prata com tanta força que os nós de meus dedos ficaram brancos como giz.

O delegado soluçou alto, conteve o pranto e respondeu:

— Não, dona Laila. Nem ele nem seu Inácio.

Depois, como uma ladainha, o homem continuou repetindo, os olhos perdidos no nada:

— Não voltam mais... Não voltam mais...

Naquela manhã, choramos juntos e abraçados como velhos amigos, enquanto Ariana, pálida feito um fantasma, andava pelos escombros carcomidos do antigo galpão, tentando entender até onde podia levar a fúria do homem, e a sua bondade.

Antes do meio-dia, Hilário Borodos recuperou a razão, mergulhou o rosto muitas vezes em água fria e, mais sereno e menos inchado, mandou que me dessem um calmante, chamassem o padre e que alguém botasse um tino na vida e na casa. Antes de sair, ajoelhou-se à minha frente. Eu continuava sentada no mesmo lugar, a chave que Théo usara em seu pescoço ainda apertada entre meus dedos. Estava alheia a tudo que não fosse parte das minhas recordações, pois o meu mundo havia perdido sua razão de ser. Hilário Borodos chamou-me por muitas vezes com a voz cheia de paciência e cuidado. Quando, por fim, escutei-o em meio às brumas de meu pavor, ele perguntou se devia avisar alguém sobre o sinistro acontecido. Eu pensei um pouco e respondi:

— Chame Diego Saccaro.

UMA INTENSA PERTURBAÇÃO brotou dos olhos de Inácio quando ele viu aquelas terríveis chamas. Despertado em meio ao sono por um pânico recôndito que lhe nascera nas entranhas no mesmo instante em que um vulto ateava fogo ao galpão, meu marido fora a primeira pessoa a chegar ao local. O madeirame velho deixava-se consumir pelas chamas sem nenhuma resistência, e Inácio chegou mais perto, tomando o cuidado de enrolar-se na colcha de lã que trouxera consigo. A porta ardia em fogo, lançando luzes bruxuleantes e avermelhadas no ar noturno. Não foram os olhos, mas o coração a avisá-lo que Theodoro estava lá dentro, à mercê das chamas, mergulhado num torpor de além-túmulo. Sim, desde que despertara em pânico, ainda em seu quarto, Inácio tinha a certeza de que o filho estava lá. Em poucos segundos, o fogo espalhara-se ainda mais e o cheiro forte de querosene indicou a Inácio o porquê daquela fome em arder. Não pensou duas vezes: chutou com força a velha porta, e ela desprendeceu-se das dobradiças, indo agonizar no chão que também ardia devido à palha.

Inácio tossia muito: uma densa fumaça dificultava a sua visão e ele quase não conseguia respirar. Avançou às cegas, guiado apenas pela angústia de seu peito, enrolando-se na manta de lã que mal o protegia do fogaréu. Enquanto ele vagava em busca do nosso filho, ouviu as primeiras vozes lá fora e a movimentação para apagar o fogo. Então, na luz ardente que vinha do baile de chamas, Inácio pôde perceber o tênue contorno da cabeça de Théo, coroada pela cabeleira de prata. Avançou até ele,



disputando com o fogo cada centímetro de chão e cada molécula de oxigênio; mas, quando se ajoelhava para chamá-lo, já sentindo alguma tranquilidade em seu coração de pai, uma viga ardente desprendeuse do teto, e a última coisa que os olhos de meu marido puderam ver foi o rosto claro e suave do filho, levemente chamuscado pelas chamas.

## O baú do tempo

MINHA FILHA ARIANA RECEBEU a notícia das mortes do pai e do irmão escondida nuns modos tão distantes que só quem a conhecia por dentro poderia medir a extensão imensa de sua dor. Vagando entre os escombros do galpão, tentava vislumbrar um sorriso que fosse do pai e vasculhava sua memória em busca das muitas horas que passara ao seu lado, das caminhadas na praia e, até mesmo, das brigas que tinham quando ela escapava dos limites.

Ela ficou ali por muito tempo, sentada sobre o retorcido esqueleto metálico de uma das tinas, esperando que voltasse Inácio e que surgisse do nada o vulto luminoso e dourado de Theodoro. Esperou que o irmão adentrasse pela porta e a despertasse daquele pesadelo, que viesse com seus chás de curar as almas e com seus ares de lunático. Mas ele não veio. Passava das três horas quando Biela foi chamá-la para que comesse algo, tomasse um banho e fosse ter comigo. Ariana seguiu-a sem pestanejar, os olhos marcados, o rosto de ninfa numa palidez de morte, perdida como nunca se sentira antes, desesperada de medo.

Era noite quando a chuva veio, com um atraso de muitas horas. Uma chuva de fúria que talvez demonstrasse a ira do céu. Não havia nenhuma dúvida de que o incêndio fora criminoso; mas nenhum inquérito haveria de trazer a vida dos meus dois homens nem a paz da minha própria alma. Deitada em minha cama, ouvindo o leve ressonar de Ariana ao meu lado, foi impossível que eu não me recordasse de meu pai e de sua dor de fim de mundo quando da morte de minha mãe. Eu estava sozinha agora, tendo

dentro do peito uma cratera, ansiando por um único sorriso de Alice ou por um olhar de Augusto Serrat, que soubera sofrer como nenhum outro homem que eu tivesse conhecido.

O aguaceiro da noite prolongou-se sem trégua até a manhã seguinte, e durante muitos outros dias a água continuou a jorrar de um céu nebuloso e pesado. Os corpos foram e voltaram do hospital, pois foi necessário que se fizesse uma autópsia. Não houve outro para cuidar dessas tarefas que não o gentil Hilário Borodos. Ele fez tudo com o sofrimento de um pai e a dedicação de um amigo de muitos anos. Depois, foi a coragem de ver os caixões, tristes e negros, onde quase nada havia do muito que houvera existido. Hilário Borodos tomou as providências com o padre Monástio, tão velho que seus cabelos tinham uma brancura quase transparente, e cuidou de todos os trâmites, segurando minha mão na hora triste em que entrei na grande sala da frente e a vi transformada em câmara mortuária. Também coube a Hilário amparar o desmaio de Ariana, pálida feito um círio e mais bela do que nunca.

A chuva continuou caindo durante todo o dia de despedidas. O jardim transformava-se em uma algaravia de poças e a estrada esteve quase intransitável, mas isso não impediu que chegassem caravanas inteiras de pessoas encharcadas e chorosas que vinham despedir-se de meu filho Theodoro. Eram muitas, e todas ostentavam uma dor verdadeira e profunda, falando baixinho e respeitosamente das qualidades santas e generosas do rapaz, e cuspiendo com ira suas desconfianças de que aquilo não acontecera ao acaso.

O FUNERAL FOI UM ACONTECIMENTO na cidade. Não havia espaço para todos, era um mar de cabeças úmidas da chuva, e os ombros colavam-se uns aos outros, os pés chapinhando na mesma lama onde meu filho cheirava o segredo dos amanhãs, os rostos orando com um fervor que haviam descoberto entre as paredes vazadas do velho galpão incendiado. Muitos doentes de Théo choravam abertamente à beira da cova. Um velho desdentado e calvo, amparado por uma menina que, mais tarde, soube que era sua neta, resmungou:

— Dava esse resto de vida que tenho para estar no lugar do menino.

Não existem palavras para explicar o que senti naqueles dias. O padre Monástio tinha os olhos doridos, rajados pelo pranto, pois nunca vira tragédia familiar como aquela. Desde sempre, o velho tinha por Théo uma afeição profunda, chegando até mesmo a dizer que seus poderes curativos eram um dom divino, dádiva que recebera por ter a alma cheia de bondade. E, em seu sermão, o padre pediu que todos orassem por aquelas duas almas que se iam, e que não chorassem a partida do menino; pois se era anjo então agora estava no céu.

Minha filha ouviu cada palavra do padre e seus olhos cresciam de espanto e desespero. Estava muda,

fria e descabelada, e sua boca se apertava num ricto de horror e tristeza. Embora parecesse alterada, ainda era muito bonita e fresca, os cabelos balançando-se com a brisa úmida, as lágrimas minúsculas correndo pelos cantos de seu rosto, deixando rastros de sal em sua pele lisa. Ariana tomou-me a mão quando desceram os dois ataúdes à terra; não sei se fez isso por dor ou pena de mim. Eu não tinha mais nenhuma lágrima ou pensamento ordenado, apenas estava ali parada, quase um fóssil, enquanto minha alma corria pela praia deserta, recebia a brisa salgada do mar e rolava nas ondas à espera do sorriso de Théo ou do abraço morno de meu marido. Ali, indo e vindo feito um pássaro, pensei que a morte me seria um bálsamo e o único acalanto. De nada eu haveria de servir para Ariana do jeito que estava, e nada, pensava, havia mais para mim nesse mundo estranho e hostil. Olhei para os lados, enquanto o padre proferia suas últimas palavras, e vi que Biela derretia-se num pranto terrível. Talvez, entre quaisquer daqueles rostos condoídos, estivesse o assassino de minha família. Esse pensamento me gelou os ossos, e comecei a chorar. Dividindo comigo essa angústia, o velho padre Monástio secou uma lágrima furtiva e proferiu, olhando a multidão:

— Felizes dos puros de alma. “...Sabeis que os vossos pecados vos encontrarão.” Assim disse o Senhor. Amém.

— Amém — respondeu a multidão em coro, enquanto um homem de longos bigodes afastava-se em direção a um carro escuro, a cabeça inclinada em sinal de pesar.

O TELEGRAMA INFORMANDO A MORTE de Theodoro e do pai achou Diego Saccaro nas lonjuras em que se encontrava, muitos dias depois do funeral. Saccaro gastara os anos de sua ausência estudando e se estabelecera na América Central, pois tinha um sonho muito antigo de viver no Caribe, tendo o mar azul ao alcance de suas vistas. Diego tinha um consultório onde curava os males da alma, depois de ter estudado Freud e de ter assistido a um sem-fim de aulas sobre os meandros do espírito humano, seus quereres e suas dores. Sua pequena e bela clínica ficava num recanto de areias claras, numa parte do Caribe mexicano onde o mar se repartia em mais de vinte azuis e onde, muitos e muitos anos antes, os maias haviam construído sua civilização. Lá, nos eternos verões de sol quente e brisa leve, Saccaro encontrara o lugar ideal para curar as feridas da alma alheia. Não havia vivente que, lá chegando, depois de mergulhar por umas horas naquele oceano morno e azul repleto das maiores obras de arte da natureza, não encontrasse alguma réstia de paz.

O tesouro de Diego era uma clínica razoavelmente grande, clara, confortável e bem decorada, onde se espalhavam doze quartos que recebiam apenas pacientes com muito dinheiro e tempo livre para atirar-se ao sol morno e banhar-se nas águas celestiais, enquanto esperavam que suas feridas de alma se curassem.

Sentado em frente à praia, num sábado luminoso e tranqüilo, o pequeno envelope aberto sobre o colo, Diego Saccaro chorou feito uma criança. Havia muito que não encontrava o menino Theodoro, a quem amara de um modo muito especial, mas não houvera noite que ele não lhe surgisse em meio ao sonho, sorridente e iluminado como sempre fora. Diego Saccaro não tinha filhos. De alguma forma, embora a diferença de idade entre ele e Théo não fosse suficiente para tanto, Saccaro vira no menino curioso e sábio, interessado em ervas e gentes, alguma coisa do filho que sempre desejara ter.

À noitinha, sem conseguir arredar da mente nem por um minuto a notícia da morte de meu filho, Diego Saccaro decidiu-se por vir até o Brasil. Entre um gole de vinho e outro, os olhos úmidos de tristeza, fez uns cálculos mentais; tinha muitos casos em andamento, mas, em alguns meses, talvez pudesse voltar.

APENAS A ARIANA OCORREU o sumiço de Amparo. Correu todos os cantos, revirou a alcova do irmão sem deixar de espiar até debaixo da cama, arriscou-se pelos quartos esquecidos com o coração aos saltos — pois sempre temera os pretensos fantasmas familiares —, mas não pôde encontrar nem sombra da rapariga em lugar algum.

Estranhamente, embora nunca tivesse sentido um grande amor pela mestiça, o seu desaparecimento lhe causou uma dor profunda. Quanto mais a buscava, correndo peças fechadas e chamando-a pela praia, mais temia não encontrá-la; e Ariana deu por finda a busca quando começou a chorar de desconsolo. Queria vê-la, silenciosa e boa, entre os sofás da sala, sentada no chão como sempre se sentava; queria esperá-la como um aviso de que Theodoro estava por perto e de que ririam juntos de qualquer brincadeira, ou que subiriam os três para o quarto da avó, a fim de remexer os antigos baús e conversar com os espíritos dos mortos da família. Mas Amparo não apareceu.

Algumas tardes depois, Ariana adentrou meu quarto. Eu estava lá, perdida na bruma de meus pavores, mal-alimentada e triste. Ariana parou à minha frente, fitando-me com seus grandes olhos de maré, e disse, simplesmente:

— Você se esqueceu de Amparo, mãe.

Era verdade. Eu havia me esquecido que existira entre nós a suave menina Amparo. Esquecera-me, porque com o fim dos risos cálidos de Théo parecera-me normal que Amparo também nos sumisse.

— É verdade, minha filha — respondi, confusa. — Mas onde se meteu essa criatura?

— Isso ninguém sabe, mãe — disse Ariana.

Depois disso, matutei muitos dias sobre a muda Amparo, a quem limpei das imundícies e liberei dos parasitas e que, por tantos anos, seguira meu filho feito uma sombra ou um prolongamento de seu corpo. Tanto pensei e repensei que, confusa, decidi que não havia existido. Talvez tivesse sido mais uma das

brincadeiras de meu filho ou alguma loucura coletiva que nos houvesse atacado.

— Quem sabe se foi um fantasma? Não achei seu rosto em nenhuma fotografia.

— Não, mãe — insistiu Ariana. — O que foi feito dela eu não sei. Mas que existiu, não há dúvida.

Usou meus vestidos por anos a fio.

— Existiu, sim — argumentou Biela, a cozinheira, que ouvia nossa conversa de loucos. — Existiu, pois por muitos anos a vi dividir o mesmo prato de comida com o menino Theodoro.

Por fim, vencida por tantas certezas, acabei aceitando a existência e o sumiço de Amparo, a muda; e mais tarde lhe atribuí o doce episódio das rosas brancas.

AS ROSAS COINCIDIRAM COM O fim da estação das chuvas, embora, naquele ano de 1983, o céu tivesse permanecido por muito tempo ainda enrustido em matizes de cinza e pálidos tons de marfim, que rebrilhavam entre as nuvens escuras. Quando a chuva deu mostras de estiar, a primeira coisa que decidi foi dar alguma ordem ao cemitério e plantar flores perto das sepulturas de meu filho e de Inácio.

Ariana fugiu a essa tarefa e foi para a cidade. Nos últimos tempos, andava esquiva e tristonha, e tinha medo de ficar na casa vazia. A cada manhã, arranjava uma nova coisa para fazer na cidade e quis, até mesmo, começar um curso de espanhol, que para ela era a língua em que se falava de amor. Então, enquanto minha filha tomava o rumo das gentes, eu fui para o cemitério. Nada mais em nossa propriedade era como antes, parecia que a morte havia levado consigo os brilhos da casa e o viço das flores. As paredes, antes imponentes, amarelavam-se sob o sol, a varanda perdera o verniz de suas madeiras. Parecia que a casa se rebelava contra a sua sina de árvore, enraizada naquele terreno, chorando feito mãe por cada um que partia — e muitos haveriam ainda de ir-se; depois, refeita das perdas, tinha somente que esperar pelos novos habitantes, aprendendo a amá-los como amara os outros.

Percebi isso enquanto seguia a trilhazinha de cascalhos. Tudo estava meio sujo porque o mau tempo dos últimos meses não permitira que se cuidassem das coisas como deveriam ser cuidadas, ou com o zelo que meu marido tinha em vida. Apesar disso, as lápides estavam limpas e livres da poeira. Ajoelhei-me para orar, invocando seus rostos em minha mente, quando percebi que, sobre o mármore que guardava Theodoro, havia um único botão de rosa branca, ainda fresco do orvalho matutino e de pétalas tão sedosas quanto fora a pele de meu filho. Era uma oferenda delicada e não ousei tocá-la.

Voltei para casa pensando nisso e, durante os dias seguintes, havia sempre uma rosa branca, pura e recém-colhida, sobre a lápide de Théo. Todas as manhãs, estava a rosa lá e tão igual à anterior que parecia sempre o mesmo eterno botão. Curiosa, passei a ir conferi-la, mal o sol raiava no horizonte; mas as flores sempre me antecediam.

— Deixe de sonhos, mãe — disse Ariana, quando lhe contei sobre as rosas. — Theodoro tinha muitos amigos. Na cidade, sempre ouço seu nome. Vai ver é algum dos seus doentes que está lhe pagando alguma promessa.

Numa dessas alvoradas, quase pude ver o autor das oferendas. Mal as primeiras luzes do dia clareavam o céu, arrastei-me para a pequena necrópole e, antes que eu chegasse perto o bastante, pude ver um vulto a perder-se entre as sebes do caminho. Quase pego em suas preces, o fantasma escapava-se para os lados da praia, mas deixara sobre a lápide a eterna rosa alva. Vendo aquela sombra perder-se entre as sombras, pude perceber uma certa familiaridade nos seus passos leves e rápidos e no seu jeito de quase não ser; e compreendi que encontrava Amparo, a muda, depois de meses de sumiço. Tentei chamá-la, mas em vão. O vulto perdeu-se nos caminhos e não olhou para trás uma única vez.

Doeu-me que vivesse tão perto da casa, provavelmente em algum canto dos matos que ladeavam a estrada, e que não voltasse para nós. Não voltava porque, desde que meu filho se fora, havia perdido sua verdadeira morada, já que vivia era na luz dos olhos dele. Em casa, passei muitas noites a conjecturar sobre sua vida solitária. Imaginei-lhe os dias a vagar pelo mundo, cheirando os ventos e confabulando com os espíritos, como fizera com Théo; e imaginei-lhe as noites pobres e cheias do vazio dos amores perdidos. Amparo trocara o chão dos nossos corredores pelo mármore do jazigo de meu filho, e fazia como outrora: dormia ali sem medo do escuro e sem se importar com os ventos do relento. Dormia ali a esperar que, em alguma daquelas horas mortas, viesse ter com ela o seu menino dourado; e então a terra se abriria e a pedra lhe daria espaço, rangendo com seus sons de pedra de sepulcro, e ela poderia enfim ser engolida pela eternidade para perder-se por todo o sempre pelos mesmos caminhos que trilhava Theodoro.

Nada disse a Ariana sobre essas minhas certezas, pois me pareceu claro que Amparo não queria voltar. Deixei-a livre para viver sua solidão e não mais atrapalhei suas madrugadas; pelo contrário, passei a visitar o cemitério durante a tarde, para que a rapariga tivesse tempo de sobra para confabular com Théo e velar a sua alma. Tenho para mim que até hoje vive perdida nesses matos, porque as rosas brancas nunca faltam e, se não lhe ouvimos o lamento, é porque chora com o espírito. Arrisco-me a mais, pois acho que Amparo ainda viverá muitos anos a guardar os restos do meu filho e, no dia em que morrer, na idade avançada com que morrem os índios, haverá de fazê-lo sobre a lápide de Théo, para que a alma dele possa encontrá-la sem demora, esperando-o ansiosa nas portas dos mundos.

ENQUANTO EU ME PERDIA NOS mistérios de Amparo, Ariana amanhava apaixonados. Sua beleza brotava sem nenhuma cautela, atijando o verde de seus olhos de esmeralda e alongando suas pernas, torneando-as com perfeição extrema. Meses após a morte de Théo e de Inácio, minha filha Ariana completou dezesseis anos e era já mulher em cada centímetro de seu ser. Foi um aniversário sem comemorações, mas a beleza da menina, como se desdenhasse as tristezas desse mundo, começou a brilhar com redobrada força.

Minha filha era de uma perfeição sem artifícios, os cabelos soltos e leves lhe caíam pelas costas em cascatas escuras, os seus vestidos mal disfarçavam o encanto de seu corpo rijo e magro. Tinha um jeito de ser e não ser, sorrindo apenas por modéstia, vendo os outros por pena e falando-lhes qualquer agrado vão com sua voz macia e clara. De mim, estava distante demais. Tínhamos poucas coisas em comum e nossas conversas geralmente acabavam antes do meio da refeição. Eram tristes momentos em que sentíamos falta de Théo e de suas histórias mágicas, e da fala mansa e cotidiana de Inácio. Por vezes, Ariana acordava com a língua desatada e punha-se a falar sobre todas as coisas, os amigos da cidade, as aulas de espanhol, a vontade que tinha de viajar. herdara do sangue paterno a ambição de correr o mundo. Eu lhe estranhava os desejos.

— Engraçado — disse muitas vezes —, eu nunca quis partir daqui.

Ariana me dava sempre a mesma resposta:

— Somos muito diferentes, mamãe. Nisso e em tudo o mais.

Era mesmo verdade e eu não conseguia evitar que isso me saltasse aos olhos. Ariana amara muito o pai e, mesmo sem entender os hábitos loucos do irmão, tivera por ele um grande carinho, pois Théo a ensinara a sonhar. Quanto a nós, éramos quase estranhas, e isso desde a gestação. Nunca pude me esquecer dos enjôos que me causara; sua carne nunca acomodou-se à minha. Não nego meu grande amor por minha filha, é claro, embora tenha sido desde sempre criatura fugidia e silenciosa, avara de qualquer pensamento seu, e que sempre me escapou aos carinhos inventando alguma desculpa para desaparecer por muitas horas. Tenho que acrescentar que fui uma mãe por demais ausente com Ariana, a dor daquela perda me consumia inteira. Talvez minha filha tenha mesmo aproveitado aqueles dias para fugir de meu amor para sempre e sem volta.

MEU MUNDO DESATARA-SE feito um nó mal amarrado, e eu mergulhei dentro de mim, tentando reaver alguma magia daqueles dias perdidos em que eu fora feliz. Sentia falta de meu marido e a cama fria das madrugadas me causava um pranto de horas. Sentia falta de Théo e de Amparo, e de suas incursões pelos quartos e pelos mundos do além, donde voltavam cheios de previsões de sol e de chuva. Até mesmo as gentes que vinham ver meu filho e sorver-lhe os chás me deixavam nostálgica e, durante muitas tardes,



plantei-me na varanda esperando que chegassem, que tudo aquilo tivesse sido apenas um sonho mau.

Biela, que por esses tempos era uma moça de cabelos cor de ferrugem e voz desafinada, vinha muitas vezes me chamar para que eu tomasse um chá ou comesse qualquer coisa porque ia virar um fiapo, ah se ia, e a pobrezinha da Ariana iria ficar até mesmo sem a mãe.

— Entre — pedia. — Venha descansar, dona Laila. O calor está forte aí na rua.

Eu queria perguntar-lhe se eles não viriam, com seus passos lentos e suas esperanças, pedir uma xícara de chá e uma reza. Mas sabia que se acabara o sonho. Sem coragem, deixava a moça guiar-me para o quarto, onde ela me tirava as sandálias e fingia acreditar-me dormindo, para então escapar para a cozinha.

Eram tardes solitárias e quentes; lá fora nada parecia alterar-se no mundo. Dentro da casa, eu vagava pelos quartos esquecidos em busca de qualquer recordação, e não houve canto da alcova de meu filho que eu não tivesse virado e tornado a virar, mas nada disso me desafogou da saudade. Querendo sentir Théo perto de mim, passei a usar, pendurada a uma correntinha, a chave de prata do quarto de minha mãe, chave essa que passara do pescoço de meu pai para o pescoço de meu filho e que agora, infelizmente, estava comigo. Para aplacar o vazio de meus pensamentos, também articulei o artifício de conversar com Inácio. Dizia-lhe do calor de quase quarenta graus e da minha falta de vontade de ir até a praia buscar algum frescor, dizia-lhe das fugas de Ariana, que andava sempre na cidade. Contava-lhe tudo: a vaziez dos dias, o novo capataz que viera pôr tento nas coisas que ele deixara inacabadas, o medo que me nascera de dormir no escuro e sem a sua companhia.

Pois tanto disse que Inácio acabou por escutar os meus quebrantos e, numa manhãzinha qualquer de meados de fevereiro, acordei-me com seus risos cálidos e com a sombra indefinida de seu rosto amado. Na minha frente, misturado à luz do amanhecer, estava meu marido. E tão calmo e tão igual em seus traços simples, que me pareceu que nunca se fora, que não havia morrido. Seu olhar calmo e sereno era como um sonho bom, e meu coração moribundo quase cedeu ao impulso de morrer.

— Não me faça uma coisa dessas — disse ele.

— Você pensa que está fácil por aqui? — perguntei, ansiosa. — Quero morrer e pronto. Você se foi, quero segui-lo.

A voz dele invadia minhas entranhas, enquanto eu o observava, o coração aos pulos, percebendo que a luminosidade trespassava-lhe os poros como se seu corpo fosse instável, assim como o corpo de um fantasma.

— Você não morre ainda — disse Inácio, sorrindo. — Falta muito, Laila. Mas venho ver você. Prometo.

Depois, antes que eu pudesse responder, sumiu entre as dobras da cortina, desaparecendo para o mesmo lugar de onde viera.

A partir daquele dia, em muitas alvoradas pude tê-lo ao meu lado. Vinha sem avisos, ao sabor de seus

desejos de morto, e ficava por alguns instantes. Eu sempre o pressentia como uma agitação celular, chegando, atravessando a porta dos mundos, e então abria os meus olhos para vê-lo materializar-se à minha frente, tão belo como em seus vinte anos. Conversávamos sobre tudo, sobre Ariana e seu temperamento indócil, sobre a casa que andava mal-cuidada e que ele desejava ver bela como antes, já que mantê-la foi seu trabalho de uma vida inteira. Também falávamos de amor, das nossas primeiras madrugadas, quando eu fugia para vê-lo e ele me esperava com a alma por um fio. Era um amor de espírito e perene como o tempo. Afinal, a impropriedade da morte não nos separara de todo.

AS DESCRIÇÕES SOBRE a beleza de Ariana ultrapassaram os limites da cidade, e chegavam muitas cartas de longe, endereçadas por rapazes e homens que lhe pediam uma foto ou uma promessa vaga de amor. Mas Ariana era-lhes indiferente, o que me causava um certo alívio. Ansiosa, minha filha queria mais e mais da vida, ela queria o mundo. Ariana era dissimulada e ambiciosa, aceitava os elogios, beijou um ou dois colegas que lhe pareceram belos ou mais inteligentes que os demais, mas tudo isso era pouco. Nem bem recebia um presente, virava-se e tornava a seguir o seu caminho solitário, sonhando com riquezas e viagens e com um homem petulante o suficiente para dobrar-lhe a vontade de ferro que tinha para dominar as almas alheias. Com sua beleza e seu gênio difícil, tinha poucas amigas. Uma ou duas moças andavam com ela, mas apenas para abocanhar as sobras de tantos apaixonados que Ariana renegava sem pudor.

A cada par de dias, aparecia alguém para espiá-la em sua beleza, dizendo que ouvira boatos sobre seu rosto de musa e sobre seus modos de andar feito rainha. Ariana recebia-os na varanda de nossa casa e, como se fosse uma Helena, aceitava-lhes os presentes e corava aos seus elogios. Assim, cada homem que chegava tentava saber quem fora o último a vir conhecê-la, o que lhe dera e o que ouvira; então, querendo ser o autor da proeza de enamorar a rapariga, tratava de chegar à visita com um presente melhor do que o trazido pelo pretendente anterior. E assim se ia Ariana, colecionando presentes que já abarrotavam muitas peças da casa, e meu pai nunca poderia ter imaginado que essa seria a serventia de suas salas inúteis.

— Por que você os aceita, minha filha? — perguntei muitas vezes, referindo-me aos presentes que guardava para nunca mais olhar.

Ariana dava de ombros.

— Eles me dão, eu os aceito — dizia.

E sumia-se pela casa. O que Ariana não notava, cega de amor-próprio, era que a competição que alimentava só fazia torná-la mais ambiciosa e triste. Nada nunca lhe bastava, porque queria sempre mais.

Muitas das amigas que teve acabaram namoradas dos seus pretendentes rejeitados que, sofrendo por seu amor não correspondido, iam buscar consolo em braços menos belos e mais acessíveis. Vivia magnífica em sua solidão de cristal, esperando a chegada de algo que não sabia antever, mas que certamente viria.

ALAN DE CAJARDOS caiu de amores por Ariana antes mesmo de conhecê-la, estranheza que sua alma de poeta permitiu, porque aos poetas nenhum assunto de amor é impossível. Alan de Cajardos era um rapaz de vinte e quatro anos, alto e apaixonado pela vida. Tinha uma voz de cantor e falava melodiosamente sobre tudo; era estudado, amável, arrebatado e sonhador. Era belo e de traços delicados; tinha olhos de um azul cor de céu, cabelos escuros e pestanas longas como as pestanas de uma mulher. Possuía dinheiro de família e um sobrenome que lhe abria muitas portas, as quais preferia quase sempre manter fechadas. Advogado de profissão, artista por sina, Alan de Cajardos tinha com o pai um trato folgado: trabalhava seis meses na direção do frigorífico que tinham em Barcelona e o resto do ano passava vagando pelo mundo, em parte para lavar da alma a chacina que acompanhava diariamente no grande estabelecimento, em parte para desvendar a poesia que se escondia atrás de outros entardeceres que não o da sua bela cidade.

Para Alan, Barcelona era um local de contrastes, uma cidade histórica e cheia de vida. Incrustada na região da Catalunha, Barcelona era habitada por um povo musical e alegre que vagava pelas ruas estreitas do Bairro Gótico e que vivia aglomerado nos cafés, conversando nas mesas de rua, caminhando pelas pequenas galerias e rezando em suas belas catedrais. Havia lá uma mistura de luzes que alegrava sua alma de poeta; mas Alan era também um inquieto e por isso viajava tanto.

Era a sua parte do ano para ser feliz, e Alan de Cajardos viera para o Brasil conhecer o Rio de Janeiro, os santos da Bahia e os arranha-céus da grande cidade de São Paulo. Perguntaram-lhe mais tarde, e Alan não soube responder, em qual desses lugares haviam lhe contado sobre a moça chamada Ariana Montério; mas ele se recordava muito bem que, logo à primeira descrição dos atributos que a faziam mais bela que qualquer outra mulher, sentira-se tomado de um amor sem volta. Assim, sonhando noite e dia com um rosto mágico e desconhecido, viera dar por essas bandas, sem desejo mais profundo do que contemplar minha linda filha, e depois, livre da inquietação de tentar adivinhá-la, voltar para as matanças do frigorífico de sua família.

Em Brisas do Paraíso, instalou-se no pequeno hotel de janelas azuis, tendo a vista da praça ardente pelo sol do meio-dia como único divertimento de turista. Lavado e refeito da viagem calorenta, Alan de Cajardos tratou de saber onde andava a tal moça que o fizera arredar pé de seu itinerário e, na recepção, depois de se explicar num português precário, foi informado entre sorrisos por um velho senhor de

olhares estrábicos que Ariana aparecia todas as tardes.

— Vai à confeitaria ou à praça — disse o velho, mostrando a dentadura gasta e amarelada. E explicou: — Nessa terra não há muito o que se fazer. Mas, com esse calor, ela pode estar se refrescando pela praia.

Um pouco mais tarde, Alan de Cajardos instalou-se na última mesa da confeitaria onde tinha ampla visão do pequeno estabelecimento. Era um lugar simples onde se distribuía cerca de dez mesas redondas. Além do balcão de doces, havia ainda um recanto onde alguns cartazes anunciavam os filmes que estavam sendo exibidos no cinema contíguo. Alan, depois de pedir um sorvete, distraiu-se tentando decifrar o português impresso nos anúncios cinematográficos.

Não demorou muito para que um burburinho de vozes femininas invadisse o lugar e que Ariana entrasse, alta e bela feito uma aparição. Nem parecia ser desse mundo nem o calor afetava algo de sua beleza, pensou Alan, enquanto ela flanava pelo lugar, escolhendo uma mesa que lhe agradasse. Mal Alan de Cajardos viu minha filha, foi tomado de um amor profundo que, feito uma onda, afogou-o sem qualquer piedade. Achou-a suave, vestida com sua saia de linha e sua camisa cavada que deixava entrever as rendas finas de sua roupa íntima. Viu que tinha olhos da cor de selva e a boca rubra feito os morangos que a mãe lhe trazia da feira quando era menino. Percebeu que piscava muito lentamente e que suas pupilas ardiam feito estrelas, como se ela fotografasse o mundo a cada olhar que deitava.

Alan de Cajardos não percebeu que seu sorvete derretia na taça; ficou ali, pasmo, atingido por um amor de perdição muito mais profundo do que qualquer outra coisa que houvesse sentido antes.

— Não era curiosidade — resmungou de si para si, lembrando-se da ânsia que o fizera vir até ali —, era destino.

A garçonete tratou de postar-se à frente do rapaz, espantada com sua beleza e vendo a displicência com que ele deixava derreter o sorvete de creme. Ouvia-o resmungar feito um demente e quis saber o que ele tinha dito.

— Nada — respondeu Alan com seu sotaque espanhol. — É que não é sempre que se vê a essência da poesia — e olhando para Ariana, continuou: — dentro dos olhos de alguém..

A garçonete, confusa e levemente enciumada, voltou para o seu lugar, e o poeta Alan ficou ali, mergulhado nas feições de minha Ariana, na clareza única de seus gestos, na graça de suas mãos bem talhadas que seguravam a colher, na curva única de seus joelhos, bem unidos sob o esconderijo da mesa.

Enquanto Alan se perdia decifrando-a, minha filha percebeu a sua presença e soube, como sabia desde sempre, que ele estava ali por causa dela. Era por ela aquele olhar vago, belo olhar azulado que se perdia no nada; era por ela aquela palidez momentânea que salientava a classe do seu rosto masculino. Vendo-o, Ariana sentiu uma pontada de afeição, mas tratou logo de afastá-la de sua mente enquanto não pudesse saber de onde ele vinha, se lhe trazia algo e o que, se era esperto, sábio ou viajado, se falava muitos idiomas ou conhecia as estrelas.

ALAN DE CAJARDOS NÃO falou com Ariana nem naquela tarde nem em muitas outras. Saiu pela cidade, cantarolando suas frases em espanhol, perguntando coisas sobre ela, se era boa e se era doce. De tantas conversas, com seu gênio afável e sua fala mansa, Alan de Cajardos fez alguns amigos e amealhou simpatias. Soube de muitas bocas que minha filha era assediada por vários pretendentes que já lhe haviam dado de tudo. Eram jóias e vestidos, animais de estimação e perfumes, eram livros, móveis e rosas.

— E poemas? — perguntou o rapaz.

— Poemas ninguém lhe deu — respondeu o outro.

Assim, Alan de Cajardos pôs-se a escrever poemas. Mandou um telegrama para seus pais dizendo que se apaixonara e que só voltava para a Espanha de braços dados com a sua eleita. Depois disso, sentou-se em busca de rimas e derramou-se inteiro nos poemas. Não comia nem dormia, apenas escrevia poesias, toda a sorte delas. Escrevia versos em folhas de papel e escrevia versos nas paredes de seu quarto. Quanto mais pensava em Ariana, mais brotavam rimas de sua alma, e ele enveredou-se pelos caminhos de sua beleza, desesperado de amor, dissecando-a em palavras e versos e em noites inteiras de inspiração.

Logo toda a cidade soube que o espanhol de olhos azuis trancara-se em seu quarto de pensão apenas para escrever versos para minha filha. Eram versos pequenos e grandes, que ele lia às carreiras para quem quisesse ouvir, com os olhos mareados de amor e com uma voz macia que adulava os ouvidos de todos. Certa tarde, sentindo-se sufocado pelas quatro paredes do quarto, Alan escreveu suas rimas com giz sobre a calçada onde Ariana haveria de passar. A notícia desse feito alastrou-se e a cidade inteira acorreu àquela rua para ver as rimas do poeta espanhol que se perdera de amores por minha filha, a rapariga mais bela do mundo. Depois disso, Alan de Cajardos pagou um molecote para que levasse as poesias para Ariana, e vinha ele correndo as duas horas de estrada com a folha de papel balançando ao vento, cheia de rimas recém-inventadas. Alan também subornou as meninas da confeitaria, e colocava seus versos entre os doces que Ariana pedia. Foi um festival de amor que durou por muitos meses.

Nossa casa encheu-se de rimas em espanhol, e eu amei o poeta antes mesmo de conhecê-lo. Seus versos eram tão belos que toda a cidade esperava ansiosamente para lê-los, decifrando os volteios do idioma com a alma presa por um suspiro. Dizia-se que seus poemas estavam escritos num muro e todos corriam para lá; na manhã seguinte andavam pregados nas portas da igreja e lá se ia o pessoal. Era uma rotina de correr atrás das poesias de Alan, e a cidade pegou gosto pela coisa. Logo, todas as moças de Brisas haviam-se enamorado do jovem espanhol de olhos azuis celestes que escrevia os mais belos

versos de amor que já se tivera notícia.

— Você pode ganhar muito dinheiro com eles, menino — disse certa vez o velho senhor da recepção.

Alan sorriu-lhe com carinho. Não queria dinheiro.

— Quero somente o amor de Ariana — disse ele.

— Isso é bem mais difícil — retrucou o homem, tristemente.

— Por quê? — perguntou Alan de Cajardos.

— Não é culpa sua, poeta — disse o velho, sinceramente. — É ela que não sabe amar.

TANTO DESVELO EM AMAR acabou consumindo o jovem Alan. De tanto escrever, sem viver de tanto ardor, mal alimentado e insone, o moço foi ficando cansado e fraco. O azul límpido de seus olhos anuviou-se; ele adquiriu uma palidez romântica e emagreceu a olhos vistos. Em pouco tempo, as pessoas pediam que se alimentasse, que dormisse as horas certas do sono, que tomasse leite e comesse carne, que não se afogasse em amores. Mas Alan de Cajardos queria apenas a resposta de Ariana, queria vê-la na sua frente em carne e alma.

— Primeiro ela diz se me ama — falou ele, os olhos insanos. — Depois como, durmo e volto à vida.

Enquanto o jovem Cajardos se desfazia em poemas, Ariana, por sua vez, lia cada palavra que ele lhe escrevia. Escondida, foi várias vezes até os lugares onde lhe diziam estarem as rimas e lia-as com avidez, os olhos marcados; achava mesmo que o espanhol era a língua para os ditos de amor. Leu os versos nas calçadas e os versos pregados nos postes, leu os versos sujos de merengue e as rimas suadas pelas mãos do menino mensageiro. Ariana chegou mesmo a esperar pelos versos, mas, quando percebeu que amolecia o seu coração, foi tomada de tal pânico que, sem pensar muito bem, rabiscou umas palavras numa folha de papel e mandou-as para Alan nas mãos do mesmo menino que lhe viera trazer sua mais recente poesia.

O moleque compreendeu que levava nas mãos o segredo para uma guinada na história daquele amor de domínio público, e correu como nunca, levantando a poeira pelo caminho. Na cidade, foi ao hotel e, chegando à recepção, olhou a meia dúzia de velhos que falavam amenidades. Tomou ar e gritou, sacudindo o papel que tinha entre as mãos:

— Chamem o poeta. Ariana mandou-lhe a resposta.

Foi um estardalhaço. Gritaram daqui e gritaram de lá, até que surgiu o vulto pálido e belo de Alan, vindo do jardim, onde rabiscava outras rimas nas lajotas rosadas do chão. Alan de Cajardos tomou o papel entre seus dedos e, consciente dos muitos olhares que se pregavam em seu rosto, leu em voz alta o que dizia a letra redonda e elegante que se derramava pelas linhas:

*“Não amo você. Vá embora.  
Ariana”*

A voz macia e cantante de Alan de Cajardos espalhou-se pelo ambiente feito um vento de chuva. Um velho ameaçou passar mal, outros dois começaram a chorar. Alan permaneceu altaneiro e distante, os olhos vazios de qualquer calor, enquanto o homem da recepção abraçava-o e dizia, numa voz de consolar as crianças:

— Eu lhe avisei. O coração dela é de pedra.

Mas ele não pôde ouvi-lo. Enfiou no bolso o bilhete de Ariana e, tomado de uma súbita decisão, resolveu procurar sua amada.

NO VAGAR DE SUA TRISTEZA, Alan de Cajardos gastou quatro horas para chegar aqui, e veio a pé. Atravessou a porteira quando o sol começava a cair no horizonte; bateu à nossa porta com as últimas forças que possuía. Ariana, da janela de seu quarto, viu quando o vulto suave surgiu entre as árvores e espiou seu caminhar lento, a dança triste de seus passos, enquanto ele avançava até a casa. Vendo-o, Ariana sentiu-se subitamente arrependida, mas teve medo de falar-lhe e de cair, sem volta, na teia de um amor inesperado. Trancou-se a chave em seu quarto e, deitada na cama, ficou esperando que viessem chamá-la, dizendo que estava lá o poeta cujo amor ela renegara sem qualquer compaixão. Talvez chorasse, de solidão ou arrependimento, mas isso é coisa que nunca hei de saber com certeza.

Alan de Cajardos entrou em minha casa com uns olhos de tristeza que se arregalavam por qualquer coisa, e pediu-me que intercedesse por ele. Disse que era rico, bom de alma e apaixonado, que vivia bem e podia fazer minha filha feliz, caso Ariana o deixasse amá-la um tantinho que fosse. Depois, exausto do sofrimento e da caminhada, atirou-se numa poltrona e ficou ali, esperando, enquanto torcia e destorcia seus longos dedos de artista. Enquanto ele esperava na sala, fui ter com minha filha. Ariana gritou-me de trás da porta chaveada que não queria vê-lo.

— Diga-lhe que se vá — pediu ela numa voz abafada.

— Fale com ele, Ariana — insisti.

Ela destrancou a porta e, por uma frestinha de nada, meteu seus grandes olhos de floresta, que pareciam agitados por um temporal, e disse:

— Não, mãe. E nem me pergunte o porquê, pois nem eu tenho a resposta.

Depois, fechou-se em seu quarto novamente e não desceu para o jantar. Retornei à sala; Alan de Cajardos ouviu minhas palavras sem argumentar. Vi que, à medida que eu falava, seu rosto bonito ia ganhando uma palidez cada vez maior, mas ele se manteve sério, os olhos levemente umedecidos de choro contido, a voz modulada e gentil. Quando acabei minhas desculpas sinceras, tomou-me pela mão e disse:

— É pena que ela não me queira, dona Laila. Esse amor que tenho por sua filha é tão grande que haveria de alimentar a nós dois.

Depois sumiu-se pela noite, sem saber que seu amor era ainda muito maior do que me dissera, e muito mais perene também.

ALAN SAIU TROPEÇANDO no escuro de tristeza e desconsolo, depois tomou o rumo da estrada e seguiu sem modificar o ritmo de sua caminhada. Foi olhando o céu, que achou muito bonito e estrelado, depois sentiu o cheiro fresco de mato e de terra e encheu seus pulmões com esse ar. Mesmo desatinado, os olhos febris, ainda assim foi tomado de uma estranha rima para sua amada Ariana e, ali no escuro da noite, puxou uma folha do bolso da calça e uma caneta do bolso da camisa. Sentou-se no meio da estrada e rabiscou rapidamente o último de seus poemas.

Alan seguiu seu caminho por mais algum tempo, até que numa curva da estrada viu uma árvore forte e retorcida, boa o bastante para segurar um morto de amor. Então rasgou em tiras o pano de sua camisa, fez com elas uma corda e enforcou-se sem piedade nem de si mesmo.

E foi assim que o nosso caseiro encontrou-o na manhã seguinte: tão belo como chegara, mais magro e tingido pela palidez da morte, mas com os olhos azuis estalados em azul, imóveis feito duas estrelas e vidrados no nada. O pobre homem nunca em seus sessenta anos vira um morto pendurado numa árvore, mas se encantou com aquele rapaz e não teve medo de desatar seu corpo e de ampará-lo no ar para que não se sujasse de terra. Depois, ajeitou-o na carroça e voltou pelo mesmo caminho de onde viera, rezando uma prece para aquela alma que partira por uma coisa tão fugaz feito o amor.

Quando vi Alan de Cajardos estendido sobre a mesa de minha cozinha, percebi que não era muito mais velho que meu menino Theodoro e que tinha algo de sua bondade. Chorei um pouco; a dignidade do morto era tanta que sequei minhas lágrimas de pena e as substituí por umas falas de elogio. Embora fosse um desperdício de morte, Alan de Cajardos merecia respeito e afeto. Olhando-o, duro e frio em sua singeleza, podia-se achar alguma razão naquela morte trágica e estranha: Alan fora um poeta, e como tal nunca soubera viver pela metade. Tive pena que não tivesse esperado mais um pouco, pois haveria de



encontrar muitos amores no caminho da sua vida, mas tomei tento das coisas e o lavei com leite de rosas e penteei seus cabelos desalinhados de sofrimento para que estivesse composto no seu próprio velório. Quando acabei tudo, pedi ao caseiro:

— Vá até a cidade e tente avisar a família desse rapaz, eles precisam tomar conhecimento dessa tragédia.

Uma hora mais tarde, enquanto Alan de Cajardos jazia em minha casa, a cidade não falava de outra coisa. Achou-se um com coragem suficiente para revirar as coisas do morto e buscar o telefone de sua família. Achou-se outro que falava um bom espanhol e que ligou para Barcelona apenas para ouvir que o casal Cajardos havia viajado.

— Para onde? — perguntou o homem.

E a voz do outro lado respondeu:

— Para o Brasil.

ARIANA ENCONTROU O CORPO de Alan de Cajardos como quem se encontrava com a própria Morte. De tão pálida e apavorada, sua beleza de ninfa chegou a esmaecer e, por uns momentos, a rapariga ostentou a mesma cor do defunto. Ariana chorou, desmaiou e voltou a si, tomada de um remorso absoluto.

— Eu não queria que ele morresse — dizia sem parar.

— E por que não o escutou, filha? — perguntei a um certo tempo.

Ela me olhou com seus grandes olhos de maré e disse:

— Porque eu não sabia que ele iria se matar.

— Ninguém sabia, minha filha.

E Ariana nunca se sentiu tão pobre, vaga e triste. Queria reavivar a luz dos olhos de Alan, queria outra vez seus poemas, queria não temer o amor como temia. Depois, trancada em seu quarto, chorou por muitas horas.

Desceu no meio da tarde, quando a casa já estava cheia de pessoas da cidade. Parecia-me, apatetada no meio da multidão que aprendera a amar o poeta, que um velório se sucedia a outro e que todos os mortos da cidade iam dar à minha porta. Outra vez as velas brancas e compridas, outra vez os móveis da grande sala arredados, o cheiro de incenso e as lágrimas de despedida. Outra vez as vozes veladas que se calavam à minha passagem.

Minha filha surgiu como um fantasma, os olhos marcados pelo pranto, a beleza arranhada muito de leve. Quase não descera, temerosa das falas alheias, da raiva das pessoas que haveriam de culpá-la pelo desespero de Alan de Cajardos. Mas tomou fôlego e fez-se corajosa, atravessando a sala com os olhos

úmidos e indo postar-se perto do morto, onde chorou umas lágrimas sinceras de dor e de arrependimento.

Quando o relógio badalou nove horas da noite, alguém me lembrou de dar um jeito na vida. O que se faria com o poeta, se era estrangeiro? Haviam de enterrá-lo ainda durante a noite que era clara e fresca? O dono do hotel surgiu do fundo da sala, o rosto vermelho e triste, e disse o que sabia sobre os pais de Alan de Cajardos. Estavam vindo para o Brasil.

— Mas quando chegam e para onde vão? — eu quis saber. — O país é muito grande, e os mortos não podem ficar assim, esperando por sepultura indefinidamente.

O homem deu de ombros; aquilo era só o que sabia dizer. Eu olhei para Alan, estendido sobre a mesa coberta de linho, em sua pose tranqüila e honesta.

— Esperamos até amanhã ao meio-dia — disse eu. — Depois o enterramos aqui mesmo, no cemiteriozinho da família.

GUIADOS PELO TINO DE SEUS corações, os pais de Alan estavam à minha porta no alvorecer da manhã seguinte. Cansados de receber apenas umas cartas alucinadas, onde o filho só sabia falar daquele seu amor de pânico, os dois tomaram um avião, depois alugaram um carro e, subindo por aqui e descendo por ali sem mais ordem do que a de seus corações angustiados, acabaram em Brisas do Paraíso; e então bastou uma palavra para que encontrassem a minha casa.

Por um desses volteios do destino, encontraram, sentada na varanda apreciando o amanhecer, a bela e insone Ariana que, de tanto enxergar o rosto do pobre Alan de Cajardos, fugira de sua cama fria. Perseguida pelos grandes olhos azuis do morto, minha filha não dormira um único instante, mas se revirara em busca de algum consolo que, finalmente, ao nascer do dia, não encontrou. Daquela noite em diante, Ariana se veria envolta no pesadelo da presença constante de Alan, triste e incansável, com grossas lágrimas cor de sangue a escorrer de seus olhos azuis. Entrara em sua alma e sussurrava nos seus ouvidos as rimas que o perseguiam pela morte afora feito moscas.

Não foi preciso nenhuma palavra para que os Cajardos compreendessem: estava ali o motivo dos pavores de Alan. A rapariga tinha uma beleza agoniante e, mesmo lívida de susto, ainda assim era inesquecível. A mãe de Alan, alta e magra, enfiada num costume azul-pálido, falou num espanhol elegante que buscava o corpo do filho que se matara de amor. Foi tudo muito rápido e como num sonho; Alan de Cajardos foi acomodado num esquife e vi pela última vez seu rosto molhado pelas lágrimas da mãe, suave e delicado, enquanto se baixava a tampa de madeira escura. Depois de poucas palavras vazias — não havia muito o que dizer — os pais de Alan acomodaram-se no carro, deram um longo olhar para Ariana e tomaram o rumo da estrada. Durante as últimas manobras, ainda arrisquei um espanhol enrolado

e disse:

— Vão em paz. Eu também conheço a dor de perder um filho.

A mulher olhou-me com uns olhos castanhos e tristes, esboçou um sorriso e desapareceu para sempre, engolida pelos caminhos do mundo.

DEPOIS DISSO, ARIANA não teve mais paz. Passou a deambular pela casa com ares de sonâmbula, mais magra e perdida numa teia de arrependimento e medo. O brilho de seus olhos de jade amainou-se, tudo porque o morto não lhe abandonava os pensamentos.

Suas noites eram preenchidas com imagens de Alan a vagar feito sombra pela casa. Muitas vezes, acordava tendo o vulto do poeta à sua cabeceira, zelando por seu sono com a dedicação de morto apaixonado. Ariana passou a sentir-lhe a presença e a ouvir a voz dele tamborilando em sua mente feito um sino de missa dominical. Houve momentos em que sentiu sua respiração muito tênue a lamber-lhe o pescoço e então desatava a chorar. Em pouco tempo, passou a ter sobressaltos a cada vez que alguém se aproximava.

— Nem a morte livrou Alan de sua paixão — era o dito que mais se ouvia na cidade quando comentavam os novos pavores de Ariana.

Uns diziam que a moça andava tonteando da cabeça; outros, que era bem-feito, por tantos sofrimentos que causara e por tamanha beleza.

— Isso é olho, dona Laila — sentenciou Biela, calmamente, depois de presenciar um ataque de choro de Ariana.

— Você acha? — quis saber.

Biela garantiu que só podia ser coisa do gênero. Faltava mesmo era a presença de Theodoro.

— Ele sim — disse ela muito séria — dava um fim nesse sofrimento.

Minha filha não encontrava sossego em lugar algum. Na casa, tinha medo de topar com o morto; na cidade era malvista; ainda ninguém se esquecera da tragédia de amor recente e culpavam-na sem dó pelo suicídio do suave Alan de Cajardos. Ariana largou de vez suas poucas amigas e meteu-se num silêncio doentio. Temerosa da vida, apegou-se a mim como nunca antes e andava ao meu lado feito cão sem dono. Foram os tempos em que mais nos entendemos, porque, solitária, Ariana deixou baixar suas reservas e entregou-se sem medo ao meu amor. Eu deitava-lhe uns caldos goela abaixo para ver se ela recuperava as cores e o ânimo, fazia com que tomasse sol e andasse na praia. Ariana obedecia-me sem muito tino e,

muitos anos mais tarde, quando recordasse daqueles tempos estranhos, nada mais haveria de vir-lhe à cabeça do que imagens nebulosas e esbranquiçadas de noites maldormidas e de poemas sussurrados por uma voz sepulcral e muito antiga.

TALVEZ TENHA SIDO EM fins de abril de 1983 que Diego Saccaro apareceu por aqui. Após anos de ausência, os quais usara para fazer-se na vida, achou que tudo estava como antes, apenas um pouco mais velho e mais gasto. Partira cheio de sonhos e ilusões românticas, e voltara homem feito e assentado, ainda tão sonhador quanto outrora, mas mais sábio, de olhares mais profundos e com alguns fios grisalhos enfeitando as suas têmporas.

Diego Saccaro era um aquariano de trinta e seis anos, bronzeado pelo sol e de feições bem-feitas, olhos castanhos e boca carnuda. Como qualquer aquariano, era visionário, falante e inteligente; como qualquer homem feito, ambicionava amar, ter filhos e então criá-los à beira do seu mar de vinte tons de azul. Aprendera com a areia das praias caribenhas a ser invencível e tenaz, com o mar, a ser plácido e morno, e com o povo, a ser afável e corajoso. Quem sabe o que vivera na vida? Diego era discreto com suas lembranças, mas despretenso com seus carinhos. Era homem espontâneo e sincero, e fora essa sinceridade que o fizera amar Theodoro com tanta gana, que estava ali, de volta aos confins de onde saíra, apenas para rezar um pouco sobre o seu túmulo.

Na cidade, Diego alugou um carro e tomou o rumo de nossa casa. Longe havia anos, Diego Saccaro recordava-se de Ariana apenas como uma menina linda, que nascera quando ele ainda era um jovem residente mal saído dos vinte anos, e que vira algumas vezes depois disso, somente de passagem, nas tardes em que Inácio a levava consigo quando ia buscar Théo no hospital. Passara-se o tempo e a vida correria em seu curso estranho e certo; Diego amara, deixara de amar, casara uma vez e vira seu casamento tornar-se uma ilusão. Disposto a ser feliz novamente, levava a vida com o lema de que as coisas vinham na hora exata em que tinham de vir. Soube que a sua hora chegara quando pôs novamente seus olhos sobre Ariana Montério e viu que ela se tornara uma mulher única e indescritível.

Ariana estava sentada na pasmaceira das primeiras horas da tarde, com um livro aberto e esquecido sobre o colo, quando viu um automóvel negro subindo pelo caminho e manobrando em frente à casa. A porta do carro abriu-se, e de seu interior saltou um homem alto e de corpo esguio. Ela não reconheceu o jovem doutor que iniciara Théo no caminho das curas, porque daquilo lhe ficara na memória somente uma vagueza branca e um jeito de rir que parecia acordar a alegria dentro de cada pessoa. Acompanhou os passos do homem, seus olhares de reconhecimento e o tom caramelado de seus olhos oblíquos; quando ele se postou a sua frente escancarando a perfeita fileira de dentes alvos, alguma coisa se acendeu em sua

memória.

— Bom dia — disse Diego, sem disfarçar seu encanto.

Ariana respondeu num tom vago, vasculhava suas lembranças em busca daquele rosto conhecido. Diego Saccaro foi-se adiantando, subiu os degraus e adentrou a varanda que recendia aos jasmims brancos do jardim, dizendo-se o velho médico que ajudara Théo a descobrir seus talentos, porque sua mediunidade lhe viera já do ventre. Minha filha sorriu, e ele percebeu que seus olhos muito belos tinham algo de melancólico.

— Esse seu olhar não me era estranho mesmo — disse ela. — Mas se você desse uma risada, eu o teria reconhecido no mesmo instante. Seu riso ecoava pelo corredor do hospital.

Diego achou graça e, depois disso, puseram-se os dois numa conversa atilada e agradável sobre os velhos tempos de meninice, quando Theodoro contava histórias aos doentes, Diego tinha sonhos de curar a humanidade inteira e Ariana queria apenas brincar com as bonecas.

— E agora — indagou Diego Saccaro, reparando nas olheiras suaves que circundavam os olhos da moça e a vaga tristeza de seus modos —, o que aconteceu?

— As bonecas perderam a graça — disse minha filha, simplesmente. — E a vida também.

NAQUELA NOITE E ATÉ muito tarde, ficamos os três conversando. O jantar transcorrera de maneira agradável, e descobri que Diego Saccaro se tornara um homem galante e muito tranqüilo, que tinha dentro dos olhos uma luz semelhante à de meu filho morto. Falamos de tudo, dos tempos passados, das curas de Theodoro e do sumiço da estranha e mística Amparo; contei-lhe sobre as mortes, o incêndio criminoso que passara impune. A vida tinha sido como tinha de ser, traçada de modo arrevesado, imprevisível e nem sempre justa. Ariana ouviu tudo com surpreendente interesse, seus olhos buscaram muitas vezes o rosto de Diego, perdendo-se alguns instantes a navegar por seu perfil certo, como se ouvisse algo que lhe vinha de dentro.

Mais tarde, depois da meia-noite, Ariana levantou-se e avisou que ia dormir. A palidez de ultimamente instaurara-se em seu rosto como uma característica perene. Beijou Diego e a mim, enquanto eu a aconselhava a tomar um chá e que, qualquer coisa, me chamasse.

Ariana desapareceu porta adentro, e ficamos os dois observando as estrelas e o céu limpo. Era uma terra de noites claras. Diego contou-me das paragens que habitava agora: um lugar de areias alvas e peroladas onde o sol se decompunha em mil tons. Falou-me do mar e das gentes que lá viviam, afáveis e cheias de um passado poderoso e mágico. Depois, aos poucos, despencamos para a minha família: a falta que Theodoro nos fazia, as virtudes que exibira, seu desprendimento e facilidade em acessar os

espíritos que viviam sobre as nossas cabeças.

— Deve ter sido difícil para você, Laila — disse ele, olhando-me com sincera simpatia.

Sim, respondi, havia sido. Não havia palavras para contar-lhe com a profundidade necessária os meandros do meu sofrimento. Num só tempo, perdera filho e amor. E todos sabiam que sempre eu havia tido uma forte ligação com Theodoro. Ariana sempre fora diferente.

Diego Saccaro quis saber mais sobre minha filha e sua avidez não me escapou, embora eu nada mostrasse enquanto lhe contei sobre seu mau gênio, sua estranheza que a perfeição só fazia acentuar. Ariana era muito solitária e cultivava sua solidão com garra.

— É quase uma maldade ser tão bela como ela é — disse Diego, pensativo, num português arrastado e rouco que me confundiu. — Para ela e para os outros.

Ele tinha razão. Sorvendo o ar fresco da noite, olhou-me com seus olhos, onde a luz dançava sorrrateiramente, e quis saber o que havia com Ariana. Era estranha a sua tristeza, como a tristeza de uma viúva.

— As coisas são estranhas por aqui — disse eu. — Um lugar onde os mortos de amor passeiam durante as madrugadas.

Houve um tempo em que fora minha mãe a única a vagar por aqueles corredores labirínticos; depois viera Augusto, que a levava embora para um outro mundo onde, juntos, encontraram a paz. Mas tudo começou outra vez com a partida repentina de meu marido e de Théo.

— Não me leve a mal, Diego — pedi, sinceramente. — As coisas são mesmo loucas: encontro meu marido a cada amanhecer e prometo, juro, que isso não é um delírio.

Diego Saccaro permaneceu me olhando sem esboçar reação.

— E não é só isso — continuei. — Amparo matou-se em vida e vaga pelas praias escuras feito um fantasma qualquer.

— Tudo bem, Laila — disse ele —, mas e Ariana, que tem a ver com isso?

E contei-lhe então, enquanto ele tomava outra xícara de café dizendo não temer a insônia, a triste história do poeta Alan que, amando sem ser correspondido, matara-se depois da milésima poesia, e matara-se de tanto amar Ariana.

— Ela diz que Alan atormenta as suas noites. E não duvido.

Diego Saccaro correu os olhos pelo jardim. A noite derramava uma luz difusa sobre as plantas e o ruído dos insetos noturnos era calmo e acolhedor. No céu, a lua brilhava no auge de seu ciclo. Fechou os olhos e, num instante, sua mente foi tomada pelas feições suaves e simples de Theodoro quando ainda era um menino de dez anos, a voz começando a arranhar. Quando voltou a si, sorria. Suas feições pareciam muito serenas quando disse:

— Esse lugar não faz parte do mundo. Não há como duvidar das coisas que acontecem por aqui.

O DIA SEGUINTE AMANHECEU recoberto de nuvens. Enquanto Diego Saccaro ia visitar o cemitério, Ariana sumiu pelos caminhos da praia. Ele ainda pôde ver seu vulto entre as folhagens, a camisa sobre o maiô, recobrando seus contornos exatos; depois tomou o rumo do cercado. Lá, encontrou a lápide de Theodoro, onde a rosa branca, sobre a qual já ouvira falar, repousava placidamente. Diego correu os dedos pela fotografia ovalada, presa atrás da folha de vidro. Não era certo que os mortos ficassem assim, vendo o mundo através do nada com seus rostos congelados no tempo; mas Theodoro tinha alguma vivacidade dentro dos olhos apagados, e Diego chorou por muito tempo as saudades que tinha trancadas em seu peito.

A manhã ia alta quando ele chegou à praia. O dia estava estranho e pesado, de um calor viscoso e úmido. As nuvens iam tão baixas que pareciam roçar suavemente no mar esverdeado e pálido. Diego Saccaro andou pela praia deserta, sentia saudades do sol caribenho porque aquela neblina lhe ataçava as tristezas. Mas fora certo vir, fora certo encontrar Ariana moça e bela. Fez uns cálculos mentais e achou que ela devia estar por volta dos dezesseis, dezessete anos; recordou-a como a vira na noite anterior: distante, pálida e absolutamente perfeita. Não, Ariana não parecia ter qualquer idade; Ariana era atemporal, era mulher em toda a essência de sua alma e em todas as suas muitas contradições. Pensando-a, seu coração pareceu perder o ritmo, depois correu em desabalo dentro do peito. Agora que estava ali, havia algo que não podia negar: amava Ariana. E amá-la, com seus encantos e seus medos, era como andar num despenhadeiro.

— Mas o amor nunca é seguro — disse Diego para si mesmo, sua própria voz se perdendo no barulho suave do mar.

Depois saiu caminhando a passos largos, enterrando os pés na areia molhada.

DIEGO ESTAVA SENTADO havia muito tempo ali, pensando em várias coisas sem pensar em nada, quando a voz dela irrompeu a vagueza de seu raciocínio.

— Olá — disse Ariana, sorrindo.

Ele teve mais certeza ainda de que a amava. Amara-a desde sempre, desde que a vira ainda garotinha puxando o pai pela mão pelo corredor silencioso do hospital. Já naquele tempo havia algo dentro de seus olhos que era perdição e refúgio, que era o fim e o começo de tudo.

Diego Saccaro estendeu seu braço convidando-a a sentar-se, e ela se jogou na areia numa leveza rara. Era estranha, talvez por ser tão perfeita. E ele deixou-se ficar observando-a fechar os olhos e tornar a

abri-los, o verde louco de suas pupilas ardendo no dia apagado; e viu-a remexer-se na areia feito uma gata ou uma criança. Havia isso nela: um abismo de tudo.

— Você fica feliz aqui — disse ele — nessa praia.

— Fico feliz com você — respondeu Ariana. — E isso é coisa rara. Geralmente não gosto de estar com ninguém.

— Você não se sente à vontade com os outros, Ariana, porque eles não se sentem à vontade com você. É uma coisa recíproca.

Ela olhou-o com espanto. Disse que todos a adulavam, o que lhe causava susto e lhe despertava raiva. Mas ele não, ele tinha uma clareza em vê-la que ela poderia chorar ao lado dele sem sentir qualquer vergonha.

— É que sou médico — disse Diego Saccaro. — Médico de mentes e almas. Talvez seja por isso. — E, pensando um pouco, sorriu. Seus lábios eram surpreendentemente rosados.

— Qual é a graça?

— A graça é que eu amo você — disse Diego Saccaro, simplesmente.

— Muitos me amaram.

— Mas não como eu — continuou ele sem deixar de sorrir. — Não como eu, que posso perceber a sua crueldade e a sua timidez. Que posso vê-la mulher e criança, igual ao dia em que a vi chorando no hospital, enrolada numa manta clara, com poucos minutos de vida. Não como eu que posso vê-la fugindo de um morto e amante, e que posso vê-la sem vê-la, porque sei entrar em sua alma pela janela de seu olhar.

Ariana olhou-o com grandes olhos arregalados. Tensa, foi relaxando aos poucos, como uma criança pega em pleno delírio. Depois, remexeu-se na areia, enfiando os pés no solo. Quando tornou a olhar para Diego, era dona de si novamente.

— Você vai ver — disse ela — que sou uma pessoa estranha.

Ele riu com gosto.

— Você vai ver — respondeu — que eu já sabia disso. Que eu sempre soube disso, e nunca vou me esquecer.

DIEGO SACCARO RETARDOU sua volta por muitas semanas, as quais gastou em passeios pela praia e longas conversas com minha filha. Usando um pouco de sua ciência e muito de sua sensibilidade, tratou de desvendá-la feito um bandeirante, tateando seus medos, descobrindo suas ânsias e sua solidão de coisa rara, bebendo de sua seiva e de sua saliva, amparando-a em seus prantos e derrubando-a de seu altar



quando ela teimava em se fazer deusa; até que se alcançaram os dois no meio da estrada e fizeram disso tudo um milagre.

Era o amor. Diego Saccaro amava como um rapaz, cheio de ímpeto e de desejos feito um rapaz; e amava também com a sapiência de um homem, repleto da calma e da força do homem que era, do homem que atravessara o oceano somente para encontrar, no mesmo lugar que havia deixado, o resto de seu estranho destino. Ariana, por sua vez, presa das eternas correntes de seu espírito, negava-o com veemência para ansiá-lo a seguir, repelia-o para correr atrás dele nas horas mais exóticas, pedindo seus carinhos como se deles dependesse a sua vida. Quando se deu por conta, de tanto viver e fugir com e por causa daquele homem sereno e manso, Ariana não mais tinha pesadelos noturnos e podia, num simples balançar de cabeça, impor silêncio à voz chorosa de Alan de Cajardos. Com a placidez que Diego Saccaro achou para adorá-la, minha filha descobriu que sabia ferir e sabia amar, e que era mais plena quando estava amando do que quando estava causando dor.

Uma vez, brigaram por causa de nada. Diego não perdeu a paciência e alisou-lhe as longas melenas, pedindo que ela o abraçasse e que deixasse seu calor imiscuir-se pelo corpo dele. Ariana negou, cheia de si. Saiu andando pelo jardim, primeiro a passos largos; depois, quando não sentiu o andar dele ao seu lado, caminhou em passos miúdos e incertos. Perto da casa, olhou para trás. Diego permanecia onde estivera antes, imóvel feito uma estátua. De longe, seu rosto era indecifrável. Ariana sentiu um frio de morte percorrê-la; voltou para ele numa correria desabalada. No calor dos abraços, sorridente e corada, perguntou:

— Por que você não foi atrás de mim?

Diego Saccaro meteu-se a aspirar seu odor de mato e de flores, embrenhando-se entre as mechas de seu cabelo acetinado. Depois, mansamente, olhou-a e disse:

— Nunca irei atrás de você, Ariana. Mas ficarei sempre lhe esperando.

ASSIM SE AMARAM OS DOIS, sem pudores nem medos, enquanto eu os acompanhava de longe, em parte temerosa de qualquer tempestade, em parte satisfeita com a nova paz que surgia nos olhos de minha filha. Dessas angústias que me assolavam, eu falava sempre para Inácio em nossos encontros de além-mundo. Ele se ria. A vida era a vida, e sua graça estava em ser imprevisível.

Foi muito difícil entender-me com a certeza de que a bela Ariana partiria em breve, levada pela mão de Diego Saccaro, e não devo mentir sobre isso. Acostumara-me a ser simples espectadora da vida alheia, projetando-me nos caminhos dos outros, ponderando suas razões e seus medos. Era um modo fácil de esquecer a minha própria desolação. E, embora Ariana fosse distante e fugidia, ainda era minha filha e

meu único elo com o mundo. Mesmo assim, houve uma certa alegria ao saber que era Diego quem a havia de roubar, que era ele, com sua graça e sua mansidão, que a levaria daquela casa onde nascera e onde estava enraizado o espírito de nossa família. Sim, me trazia uma certa alegria a visão daquela outra Ariana: mais suave e menos egoísta, falante e esquecida de seus ares de rainha. Houve dias em que minha filha acordava com sua antiga disposição de reinar sobre todos e reclamava com a empregada, maldizia o mundo e passava horas imersa na própria solidão. Mas Diego Saccaro não mudava sua tática: se estava assim, esquecia-se dela, passeava pela praia ou convidava-me para um cinema. Ariana ficava só e rasgando-se por dentro; era um bom remédio, pois a menina amansava-se feito um gatinho e, de tanto ver essa situação, compreendi que Diego era a salvação de Ariana, e ela, a grande perdição dele.

Não demorou muito para que Diego Saccaro viesse ter comigo. Encontrou-me na velha cozinha onde eu comandava a preparação do almoço. Entrou sorrindo, examinou sem cerimônias o conteúdo das panelas e disse, num tom de cumplicidade que sempre sabia ter:

— Vamos lá fora, Laila. Está um dia bonito para conversas de amor.

Passeamos pelo jardim, enquanto eu o observava. Era um homem alto e de corpo bem-feito. Não parecia ter mais de trinta anos porque tinha risos e olhares de menino; seu cabelo era de um castanho comum, mas seus olhos possuíam um tom vibrante de mel. Diego Saccaro falou de muitas coisas: das viagens que fizera, dos países que conhecera, dos que amara e dos que desamara. Contou de sua clínica azul, das praias onde curava os males de alma e onde ajudava a organizar vidas confusas; contou que se casara e que sofrera, que queria filhos e que, para sua própria surpresa, descobrira-se amando Ariana como nunca imaginou amar nenhuma outra mulher. Depois, segurando minha mão entre as suas, falou:

— Você sabe, vou embora logo, Laila.

— Quando? — eu quis saber, com um aperto na alma.

— Logo, muito logo — disse ele, e sua voz era plena e cheia, calorosa, quando falou que levaria minha filha com ele. Queriam casar-se na beira daquelas praias de mar azul. — Venha conosco — pediu, olhando-me com carinho. — Nem que seja para o casamento.

— Não vou. Não posso abandonar meus fantasmas.

— Tem certeza, Laila?

— Tenho — disse eu com um sorriso quase triste. — Mas sejam felizes. E, por favor, dome o espírito de Ariana.

Ele abraçou-me com um calor filial.

— Só ela pode domar-se — falou. — Mas eu ficarei sempre de olho.

— Faça isso — pedi. — Ariana sabe ser incompreensível como ninguém.

Diego Saccaro riu.

— Aí você se engana. Todo abismo termina no chão.

— E SE EU QUISER IR EMBORA? — indagou Ariana, rolando mansamente sobre a cama desfeita.

— Vá — respondeu Diego, com um sorriso enigmático.

Ela virou-se de bruços, apoiando-se nos cotovelos. Fora do quarto, os primeiros ruídos da casa despertavam com o dia. Ela fitou-o, buscando a sinceridade que, sabia, estava dentro daqueles olhos de mel.

— E se, depois que eu tiver partido, quiser voltar para você?

— Volte — tornou a responder Diego Saccaro.

— Você vai ficar me esperando todas as vezes? — quis saber ela, enquanto corria seus dedos pela pele morna e bronzeada do corpo másculo.

Ele tornou a rir e disse:

— Você tem de ver a vida por outro ponto de vista, minha querida. Não sou eu que ficarei esperando. É você que partirá. Minha casa é lá, e meu trabalho também.

Ariana sabia que ele estava sendo sincero. Diego Saccaro, médico de almas, não era homem de meias-verdades. De repente, sentiu um grande medo de não tê-lo mais por perto, atirou-se em seus braços, e ele amparou-a com carinho e ansiedade. Depois do beijo, longo e molhado de saliva, ela disse numa voz rouca:

— Está bem, eu vou com você. Vou com você para qualquer lugar.

E Diego Saccaro mergulhou nela com a mesma ânsia que mergulhava no seu mar de vinte azuis.

NA MANHÃ SEGUINTE a esse interlúdio, partiram para o México numa alegria esfuziante de quem deixava o mundo para trás. Radiante, Ariana despediu-se de mim com seus grandes olhos de esmeralda, dizendo que ia, mas voltava para buscar-me.

— Sem chance — retruquei. — Venha sempre, filha. Mas de visita, e traga os meus netos.

Diego Saccaro abraçou-me longamente; sabia que levava consigo tudo de meu. Durante muito tempo, eu havia acreditado que aquela casa nunca haveria de esvaziar-se, mas chegara o dia da minha solidão. Diego, adivinhando meus pensamentos num único olhar, prometeu que voltariam logo, se Ariana não voltasse antes por algum ataque de melancolia ou qualquer outro daqueles males que habitavam, disfarçadamente, sob a sua beleza de alvorecer. Depois, ainda deram muitas voltas, pegando isso e recordando-se que faltava aquilo, cantarolantes e cheios de vida. Nada em Diego Saccaro denotava seus muitos anos de diferença em relação a Ariana, quando ele a pegou no colo feito um moleque, e correu

com ela em seus braços pela varanda e pela sala de visitas.

Quando voltaram das brincadeiras com que se despediam da casa, seus rostos estavam afogeados e os olhos brilhavam. Diego tratou de ajeitar as malas no carro. Iriam até a capital e, de lá, tomariam um avião para o México. Enquanto ele arrumava tudo, Ariana chegou-se a mim e disse:

— Deixei uma flor para Théo e outra para o pai.

Fiz um aceno mudo, os olhos ardidados de lágrimas. Ela continuou, e percebi que tinha a voz embargada pela emoção:

— Diga a Alan que me perdoe, mãe. Eu já o perdoei pela loucura que cometeu.

Depois virou-se e subiu no carro, deixando escapar de seus cabelos um odor suave de lírios e, naquele momento fugaz, pareceu-me mais bela do que nunca. Acomodando-se ao lado de Diego, ouvi-a rir, e sua risada cristalina me pareceu cheia de futuro e de luz.

Assim partiu daqui Diego Saccaro, levando consigo a bela Ariana para que ela conhecesse o mar de vinte tons de azul e a felicidade de, amando, saber-se amada. Passava do meio-dia quando o carro escorregou pelo caminho, o sol forte cintilando na lataria negra e fazendo arder meus olhos feridos de choro. Segundos depois, sumiram-se pela estrada de seu futuro, e eu fiquei só. Atrás de mim, a casa vazia era quase um fantasma.

MUITO TEMPO SE PASSOU até que juntei as vinte cartas que me serviram para esse resumo. Diego e minha filha instalaram-se na clínica azul que fazia frente para um mar de azul ainda mais esfuziante. Lá foram felizes e infelizes, conforme os estados de espírito da bela e mutável Ariana. Diego Saccaro, mais velho, mais sábio e mais perdido de amor, continuou sua tarefa de sanar muitas almas e de perder a sua própria pelos labirintos da mulher de seus anseios. Tornou-se um pouco mais grisalho, porque os homens de sua família tinham por hábito branquear cedo os cabelos, e tornou-se mais tranqüilo, vivendo um dia de cada vez, porque era assim que tinha de ser. Ariana continuou arrevesada em seus jeitos, um pouco mais doce do que antes e um pouco menos perdida do que era no próprio labirinto de sua imagem. Aprendeu com o marido a aceitar-se bela, teimosa e tola como qualquer outro ser humano; embora, como me escreveu muitas vezes Diego Saccaro em suas longas cartas de palavras esparramadas, ele ainda tivesse de aplacar alguns de seus ataques de estranheza. No fim do ano em que partiram, minha filha descobriu-se grávida e chorou de medo e felicidade, mas dois meses depois perdeu a criança num jorro de sangue morno que lhe escorreu sem nenhum aviso pelo meio das pernas. Depois disso, e até hoje, não houve mais qualquer sinal de ter concebido, e isso foi motivo bastante para que Diego e ela se metessem nos jogos de amor com um querer redobrado e incansável.

Conforme mudavam os ventos de sua alma, Ariana, a bela, partiu e voltou algumas vezes da casa azul de seu marido. Ia-se para ganhar o mundo, voltava dias depois morrendo de amores e de arrependimento. Diego Saccaro esteve sempre lá, esperando sem esperar, como costumava dizer, porque sabia que aquele era o destino deles, e não havia disso qualquer fuga. Por fim, esses desencontros de amor acabaram imprimindo algo de sempre novo em seu casamento sem rotinas, e acho que serão para sempre felizes feito um barco a navegar o oceano com suas intempéries e maravilhas; pois Diego Saccaro aprendeu com a areia das praias caribenhas a ser invencível e tenaz, com o mar a ser plácido e morno, e com o povo a ser afável e corajoso.

Quanto a mim, restei nessa casa tendo apenas por companhia as almas do andar superior. Para passar o tempo que teimava em tardar, tomei para mim a antiga tarefa de meu marido e passei a lecionar para qualquer adulto que quisesse aprender umas letras e ouvir umas poesias de amor. Essas tardes me salvaram a vida, juntamente com as visitas madrugadoras do espectro de meu amado Inácio. Quanto à partida de Ariana, quem mais sofreu com ela foi o pobre Alan de Cajardos, que passou muitos dias a chorar seu pranto de alma penada pelas peças vazias da casa. Depois de verter todas as lágrimas de sua imortalidade, cálido e triste feito uma sonata de violinos, embrenhou-se pelos tijolos da casa e depois disso nunca mais apareceu, e nem dele tive qualquer notícia.

A nossa casa perdeu grande parte do seu viço, mas se ergue firme feito um rochedo à espera de Ariana, de Diego Saccaro e dos muitos filhos que haverão de ter. Com os anos, fui envelhecendo quase sem perceber. Fiz uma única viagem e apenas porque a teimosia de Diego pareceu-me intransponível, sendo que fui obrigada a cortar os ares num estranho e divertido avião que, depois de umas sacudidelas e de várias paisagens, deixou-me naquele paraíso de águas cálidas e areias de cristal, onde cinco dias me pareceram dez anos, e do qual quis partir sem mais delongas, porque o ar de minha casa se havia impregnado em minhas veias e se imiscuído ao meu sangue, de modo que nem toda a beleza de paraíso nem todos os rogos de Diego me retardaram a partida.

FAZ DEZ DIAS QUE COMEÇOU. No início, não lhes fiz caso porque eram apenas lágrimas que me escorriam pelo rosto feito uma vertente que brotasse assim do nada. Naquele dia, amanheci com uma dor me apertando as entranhas e, na aula, fiz apenas ler as velhas poesias que meu filho declamava para Amparo nas longínquas tardes de sua infância. E, não, nada desse pranto tem a ver com a solidão, porque me acostumei a viver só, ouvindo a distante voz de minha mãe pelos corredores dessa casa sem fim, a procurar por Inácio entre o vão das cortinas que se balançam com a brisa, a imaginar a pobre Amparo a vagar pelas madrugadas presa ainda a seu antigo amor. Nada desse pranto tem a ver com as cartas que

chegam sem falta em quartas-feiras alternadas e quenarram os labirintos por onde Ariana e Diego se encontram e se perdem. É um pranto espontâneo que, talvez, tenha permanecido armazenado em mim desde os tempos de Augusto Serrat, meu pai.

Mas, passados uns dias, o choro não cedeu, ao contrário, apertou-se, e era já um vendaval a sacudir a minha alma em soluços atravessados, e era um turbilhão de afogar-se em dores e que alagou meus lençóis feito um rio. E, então, eu compreendi que estava chegando, compreendi que estava morrendo, lenta e calmamente, porque, se não tivera pressa em vida, não haveria de tê-la na morte. Havia entrado numa estrada que não conhece passado nem futuro, que nos rouba a imagem e o tino e que nos afunda em lembranças. Alegrei-me, porque queria mesmo ir, tinha pressa em ir.

No entanto, quero dizer — porque um dia minha filha haverá de ler esses escritos — que não deixei este mundo levando qualquer tristeza em minha alma. Um dia, Ariana haverá de povoar esses corredores com meus netos; e estarei aqui, escondida entre as frestas das venezianas, vendo-os correr por essas salas: os olhos de Inácio, o sorriso luminoso de Augusto, a delicadeza de Eleanor, a magia de Théo e a bondade de Alice. E estarei aqui, serei um pouco deles, porque acalentarei seus prantos e embalsarei seus filhos. Deitar-se-ão em meu colo, a chorar seus amores perdidos, e serão também meu Théo, e renascerá a doce Eleanor, e o tempo continuará, inexorável, a dançar a mesma dança sempre nova, a girar em torno de si mesmo. E o sol haverá de nascer e se pôr, alheio aos nossos incêndios, à maldade do algoz e à mágoa do oprimido. E a chuva ainda nos inundará muitas vezes, afogando a tempestade das almas e limpando a sujeira das ruas. E eu virei e irei ainda vezes sem conta semear o amor, resgatar palavras largadas, reencontrar os afetos. E nascerão muitos heróis para salvar-nos a carne, e os mares hão de subir, as civilizações haverão de nascer e perecer, semeando paixões e saqueando tesouros. E um dia tudo terminará no princípio.

Por agora, regozijemo-nos com a vida e com a cantilena eterna dos séculos. Resta-me dizer que fui um pouco de tudo e quase nada de mim... Eu fui a linha sinuosa das palavras que compuseram essa história, eu fui o pensamento de um e a miséria de outro. Eu fui a voz dos que choravam e o beijo dos que amavam, eu fui a alma dos que partiram e o aceno dos que restaram. Eu vi os dias dourados e o inferno das sombras. Busquei nas frestas do tempo lembranças muito antigas, limpei-as do pó de tantos anos, liberei-as das teias da eternidade e insuflei nelas a minha própria alma. E, nos baús da vida, encontrei a prata do tempo.

Nesse momento, o sol começa a nascer, tingindo o céu ainda pálido com sua luz carmim. De onde eu escrevo, quase posso ver a alameda florida e sinto o cheiro fresco do mar. Aqui ao meu lado está a chave que Théo usou ao pescoço por tantos anos e que, por sua vez, abre a porta do misterioso quarto de minha mãe. Lá dentro, está o passado. O futuro se esconde nos olhos de Ariana.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Abertura](#)

[Entre o orvalho e a manhã](#)

[A voz das paixões](#)

[O baú do tempo](#)

[Colofão](#)